

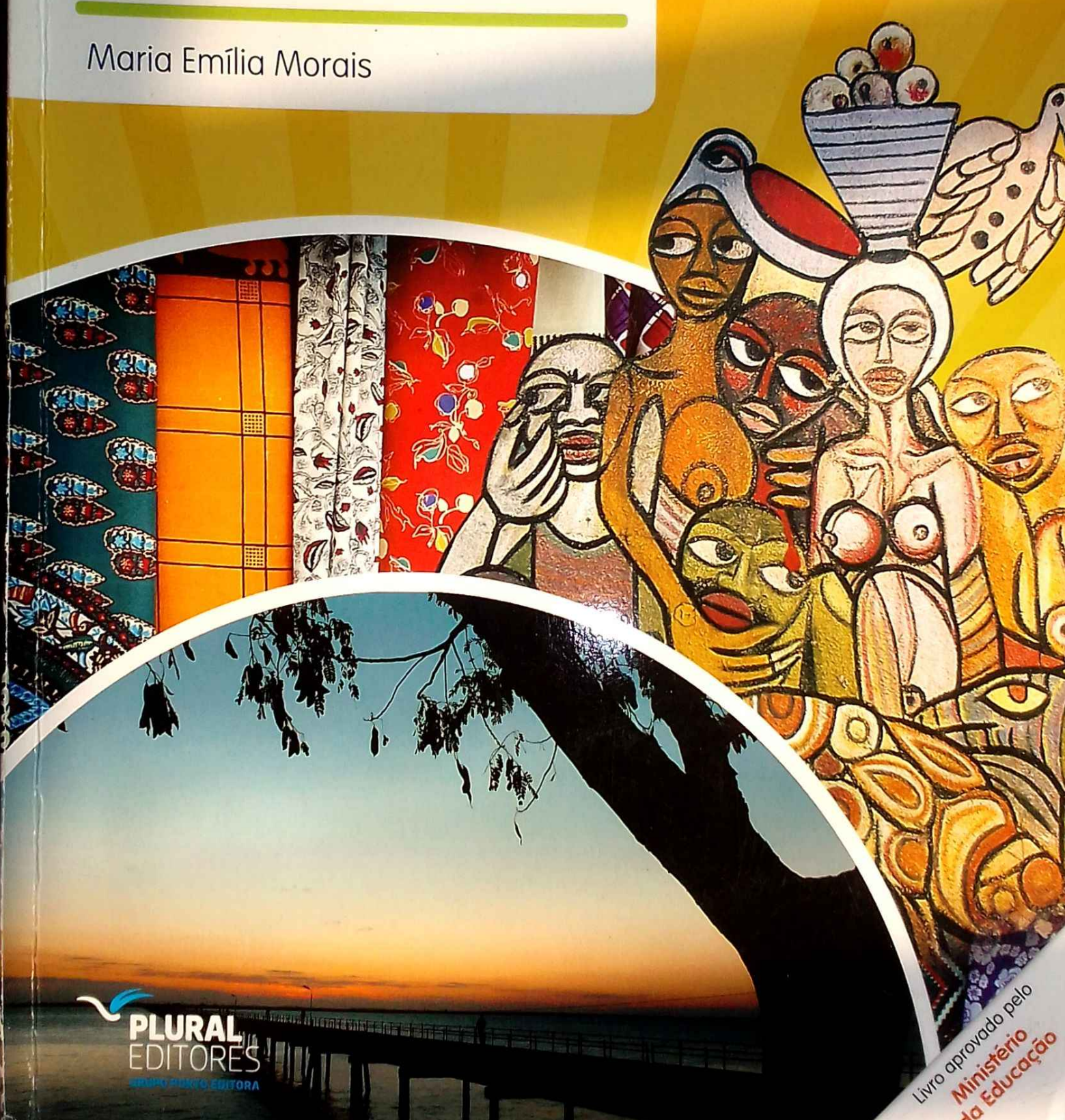
De acordo com os novos programas

7

# Língua Portuguesa

# 11.<sup>a</sup> classe

Maria Emília Morais



 **PLURAL**  
EDITORES  
GRUPO AFRON EDITORA

Livro aprovado pelo  
**Ministério**  
da Educação

**11<sup>a</sup>**  
classe

# Língua Portuguesa

Maria Emília Morais



# Apresentação

Amigo,

Mal nos conhecemos  
Inaugurámos a palavra amigo!

(...)

Amigo é o contrário de inimigo!  
Amigo é o erro corrigido,  
Não o erro perseguido, explorado.  
É a verdade partilhada, praticada.  
Amigo é a solidão derrotada!  
Amigo é a grande tarefa,  
Um trabalho sem fim,  
Um espaço útil, um tempo fértil,  
Amigo vai ser, é já uma grande festa!

Alexandre O'Neill, *Poesias Completas, 1951 a 1986*, Lisboa,  
3.ª edição, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995 (com omissões)

Este livro é um amigo que partilhamos contigo. Com ele irás aprender muitas coisas, nomeadamente a corrigir erros e, sobretudo, praticar os conteúdos do programa.

O livro encontra-se organizado em dezoito unidades didácticas. As unidades estão organizadas à volta de textos e estruturadas em secções:

- **Ler – Compreender** – para ajudar a compreender melhor os textos, onde deverás responder a questões de compreensão textual;
- **Ouvir – Falar** – em que são sugeridas actividades que ajudam a melhorar a expressão oral;
- **Funcionamento da Língua** – para comunicar em português é preciso conhecer muito bem as regras da língua, isto é, a gramática. São essas regras que os exercícios desta secção te ajudarão a conhecer.
- **Escrita** – onde são apresentadas diversas propostas de exercícios para a prática de escrita.
- **Saber Mais** – Nesta secção fornecemos-te informações complementares que te permitem ir além dos saberes contidos no manual.
- **Falar – Escrever** – Nesta rubrica exercita-se a escrita e a fala seguindo o modelo apresentado; com o tempo, escrever e falar bem tornar-se-ão algo simples, natural, sem que haja esforço para isso.

Para além das secções acima referidas, poderás, ainda, encontrar algumas actividades lúdicas, tais como jogos e dramatizações.

E como é necessário saber sempre cada vez mais e não ficar limitado aos conteúdos tratados no livro, propomos-te ainda trabalhos que exigem **pesquisa**.

O nosso objectivo é dar-te ferramentas com as quais consigas ao longo deste ano:

- julgar as características essenciais da cultura e civilizações;
- avaliar os princípios e procedimentos característicos da tua própria cultura e de outras civilizações;
- estudar sistematicamente mensagens orais e escritas;
- dominar técnicas de pesquisa de dados como base de enriquecimento dos seus conhecimentos;
- julgar o valor dos textos mediante a aplicação de critérios externos;
- dominar e aplicar as regras de funcionamento da língua portuguesa.

Esperamos, pois, que este livro seja o amigo há muito desejado.

# Estrutura das unidades

O livro de Língua Portuguesa, 11.ª classe, está dividido em 18 unidades que apresentam a seguinte estrutura:

**Texto** — **Identificação das unidades**

**Ler – Compreender: Exercícios de compreensão do texto**

**Funcionamento da língua: Aplica**

The image shows two pages from a textbook. The left page is titled 'Texto' and contains a text about 'Evolução Agrícola'. The right page is titled 'Ler - Compreender' and contains exercises related to the text. A label 'Identificação das unidades' points to the top of the right page. Another label 'Ler - Compreender: Exercícios de compreensão do texto' points to the list of exercises. A third label 'Funcionamento da língua: Aplica' points to a section titled 'Funcionamento da língua' on the right page.

**Funcionamento da língua: Sistematização gramatical**

**Saber mais: Informações complementares**

**Aplica**

The image shows two pages from a textbook. The left page is titled 'Funcionamento da língua' and contains grammar exercises. The right page is titled 'Saber mais' and contains additional information. A label 'Funcionamento da língua: Sistematização gramatical' points to the left page. A label 'Saber mais: Informações complementares' points to the right page. A label 'Aplica' points to a section titled 'Aplica' on the right page.

**Outras actividades:**

**Falar**

**Escrever**

**Jogo**

The image shows two pages from a textbook. The left page is titled 'Outras actividades' and contains exercises for speaking and writing. The right page is titled 'Jogo' and contains a game. A label 'Outras actividades:' points to the left page. A label 'Falar' points to a section titled 'Falar'. A label 'Escrever' points to a section titled 'Escrever'. A label 'Jogo' points to the right page.

## 1 Textos Normativos

Tema transversal: <b>AGRICULTURA; A REVOLUÇÃO VERDE</b> .....	7
<b>Textos Normativos:</b> Lei da Família .....	8
<b>Funcionamento da língua:</b> Sufixos diminutivos/aumentativos; diminutivos eruditos .....	12
<b>Textos Normativos:</b> Lei da Família: Disposições gerais, Artigos 1 a 37 (Noção da família) ....	15
<b>Saber mais:</b> Texto normativo .....	15
<b>Textos Normativos:</b> Lei da Família: Disposições gerais, Artigos 38 a 140 (Noção da família) .....	20

## 2 Textos Administrativos

Tema transversal: <b>COMÉRCIO FORMAL E COMÉRCIO INFORMAL</b> .....	25
<b>Textos Administrativos:</b> Procuração .....	26
<b>Saber mais:</b> Textos administrativos; procuração .....	27
<b>Funcionamento da língua:</b> Orações subordinadas e conjunções/locuções subordinativas e concessivas .....	31

## 3 Textos Jornalísticos

Tema transversal: <b>HIV/SIDA</b> .....	37
<b>Textos Jornalísticos:</b> Reportagem .....	38
<b>Funcionamento da língua:</b> Regência verbal: complementos de verbos de movimento .....	38
<b>Saber mais:</b> Reportagem.....	42
<b>Funcionamento da língua:</b> Regência verbal: complemento indirecto.....	43

## 4 Textos Multiusos

Tema transversal: <b>DESASTRES NATURAIS: CICLONE</b> .....	51
<b>Textos Multiusos:</b> Textos didáticos e/ou científicos .....	52
<b>Saber mais:</b> Texto expositivo/explicativo .....	54
Organograma; esquema .....	58
<b>Funcionamento da língua:</b> Actos de fala .....	59
<b>Saber mais:</b> Exposição oral .....	60
<b>Funcionamento da língua:</b> Concordância verbal: orações subordinadas sem sujeito exposto; sujeito posposto ao verbo; sujeitos complexos; pronomes relativos com a função de sujeito .....	63
<b>Saber mais:</b> Desastres naturais .....	65
<b>Funcionamento da língua:</b> Verbos impessoais .....	66

## 5 Textos Literários

Tema transversal: <b>MANIFESTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL ATRAVÉS DA LITERATURA</b> .....	67
<b>Textos Literários:</b> Textos narrativos .....	68
<b>Saber mais:</b> Funções da linguagem .....	72
Literatura oral.....	76
Figuras de estilo.....	82
<b>Funcionamento da língua:</b> Concordância verbal em tempo (em frases complexas) .....	88
<b>Saber mais:</b> Cantiga de amigo; canção .....	94
Narrativa ficcional (conto, romance, crónica) .....	98

## 6 Textos de Pesquisa de Dados

Tema transversal: <b>BIBLIOTECA</b> .....	107
<b>Textos de Pesquisa de Dados:</b> Biblioteca .....	108
<b>Saber mais:</b> Referências bibliográficas.....	109
<b>Funcionamento da língua:</b> Uso do conector <i>pois</i> com valor conclusivo e causal .....	112
Uso dos quantificadores <i>tudo, todo, ninguém</i> com orações comparativas e consecutivas.....	115

## 7 Textos Normativos

Tema transversal: <b>AGRICULTURA; A REVOLUÇÃO VERDE</b> .....	117
<b>Textos Normativos:</b> Lei da Família: Artigos 141 a 201 (Regime da comunhão de bens adquiridos) .....	119
<b>Funcionamento da língua:</b> Formação de palavras: derivação parassintética .....	121
<b>Textos Normativos:</b> Lei da Família: Artigos 202 e 279 (União de facto) .....	123
A revolução verde.....	125

## 8 Textos Administrativos

Tema transversal: <b>COMÉRCIO FORMAL E COMÉRCIO INFORMAL</b> .....	127
<b>Textos Administrativos:</b> Exposição .....	128
<b>Saber mais:</b> Exposição .....	131
<b>Funcionamento da língua:</b> Conjunções/locuções subordinativas e orações subordinadas condicionais .....	133
Conjunções/locuções e orações concessivas e condicionais.....	134
<b>Saber mais:</b> Comércio .....	136

## 9 Textos Jornalísticos

Tema transversal: <b>HIV/SIDA</b> .....	137
<b>Textos Jornalísticos:</b> Crónica da actualidade .....	138
<b>Saber mais:</b> Crónicas da actualidade.....	139
<b>Funcionamento da língua:</b> Mudança linguística.....	142

## 10 Textos Multiusos

Tema transversal: <b>DESASTRES NATURAIS: CICLONE</b> .....	149
<b>Textos Multiusos:</b> Texto expositivo/argumentativo .....	150
<b>Saber mais:</b> Texto expositivo/argumentativo .....	152
<b>Funcionamento da língua:</b> Concordância verbal: orações subordinadas sem sujeito expresso; sujeito posposto ao verbo; verbos impessoais; sujeitos complexos; pronomes relativos com a função de sujeito .....	154

## 11 Textos Literários

Tema transversal: <b>MANIFESTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL ATRAVÉS DA LITERATURA</b> .....	159
<b>Textos Literários:</b> Texto lírico .....	160
<b>Saber mais:</b> Texto lírico.....	161
<b>Funcionamento da língua:</b> Figuras de estilo .....	160
<b>Saber mais:</b> Génese da literatura portuguesa e moçambicana .....	172
<b>Funcionamento da língua:</b> Concordância verbal em tempo (em frases complexas, com advérbios de tempo) .....	176
<b>Saber mais:</b> Poesia de combate.....	176
Apresentação de autores.....	182

## 12 Textos de Pesquisa de Dados

Tema transversal: BIBLIOTECA.....	183
Textos de Pesquisa de Dados: Resumo.....	184
Saber mais: Resumo.....	185
Ficha de leitura.....	188
Funcionamento da língua: Uso do conector <i>pois</i> com valor conclusivo e causal; uso dos quantificadores em orações comparativas e consecutivas.....	191

## 13 Textos Normativos

Tema transversal: AGRICULTURA; A REVOLUÇÃO VERDE.....	193
Textos Normativos: Lei da Família (Artigos 280 a 431).....	196
Funcionamento da língua: Formação de palavras.....	201

## 14 Textos Administrativos

Tema transversal: COMÉRCIO FORMAL E COMÉRCIO INFORMAL.....	205
Textos Administrativos: Procuração e exposição.....	206
Funcionamento da língua: Conjunções/locuções subordinativas e orações subordinadas finais ...	209
Conjunções/locuções e orações condicionais concessivas e finais .....	210

## 15 Textos Jornalísticos

Tema transversal: HIV/SIDA.....	211
Textos Jornalísticos: Reportagem; crónica da actualidade.....	212
Funcionamento da língua: Mudança linguística: evolução da língua portuguesa no tempo ...	214
Regência verbal.....	217

## 16 Textos Multiusos

Tema transversal: DESASTRES NATURAIS: CICLONE.....	223
Textos Multiusos: Texto didáctico e/ou científico.....	224
Funcionamento da língua: Concordância verbal.....	227
Pronomes relativos com a função de sujeito.....	230

## 17 Textos Literários

Textos Literários: Texto narrativo; texto lírico; texto dramático.....	232
Evolução histórica e semântica do termo "Literatura".....	232
Funcionamento da língua: Figuras de estilo.....	250
Saber mais: O teatro tradicional em Moçambique - Texto dramático.....	260

## 18 Textos de Pesquisa de Dados

Tema transversal: BIBLIOTECA.....	265
Textos de Pesquisa de Dados: Referência bibliográfica; resumo; ficha de leitura.....	266
Saber mais: Resumo (continuação); contrato de leitura.....	268
Funcionamento da língua: Uso do conector <i>pois</i> com valor conclusivo e causal; uso dos quantificadores em orações comparativas e consecutivas.....	

# 1 Textos Normativos

## Objectivos específicos

- Analisar, interpretar e resumir a lei da família
- Discutir a lei da família com colegas e/ou comunidade escolar
- Analisar os sufixos aumentativos e diminutivos na derivação sufix *al*
- Produzir frases/textos empregando os diminutivos eruditos
- Interpretar textos sobre a Revolução Verde
- Analisar os objectivos da Revolução Verde no que concerne ao desenvolvimento dos países em vias de desenvolvimento

Tecido Batik, Moçambique



# TEXTOS NORMATIVOS

## Lei da Família



Antes de iniciarmos o estudo da Lei da Família, apresentamos-te vários excertos de textos extraídos de romances da escritora Paulina Chiziane. Lê com atenção cada um dos excertos e, de seguida, responde às questões que te são colocadas.

### Excerto 1

No coração da noite residem sonhos. Um<sup>s</sup> vezes são coloridos como as flores. Outras, pássaros negros dançando nas trevas como fantasmas. Anoi<sup>t</sup>ece, meu Deus, eu tenho pavor de uma cama fria. Encosto a cabeça no  
5 travesseiro e conto o número de vezes que morri. Resisto. Não consigo aceitar a ideia de ser rejeitada. Eu, Rami, mulher bela. Eu, mulher inteligente. Fui amada. Disputada por vários jovens do meu tempo. Causei paixões incendiá-  
10 rias. De todos os que me pretenderam escolhi o Tony, o pior de todos, que na altura julgava ser o melhor. Vivi apenas dois anos de felicidade completa num total de vinte e tantos anos de casamento.

Fecho os olhos e escalo o monte para dentro de mim. Procu<sup>r</sup>o-me. Não me encontro. Em cada canto do meu ser  
15 encontro apenas a imagem dele. Solto um suspiro e só me sai o nome dele. Desço até ao âmago do meu coração e o que é que eu encontro? Só ele. Tenho por ele um amor puro e perfeito, será que ele não vê?

Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza  
20 assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus  
25 sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! Mesmo assim sou a mulher mais infeliz do mundo. Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa. Os seus antigos namoricos eram como chuva miúda caindo sobre os guarda-chuvas, não me atingiam. Agora danço a solo num palco  
30 deserto. Estou a perdê-lo. Ele passa a vida a fazer companhia às mulheres mais lindas da cidade de Maputo, que lhe chovem aos pés como diamantes.



## Excerto 2

Olha para a Ju, surpreendida. As suas palavras soam vigorosas como um tropel de cavalos de batalha. Da boca solta um vapor imenso, um furacão de fumo e cores. De fel. De coágulos de todas as feridas e navalhas que engoliu desde os momentos do primeiro beijo até àquele amor de espinhos. O sentimento que hoje expressa é de rebeldia e insubmissão. De maturidade. Vejo a firmeza da fera ferida em sua alma, que segura o sopro de vida em direcção ao assalto fatal. Vejo uma faísca forte nos seus olhos. É bom que ela expluda, que fale, que se liberte e se purifique, para se libertar da carga interior e voltar a ser uma simples mulher. Que ri. Que sonha. Que levanta os olhos para o infinito e

10 conta carneiros nas nuvens do céu.

– Qual vai ser o nosso fim, quando ele tiver a coluna quebrada, e de bengala na mão? – reclama a Ju. – As escalas serão mais prolongadas, um mês aqui, outro mês ali. Se a espera mensal é tão dolorosa, como será depois? O mais certo é ficar com apenas uma, e viver com as outras no pensamento. Qual de

15 nós vai ser a sortuda, que vai herdar esse ferro velho, quando a velhice chegar? Talvez a Rami, que é a primeira e a dona, com documentos de propriedade. Talvez a Saly. Ou talvez a Mauá a quem ele ama tanto. Nós, as restantes, viveremos na solidão das solteironas e das viuvonas. Eu não quero ser nem solteirona, nem viuvona. Em algum canto deste mundo há-de existir um homem só

20 para mim.

– Se tivéssemos estudado mais, teríamos uma sorte diferente. Poderíamos ter a liberdade de escolher entre o amor e a carreira. Entre a cruz e o calvário. Entre o forno e a frigideira. Mas agora não temos nem uma coisa nem outra – digo eu.

CHIZIANE, Paulina, *Niketche*, Caminho

## Excerto 3

Poligamia é uma rede de pesca lançada ao mar. Para pescar mulheres de todos os tipos. Já fui pescada. As minhas rivais, minhas irmãs, todas, já fomos pescadas. Afiar os dentes, roer a rede e fugir, ou retirar a rede e pescar o pescador? Qual a melhor solução?

5 Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao teu lado. Poligamia é uma procissão de esposas, cada uma com o seu petisco para alimentar

10 o senhor. Enquanto prova cada prato ele vai dizendo: este tem muito sal, este tem muita água, este não presta, este é azedo, este não me agrada, porque há uma que sabe cozinhar o que agrada. É chamarem-te feia, quando és bela, pois

há sempre uma mais bela do que tu. É seres espancada em cada dia pelo mal que fizeste, por aquele que não fizeste, por aquele que pensaste fazer, ou por

15 aquele que um dia vais pensar cometer.

Poligamia é um exército de crianças, muitos meios irmãos crescendo felizes, inocentes, futuros reprodutores dos ideais de poligamia. Embora não aceite, a minha realidade é esta. Já vivo na poligamia.

Poligamia é ser mulher até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer e  
20 ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos, para vingar-se de todos os maus tratos que sofreu com sua própria sogra.

CHIZIANE, Paulina, *Niketche*, Caminho

## Excerto 4

Tenho inveja das mulheres estéreis, cujo ventre quebrou o ciclo de sofrimento. Não pariram mulheres para chorar, nem homens para fazer chorar. Tenho piedade de mim, que sou casada. Sofrendo sevícias para não ganhar nada. Usada para depois ser trocada. Desamada, mas socialmente considerada.

5 Mulher de solidão camuflada, escondida. Tenho pena das mulheres viúvas, acusadas de ter dentes feiticeiros para triturar cadáveres dos maridos nas orgias fantásticas. Tenho pena das velhinhas, sempre sozinhas, enxovalhadas pela vida. Fazem-me muita tristeza ainda as mulheres crianças, que brincam de mamã com as bonecas, que são tratadas como ovos de pombo, mas que um dia serão

10 quebradas como barro e seguirão um destino triste, como o meu, que serão dormidas sem nenhum prazer, para parir outras mulheres e outras desgraças.

CHIZIANE, Paulina, *Niketche*, Caminho

## Excerto 5

- Como correu o trabalho? - Vera pergunta com delicadeza. - pela tua cara se advinha que o dia foi difícil! Ele não responde. Furioso, levanta do sofá o pesado corpo, coloca as mãos nos bolsos e em passos nervosos se

5 afasta dela rogando pragas. Vivemos vidas diferentes. Enquanto elas sonham com rendas, nós explodimos pedras e montes para construir a vida. Enquanto procuramos ar fresco para as cabeças preocupadas, elas pensam em comer e dormir. Nós construímos e elas destroem. Produzimos e

10 elas consomem. Esta mulher conhece apenas o luxo. No dia em que ficar na miséria o amor acaba, e ela voará para



os braços de um outro com mais dinheiro, abandonando-me a mim que sempre dei tudo por ela. Há pessoas que dizem que a mulher equilibra. Estou aqui explodindo à procura de soluções e ela só fala de comida.

15 – David, é melhor comer agora antes que arrefeça.

As palavras dela são um chamamento para a violência nunca antes conhecida. David não resiste a esse chamamento. Grita.

– Não interrompa a minha reflexão. Fecha essa boca. Será que um homem não tem direito ao silêncio dentro da sua própria casa?

20 – Desculpa.

– Desculpa o quê? Não te disse já para fechar a boca?

De repente Vera sente algo a explodir no seu rosto de seda. Corre para a casa de banho e pega numa toalha para estancar o sangue que corre pelo nariz. Diante do espelho olha para a metade do rosto que incha. O rubor sobe-lhe rapidamente pelo rosto claro, que fica com aspecto de uma maçã vermelha. 25 A incerteza do futuro lançou já a semente de violência que brotou e promete gerar violência em cadeia. O transtorno acende uma luz negra na mente de Vera: trovoada, violência e sangue. O que virá a seguir?

David surpreende-se consigo próprio e apressa-se a fugir ao seu acto. 30 Leva o casaco e desaparece sem se despedir.

CHIZIANE, Paulina, *O Sétimo Juramento*, Caminho

## LER – COMPREENDER

### Excerto 1

1. Indica o estatuto de Rami.
2. Descreve o estado psicológico de Rami e explica as razões que o justificam.
3. “Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm.” (II, 19-21).
  - 3.1. Será que os esforços feitos pela mulher foram reconhecidos? Justifica a tua resposta, apoiando-te em passagens textuais.

### Excerto 2

1. Uma das mulheres de Tony rebelar-se contra a situação em que se encontra.
  - 1.1. Descreve a causa da sua rebelião.
2. Identifica a solução apresentada no texto para evitar situações semelhantes.

### Excerto 3

1. Neste excerto é abordada a questão da poligamia. A narradora descreve-a do ponto de vista das mulheres dos polígamos, comparando a poligamia a uma rede lançada ao mar.
  - 1.1. Explica as razões dessa comparação.

2. Relê o segundo parágrafo e descreve a violência psicológica e física a que está sujeita a mulher na poligamia.
3. A mulher de um polígamo reproduz, mais tarde, o ciclo de violência a que foi submetida.
  - 3.1. Explica como é que o faz.
4. As crianças, "o exército de crianças" (l. 16), também sofrem com esta situação?
  - 4.1. Com base no texto e também na tua experiência, expressa a tua opinião sobre esse assunto.

**Excerto 4**

1. No texto, a narradora refere-se a quatro tipos de mulher.
  - 1.1. Identifica os tipos e caracteriza a vida de cada uma delas.
  - 1.2. Indica o tipo de mulher de quem a narradora revela um sentimento de inveja. Justifica.
2. Explica a comparação das "mulheres crianças" com "os ovos de pomba".

**Excerto 5**

1. Justifica a seguinte afirmação: "Vera, mulher de David, à semelhança das mulheres anteriores, também é vítima".
2. Que juízo faz David de Vera? Justifica a sua resposta.
3. Como é que se justifica a atitude de Vera?
4. Consideras que David tem razão sobre o que pensa da mulher? Justifica.

**FUNCIONAMENTO DA LINGUA**

**SUFIXOS DIMINUTIVOS / AUMENTATIVOS**

Como sabes, a língua portuguesa é portadora de um vasto conjunto de sufixos aumentativos e diminutivos que se juntam, geralmente, aos substantivos e aos adjetivos.

	<b>Substantivos</b>	<b>Adjectivos</b>
Aumentativo	<i>mulherão, narigão, gatarrão, asneirão, barcaça, dentuça, corpanzil, bocarra, cabeçorra</i>	<i>espertalhão, chorona, ricaço</i>
Diminutivo	<i>cãozinho, carrito, vozinha, riacho, barbicha, papelucho, casebre, soneca, burrico, ruela, lugarejo, chuvisco</i>	<i>gordinho, pequenino, velhote, rapazola</i>

## DIMINUTIVOS ERUDITOS

O avanço da ciência tem exigido à língua palavras para designar o que é novo. Esta terminologia científica busca por vezes palavras de origem latina, afixando os sufixos *-ulo(a)* e *-culo(a)*, com as variantes *-áculo(a)*, *-ículo(a)*, *-úsculo(a)* e *únculo(a)*.

Observa o seguinte quadro:

Palavra primitiva	Palavra derivada
<i>corpo</i>	<i>corpúsculo</i>
<i>febre</i>	<i>febrícula</i>
<i>globo</i>	<i>glóbulo</i>
<i>gota</i>	<i>gotícula</i>
<i>grão</i>	<i>grânulo</i>
<i>homem</i>	<i>homúnculo</i>
<i>modo</i>	<i>módulo</i>
<i>monte</i>	<i>montículo</i>
<i>nó</i>	<i>nódulo</i>

Como se pode observar, nestas formações latinas, o sufixo *-culo(a)* e suas variantes podem juntar-se ao radical da palavra de forma directa ou por intermédio da vogal de ligação *-i-*.

## PRÁTICA

1. Atenta nas seguintes transcrições:

- "... viveremos na solidão das solteironas e das viuvonas."
- "Poligamia é uma procissão de esposas, cada uma com o seu petisco."
- "Tenho pena das velhinhas, sempre sozinhas."

1.1. Identifica o grau em que se encontra cada uma das palavras sublinhadas.

1.2. O sufixo *-inho* tem exclusivamente valor de diminutivo? Justifica.

2. Completa o quadro, tendo em conta que todas as palavras derivadas são formadas a partir dos sufixos *-ulo* e *-culo* (e suas variantes).

Palavra primitiva	Palavra derivada
	opúsculo
parte	
pele	
	questiúncula
	radícula
	régulo
verme	
	versículo

## FALAR - ESCREVER

Em grupo, discute situações encontradas nos textos que mereçam uma legislação especial, como forma de prevenção. No final do debate, apresenta à turma as conclusões a que chegou o teu grupo.

## Texto 2

Apresentamos-te uma nota informativa sobre a proposta de Lei da Família, seguida de alguns artigos da própria Lei da Família.

### Nota Informativa

#### Sobre a proposta de Lei da Família, de Irene Afonso (Excerto)

Após longos debates, foi concluído um Projecto de Lei da Família que passou a proposta e encontra-se na Assembleia da República para discussão e aprovação. Trata-se de uma proposta que se enquadra na reforma das Leis já há muito desejada, na medida em que muitas das leis em vigor em Moçambique são originárias de Portugal.

A lei da família que até hoje se aplica em Moçambique foi aprovada em 1966 e entrou em vigor no nosso País por via da colonização. É uma lei antiga e descontextualizada pois não reflecte a realidade Moçambicana; é originária de Portugal, tendo mesmo em Portugal sofrido várias alterações. Assenta em princípios individualistas próprios das sociedades europeias e que não se compadecem com a realidade social moçambicana.

A nova realidade introduzida com a independência de Moçambique fez com que grande parte da legislação substantiva fosse total ou parcialmente revogada em função dos princípios adoptados na Constituição de 1975.

O princípio de igualdade entre o homem e a mulher, o princípio da não discriminação e o

reconhecimento da cultura moçambicana são aspectos contidos na Constituição e que as Leis ordinárias devem observar.

Por outro lado, o Estado Moçambicano ratificou a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, Convenção sobre os Direitos da Criança, Carta Africana sobre os Direitos e Bem-estar da Criança, Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, que são documentos Internacionais acolhidos na legislação moçambicana e que consagram, *grosso modo*, os princípios da igualdade de tratamento e de igualdade de oportunidades entre o homem e a mulher, o princípio da não discriminação da mulher e obrigam o Estado Moçambicano a proceder à revisão de todas as leis dos seus países membros de modo a se conformarem com os princípios nelas estabelecidos.

É neste contexto que se enquadra a reforma da Lei da Família apresentada pelo governo à Assembleia da República.

AFONSO, Irene, in *Outras Vozes*, Outubro de 2002

## LER - COMPREENDER

1. Enumera as razões apresentadas pela autora para fundamentar a necessidade de uma Lei da Família.

Dada a extensão da Lei da Família, propomos uma análise faseada (Partes I a IV).

## Parte I

# Assembleia da República

## Lei n.º 10/2004

### de 25 de Agosto

A reforma da Lei da Família é uma necessidade que se vem impondo ao longo dos anos como prioridade cada vez mais premente.

Desde cedo, resultou nítida a desconformidade da lei vigente com a Constituição, mas também com a realidade sociocultural do país.

É tendo em vista adequar a Lei da Família vigente à Constituição e aos demais instrumentos de Direito Internacional, e conseqüentemente eliminar as disposições que sustentam a desigualdade de tratamento nas relações familiares, no respeito pela moçambicanidade, pela cultura e identidade própria do povo moçambicano que a Assembleia da República, nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 135 da Constituição, determina:

(...)

## LER – COMPREENDER

1. Acabaste de ler o texto introdutório da Lei da Família aprovada pela Assembleia da República a 25 de Agosto de 2004.
  - 1.1. Identifica as lacunas que a Lei da Família pretende colmatar.
  - 1.2. Antes da actual Lei não havia outra? Justifica a tua resposta, consultando a Lei da Família (que podes encontrar na íntegra, por exemplo, na biblioteca da tua escola).
  - 1.3. Consideras que, de acordo com o texto, esta Lei vai resolver algumas das situações apresentadas nos textos da autoria da escritora Paulina Chiziane? Justifica a tua resposta com passagens do texto.

## SABER MAIS

### TEXTO NORMATIVO

O texto normativo estabelece normas ou instruções que devem ser cumpridas. Os regulamentos, as normas, as leis são exemplos de textos normativos. A Lei da Família enquadra-se nesta classe de textos.

### LEI DA FAMÍLIA

Relativa aos direitos da família, a Lei da Família (Lei n.º 10/2004, de 25 de Agosto) introduz medidas que visam erradicar estereótipos e práticas discriminatórias.

### Estrutura

A redacção deste texto normativo obedece a rígidas convenções legais, que lhe dão uma estrutura específica.

Assim, o texto está dividido em três grandes partes:

- introdução (em que se apresenta o contexto em que a Lei surgiu);
- corpo do texto (onde são apresentados os artigos da Lei);
- conclusão (relacionada com a aprovação, promulgação e publicação do documento).

Quanto à estrutura externa, a *Lei da Família* divide-se em:

- títulos, que se podem dividir em:
  - capítulos que, por sua vez, podem estar ainda subdivididos em:
    - secções, subsecções e divisões.

Os títulos, capítulos, secções, subsecções e divisões são compostos por:

- artigos, sendo estes últimos constituídos por:
  - parágrafos;
  - números;
  - alíneas.

Sistematizando:

Esta Lei é composta por sete títulos e 431 artigos onde são abordados assuntos de grande importância. Até ao artigo 140 é tratado o casamento; modalidades do casamento; impedimentos; formalidades do casamento; celebração do casamento; registo do casamento; efeitos do casamento quanto às pessoas e aos bens dos cônjuges.

### **Características linguísticas**

Dado que a Lei da Família é um texto jurídico e normativo, o tipo de linguagem usado é o recorrente na terminologia jurídica, tendo, por isso, um carácter técnico.

Consequentemente, apresenta linguagem denotativa:

- emprego do modo indicativo e dos verbos no presente ou no imperativo;
- emprego de vocabulário técnico para evitar a ambiguidade;
- ausência de adjectivos valorativos.

## **Parte II**

Lê os artigos 1 a 28 da Lei da Família, que se encontram no livro editado pela Imprensa Nacional de Moçambique, em 2004.

### **LER - COMPREENDER**

Nestes artigos é abordado o conceito de família, de casamento e modalidades do casamento.

1. Define família.
2. Define casamento.
3. Identifica as modalidades de casamento definidas na Lei.
4. Apresenta um sinónimo de:
  - a. integrar
  - b. constituir
  - c. preceito
  - d. incumbir
  - e. discriminação
  - f. vincular
  - g. procriação

**FUNCIONAMENTO DA LINGUA****APLICA**

1. Retira do título 1 um diminutivo erudito.
2. Indica o processo de formação das seguintes palavras:
  - a. desconformidade;
  - b. desigualdade;
  - c. reconhecido;
  - d. ilegítima.
3. Utilizando o antónimo das palavras sublinhadas, reescreve as frases seguintes:
  - a. A prática do casamento monogâmico é a mais comum no nosso país.
  - b. A lei reconhece e valida estas práticas.

**Parte III**

## Lei da Família

### Secção II

### Casamento Civil

#### Subsecção I

#### Artigo 29

#### (Regra geral)

Têm capacidade para contrair casamento todos aqueles em relação aos quais não se verifique algum dos impedimentos matrimoniais previstos na lei.

#### Artigo 30

#### (Impedimentos dirimentes absolutos)

1. São impedimentos dirimentes, obstando ao casamento da pessoa a quem respeitam com qualquer outra:
  - a) a idade inferior a dezoito anos;
  - b) a demência notória, mesmo nos intervalos lúcidos, e a interdição ou inabilitação por anomalia psíquica;
  - c) o casamento anterior não dissolvido religioso, tradicional ou civil, desde que se encontre convenientemente registado por inscrição ou transcrição conforme o caso.
2. A mulher ou homem com mais de dezasseis anos, a título excepcional, pode contrair casamento, quando ocorram circunstâncias de reconhecido interesse público e familiar e houver consentimento dos pais ou dos legais representantes.



### Artigo 31

#### (Impedimentos dirimentes relativos)

São também dirimentes, obstando ao casamento entre si das pessoas a quem respeitam, os impedimentos seguintes:

- a) o parentesco na linha recta;
- b) o parentesco até ao terceiro grau da linha colateral;
- c) a afinidade na linha recta;
- d) a condenação anterior de um dos nubentes, como autor ou cúmplice, por homicídio doloso, ainda que não consumado, contra o cônjuge do outro.

### Artigo 32

#### (Impedimentos impiedentes)

São impedimentos impiedentes, além de outros designados em leis especiais:

- a) o prazo internupcial;
- b) o parentesco até ao quarto grau da linha colateral;
- c) o vínculo de tutela, curatela ou administração legal de bens;
- d) o vínculo que liga o acolhido aos cônjuges da família de acolhimento;
- e) a pronúncia do nubente pelo crime de homicídio doloso, ainda que não consumado, contra o cônjuge do outro, enquanto não houver despronúncia ou absolvição por decisão passada em julgado;
- f) a oposição dos pais ou tutor do nubente menor.



### Artigo 33

#### (Prazo internupcial)

1. O impedimento do prazo internupcial obsta ao casamento daquele cujo casamento anterior foi dissolvido ou anulado, enquanto não decorrer seis meses sobre a dissolução ou anulação desse matrimónio.
2. Em caso de divórcio ou anulação do casamento civil, o prazo conta-se a partir do trânsito em julgado da respectiva sentença.
3. Cessa o impedimento do prazo internupcial se o casamento se tiver dissolvido por divórcio não litigioso, por conversão da separação judicial de pessoas e bens em divórcio e, tratando-se de divórcio litigioso, quando judicialmente comprovada a separação de facto, salvo se não tiver decorrido o prazo referido no número um.

### Artigo 34

#### (Parentesco na linha colateral)

O parentesco no quarto grau da linha colateral só constitui impedimento quando os vínculos de filiação em que se baseia estiverem legalmente reconhecidos.

### Artigo 35

#### (Vínculo com a família de acolhimento)

1. O impedimento constituído pelo vínculo que liga o acolhido com os cônjuges da família de acolhimento obsta aos seguintes casamentos:

- a) dos cônjuges da família de acolhimento ou seus parentes na linha recta, com o acolhido ou seus descendentes;
  - b) do acolhido com o que foi cônjuge de um dos representantes da família de acolhimento;
  - c) dos cônjuges da família de acolhimento com o que foi cônjuge do acolhido;
  - d) dos acolhidos na mesma família de acolhimento, *entre si*.
2. O parentesco só é relevante para os efeitos da alínea *a)* do número precedente quando estiver legalmente reconhecido.

### Artigo 36

#### (Vínculo de tutela, curatela ou da administração legal de bens)

O vínculo da tutela, curatela e administração legal de bens impede o casamento do incapaz com o tutor, curador ou administrador, ou seus parentes ou afins na linha recta, irmãos, cunhados ou sobrinhos, enquanto não tiver decorrido um ano sobre o termo da incapacidade e não estiverem aprovadas as respectivas contas, se houver lugar a elas.

### Artigo 37

#### (Dispensas)

1. São susceptíveis de dispensa os impedimentos seguintes:
  - a) parentesco no quarto grau da linha colateral;
  - b) vínculo que liga o acolhido aos cônjuges da família de acolhimento;
  - c) vínculo de tutela, curatela ou administração legal de bens, se as respectivas contas estiverem já aprovadas.
2. A dispensa compete ao Conservador ou, se algum dos nubentes for menor, ao Tribunal de Menores.
3. São motivos atendíveis para a concessão da dispensa quaisquer razões de interesse público ou relativas às famílias dos nubentes.

## LER - COMPREENDER

Para que o casamento celebrado por duas pessoas de sexos diferentes seja válido é necessário que não existam situações previstas na lei que impeçam tal celebração.

1. O que são *impedimentos*?
2. Que tipo de *impedimentos* existem? Explica cada um deles.
3. Um jovem de 16 anos pode casar-se?

## ESCREVER

Elabora uma composição em que abordes a importância da observância destes artigos para a sociedade Moçambicana.

## PESQUISAR

Em grupo, faz uma pesquisa sobre as formas de casamento que se podem encontrar noutros países de África, da Europa, da Ásia...  
Cada grupo escolhe um continente e apresenta, no fim, o resultado da sua pesquisa à turma.

## Parte IV

Lê os artigos 38 a 140 da Lei da Família, relativos ao casamento e que podem ser sintetizados da seguinte forma:

### Lei da Família

#### Artigos 38 a 140

A celebração do casamento envolve preparativos que não estão unicamente relacionados com a festa do casamento.

Essas formalidades têm lugar em três momentos distintos:

- antes do casamento;
- no acto da celebração;
- depois do casamento.

## LER - COMPREENDER

Depois de teres lido os artigos acima indicados responde às seguintes questões.

1. Na fase anterior à cerimónia do casamento, que diligências devem os noivos efectuar para que possam oficializar a relação?
2. Que documentos devem ser apresentados?
3. Justifica a seguinte afirmação: *A celebração de qualquer casamento é um acto público e solene.*
4. Explica o simbolismo das palavras *Sim, aceito...* na cerimónia do casamento.
5. É possível haver um casamento em que estejam apenas presentes os noivos e o representante do estado ou o líder religioso? Justifica a tua resposta, com base na lei.
6. Depois da cerimónia do casamento segue-se o registo.
  - 6.1. Indica as modalidades previstas na lei.
7. Explica a importância do registo do casamento.
8. Pelo casamento nasce uma nova família com direitos e deveres para ambos os cônjuges, que assentam no princípio de igualdade entre marido e mulher.  
Explica o sentido de:
  - a. respeito mútuo;
  - b. fidelidade mútua;
  - c. solidariedade.

## FALAR – ESCREVER

Prepara uma apresentação oral na turma na qual fales da importância da Lei da Família como forma de defesa dos interesses das mulheres e das crianças. Apoia a tua exposição nos textos de Paulina Chiziane e de outras situações.

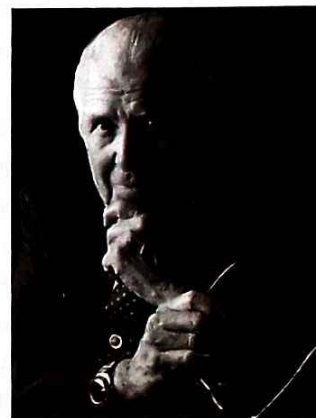
## Texto 3

# O QUE É A REVOLUÇÃO VERDE?

É um amplo programa idealizado para aumentar a produção agrícola no mundo por meio de melhorias genéticas em sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do custo de manejo.

5 O programa teve início em meados do século XX, quando o governo mexicano convidou a fundação Rockefeller, dos EUA, a fazer estudos sobre a fragilidade da sua agricultura. A partir daí, cientistas criaram novas variedades de milho e trigo de alta produtividade, que fizeram o México  
10 aumentar de uma forma vertiginosa a sua produção. Essas sementes foram, em seguida, introduzidas e cultivadas em outros países, também com ótimos resultados. De acordo com o engenheiro agrônomo Fábio Faleiros, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), “O impacto social da revolução verde, na medida em que  
15 ajudou a erradicar a fome no mundo, fez com que Norman Ernest Borlaug, considerado o pai do movimento, ganhasse o Prémio Nobel da Paz em 1970”.

Mais tarde, o programa passou a sofrer críticas, que persistem até hoje. “Muitos questionam a sustentabilidade de um projecto baseado em monoculturas e que faz uso em grande escala de fertilizantes, agrotóxicos e insumos de  
20 alto risco”, afirma Faleiros. Outro ponto negativo são os maus tratos ao meio ambiente decorrentes do avanço das fronteiras agrícolas.



Norman Ernest Borlaug

VASCONCELOS, Yuri, in *Vida Simples*, Agosto de 2007

## LER – COMPREENDER

1. Em Moçambique, a agricultura é a base da economia, pelo que é importante que se tomem medidas no sentido de a melhorar.
  - 1.1. Sem recorrer a transcrições do texto, explica o que se entende por Revolução Verde.
  - 1.2. Identifica o local e a época em que teve início a Revolução Verde.
  - 1.3. Indica as principais críticas recebidas por este programa.

## Texto 4

# E

## VOLUÇÃO AGRÍCOLA

A descoberta da América favoreceu o conhecimento de espécies vegetais e animais até então desconhecidas na Europa. A agricultura colonial começou não só para abastecer os colonizadores de alimentos, mas também para a colheita comercial e fornecimento à metrópole.

5 Dos séculos XV a XIX, o comércio de escravos encarregou-se de fornecer a mão-de-obra necessária. A revolução científica, fruto do Renascimento e do Iluminismo na Europa, favoreceu a experimentação na agricultura, bem como em outros campos, levando ao desenvolvimento de algumas variedades novas de gado bovino e ovino.

10 Não é possível definir, com precisão, uma década ou série de acontecimentos para marcar o início da revolução que a tecnologia trouxe à agricultura. Entre os progressos mais importantes estão a criação selectiva de gado iniciada nos primórdios de 1700 e a dispersão de calcário e outros nutrientes pelas terras de cultivo no fim daquele mesmo século. Em meados do século XVII surgiram  
15 aperfeiçoamentos mecânicos no arado tradicional. Nessa mesma época e ao longo do século seguinte efectuaram-se as primeiras tentativas sistemáticas para estudar e controlar as pragas. No século XIX desenvolveram-se vários tipos de praguicidas utilizados em forma de fumigações. A nova explosão demográfica no período posterior à Primeira Guerra Mundial levou a um incremento na produção.  
20 A necessidade de mais alimentos foi minimizada pela chamada Revolução Verde, que teve implicações no cultivo selectivo de colheitas tradicionais em busca de maiores rendimentos, novos híbridos e métodos de cultura intensivos.

A agricultura moderna depende em grande parte da engenharia, da tecnologia e das ciências biológicas e físicas. A irrigação, a drenagem, a conservação e a canalização, campos de grande importância para garantir o êxito na agricultura, requerem os conhecimentos  
30 especializados de engenheiros agrícolas.

A química agrícola ocupa-se de outros problemas vitais para a agricultura, como o emprego de fertilizantes, insecticidas e fungicidas, a estrutura do solo, a análise dos produtos agrícolas e  
35 as necessidades nutricionais de animais de criação.

O melhoramento vegetal e a genética representam uma contribuição inestimável para a produtividade agrícola. Além disso, a genética introduziu uma base científica na criação de animais.



"Evolução Agrícola", in *Encarta*, 2002 (adaptado)

**LER - COMPREENDER**

1. O texto "Evolução Agrícola" é de carácter didáctico/científico (expositivo/explicativo)
  - 1.1. Justifica esta afirmação indicando o objectivo do texto.
2. Diz, por palavras tuas, qual é a importância, para a agricultura, da descoberta da América.
3. Justifica a seguinte afirmação: *A revolução científica foi importante para a agricultura.*
4. Indica, ordenadamente, as principais descobertas científicas que permitiram o desenvolvimento da agricultura.
5. Com base no texto, preenche a tabela abaixo identificando os principais marcos/acontecimentos da evolução agrícola.

Período de tempo	Acontecimento

**FUNCIONAMENTO DA LINGUA****APLICA**

1. Uma das características típicas dos textos expositivo/explicativos consiste no uso do presente do indicativo com valor genérico, de termos técnicos e de nominalizações.
  - 1.1. Identifica estes aspectos no texto e explica a função de cada um deles.
2. *A nova explosão demográfica no período posterior à Primeira Guerra Mundial provocou um incremento na produção.*
  - 2.1. Passa esta frase para a voz passiva.
  - 2.2. Classifica morfologicamente as palavras *demográfica*, *primeira*, *mundial*, *incremento* e *na* empregadas na frase.
3. Observa as seguintes frases:
  - a. *Os régulos são importantes no incremento da agricultura em Moçambique.*
  - b. *Os pássaros comem os grânulos que se encontram nos campos.*
  - c. *Os campos cultivados estão separados por paredões.*
  - d. *Os camponeses ainda vivem em casebres.*
  - 3.1. Retira das frases as palavras que contêm sufixos diminutivos e aumentativos.
4. Constrói três frases empregando diminutivos eruditos.

## Texto 5

# Agricultura Orgânica

Agricultura orgânica ou agricultura biológica é o termo frequentemente usado para a produção de alimentos e produtos animais e vegetais que não faz uso de produtos químicos sintéticos ou alimentos geneticamente modificados e, geralmente, adere aos princípios de agricultura sustentável. A sua base é holística e põe ênfase no solo. Os seus proponentes acreditam que num solo saudável, mantido sem o uso de fertilizantes e pesticidas feitos pelo homem, os alimentos têm qualidade superior à dos alimentos convencionais. Em diversos países, incluindo os EUA (NOP – National Organic Program), o Japão (JAS – Japan Agricultural Standard), a Suíça (Bio Suisse), a União Europeia (CEE 2092/91), a Austrália (AOS – Australian Organic Standard / ACO – Australia Certified Organic) e o Brasil (ProOrgânico – Programa de Desenvolvimento da Agricultura Orgânica), a agricultura orgânica é definida e regulamentada por lei, pelo governo. Sistema de produção que exclui o uso de fertilizantes, de agrotóxicos e de produtos reguladores de crescimento, tem como base o uso de esterco animal, a rotação de culturas, a adubação verde, o controlo biológico de pragas e doenças. Este sistema pressupõe a manutenção da estrutura e da profundidade do solo, sem alterar as suas propriedades por meio do uso de produtos químicos e sintéticos. A agricultura orgânica está directamente relacionada com o desenvolvimento sustentável.

"Agricultura orgânica", in Wikipédia, consultado em Fevereiro de 2010 (adaptado)

### LER – COMPREENDER

1. Será este texto uma negação à Revolução Verde? Justifica a tua resposta.
2. Que relação se estabelece neste texto entre a agricultura e o desenvolvimento sustentável?
3. "Os seus proponentes acreditam que num solo saudável (...) os alimentos têm qualidade superior à de alimentos convencionais." (l. 7).
- 3.1. Assinala a opção correcta. A palavra "proponentes", na frase acima, refere-se a:
  - a. quem refuta algo;
  - b. quem propõe algo;
  - c. quem pratica agricultura orgânica;
  - d. quem não acredita na agricultura orgânica.
4. Indica a função da linguagem presente no texto, para além da informativa. Justifica.

### FALAR – ESCREVER

1. Em grupo, discute as implicações da Revolução Verde na economia moçambicana e no desenvolvimento dos países em vias de desenvolvimento.
- 1.1. Apresenta à turma as conclusões a que o teu grupo chegou.

# 2 Textos Administrativos

## Objectivos específicos

- Interpretar, analisar a estrutura e elaborar uma procuração
- Identificar as conjunções e as locuções subordinativas concessivas
- Dividir, classificar e elaborar orações subordinadas concessivas
- Interpretar textos sobre o comércio
- Distinguir o comércio informal do comércio formal
- Discutir a organização do comércio formal/informal
- Sugerir formas de organização do comércio no local de residência/cidade/país

Naguib, sem título, Moçambique



# TEXTOS ADMINISTRATIVOS

## Procuração

### Texto 1

# A PROCURAÇÃO



Dona Fatinha, assim é conhecida no bairro, senhora de grande porte e também de grandes posses, resolve deslocar-se a Tete para melhor controlar os seus negócios. Sim, porque Dona Fatinha é uma verdadeira mulher de negócios, com barracas espalhadas por todo o país. Nelas vende, especialmente, cerveja e aperitivos a quem, em amena cavaqueira, pretende refrescar a garganta e a língua trocando impressões sobre tudo e sobre todos.

Dona Fatinha anda preocupada. O que fazer? É preciso deslocar-se a Tete para controlar os negócios porque, já lhe dizia a sua mãezinha, “patrão fora, dia santo na loja”. O povo tem sempre razão, por isso Dona Fatinha começa os seus preparativos para a viagem. Tem cinco barracas, só na cidade de Maputo. Quem a poderá substituir nos seus negócios?!

Consulta o marido, homem de pouco trabalho e de muita barriga.

Perante o dilema da sua esposa, aconselha:

– Olha, querida, é melhor passares uma procuração à tua amiga dando-lhe plenos poderes para gerir os teus negócios.

Dona Fatinha, intrigada, replica:

– Mas qual amiga? Tenho tantas!...

E o marido responde:

– Aquela amiga com quem te encontras no cabeleireiro. Como não tem emprego, está mais disponível.

Dona Fatinha aceita a proposta, mas fica ainda preocupada. O que seria isso de procuração? Nunca tinha ouvido tal palavra.

(Da autora do manual)

### LER – COMPREENDER

1. Caracteriza a Dona Fatinha.
2. Indica o motivo da sua preocupação.
3. Explica o sentido do provérbio “patrão fora, dia santo na loja”.
  - 3.1. Faz o levantamento de outros provérbios com o mesmo sentido.
4. Na localidade onde Dona Fatinha vive também há “barracas”.
  - 4.1. Descreve-as, tendo em conta o texto.

**SABER MAIS****TEXTOS ADMINISTRATIVOS**

O texto administrativo é um texto formal que deve ser escrito com clareza e objectividade sem recurso a expressões de significado ambíguo e, de uma forma geral, sem mais palavras do que as estritamente necessárias.

São exemplos de textos administrativos a carta formal, o requerimento, o memorando, a convocatória e a procuração.

**Procuração**

Documento em que uma pessoa concede poderes a outra (o procurador). Uma procuração, é, pois, um documento em que se estabelece legalmente essa incumbência, se outorga o mandato e se explicitam os poderes conferidos.

**Tipos de procuração**

Quanto à amplitude de poderes concedidos, há dois tipos de procuração:

- Geral – quando o constituinte, o mandatário ou o outorgante declara que os poderes concedidos, através do documento, são amplos, gerais, ilimitados.
- Específico – quando o outorgante determina, no documento, quais são os poderes para em seu nome e por sua conta praticar actos ou administrar interesses e negócios.

Para que este acto se realize é necessária, quase sempre, a intervenção notarial, que exige:

- que a procuração seja escrita e assinada pelo representado, com reconhecimento presencial da letra e assinatura pelo notário;
- que a procuração seja autenticada pelo notário;
- que os intervenientes apresentem um documento de identificação. (Poderá ainda ser necessário exhibir outros documentos – no caso de ser uma pessoa colectiva a passar a procuração, terão de ser exibidos os documentos que permitam verificar a qualidade que se arrogam os representantes da pessoa colectiva e os poderes para o acto.)

**Procuração electrónica**

Uma procuração electrónica é um documento electrónico (informatizado), assinado digitalmente pelo(s) seu(s) outorgante(s), que confere poderes ao(s) representante(s) legal(ais).

É um documento que disponibiliza meios e recursos que facilitam sobremaneira a criação, administração e consulta de procurações, de forma totalmente orientada e electrónica, aproveitando-se das vantagens da certificação digital e das garantias legais existentes, agilizando o processo de formalização das transacções.

**Nota:**

1. O procurador não necessita de ter capacidade de exercício de direitos, sendo suficiente que tenha, para celebrar o acto, a capacidade de entender e querer exigida pela natureza do negócio que efectuar.
2. Em princípio, as partes envolvidas na procuração procedem ao acto num notário, mas, em casos especiais, o notário vai ao seu encontro e a procuração é assinada na presença do procurador. Se os intervenientes não souberem ler nem escrever, a procuração é lida na presença do notário; se aqueles estiverem capacitados em assiná-la, fazem-no; caso contrário, procede-se à assinatura "a rolo" (estampagem de impressões digitais).
3. O custo do acto depende do tipo de procuração.

A procuração electrónica tem a vantagem de ser um processo prático, rápido, cómodo, seguro e barato; porém, exige a informatização de todo um sistema do serviço notarial.

### Modelos de procuração

Geralmente os serviços de notário disponibilizam formulários de procuração que diferem em aspectos mínimos de acordo com o assunto em causa.

Apresentamos, de seguida, dois modelos de procuração. O primeiro é um modelo comum; o segundo é um modelo de procuração específico para determinado assunto (procuração para negócios comerciais e bancários em geral).

#### Modelo de procuração geral

### PROCURAÇÃO

Eu ..... (nome completo), portador(a) do Bilhete de Identidade n.º ....., emitido em ...../...../....., pelo Arquivo de Identificação de ....., nascido(a) na Província de ....., Localidade de ....., a ...../...../.....; ..... (estado civil), residente em ....., constituo bastante procurador(a) ..... (nome completo), portador(a) do Bilhete de Identidade n.º ....., emitido em ...../...../....., pelo Arquivo de Identificação de ....., nascido(a) em ...../...../....., na Província de ....., Localidade de ....., residente em ....., concedendo-lhe plenos poderes para

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

....., ...../...../.....  
(nome do local)

#### Assinaturas

.....  
.....

Modelo de procuração específico

**PROCURAÇÃO PARA NEGÓCIOS COMERCIAIS  
E BANCÁRIOS EM GERAL**

Por este instrumento particular, eu, abaixo assinado, estado civil, RG n.º, residente e domiciliado à Rua nº, na cidade de, (se for empresa, substituir por): estabelecida à Rua nº, inscrita sob o n.º, e com contrato de constituição devidamente arquivado (ou registrado) na Junta Comercial do Estado (ou no Cartório de Registro de Títulos e Documentos), sob o n.º (demais dados do arquivo ou registro), nomeio e constituo meu bastante procurador (nome completo), de nacionalidade, estado civil, estado civil, profissão, com amplos, gerais e ilimitados poderes para tratar de todos os meus negócios comerciais e bancários, comprar e vender mercadorias, celebrar contratos comerciais, receber dinheiro, títulos e valores, passar recibos e dar cotações, emitir facturas e letras de câmbio; aceitar, endossar, caucionar, emitir e descontar duplicatas, letras de câmbio e notas promissórias; efectuar descontos, conceder prorrogações de prazos e modificar vencimentos de títulos; celebrar contratos de financiamento com bancos e estabelecimentos de crédito em geral, dar a estes as necessárias ordens e instruções, assinar propostas, cartas de remessas, correspondências, papéis e quaisquer documentos, caucionar, descontar, transferir e endossar conhecimentos de depósitos e conhecimentos de embarque; movimentar nos bancos, casas bancárias e estabelecimentos congêneres, tanto as contas correntes e depósitos; sacar, mesmo a descoberto; levantar, no todo ou em parte, os saldos dessas contas e dar conformidade aos respectivos saldos, emitir, endossar e assinar cheques; fazer transferências de numerários; liquidar contas, abrir novas, depositar e retirar dinheiro, títulos e valores; passar recibos, dar e aceitar cotações, requisitar assumir obrigações, compromissos e qualquer negócio comercial ou bancário, em nome do outorgante o que tudo haverá por bem, firme e valioso.

Assinatura do outorgante

Data ...../...../.....

Local .....

### Estrutura da procuração

Como verificaste nos modelos apresentados, na procuração devem constar:

- **título:** *Procuração*, escrito no centro.  
O texto, propriamente dito, é constituído por:
- **identificação:** nome, nacionalidade, estado civil, profissão, Bilhete de Identidade e residência do outorgante;
- **declaração:** o outorgante declara quem é o procurador e identifica-o, registando os mesmos dados anteriormente citados;
- **finalidade e poderes:** parte em que o constituinte estabelece a finalidade e os poderes que são concedidos (gerais ou específicos);
- **localidade e data;**
- **assinaturas**, que devem ser reconhecidas no notário.

### Características linguísticas

Os princípios linguísticos aplicados aos textos administrativos, em geral, e à procuração, em particular, são:

- a **clareza** – o texto deve ser suficientemente claro para ser entendido sem ambiguidades;
- a **exactidão** – devem evitar-se palavras vagas, compridas, difíceis – preferindo-se palavras precisas que quantifiquem;
- a **precisão** – o texto deve ser objectivo;
- a **concisão** – devem evitar-se usar demasiadas palavras;
- a **linguagem técnica:** da área jurídica. Ex.: *outorgante, mandatário, lavrar, administrar interesses, outorgar, poderes conferidos, etc...*
- a **formalidade** – tratando-se de um texto formal, as formas de tratamento, as concordâncias e a grafia dos verbos merecem uma atenção particular (*nomeia, constitui...*).

## FALAR – ESCREVER

1. Em poucas palavras, indica o objectivo de uma procuração.
2. A procuração é um texto administrativo.
  - 2.1. Justifica esta classificação.
3. Enumera algumas das vantagens da procuração electrónica.
4. Neste momento, Dona Fatinha já sabe o que é uma procuração, bem como a sua importância. No entanto, a sua pouca escolaridade leva-a a ter algumas dificuldades na elaboração deste tipo de documento.
  - 4.1. Ajuda-a e faz a procuração, constituindo como sua procuradora a amiga Tina Siteo.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### ORAÇÕES SUBORDINADAS E CONJUNÇÕES/LOCUÇÕES SUBORDINATIVAS CONCESSIVAS

#### Frase simples e frase complexa

Designam-se frases simples as frases que são constituídas por uma única oração (e que contém um só verbo conjugado).

*Dona Fatinha anda preocupada.*

*Nunca tinha ouvido tal palavra.*

Designam-se frases complexas as frases que são constituídas por duas ou mais orações (e que contém dois ou mais verbos conjugados).

*Dona Fatinha aceita a proposta, mas fica preocupada.*

As frases complexas podem ligar-se por coordenação (através de conjunções ou locuções coordenativas) e por subordinação (através de conjunções e locuções subordinativas).

#### Orações subordinadas concessivas

As orações subordinadas concessivas ligam-se à oração subordinante de que dependem através de conjunções ou locuções subordinativas concessivas, que exprimem uma circunstância de concessão em relação ao verbo principal – apesar de haver um impedimento/contrariedade, o facto referido na oração principal é concretizado.

*Ainda que tenha a barraca a seu cargo, Dona Fatinha precisa de ir a Tete.*

Oração subordinada concessiva

Oração subordinante

*Dona Fatinha precisa de passar uma procuração, embora nunca tenha ouvido tal palavra.*

Oração subordinante

Oração subordinada concessiva

*Apesar de aceitar a proposta, Dona Fatinha ficou preocupada.*

Oração subordinada concessiva

Oração subordinante

Pelos exemplos anteriores se conclui que, geralmente, as orações subordinadas concessivas:

- são introduzidas por conjunções ou locuções subordinativas concessivas (*ainda que, embora, apesar de*);
- podem anteceder ou proceder as orações subordinantes de que dependem;
- levam o verbo no conjuntivo ou no infinitivo.

### Conjunções e locuções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas	Locuções subordinativas concessivas
embora conquanto	ainda que mesmo que se bem que apesar de (que) posto que por menos que por mais que nem que

### PRÁTICA

- Sublinha, nas seguintes frases, as orações subordinadas concessivas.
  - Apesar de sentir medo, o João não o demonstrava.
  - Por mais que fale, ninguém me dá ouvidos.
  - Não poderia sair contigo mesmo que mo pedisses, pois tenho de estudar.
- Completa as frases, seguindo as indicações dadas entre parêntesis.
  - Ainda que \_\_\_\_\_ preocupada, Dona Fatinha foi a Tete. (verbo estar)
  - Chego sempre atrasado, \_\_\_\_\_ saia cedo de casa. (locução concessiva)
  - Mesmo que não me \_\_\_\_\_, eu ia cumprimentar-te! (verbo ver)
  - O Rui decidiu ir explorar a gruta, \_\_\_\_\_ soubesse que podia magoar-se. (conjunção concessiva)
  - O carro andava lentamente, \_\_\_\_\_. (oração subordinada concessiva)
  - Se bem que tenha estudado muito, \_\_\_\_\_. (oração subordinante)
- Transforma cada par de frases simples em frases complexas, exprimindo a ideia de concessão. Segue o exemplo.
 

Ex.: Adorava a praia. A savana era a minha paixão.  
Embora adorasse a praia, a savana era a minha paixão.

  - Naquele momento, Ana sentia-se contente. Ela não sorria.
  - Eu não fui para casa. A minha mãe chamou-me.
  - Empresto-te o livro. O livro far-me-á falta.



## Texto 2



# A PROCURAÇÃO (E DEPOIS)

Dona Fatinha, sempre atarefada com os preparativos da sua deslocação a Tete, pede à sua amiga Tina que se responsabilize pelos seus negócios.

Dona Tina, cujo conhecimento relativo aos negócios de Dona Fatinha foi sendo feito, paulatinamente, através das conversas mantidas no cabeleireiro, aceita a proposta da amiga.

Passada a procuração conferindo plenos poderes a Dona Tina, Dona Fatinha embarca, confiante, no avião da LAM rumo a Tete.

Entretanto Dona Tina, em Maputo, vai começando a gerir os negócios da “amiga”.

Para a nova gestora começa uma vida difícil: é preciso levantar-se ao nascer do sol e deitar-se muito depois do pôr-do-sol. Habituada a uma rotina mais aprazível, depressa se cansa dessa vida. Por outro lado o dinheiro, que agora lhe vem enchendo os bolsos, espicaça-lhe a ambição.

Uma carta da família, em Mavago, comunicando-lhe a realização de uma reunião familiar serve-lhe de pretexto para abandonar tudo e partir. (Na realidade Dona Tina só abandona as barracas porque utilizou o dinheiro para comprar mantimentos e presentes para toda a família.)

Em Tete, Dona Fatinha quase desmaia ao tomar conhecimento da atitude da sua “amiga”. Questiona-se: “Mas o que fiz de mal?”

(Da autora do manual)



## LER – COMPREENDER

1. Faz o retrato de Dona Tina, enquadrando-o num grupo social específico.
2. A palavra “amiga” vem entre aspas.
  - 2.1. Explica a razão por que isso acontece.
3. Localiza geograficamente a localidade de Mavago.
4. Dona Tina acabou por utilizar o dinheiro de Dona Fatinha em benefício pessoal.
  - 4.1. Indica a razão por que Dona Tina pôde ficar com todo o dinheiro da “amiga”.

## ESCREVER

Elabora quatro conselhos a dar às pessoas que pretendem passar procurações.

## Texto 3

# O ASSALTO



Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu.

– Isto é um assalto.

Houve um rebuliço. Os que estavam perto fugiam. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, obstruída mas provida de admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia um banco naquela rua? É evidente que sim, pois de contrário como podia ser assalto?

– Um assalto! Um assalto! Continua a senhora a exclamar, e quem não tinha escutado escutou, multiplicando a notícia. Aquela voz subindo do mar das barracas e legumes era como a própria sirene policial, documentando ali na claridade do dia, sem que ninguém pudesse evitá-la.

Moleques de carrinho corriam em todas as direcções, atropelando uns aos outros. Queriam salvar as mercadorias que transportavam. Não era o instinto de propriedade que os impelia. Sentiam-se responsáveis pelo transporte. E no atropelo da fuga, pacotes rasgavam-se, melancias rolavam, tomates esborrachavam-se no asfalto. Se a fruta cai no chão já não é de ninguém, é de qualquer um, inclusive do transportador. Em ocasiões de assalto, quem é que vai reclamar uma dúzia de bananas meio amassadas?

20 – Olha o assalto! Há um assalto ali adiante!  
O autocarro na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergue-  
ram-se, puseram o nariz de fora. Não se via nada. O motorista desceu o revisor,  
um passageiro advertiu:

– Enquanto você vai ver o assalto, eles assaltam a sua caixa.

25 Ele nem escutou. Então os passageiros também acharam de bom alvitre  
abandonar o veículo, na ânsia de saber o que vem movendo o homem, desde a  
idade da pedra até aos nossos dias. Outros autocarros pararam, a rua “entu-  
piu”.

– Melhor. Todas as ruas estão bloqueadas. Assim eles não podem fugir.

30 – É uma mulher que chefia o bando!

– Já sei. É a tal loira.

– A loira assalta em São Paulo. Aqui é a morena.

– Uma gorda. Está de metralhadora. Eu vi.

– Minha nossa senhora, o mundo está virado.

35 – Vai ver que está caçando o marido.

– Não brinca numa hora dessas. Olha aí sangue escorrendo!

– Sangue nada, tomate.

Na confusão, circularam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria,  
as vitrinas tinham sido esmigalhadas à bala. E havia jóias pelo chão, braceletes,  
40 relógios. O que os bandidos não levaram, na pressa, era agora objecto de saque  
popular. Morreram no mínimo duas pessoas e três estavam gravemente feridas.  
Barracas derrubadas assinalavam o ímpeto da convulsão colectiva. Era preciso  
abrir caminho a todo o custo. No rumo do assalto, para ver, e no rumo contrá-  
rio, para escapar. Os grupos divergentes chocavam-se, e às vezes trocavam de  
45 direcção: quem fugia dava marcha-à-ré, quem queria espiar era arrastado pela  
massa oposta. Os edifícios de apartamentos tinham fechado as portas, logo que  
o primeiro foi invadido por pessoas que pretendiam, ao mesmo tempo, salvar  
o pêlo e contemplar lá de cima janelas e varandas apinhadas de moradores que  
gritavam:

50 – Pega! Pega! Correu p’ra lá!

– Olha ela ali!

– Eles entraram ali adiante!

– É um mascarado! Não, são dois mascarados!

Ouviu-se nitidamente o soar de uma metralhadora, a pequena distância.

55 Foi um deitar-no-chão geral, e como não havia espaço uns caíam por cima dos  
outros. Cessou o ruído. Voltou. Que assalto era esse, dilatado no tempo, repe-  
tido, confuso?

– Olha o diabo daquele miúdo tocando matraca! E a gente com dor-de-  
-barriga, pensando que era metralhadora!

60 Caíram em cima do garoto, que desapareceu na multidão. A senhora  
gorda, muito vermelha, protestando sempre:

– É um assalto! Chuchu por aquele preço é um verdadeiro assalto!

ANDRADE, Carlos Drummond de, *O Poder Ultra-Jovem*, Record (adaptado)

## LER – COMPREENDER

1. O título do texto é “O assalto”.
  - 1.1. Trata-se de um verdadeiro assalto? Justifica.
2. Explica a razão de todo aquele rebuliço.
3. Atenta na expressão “Ouviu-se nitidamente o soar de uma metralhadora” (l. 54).
  - 3.1. Comenta esta frase – “Era mesmo uma metralhadora?”
4. Toda a gente está amedrontada, as informações são contraditórias. É assim que surge o boato.
  - 4.1. Explica o que entendes por *boato* e indica as suas implicações.
5. Identifica o tipo de comércio aqui retratado (comércio formal ou informal). Justifica.

## OUVIR – FALAR

1. Apesar da ilegalidade óbvia da comercialização informal, esta prática, nos países em desenvolvimento, pode evitar males maiores, tais como a criminalidade.
  - 1.1. Menciona os tipos de comércio praticados no teu local de residência.
  - 1.2. Sugere formas de organização do comércio no teu local de residência.
  - 1.3. Concordas com a liberalização do comércio informal? Apresenta argumentos para sustentar a tua posição.

## PESQUISAR

1. Carlos Drummond de Andrade é um escritor brasileiro. O seu texto, embora adaptado, tem marcas de palavras usadas no Brasil, como é o caso de “chuchu”, espécie de abóbora.
  - 1.1. Faz uma lista de algumas das palavras próprias do português falado nesse país.
2. No texto encontra-se, também, o verbo “assuntar” (l. 21), que é um neologismo formado a partir de *assunto*. Em Moçambique também encontramos este tipo de neologismos na literatura, com Mia Couto, mas, também, no Português falado correntemente.
  - 2.1. Faz um levantamento de algumas dessas palavras novas em Moçambique.



# 3 Textos Jornalísticos

## Objectivos específicos

- Interpretar e analisar uma reportagem quanto à sua estrutura: narração; descrição; dissertação
- Elaborar uma reportagem
- Usar a preposição *a* na regência de complemento indirecto
- Analisar sintacticamente frases que envolvem verbos de movimento
- Participar em campanhas de prevenção e combate ao HIV/SIDA

Ponte para a Ilha



# TEXTOS JORNALÍSTICOS

## Reportagem

### Texto 1

## CANÇÃO DA CHUVA GRANDE

No dia da chuva grande, mãe,  
Quero sair para a rua  
Pulando e cantando  
Com o coração a bailar de alegria.

No dia da chuva grande, mãe,  
De pés nus e roupa molhada  
Quero sair para a rua  
Fazendo coro com os meninos  
Que guardam o sol no olhar.

ROCHA, Jofre, *60 Canções de Amor e Luta*, ASA



### LER - COMPREENDER

1. Identifica o destinatário do poema.
2. O sujeito poético espera um futuro de alegria.
  - 2.1. Indica, por palavras tuas, o motivo de tal alegria.
3. Sublinha todos os verbos que contenham uma conotação positiva.
4. Numa frase, sintetiza a principal mensagem transmitida pelo poema.

### FUNCIONAMENTO DA LINGUA

#### REGÊNCIA VERBAL: COMPLEMENTOS DE VERBOS DE MOVIMENTO

Os verbos de movimento (*ir, vir, sair, entrar, andar, correr, viajar, voltar, regressar, arrancar, passar, trazer, levar, transferir, dançar, rolar, vibrar...*) exigem determinados complementos que lhes completam o sentido. Tais complementos são introduzidos por preposições:

"Quero sair para a rua"

Ao estabelecerem ligações entre o verbo de movimento e o seu complemento, as preposições podem exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.

Nos exemplos seguintes, a ideia de movimento está presente nos verbos de movimento e nas preposições destacadas:

*Sáiram pela porta.*

*Todos saíram de casa.*

*Sair para a rua.*

*Venho de Maputo.*

*Vou a Tete.*

## PRÁTICA

1. Completa as frases com as preposições que introduzem os complementos dos verbos de movimento.
  - a. Eu vou \_\_\_\_\_ casa de António, mas vou \_\_\_\_\_ táxi.
  - b. Nós não vamos \_\_\_\_\_ (o) cinema hoje.
  - c. O Pedro e eu vamos \_\_\_\_\_ (o) mesmo machimbombo, mas o Jorge vai \_\_\_\_\_ (o) carro dele.
  - d. O meu pai foi transferido \_\_\_\_\_ Maputo no início do Verão.
  - e. Saímos \_\_\_\_\_ casa sempre cedo, mas chegamos \_\_\_\_\_ (a) escola tarde.
  - f. Quando vínhamos \_\_\_\_\_ (a) escola encontrámos um amigo que saía \_\_\_\_\_ lá.
  - g. Regressa \_\_\_\_\_ casa assim que as aulas terminarem.
  - h. Hoje chegámos \_\_\_\_\_ (a) escola cedo.
  - i. Quando entrei \_\_\_\_\_ casa vi os meus avós.
  - j. Nós voltamos sempre \_\_\_\_\_ (o) mesmo lugar.

## Texto 2

Os três textos abaixo (uma notícia e duas reportagens) abordam duas temáticas relacionadas com a criança: os maus tratos e a exploração do trabalho infantil.

### Notícia:

#### Reunião da OIT

Tem início hoje, em Genebra, uma reunião, alargada a todos os membros da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Da Agenda de Trabalho consta a exploração do trabalho infantil.

In Notícias, 6.06.2002

## Reportagem 1: 1.º Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil

Uma em cada seis crianças trabalha em vez de ir à escola

### 1.º Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil

A OIT fez as contas e concluiu que há 246 milhões de crianças sujeitas a um quotidiano de exploração económica.

O planeta assinala hoje, em regime de estreia absoluta, o 1.º Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil – um “problema teimoso”, diz a Organização Internacional do Trabalho (OIT), que afecta actualmente, de acordo com as estimativas mais recentes, cerca de 246 milhões de crianças. Um argumento de peso para que o assunto esteja em cima da mesa, à boleia do fresquíssimo relatório global “Um Futuro Sem Trabalho Infantil”, na 90.ª Conferência Anual Sobre o Trabalho, que de 15 corre desde o dia 3 na sede da OIT em Genebra.

Novos números sobre o fenómeno – uma em cada seis crianças trabalha em vez de ir à escola, uma em cada oito exerce tarefas impróprias para a idade, prejudiciais ao seu bem-estar ou moralmente condenáveis – fazem do tema uma incómoda pedra no sapato da organização. A abolição do trabalho infantil, reclama a OIT, é uma causa para o novo milénio.

A avaliar pelas conclusões do relatório, já



**COM O TRABALHO INFANTIL, A INFÂNCIA DESAPARECE.**

Centros municipais, mobilizar os comunitários e apoiar todo o tipo de formas de exploração de trabalho de crianças e adolescentes.

disponível na Internet, o trabalho continua a ser uma realidade precoce para muitos: 186 milhões de meninos entre os 5 e os 14 anos aceitam empregos penosos, mal pagos ou simplesmente ilegais, mais de oito milhões de menores abastecem as estatísticas da prostituição infantil (1,8 milhões), do tráfico de pessoas, dos exércitos juniores para uso nos piores conflitos armados, da escravatura e do trabalho forçado.

E dos 141 milhões de adolescentes entre os 15 e 17 anos, sobretudo rapazes, que trocaram a escola pelo trabalho, apenas 82 milhões executam trabalho considerado aceitável à luz dos parâmetros da OIT. Mais números negros: dos 171 milhões de crianças que asseguram tarefas de alto risco, dois terços têm menos de 15 anos. Com uma agravante de peso: nos EUA, as estatísticas da sinistralidade por hora trabalhada duplicam quando se trata de crianças e adolescentes.

NADAIS, Inês, in *Público*, 12.06.2002 (com supressões)

## Reportagem 2: Infâncias perdidas

No Paquistão, as crianças são “esventradas” à nascença. Roubam-lhes os sonhos, os sorrisos, a inocência, mas aprendem a andar. Trabalham de sol a sol e são elas, a maioria das vezes, quem sustenta a família. O futuro fica hipotecado. O futuro de um país, com cerca de 13 milhões de trabalhadores infantis, onde um tapete custa uma escassa centena de euros ao turista e muito suor e lágrimas aos meninos.

### Infâncias roubadas

Hussein é o mais novo de nove irmãos, a família fugiu do Afeganistão nos primeiros anos da guerra e radicou-se numa barraca de colmo, nos arredores de Peshawar.

Mulheres à parte, coube aos homens da família ganhar sustento numa fábrica de tijolos.

O pai ganha 1,50 euros por dia, mas tem que garantir ao patrão três mil tijolos. Duas mãos cansadas e marcadas pela vida não são suficientes, por isso, Mahammad ensina os filhos a trabalhar ao mesmo tempo que aprendem a andar. Tal como os irmãos e as

restantes 80 crianças que ali trabalham, Hussein acorda às 35 cinco da manhã e começa a virar os tijolos frescos ao nascer do Sol. O segredo para não os esmagar está nos seus 15 quilos, a técnica aprendeu- 40 -a há dias, quando completou um ano e seis meses.

No Paquistão existem cerca de 13 milhões de trabalhadores infantis. Gwais 45 Ghani, ministro do Trabalho da província de Peshawar, garante que o Governo tem feito um esforço para controlar a situação: “É uma questão cultu- 50 ral. O avô, o pai e os irmãos também começaram a trabalhar muito cedo para aprender uma profissão.

Os livros não dão dinheiro 55 a ninguém e, apesar de o ensino ser parcialmente participado, ninguém quer ir à escola.”

Jaloha queria. Sonhava 60 vestir uma farda como a dos meninos ricos e sentar-se numa sala de aula. Em vez disso, passa o dia sentado numa cave suja e nauseabunda de uma fábrica de tapetes. Aprendeu. 65 Aprendeu que, no Paquistão, a vida não se compadece com os sonhos. A mãe adoeceu mal deixou Cabul e o pai faz parte 70 da longa lista de refugiados afegãos no desemprego. Na fábrica, onde começou com três anos, foi ensinado, ao som de gritos e palmadas, a não se en- 75 ganar no ponto. Hoje, cinco anos passados, continua a ser aprendiz. É assim que lhe chamam para justificar o pouco que lhe pagam, apesar de já 80 encadear os pontos e as cores dos tapetes de “olhos fechados”. As marcas da sua dedicação ficaram no corpo e na alma: “Muitas vezes, a faca

85 para raspar a lã falha e cortame a mão, vês? Tenho que estar com muita atenção, senão aleijo-me!”

Amahnlá, dono da fábrica 90 de tapetes, queixa-se do negócio (...) Garante que vai ter de fechar as portas porque o abastecimento de matéria- 95 está mais difícil e arriscado, além de que se justifica menos “porque não há turistas para comprar os tapetes”.

Enquanto houver um fio 100 de lã, os tecelões de palmo e meio vão continuar a entrelaçar as cores numa cave escura para receber os dois euros que garantem a alimentação de 105 toda a família durante a semana.

In *Expresso*, 29.06.2002

## LER – COMPREENDER

1. Atenta no primeiro texto – Notícia *Reunião da OIT*.

1.1. Identifica o *lead* da notícia.

1.2. Completa o quadro com as respostas às questões.

Quem?	
O quê?	
Quando?	
Onde?	

1.3. Clarifica o significado da sigla OIT.

2. Considera agora o segundo texto – *Reportagem 1.º Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil*.
  - 2.1. Identifica o acontecimento que deu origem a esta reportagem.
  - 2.2. Explicita o significado das seguintes expressões:
    - a. “um ‘problema teimoso’” (ll. 4);
    - b. “Um argumento de peso” (ll. 9-10);
    - c. “à boleia do fresquíssimo relatório global” (ll. 12-13);
    - d. “uma incómoda pedra no sapato da organização” (ll. 20-21);
    - e. “abastecem as estatísticas” (l. 32);
    - f. “números negros” (l. 42).
  - 2.3. Enumera as diferentes formas de trabalho infantil referidas na reportagem.
3. Finalmente, presta atenção ao último texto – *Reportagem Infâncias roubadas*.
  - 3.1. No parágrafo em destaque, a palavra “esventrada” surge entre aspas. Porquê?
  - 3.2. Após a leitura deste primeiro parágrafo, compreende-se a escolha do título da reportagem.
    - 3.2.1. Estás de acordo com a afirmação? Justifica a tua resposta.
  - 3.3. Numa notícia, o jornalista deve limitar-se a narrar os factos com objectividade, omitindo as suas opiniões, enquanto numa reportagem a originalidade do ponto de vista do repórter é muito importante. Ele relata aquilo que ouve, vê e sente, incluindo declarações de pessoas, descrições de ambientes, relatos de emoções, etc.
    - 3.3.1. Comprova, com exemplos retirados da reportagem, que o repórter relatou o que “ouviu e sentiu”.
  - 3.4. Com base na última reportagem destaca momentos de narração, momentos de descrição, momentos de dissertação.
4. Comenta estilisticamente a seguinte frase: “O futuro fica hipotecado.” (l. 8).

## SABER MAIS

### REPORTAGEM

De carácter fundamentalmente informativo, a reportagem é um género jornalístico baseado no testemunho directo dos factos e situações explicadas em palavras e numa perspectiva actual, em histórias vividas por pessoas, relacionadas com o seu contexto.

Quanto à estrutura, a reportagem é geralmente constituída por título (que pode ser antecedido por um antetítulo e/ou seguido de um subtítulo), um parágrafo inicial destacado graficamente (em que se resume ou apresenta o assunto) e o corpo do texto propriamente dito, em que se integram momentos de **dissertação**, **narração** e **descrição** (e ainda falas das personagens intervenientes). Com a função de ilustrar ou complementar a informação, poderão ainda surgir fotografias.

**Narração**

Os textos jornalísticos de natureza eminentemente informativa nasceram de actos de narrar.

A narração, que é a expressão do movimento, desenvolve-se em torno da intervenção do ser humano nos acontecimentos, surpreendendo-o a praticar a acção ou a sofrer os seus efeitos, a sentir emoções e a explicar-se.

**Descrição**

A descrição caracteriza-se pela imobilidade do respectivo objecto, consiste em reproduzir o local onde se verificou a acção e a aparência exterior de quem a praticou.

Descrever é importante como via para se completar ou precisar uma informação.

Quando envolve uma exagerada cópia de pormenores e se alonga demasiadamente, a descrição quebra o ritmo da narração e torna fastidioso o texto em que se insere.

**Dissertação**

A dissertação consiste na expressão de opinião, mediante uma reflexão prévia. Esta assenta, basicamente, num conjunto de argumentos, contra-argumentos e exemplos.

**FUNCIONAMENTO DA LINGUA****REGÊNCIA VERBAL: COMPLEMENTO INDIRECTO (REGÊNCIA PELA PREPOSIÇÃO A)**

Atenta na frase:

*Os livros não dão dinheiro à Maria.*

O grupo *à Maria* está ligado ao verbo através de uma preposição e pode ser substituído pelo pronome pessoal *lhe / lhes* (*os livros não lhe dão dinheiro*) – *à Maria* desempenha, por isso, a função de complemento indirecto.

O complemento indirecto depende, pois, de um verbo transitivo ao qual se liga directamente por meio de uma preposição. Responde às perguntas: *A quem? De quem? De quê? Para quem?*

**PRÁTICA**

1. Sublinha o complemento indirecto nas seguintes frases.

a. Ontem a criança pediu à mãe que a ajudasse.

b. O professor explicou aquelas regras gramaticais aos alunos.

c. O jornalista fez uma pergunta difícil àquele político no programa de ontem.

d. Ele dedicou a última canção ao seu público.

e. Deste o recado à Luísa.

f. Os filhos obedecem aos pais.

1.1. Reescreve as frases anteriores, substituindo o complemento indirecto pelo pronome pessoal *lhe/lhes*. Segue o exemplo.

*Ontem a criança pediu-lhe que a ajudasse.*

2. Constrói três frases utilizando os verbos *obedecer*, *dar* e *dizer*.

## Texto 3

### Esperança dobrada

Duas novas classes de remédios contra a SIDA deverão reforçar o coquetel que salva vidas

Adriana Dias Lopes



Como a SIDA permanece incurável, a medicina concentra boa parte de seus esforços em torná-la uma doença passível de ser mantida sob controlo. Nos últimos anos, avançou-se muito nesse sentido, mas a batalha contra o HIV ainda esbarra na capacidade de o vírus ganhar resistência aos medicamentos disponíveis. “O HIV adapta-se de uma maneira fenomenal. Ele sempre arranja um jeito de driblar os ataques e infectar o organismo” diz o infectologista Artur Timerman, do Hospital Einstein. Hoje, os doentes já não respondem ao tratamento com os remédios que significaram uma revolução na década passada. Para eles, a maior esperança é a criação de novas drogas. Um grande passo foi dado na semana passada, com a aprovação pela FDA, a agência americana de controlo de remédios, de uma substância chamada *maraviroc*, fabricada pelo laboratório Pfizer. Ela inaugura uma nova classe terapêutica contra o vírus da SIDA.

O ineditismo está no facto de o remédio proteger células de defesa do organismo antes mesmo do ataque do HIV. É como se ele impermeabilizasse o maior alvo do vírus.

Um estudo com 600 voluntários mostrou que, entre os que usaram o remédio, havia o dobro de células de defesa intactas. Os primeiros

a tomar o *maraviroc* serão os pacientes que já experimentaram pelo menos duas combinações diferentes do coquetel de remédios, sem nenhum benefício. A próxima etapa será testar o medicamento em infectados em início de tratamento.

Há ainda um segundo anti-retroviral, também de acção inédita, em fase de análise – *raltegravir*, da Merck Sharp & Dohme. Os estudos com o remédio constataram que, dos quase 500 pacientes submetidos ao tratamento com o *raltegravir*, 75% tiveram a sua carga viral reequilibrada. Esse medicamento deve chegar em breve ao mercado.

No início da epidemia da SIDA, na década de 80, entre o diagnóstico da doença e a fase terminal, transcorriam, em média, cinco meses. A criação do anti-retroviral, há coisa de dez anos, permitiu prolongar a vida dos portadores do HIV por tempo indeterminado. Hoje, o conjunto mais usado é composto de dezassete medicamentos, de quatro classes distintas. É muito provável, de acordo com os médicos, que as duas novas classes de drogas anti-SIDA logo venham a fazer parte desse cardápio farmacêutico.

LOPES, Adriana Dias, in *Veja*, 1.10.2008 (adaptado)

### LER - COMPREENDER

1. Depois de leres o texto, resume o essencial do seu conteúdo.

### ESCREVER

1. Elabora a notícia que deu origem a esta reportagem.

## Texto 4



### SIDA não é só doença de africanos pobres

O porto-riquenho Carlos Cordero, 44 anos, está em Moçambique há um mês. Já fez palestras, concedeu entrevistas e nesta semana esteve num popular programa de TV. Desde então, quando sai às ruas de Maputo é interceptado por pessoas que pedem um abraço, aperto de mão e fotos.

“Você mudou o meu jeito de ver a vida”, disse uma jovem de 28 anos que ligou para Cordero num programa da televisão. Ela tinha acabado de descobrir ser seropositiva e estava em depressão, mas viu nele uma fonte de inspiração para enfrentar a SIDA. Carismático, de voz forte e corpo firme, Cordero não é músico, actor, nem desportista. Ele é um activista a viver com HIV.

A organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF) convidou-o para vir a Moçambique ajudar a diminuir o estigma e incentivar a adesão ao tratamento anti-retroviral. Nesta semana, a sala de reuniões do escritório da MSF em Maputo ficou pequena para acomodar as dezenas de activistas e seropositivos que vieram para um encontro com Cordero.

“Ver que o senhor, um estrangeiro, também tem SIDA é muito diferente para nós. Achávamos que esta era uma doença de moçambicanos, de pobres...”, disse Adriano Pelembe, da Associação de Pessoas Vivendo com HIV/SIDA. Até agora, nenhuma pessoa branca assumiu publicamente que tem HIV em Moçambique. Daí o impacto da presença de Cordero, além da sua simpatia e ar saudável.

Na reunião no MSF, Maria Felicia, do programa de educação sexual para jovens *Geração Biz*, admirou o estado físico do activista. Em resposta, Cordero tirou a camisola que vestia e

mostrou os braços: “Aparento ter HIV? Não. Mas tenho. Por isso não se pode escolher com quem vamos usar preservativo ou não. É preciso usar sempre”. Cordero, que já teve vários efeitos colaterais provocados pelos medicamentos anti-retrovirais, deu a sua receita:

“Para anemia, como muitos vegetais verdes que têm ferro. Para pedra nos rins, tomo mais de dois litros de água por dia. Contra a lipodistrofia (excesso de gorduras em partes específicas do corpo), todo dia, faço 200 abdominais e 60 flexões de braço, mas têm que ser pela manhã, porque se deixo para tarde fico com preguiça e o HIV adora pessoas preguiçosas”, contou.

Cordero é activista contra a SIDA desde 1988, mas apanhou o HIV em 1992.

“Fui estúpido”, disse ao PlusNews.

“Eu tinha todas as informações e caí.”

Na ocasião, ele estava apaixonado e depois de fazer o teste do HIV com a sua namorada, e ambos diagnosticados negativos, eles decidiram deixar de usar camisinha.



Cordero diz que foi fiel, mas depois que terminou o namoro decidiu repetir o teste e viu que estava infectado.

65 “Foi como se estivesse a usar uma rede mosquiteira com um mosquito já dentro”, referiu-se à decisão que tomou com a namorada.

Em tratamento anti-retroviral há 11 anos, Cordero trabalha, além da MSF, com o 70 Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/SIDA e já participou em três documentários no Congo e na Etiópia.

Graduado em Marketing, Cordero está casado há 14 anos com uma uruguaia seronegativa e não tem filhos por “ser egoísta”, segundo 75 ele. “Não quero dar o risco de ninguém contrair um vírus que é só meu”, brinca.

### Seropositivos nas mesas de decisões

O tema central do encontro no MSF foi o 80 activismo. A maioria dos participantes fez referência aos vários problemas dos moçambicanos vivendo com HIV/SIDA: falta de medicamentos, de alimentos, de dinheiro do transporte para ir ao hospital, entre outros.

85 “Pelo menos temos os medicamentos gratuitamente. O governo está a tentar”, confirmou Victória Chembene, da Associação de Pessoas Vivendo com HIV e SIDA – Kindlimuka (Despertar, em língua local, changana).

90 Mas nas respostas de Cordero, em “portunhol” (algumas palavras em português e outras em espanhol), estava a responsabilidade dos seropositivos liderarem a sua própria causa. “Nós temos que estar na mesa de decisões”, 95 disse Cordero.

O activista lembrou que em 1987, quando apareceu o primeiro remédio contra a SIDA, o AZT (Zidovudina), a preços astronómicos, um grupo de nove activistas interrompeu a Bolsa 100 de Valores em Nova Iorque como protesto para exigir a diminuição do preço. No dia seguinte, o preço caiu.

Segundo Cordero, o motor deste episódio foi a vontade de viver daquelas pessoas.

105 “Desde então, tenho um sonho: fazer dos infectados parte da solução e não do problema contra a SIDA.”, comentou.



Em Moçambique existem aproximadamente 1,6 milhões de seropositivos. Cerca de 250 mil precisariam de tratamento anti-retroviral urgentemente, mas pouco mais de 54 mil recebem, já que faltam recursos humanos e infra-estruturas sanitárias, principalmente nos distritos rurais.

115 Cordero disse aos moçambicanos que ele já tomou 21 comprimidos diários. Os que hoje tomam apenas dois têm a obrigação de continuarem o tratamento para não criarem resistência aos remédios.

120 A jovem Alice Muchama contou que, depois de ouvir Cordero na televisão, uma grande amiga sua com SIDA resolveu começar o tratamento.

Cordero ficará em Moçambique ainda um 125 mês. Além de Maputo, irá levar seu dinamismo, a sua maneira de ver e encarar a vida à província de Niassa.

In PlusNews, 20.07.2007 (adaptado)

## LER – COMPREENDER

1. "A organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF) convidou-o para vir a Moçambique ajudar a diminuir o estigma e incentivar a adesão ao tratamento anti-retroviral." (ll. 18-21).
  - 1.1. Clarifica o significado do termo "estigma" no âmbito sanitário.
  - 1.2. Prova, com um extracto textual, a falta de adesão ao tratamento referida na frase.
2. "Cordero é activista contra a SIDA desde 1988, mas apanhou o HIV em 1992." (ll. 54-55).
  - 2.1. Identifica e explica o aparente paradoxo nesta frase.
3. "'Foi como se estivesse a usar uma rede mosquiteira com um mosquito já dentro', referiu-se à decisão que tomou com a sua namorada." (ll. 65-67).
  - 3.1. Explica a fala de Cordero neste enunciado, de acordo com a informação textual.
4. "Mas nas respostas de Cordero, em 'portunhol' (algumas palavras em português e outras em espanhol), estava a responsabilidade dos seropositivos liderarem a sua própria causa." (ll. 90-94).
  - 4.1. "Portunhol" é uma palavra recriada.
    - 4.1.1. Classifica e explica a sua formação.
  - 4.2. Para cada uma das alíneas seguintes, escolhe e justifica a opção correcta.
    - 4.2.1. Está patente no enunciado acima transcrito a seguinte função da linguagem:
      - a. metalinguística;
      - b. fática;
      - c. poética;
      - d. emotiva.
    - 4.2.2. Na expressão "liderarem a sua própria causa", as palavras destacadas sugerem a figura de estilo:
      - a. animismo;
      - b. anáfora;
      - c. aliteração;
      - d. pleonasmo.



## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### APLICA

1. "A organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF) convidou-o para vir a Moçambique ajudar a diminuir o estigma e incentivar a adesão ao tratamento anti-retroviral."
  - 1.1. Classifica morfológicamente as palavras destacadas na frase.
  - 1.2. Analisa sintacticamente a primeira oração.
2. "Cordero é activista contra a SIDA desde 1988, mas apanhou o HIV em 1992."
  - 2.1. Indica a função sintáctica da palavra destacada.
3. "'Foi como se estivesse a usar uma rede mosquiteira com um mosquito já dentro', referiu-se à decisão que tomou com sua namorada".
  - 3.1. Classifica as orações da frase destacada.
  - 3.2. Que tipo de conjugação está presente em "referiu-se"? Justifica.
4. "Cordero disse aos moçambicanos que ele já tomou 21 comprimidos diários. Os que hoje tomam apenas dois têm a obrigação de continuarem o tratamento para não criarem resistência aos remédios."
  - 4.1. Analisa, sintacticamente, as seguintes frases:
    - a. "Cordero disse aos moçambicanos que ele já tomou 21 comprimidos diários."
    - b. "não criarem resistência aos remédios."
  - 4.2. Classifica a oração destacada em 4.

### ESCREVER

1. O texto transmite uma mensagem sobre a SIDA. É urgente evitar que a SIDA vitime mais pessoas. Uma forma de persuasão é através de cartazes.

- 1.1. Produz um cartaz de sensibilização e combate ao HIV/SIDA.

Lembra-te que o cartaz

deve transmitir uma mensagem através do texto escrito e também da representação gráfica.

O texto escrito deve ser curto, utilizando uma frase que incite directamente à acção que se quer que o receptor faça.



# Texto 5

## ALÉM DO HIV

... os portadores do vírus da SIDA têm de enfrentar o colesterol alto, a diabetes e a osteoporose.

Adriana Dias Lopes

Sílvia Almeida, de 43 anos, convive com o HIV desde os 20, quando foi contaminada pelo marido. Em 1997, começou a ser medicada com o anti-SIDA. Ela jamais manifestou algum sintoma da doença, até que, recentemente, durante uma consulta médica de rotina, descobriu que estava com excesso de gordura na corrente sanguínea, um importante factor de risco para os males cardiovasculares. O caso de Sílvia é exemplar de um novo capítulo da história do tratamento da síndrome: o aumento da vulnerabilidade dos portadores do HIV, em tratamento com o anti-SIDA.

Na história da medicina, são raros os registos de uma doença que tenha mudado tanto de características quanto a SIDA. No início da epidemia, na década de 80, a presença do HIV no organismo representava uma sentença de morte quase que imediata. Entre o diagnóstico e a fase terminal, transcorriam, em média, cinco meses. Com a chegada ao mercado do primeiro remédio anti-HIV, o AZT, lançado em 1986, os pacientes passaram a viver cerca de um ano com a doença. Só em meados da década passada, com a criação dos coquetel anti-SIDA, foi possível recuperar a capacidade do sistema imunológico dos infectados pelo vírus. Composto de dezassete medicamentos, de quatro classes distintas, o coquetel permitiu prolongar a vida dos portadores do HIV por tempo indeterminado.

A contrapartida desse sucesso são as doenças metabólicas. Muitas delas se enquadram no grupo das reacções adversas do coquetel. Outras são deflagradas por causa do longo tempo de exposição do organismo ao HIV. Como esse é um campo de investigação médica ainda muito

incipiente, não foram desvendados todos os mecanismos que deflagram o surgimento dos males metabólicos. Já se sabe, contudo, que alguns dos remédios do coquetel dificultam a absorção das moléculas de gordura pelas células. “Como tais medicamentos têm uma estrutura molecular muito parecida com a das enzimas que quebram a gordura, o organismo se confunde e essas enzimas perdem a função. Com isso, sobra gordura na corrente sanguínea”, diz o cardiologista Bruno Caramelli.

Esse é o primeiro passo para o entupimento das artérias. Outros remédios do coquetel podem também dificultar a acção da insulina no organismo, facilitando o aparecimento de diabetes. Há, ainda, o comprometimento da produção de vitamina D, essencial para a construção de um esqueleto forte.

Os estudos mais recentes indicam que, depois de muito tempo no organismo, o HIV danifica a parede dos vasos sanguíneos, deixando-os mais susceptíveis à acumulação de placas de gordura. Uma das primeiras e mais conclusivas pesquisas sobre o assunto foi publicada em 2004 na revista



especializada *Circulation* da Associação Americana do Coração.

Assim como ocorre com a população em geral, em portadores de HIV as doenças metabólicas podem ser revertidas com mudanças no estilo de vida. Sílvia Almeida, por exemplo, não precisou recorrer a medicamentos para baixar os níveis de gordura no sangue. Bastou que ela aderisse a uma dieta saudável e à prática regular de exercícios físicos. Ter uma dieta balanceada, praticar caminhada de quarenta minutos quatro vezes por semana e

abandonar o cigarro compõe uma rotina capaz de, em dois meses, normalizar as taxas de gordura no sangue de 20% dos seropositivos em tratamento com o coquetel. Depois desse período, aos que não conseguiram aderir a um estilo de vida saudável ou não conseguiram atingir a normalidade, foram dados remédios específicos para o controlo de doenças metabólicas. Em cinco meses, todos eles estavam com taxas normais de colesterol e triglicérides.

LOPES, Adriano Dias, in *Veja*, 09.06.2007

## LER - COMPREENDER

1. Faz uma análise do texto, tendo em conta os aspectos de forma (mancha gráfica: secção, títulos, texto) e de conteúdo (tema/assunto).
2. Classifica o texto quanto à sua tipologia.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### APLICA

1. Analisa sintacticamente as seguintes frases.
  - a. Na próxima semana nós vamos ao Bilene.
  - b. Volto sempre da escola cansado.
  - c. Saio de casa às 7 horas e volto às 14 horas.
  - d. Não cheguei a compreender o problema.
  - e. Venho da escola de autocarro.
2. Completa as seguintes frases, acrescentando-lhes um complemento indirecto.
  - a. A professora leu a reportagem \_\_\_\_\_.
  - b. Os meus pais compraram um livro \_\_\_\_\_.
  - c. Eles irão oferecer o cão \_\_\_\_\_.
  - d. Pedi \_\_\_\_\_ que viesse ter comigo à tarde.

## ESCREVER

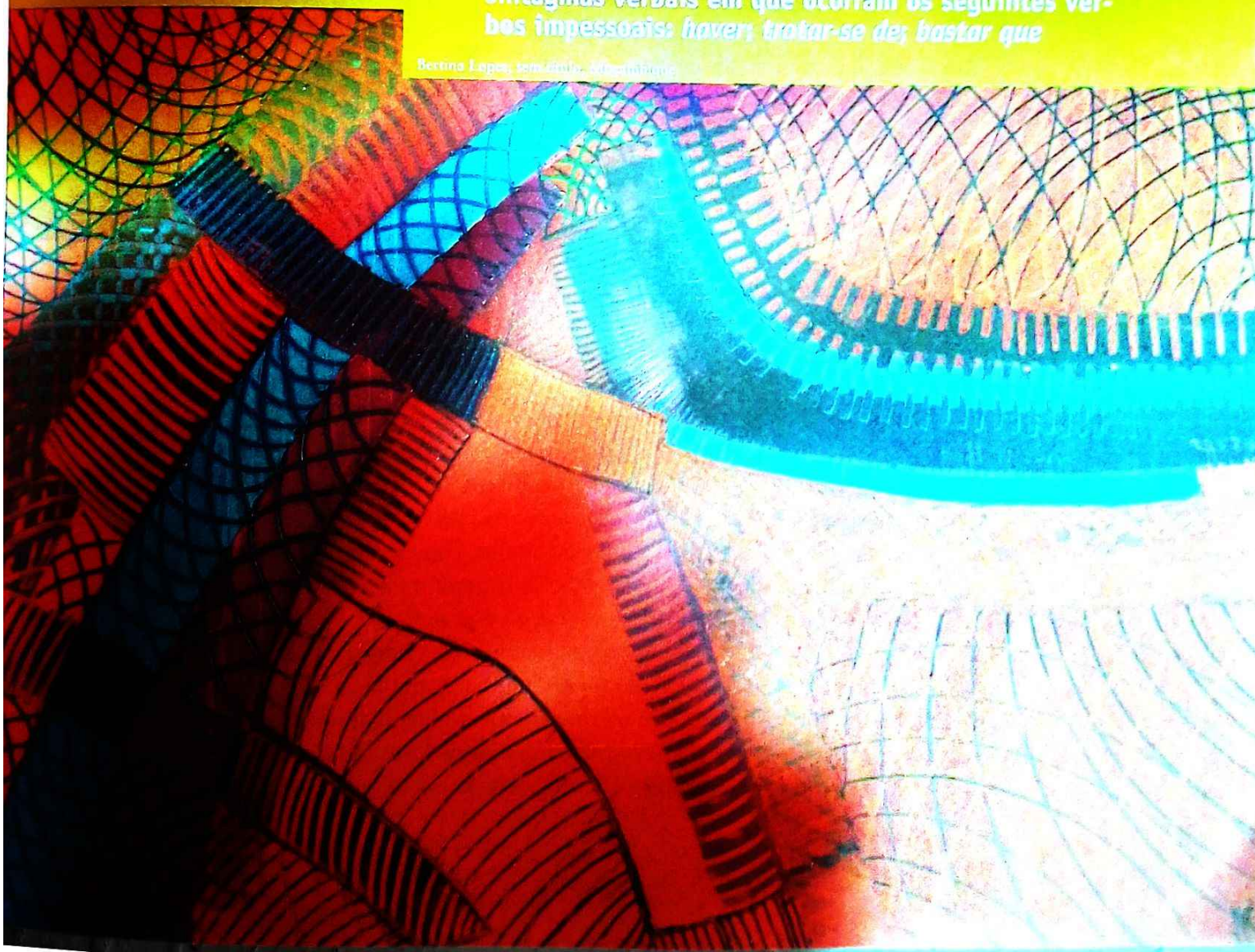
1. Elabora uma reportagem com base num dos seguintes títulos:
  - a. "SIDA: profissionais de saúde recusam tratar infectados"
  - b. "Doentes do HIV discriminados"

# 4 Textos Multiusos

## Objectivos específicos

- Identificar as ideias essenciais e interpretar a mensagem do texto expositivo/explicativo
- Analisar a estrutura do texto expositivo/explicativo
- Usar actos de fala necessários à produção oral ou escrita de textos expositivo/explicativos
- Produzir textos expositivo/explicativos sobre vários temas da actualidade, incluindo os desastres naturais, especialmente os ciclones
- Produzir esquemas usando setas, círculos, rectângulos e outras figuras
- Construir frases: com orações subordinadas sem sujeito exposto; com sujeito posposto ao verbo e sujeito complexo; em que ocorram sintagmas nominais com pronomes relativos com a função de sujeito; com sintagmas verbais em que ocorram os seguintes verbos impessoais: *haver*, *tratar-se de*, *bastar que*

Bertina Lopes, sem título, 2002/2003



# TEXTOS MULTIUSOS

## Texto 1

### A VIAGEM ESPACIAL

#### O COSMOS

O cosmos é tudo o que existe, existiu ou existirá. A mais insignificante contemplação do cosmos emociona-nos – provoca-nos um arrepio, embarga-nos a voz, causa-nos a sensação suave de uma recordação distante. Sabemos que nos

estamos a aproximar do maior de todos os mistérios.

O tamanho e a idade do cosmos ultrapassam a comum compreensão humana. Perdida algures entre a imensidão e a eternidade fica a nossa minúscula casa planetária. Numa perspectiva cósmica, a maioria dos interesses humanos parecem insignificantes, até mesquinhos. E, todavia, a nossa espécie é jovem, curiosa, corajosa e mostra-se prometedora. Nos últimos milénios fizemos as mais surpreendentes e inesperadas descobertas sobre o cosmos e o lugar que nele ocupamos. (...)

Essas explorações exigiram cepticismo e imaginação. A imaginação transporta-nos com frequência a mundos que nunca existiram, mas sem ela não vamos a parte nenhuma. O cepticismo permite-nos distinguir a ficção da realidade e pôr à prova as nossas teorias. O cosmos é duma incomensurável riqueza – na perfeição dos seus elementos, na elegância das suas correlações, na subtileza do seu impressionante mecanismo.

A superfície da Terra é a costa do oceano cósmico. Dela retirámos quase tudo o que sabemos. Recentemente, entrámos na água um pouco mais, o suficiente para molhar os dedos, ou, quando muito, cobrir os artelhos. A água parece convidativa. O oceano chama-nos. Uma parte do nosso ser sabe que é esta a nossa origem. Estamos desejosos de regressar a ela. Estas aspirações não são, penso eu, irreverentes, embora possam perturbar os possíveis deuses.

As dimensões do cosmos são tão grandes que não faria sentido usar o sistema de medida conhecido, em metros ou milhas, escolhido para ser usado na Terra. Em vez disso, medimos as distâncias com a velocidade da luz. Um raio de luz percorre num segundo 186 000 milhas, cerca de 300 000 km, ou



© Shutterstock

35 sete vezes o perímetro da Terra. Em oito minutos percorrerá a distância do Sol  
 à Terra. Podemos dizer que o Sol está a oito minutos-luz de distância. Num ano  
 atravessa cerca de 10 biliões de quilómetros, quase 6 biliões de milhas de espaço  
 intermédio. A essa unidade de comprimento, a distância percorrida pela luz  
 num ano, dá-se o nome de ano-luz. Com ela não se mede o tempo, mas distân-  
 40 cias – distâncias enormes.

A Terra é um lugar. Não é de modo nenhum o único lugar. Nem sequer  
 é um lugar típico, porque o cosmos está, na sua maior parte, vazio. O único  
 lugar típico é dentro do vácuo universal, vazio e frio, a noite eterna do espaço  
 intergaláctico, um lugar tão estranho e desolado que, em comparação, os  
 45 planetas, as estrelas e as galáxias parecem dolorosamente raros e belos. Se  
 fôssemos inseridos ao acaso no cosmos a probabilidade de nos encontrarmos  
 num planeta ou perto dele seria inferior à razão de 1 para mil triliões de triliões  
 ( $10^{33}$ , 1 seguido de 33 zeros). (...) Vivemos (...) como que numa partícula de  
 pó, que gira em torno de uma estrela banal, no canto mais remoto de uma  
 50 galáxia obscura. E, se somos um ponto na imensidão do espaço, ocupamos  
 também um instante no fluir das eras. Sabemos agora que o nosso universo –  
 ou, pelo menos a sua encarnação mais recente, – tem entre 15 e 20 milhões de  
 anos. O tempo decorrido desde a Grande Explosão (*Big Bang*). No início deste  
 universo não havia galáxias, nem estrelas, nem planetas, nem vida, nem civili-  
 55 zações, apenas uma bola de fogo uniforme e radiante que preenchia todo o  
 espaço. A passagem do caos da Grande Explosão para o cosmos que começamos  
 a conhecer é a mais terrível transformação da matéria e da energia que tivemos  
 o privilégio de vislumbrar. E, até que encontremos seres mais inteligentes nou-  
 tras paragens, somos nós a mais espectacular de todas as transformações – os  
 60 descendentes remotos da Grande Explosão, dedicados à compreensão e à  
 posterior transformação do cosmos de que provimos.

SAGAN, Carl, *Cosmos*, 6.ª ed., Gradiva, 2003 (com supressões)

## LER – COMPREENDER

1. "Perdida algures entre a imensidão e a eternidade fica a nossa minúscula casa planetária." (ll. 9-11).
  - 1.1. A que meios recorre o autor para que possamos ter uma ideia da vastidão imensa do universo?
2. "O tamanho e a idade do cosmos ultrapassam a comum compreensão humana." (ll. 8-9).
  - 2.1. A que propósito encontramos no texto este confronto entre a imensidão do universo e as capacidades do Homem?
3. A exploração do cosmos tem sido acompanhada pelo sonho e pela dúvida.
  - 3.1. Explica o papel que cada um desses aspectos desempenha nessa aventura do conhecimento.

4. O que se sabe hoje acerca do universo é apenas uma pequena parte do saber que se deseja.
- 4.1. Transcreve partes do texto que confirmam fazer esta afirmação.
5. Há muito que se prevê a existência de outros planetas habitados, cuja civilização seja talvez superior à nossa.
- 5.1. Parece-te que este texto admite também essa possibilidade? Justifica a tua resposta.
6. A obra de Carl Sagan revela uma singular paixão pelas coisas do Universo e pelo destino cósmico do ser humano.
- 6.1. Transcreve três passagens do texto que traduzem esse envolvimento afectivo.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### APLICA

1. Redige oito frases de modo a que, em cada uma delas, possas utilizar uma das oito palavras que extraímos do texto:
- cepticismo, desolado, correlações, remoto, subtileza, banal, probabilidade, irreverentes*
2. Em cada um dos conjuntos de cinco palavras que a seguir apresentamos, há uma que não lhe pertence. Identifica-a, justificando.
- |                                     |                                  |                                       |                                     |                                   |
|-------------------------------------|----------------------------------|---------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|
| a. <input type="checkbox"/> terra   | <input type="checkbox"/> ar      | <input type="checkbox"/> cosmos       | <input type="checkbox"/> fogo       | <input type="checkbox"/> água     |
| b. <input type="checkbox"/> jovem   | <input type="checkbox"/> criança | <input type="checkbox"/> adulto       | <input type="checkbox"/> amo        | <input type="checkbox"/> ancião   |
| c. <input type="checkbox"/> milénio | <input type="checkbox"/> década  | <input type="checkbox"/> quartel      | <input type="checkbox"/> fortaleza  | <input type="checkbox"/> século   |
| d. <input type="checkbox"/> oceano  | <input type="checkbox"/> lagoa   | <input type="checkbox"/> mar          | <input type="checkbox"/> lago       | <input type="checkbox"/> furna    |
| e. <input type="checkbox"/> metro   | <input type="checkbox"/> pé      | <input type="checkbox"/> espiral      | <input type="checkbox"/> polegada   | <input type="checkbox"/> passo    |
| f. <input type="checkbox"/> milha   | <input type="checkbox"/> nave    | <input type="checkbox"/> légua        | <input type="checkbox"/> quilómetro | <input type="checkbox"/> ano-luz  |
| g. <input type="checkbox"/> frio    | <input type="checkbox"/> gelado  | <input type="checkbox"/> tépido       | <input type="checkbox"/> quente     | <input type="checkbox"/> fútil    |
| h. <input type="checkbox"/> planeta | <input type="checkbox"/> cometa  | <input type="checkbox"/> estrela      | <input type="checkbox"/> sonda      | <input type="checkbox"/> satélite |
| i. <input type="checkbox"/> mil     | <input type="checkbox"/> catorze | <input type="checkbox"/> septuagésimo | <input type="checkbox"/> sessenta   | <input type="checkbox"/> cinco    |

## SABER MAIS

### TEXTO EXPOSITIVO/EXPLICATIVO

No texto expositivo/explicativo fazem-se análises e sínteses com o objectivo de expor e explicar algo.

Tal como os outros tipos de texto, o texto expositivo/explicativo tem uma estrutura própria.

### Sequência expositiva/explicativa

De um livro com uma colecção de experiências, seleccionámos uma experiência para exemplificar os diferentes momentos de um texto expositivo/explicativo:

**Esquematização inicial**  
(Espécie de introdução que expõe o facto a ser explicado.)

**Colocação do problema/questão**  
(Este momento está implícito no texto e corresponde à pergunta: porquê?)

**Explicação ou resposta à questão levantada**

**Conclusão ou avaliação**

Nos Invernos muito frios, quando a temperatura alcança muitos graus centígrados abaixo de zero, não é raro ouvir as canalizações da água a estalar.

Isto sucede porque a água gela dentro dos canos [...] e diferentemente de muitos outros corpos que reduzem de volume com o frio, a água aumenta de volume ao gelar.

Com efeito, até aos 4 graus centígrados, a água contrai-se, mas, se a temperatura continuar a baixar, dilata-se e, com a sua poderosa pressão, pode partir até as canalizações de metal.

Uma maneira de evitar isto é não fechar totalmente as torneiras, de modo a que a água corra e não chegue a gelar.

Equipa Pedagogia Labor, "Laboratório de Experiências",  
in *Gramática Prática de Português – Da Comunicação à Expressão*,  
Lisboa Editora

Muitas vezes, o texto explicativo não apresenta o momento de avaliação e também pode acontecer que uma das fases não surja tão bem explicitada como acontece no caso que apresentámos.

#### Síntese

A sequência expositiva/explicativa articula-se nas seguintes etapas:

- esquematização inicial;
- colocação do problema ou questão;
- explicação ou resposta à questão levantada;
- eventualmente, conclusão.

### PRÁTICA

1. Identifica, no texto "A viagem espacial – O cosmos", uma sequência expositiva/explicativa.

## Texto 2

# POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA

Nos últimos anos, devido ao desenvolvimento industrial, à formação de grandes cidades, à motorização de transportes, etc., a composição do ar foi sofrendo alterações.

5 As substâncias estranhas, que provocam a poluição atmosférica, são os agentes poluentes.

Os principais poluentes são as poeiras e os gases libertados pelos tubos de escapes dos  
10 automóveis, pelos aviões, pelas chaminés das fábricas, das casas, etc.

São ainda agentes poluentes os gases e partículas radioactivas libertados para a atmosfera pelas centrais nucleares e explosões  
15 atómicas.

O próprio Homem e outros seres vivos, durante os fenómenos respiratórios, libertam gases que poluem a atmosfera.

Fenómenos naturais como erupções  
20 vulcânicas, decomposição de seres vivos, etc., também contribuem para a poluição atmosférica.

Os poluentes atmosféricos entram continuamente no organismo do Homem, provocando doenças mais ou menos graves. Estas manifestam-se por: problemas de pele, irritação dos olhos, destruição do esmalte dos dentes, asma,  
25 bronquite, dores de cabeça, lesões pulmonares, cancro, etc.

As vítimas de algumas destas doenças só as sentem quando o mal já é bastante profundo e, portanto, de difícil tratamento.

Os animais e as plantas também não escapam aos perigos da poluição atmosférica.

30 Tem-se notado os seus efeitos no gado bovino, assim como nas abelhas e bichos de seda.

As plantas são também afectadas, verificando-se que as árvores das grandes cidades ou próximas das fábricas são mais pequenas e mais fracas do que as da mesma espécie e da mesma região, mas que vivem em ambientes diferentes, não  
35 sujeitos à poluição.

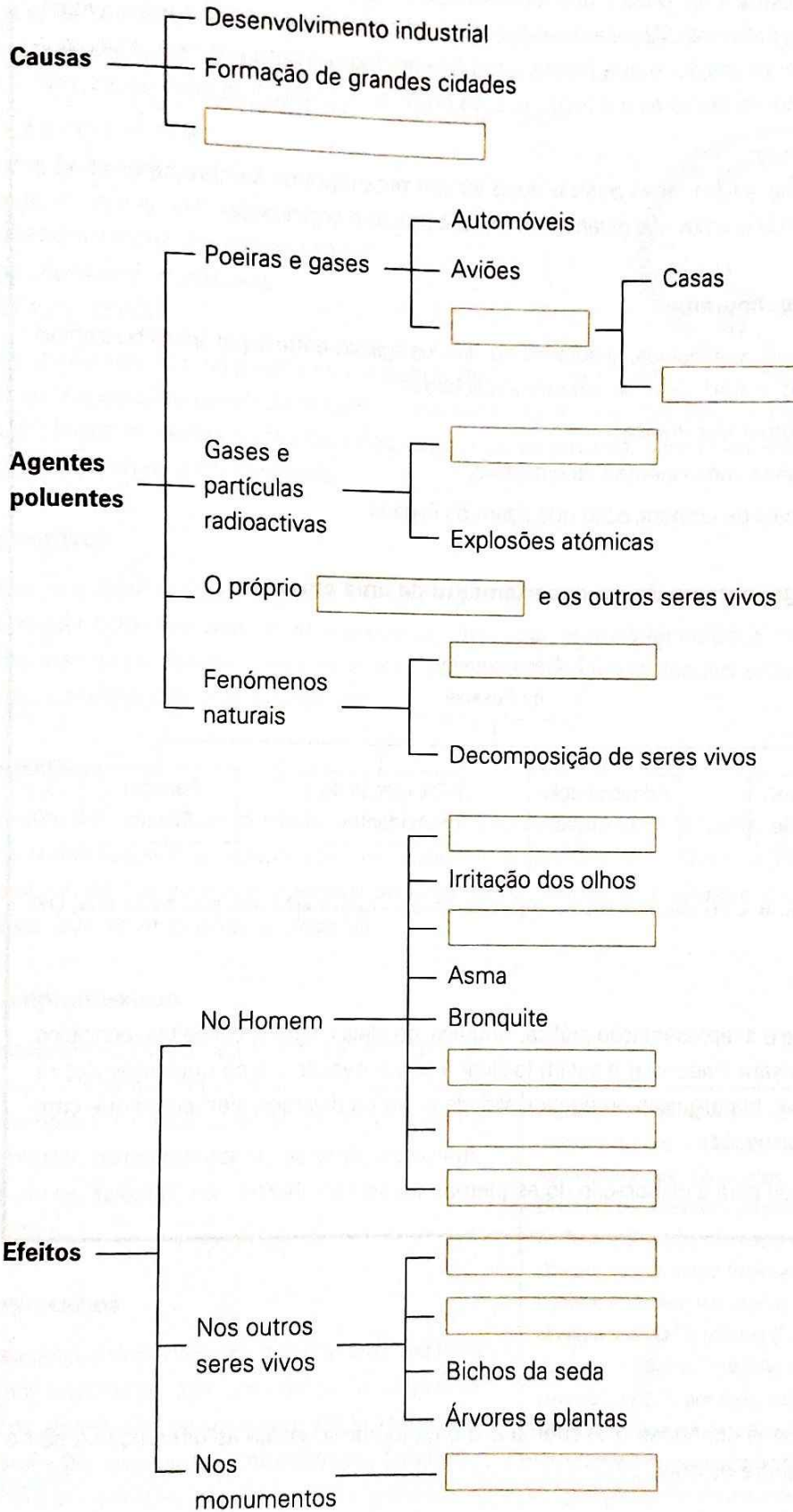
Os monumentos estão também sujeitos à acção da poluição. São atacados por gases tóxicos e ácidos que vão provocando pouco a pouco a sua destruição.

LEITE, C. et al. *À Descoberta da Terra, Ciências da Natureza*, 5.º ano, ASA



**LER - COMPREENDER**

1. Completa o esquema relativo ao texto que acabaste de ler.



## Organograma

Um **organograma** é um gráfico que representa a estrutura formal de uma organização num determinado momento. Apresenta as funções, a hierarquia e a relação que cada membro mantém na organização, o que facilita a tomada de decisão por parte dos gestores, a comunicação entre os sectores e a comunicação entre os sectores e os seus respectivos colaboradores.

Toda e qualquer organização pode e deve ter um organograma sempre bem visível e actualizado, a fim de promover e garantir um maior controlo e organização.

### Estrutura do organograma

É constituído por rectângulos, quadrados ou círculos ligados entre si por linhas horizontais ou verticais em que aparecem claramente explicitados:

- a estrutura hierárquica;
- os órgãos componentes da estrutura;
- os canais de comunicação que ligam os órgãos.

### Exemplo de organograma de um departamento de uma empresa



TEIXEIRA, M. R. e LOUSÃ, A., *A Empresa: Organização e Gestão - Curso complementar*, Porto, Porto Editora, 1993

## Esquema

Um **esquema** é a representação gráfica, sintética, de ideias, factos, conceitos, princípios, processos que visam evidenciar e assim facilitar a compreensão e a comunicação das relações estruturais, hierárquicas ou de causalidade entre os diversos elementos que compõem essas informações.

Não há normas para a elaboração do esquema.

## PRÁTICA

Agora que já conheces o esquema e o organograma, indica as diferenças e semelhanças entre os dois.

## FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

### ACTOS DE FALA

#### Recorda

Um acto de fala não é uma simples frase, remetida apenas ao seu conteúdo linguístico, mas um enunciado, que é determinado pelo contexto em que se realiza.

Assim, na produção de um enunciado há que ter em conta:

- o que se quer dizer;
- o modo como se diz;
- o objectivo a atingir;
- o estatuto social dos interlocutores;
- os seus comportamentos;
- as suas crenças.

Assim, de acordo com os efeitos que a palavra do locutor tem sobre o interlocutor e o modo como o enunciado se relaciona com os interesses de ambos, são assinaladas cinco categorias básicas dos actos de fala ou actos ilocutórios: assertivos, directivos, compromissivos, expressivos e declarativos.

#### Actos assertivos

No acto assertivo, o locutor acredita que aquilo que diz é verdade. Assim, verbos como *afirmar, negar, informar, descrever, concordar, discordar, responder* introduzem actos ilocutórios assertivos. Normalmente os actos assertivos estão presentes em asserções, descrições, constatações, explicações, etc.

#### Actos directivos

Na medida em que pretendem levar o interlocutor a agir de determinada forma, os actos directivos dizem respeito a ordens, pedidos, convites, sugestões, etc.. São directivos os actos decorrentes dos verbos *perguntar, ordenar, pedir, implorar, convidar, permitir, aconselhar, avisar, atrever-se a, desafiar*.

#### Actos compromissivos

São compromissivos os actos em que o locutor se compromete a adoptar determinado comportamento futuro (promessa, ameaça, juramento). Assim, verbos como *prometer, comprometer-se, garantir, assegurar, afiançar, jurar, apostar*, etc. introduzem actos compromissivos.

#### Actos expressivos

São expressivos os actos em que o locutor exprime o seu estado psicológico. São, por exemplo, expressivos os actos de *agradecer, congratular, pedir desculpa, dar boas-vindas, apresentar condolências, felicitar*.



**Nota:** são **declarativos** os actos em que o locutor modifica ou cria a realidade (baptismos, casamentos, nomeações, demissões, condenações, etc.). Ditos por pessoas com autoridade para tal e em determinada situação, são declarativos os actos iniciados por verbos como baptizar ("Eu te baptizo..."), declarar ("Declaro-vos marido e mulher"; "Declaro aberta a sessão."), nomear ("Nomeio-te vice-presidente da empresa."), demitir ("Demito-te por teres sido corrupto."), absolver, condenar ("Condeno o réu a uma pena de dez anos de cadeia.").

## PRÁTICA

1. Identifica os actos de fala presentes nas frases que se seguem.

- a. *A poluição atmosférica afecta todo o mundo.*
- b. *Acabem com a destruição da natureza!*
- c. *Bom dia!*

d. *Parabéns!*

e. *Desculpe o atraso.*

f. *Prometo chegar cedo.*

2. No texto "Poluição Atmosférica" predominam actos de fala assertivos.

2.1: Retira do texto três exemplos deste tipo de actos ilocutórios.

2.2: Explica o motivo do seu predomínio nos textos expositivo/explicativos.

## OUVIR – FALAR

1. A poluição atmosférica é um dos males que contribui para a degradação do meio ambiente. A Terra em que vivemos está em perigo. Todo o mundo está preocupado. Até já foram realizados encontros com todos os países. A última reunião teve lugar em Copenhaga.

1.1. Pesquisa em jornais e na internet informações sobre este assunto. Em seguida, redige um texto expositivo/explicativo curto, com base na informação recolhida.

1.2. Na aula, faz uma exposição oral sobre o tema pesquisado, evitando ler o texto previamente elaborado.



### SABER MAIS

#### EXPOSIÇÃO ORAL

A exposição oral de um tema é o desenvolvimento do seu conteúdo face a um público ouvinte.

Para preparar uma exposição oral há que ter em conta dois aspectos distintos: o conteúdo e a sua transmissão. Assim, para que a exposição oral seja bem sucedida, é necessário preparar previamente o tema e, durante a sua apresentação, activar algumas técnicas específicas de expressão oral.

### 1. Preparar a exposição

A exposição pressupõe uma preparação prévia que implica várias actividades:

- recolha de informação;
- selecção da informação;
- elaboração do plano e escolha das estratégias de apresentação.

Durante a fase de pesquisa, a informação deve ser procurada em vários locais, de acordo com as características do tema a tratar: biblioteca da escola, *internet*, jornais...

É fundamental elaborar um plano pormenorizado e preparar os materiais a utilizar: cartazes, cassetes, livros...

Deve-se ensaiar a exposição em casa e controlar a sua duração, evitando ultrapassar o tempo disponível.

### 2. Fazer a exposição

A realização da exposição inclui as seguintes etapas:

- apresentação clara do tema;
- distribuição do plano, para permitir ao auditório tomar notas;
- apresentação do tema estudado;
- registo das ideias-chave no quadro;
- distribuição de um pequeno resumo da exposição.

### 3. Atitude de quem expõe

Em público, quem expõe deve:

- mostrar interesse por aquilo que diz;
- adaptar-se ao auditório;
- usar um tom firme, embora simpático;
- articular as palavras com clareza e precisão;
- ser fluente na expressão;
- desenvolver o tema de forma ordenada;
- utilizar um registo adequado à situação comunicativa;
- usar um vocabulário rigoroso e variado;
- utilizar as pausas durante o discurso;
- mostrar-se natural e acessível;
- dominar os códigos não verbais (gestos, olhar, postura).

Se bem que qualquer exposição tenha de ser preparada com antecedência, convém prever a técnica de improvisação, de modo a prevenir qualquer bloqueamento, já que uma das finalidades desta técnica é saber exprimir-se oralmente, em público e sem constrangimentos.

## Texto 3

# D A SOLIDÃO

Há muitas pessoas que sofrem do mal da solidão. Quem não sentiu este mal em algum momento da sua vida? Basta que em redor de nós se arme o silêncio, que não se manifeste aos nossos olhos nenhuma presença humana, para que sintamos imensa angústia.

No entanto, tudo é vivo e tudo fala, mesmo que essas vidas e essas vozes não sejam humanas. É preciso aprender a compreendê-las, para esclarecer o nosso próprio mistério.

Quantos fotógrafos e pintores não andam à procura de objectos cujos ângulos e formas revelam aquilo que lhes parece mais capaz de transmitir o que excede os limites físicos desses objectos?

Coloquemo-nos como eles diante do mundo. Amemos o rumor da água que corre, os sons das máquinas, a inquieta voz dos animais, que desejaríamos traduzir.



MEIRELES, Cecília, *Janela Mágica*, 3.ª ed., Editora Moderna (com supressões)

### LER - COMPREENDER

1. Cecília Meireles apresenta sugestões para acabar com um sentimento.
  - 1.1. Identifica o sentimento em causa.
  - 1.2. Indica as sugestões apresentadas pela autora.

### FALAR - ESCREVER

1. A mensagem que o texto nos transmite está relacionada com a necessidade de amarmos o mundo. Para que isso aconteça é necessário que o homem respeite a natureza.
  - 1.1. Constrói cinco frases utilizando os actos de fala que conheces de forma a consciencializar o homem da necessidade de lutar contra a degradação do meio ambiente.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

**APLICA** (CONCORDÂNCIA VERBAL; ORAÇÕES SUBORDINADAS SEM SUJEITO EXPRESSO; SUJEITO POSPOSTO AO VERBO; SUJEITOS COMPLEXOS; PRONOMES RELATIVOS COM A FUNÇÃO DE SUJEITO)

1. Depois de teres sublinhado o sujeito das frases da coluna A, faz corresponder a cada alínea o(s) tipo(s) de sujeito que lhe corresponde(m) na coluna B.

Coluna A
a. <i>Tudo é vivo.</i>
b. <i>Amemos o rumor da água.</i>
c. <i>Ficámos um bocado sem falar.</i>
d. <i>João ali viera, na véspera, lá dormira; e agora voltava para casa.</i>
e. <i>Ele e eu somos colegas.</i>
f. <i>As vozes e os passos aproximam-se.</i>
g. <i>O João e a Ana, que são irmãos, estão atrasados.</i>
h. <i>O João e a Ana, que são irmãos, estão atrasados.</i>
i. <i>Quantos mortos e feridos ocorreram no Haiti...</i>

Coluna B
1. Sujeito simples
2. Sujeito complexo
3. Oração sem sujeito expresso
4. Oração com sujeito posposto ao verbo
5. Pronome relativo com a função de sujeito

2. Relê o **Texto 3** e sublinha os pronomes relativos que aí encontras.
- 2.1. Indica os pronomes relativos com função de sujeito.
3. Transforma as seguintes orações em períodos compostos, empregando os pronomes relativos entre parênteses. Segue o exemplo.

*O último livro de Mia Couto é bom. Estou a ler o último livro de Mia Couto.* (que)  
*Estou a ler o último livro de Mia Couto, que é bom.*

- a. *Maputo é uma cidade linda. Passo a estação seca em Maputo.* (onde)
- b. *Este professor possui muitos conhecimentos. Conversei longamente com este professor.* (quem)
- c. *O trabalho foi concluído com êxito. Todos concorreram para a execução do trabalho.* (cuja)
- d. *Envolvei-me num problema. O problema é muito delicado.* (que)
- e. *Refiro-me a uma pesquisa. A pesquisa foi feita na Beira.* (que)

4. Preenche os espaços com as palavras *à*, *ah* e *há*.
- a. \_\_\_\_\_! Finalmente, acabei de ler o romance de Calane da Silva.
- b. Hoje \_\_\_\_\_ uma sessão de leitura com o escritor Nelson Saúte.
- c. Vamos todos \_\_\_\_\_ biblioteca.
- d. Quando \_\_\_\_\_ actividades na escola, todos os alunos confraternizam.

## O CICLONE

### 1. DEFINIÇÃO E ORIGEM

O ciclone define-se como um sistema tempestuoso caracterizado por um sistema de baixa pressão, por trovoadas e por um núcleo morno que produz ventos fortes e chuvas torrenciais.

Este fenómeno meteorológico forma-se nas regiões tropicais, onde constitui uma parte importante do sistema de circulação atmosférica ao mover calor da região equatorial para as latitudes mais altas. Um ciclone tropical alimenta-se do calor libertado quando o ar húmido sobe e o vapor de água associado se condensa. Os ciclones tropicais são alimentados por formas de libertação de calor diferentes das de outros fenómenos ciclónicos, como os ciclones extra-tropicais, as tempestades de vento europeias.

Estes ciclones são chamados de tropicais porque se formam, quase exclusivamente, em regiões tropicais e também por se originarem de massas de ar tropicais marítimas.

No hemisfério norte, os ciclones tropicais giram em sentido contrário aos ponteiros do relógio e no hemisfério sul, no sentido dos ponteiros do relógio.

### 2. CICLONES TROPICAIS

Os ciclones tropicais produzem ventos fortes e chuvas torrenciais. Estes sistemas também são capazes de gerar ondas fortes e a "maré ciclónica", uma elevação do nível do mar associado ao sistema.

Estes factores secundários podem ser tão devastadores quanto os ventos e as chuvas fortes.

Os ciclones tropicais formam-se sobre grandes massas de água morna e perdem a sua intensidade assim que se movem sobre a terra. Esta é a razão pela qual as regiões costeiras são geralmente as áreas mais afectadas pela passagem de um ciclone tropical, regiões afastadas da costa são geralmente poupadas aos ventos mais fortes. As chuvas torrenciais, no entanto, podem causar inundações costeiras extensivas, podendo chegar a mais de 40 quilómetros da costa.

Muitos ciclones tropicais formam-se quando as condições atmosféricas em volta de uma perturbação fraca na atmosfera são favoráveis. Outros formam-se quando outros tipos de ciclones adquirem características tropicais. Estes sistemas tropicais movem-se por meio de correntes de ar na atmosfera. Quando as condições atmosféricas continuam favoráveis, o ciclone tropical intensifica-se e, geralmente, forma-se no seu núcleo um olho. Por outro lado, quando as condições atmosféricas se tornam desfavoráveis ou o sistema atinge a costa, começa a enfraquecer e dissipa-se.

#### 2.1. ESTRUTURA FÍSICA

Os ciclones tropicais são caracterizados e guiados pela libertação de grandes quantidades de calor de condensação, que ocorre quando o ar húmido é levado para cima e o seu vapor se condensa. Esse calor é distribuído, verticalmente, em torno do centro do ciclone. Desta forma, em qualquer altitude, excepto ao nível do mar onde a temperatura da superfície do mar controla a temperatura ambiente, o interior de um ciclone tropical é mais quente do que as partes externas ou áreas em torno.

#### 2.2. MECÂNICA

Um ciclone tropical assemelha-se a uma máquina térmica gigante guiada pelas forças físicas da Terra – rotação e gravidade.

#### 2.3. PERÍODOS

Mundialmente, a actividade de ciclones tropicais atinge o seu pico no final do Verão, quando a diferença entre a temperatura ambiente e a temperatura da superfície do mar é maior.

## 40 2.4. FACTORES

A formação de ciclones tropicais é o tema de grandes pesquisas em curso e ainda não é totalmente entendida.

Na maior parte das situações é necessário que a temperatura da água esteja, no mínimo, a 26,5° até uma profundidade de 50 metros. As águas a essa temperatura causam instabilidade suficiente na camada da atmosfera, logo acima do nível do mar, para que tempestades e trovoadas se possam formar.

## 2.5. EFEITOS

Ciclones tropicais em mar aberto causam grandes ondas, chuvas e ventos fortes, perturbando a navegação internacional e, às vezes, provocando naufrágios. Em terra, ventos fortes podem danificar ou destruir veículos, edifícios, culturas...

50 Nos dois últimos séculos, os ciclones tropicais têm sido responsáveis por cerca de 1,9 milhões de mortes em todo o mundo. Grandes áreas de águas estagnadas provocadas pelas inundações provocam infecções e doenças como a malária.

In <http://saber.sapo.pt>, consultado a 07.05.2010 (adaptado e com supressões)

**SABER MAIS****DESASTRES NATURAIS**

Um desastre natural é uma catástrofe que ocorre quando um evento físico perigoso (tal como uma erupção vulcânica, um terramoto, um desabamento, um furacão...) faz danos extensivos à propriedade e/ou um grande número de vítimas. Portanto, em áreas onde não há nenhum interesse humano, os fenómenos naturais não resultam em desastres naturais.

A extensão dos danos à propriedade ou do número de vítimas que resulta de um desastre natural depende da capacidade da população em resistir ao desastre (Bankoff *et al.*, 2004). Esta compreensão é cristalizada neste pensamento: os "desastres ocorrem quando os perigos se encontram com a vulnerabilidade" (Blaikie, 1994).

Em 2000, as Nações Unidas lançaram a *Estratégia Internacional para a Redução de Desastres* (ISDR) para dirigir-se às causas subjacentes da vulnerabilidade e para construir comunidades resistentes a desastres promovendo o aumento na consciência das pessoas para a importância da redução de desastres, com o objectivo de reduzir as perdas humanas, sociais, económicas e ambientais devido aos perigos de todos os tipos (UN/ISDR, 2000).

*Desastres Naturais*, [http://pt.wikipedia.org/wiki/Desastres\\_naturais](http://pt.wikipedia.org/wiki/Desastres_naturais), consultado a 07.05.2010 (com supressões)

**LER - COMPREENDER**

1. Justifica as seguintes afirmações:

- Os textos "O ciclone" e "Desastres naturais" classificam-se como textos expositivos/explicativos.
- Os textos expositivos/explicativos são textos multiusos.
- Os textos expositivos/explicativos caracterizam-se por um tipo de linguagem específico.

2. Retira do texto "O ciclone":
  - a. um segmento de exposição;
  - b. um segmento de explicação.
3. Elabora um esquema do texto "O ciclone", servindo-te dos conhecimentos anteriormente adquiridos.
4. Elabora três perguntas sobre o texto "Desastres naturais".

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos impessoais são verbos que não têm sujeito e que se usam apenas na terceira pessoa do singular. Trata-se:

- de verbos que exprimem **fenómenos da natureza**:

<i>alvorecer</i>	<i>chover</i>	<i>nevar</i>
<i>amanhecer</i>	<i>chuviscar</i>	<i>relampejar</i>
<i>anoitecer</i>	<i>ventar</i>	<i>trovejar</i>

- do verbo **haver** na acepção de existir:

*Há muitos anos que não vinha a esta terra.*

- do verbo **fazer**, indicando tempo decorrido:

*Faz três meses que não falo com ele.*

- das expressões **tratar-se de**, **bastar que**:

*Basta que tragas um caderno.*

## PRÁTICA

1. Completa as frases com os verbos *haver*, *tratar-se de* e *bastar que*.
  - a. Na sala \_\_\_\_\_ carteiras para todos os alunos.
  - b. \_\_\_\_\_ de assuntos importantes para a comunidade escolar.
  - c. \_\_\_\_\_ que eles digam para nós cumprirmos.
  - d. No Haiti \_\_\_\_\_ muitos feriados.
  - e. \_\_\_\_\_ de fenómenos que afectam essa zona.
2. Produz um pequeno texto sobre a catástrofe que abalou o Haiti, em Janeiro de 2010, aplicando:
  - orações subordinadas sem sujeito expresso;
  - orações com sujeito depois do verbo;
  - orações com sujeito complexo;
  - pronomes relativos com a função de sujeito.

# 5 Textos Literários

## Objectivos específicos

- Identificar as diferentes acepções do termo literatura
- Distinguir a oratura da literatura
- Apresentar a função da oratura na sociedade moçambicana
- Distinguir a função poética das outras funções da linguagem
- Recontar, oralmente e por escrito, textos da literatura oral
- Interpretar textos narrativos da oratura moçambicana
- Caracterizar a estrutura dos textos
- Elaborar frases complexas com advérbios de tempo
- Aplicar em textos da sua autoria a interrogação, a hipérbole, a elipse e o pleonasma
- Produzir textos narrativos (lendas, fábulas, mitos, contos tradicionais), com valores culturais moçambicanos

Oficina de Artesãos, Praia de Wimbe, Pemba, Cabo Delgado, Moçambique



# TEXTOS LITERÁRIOS

## Texto 1

Lê, com atenção, o texto.

### O POETA

Trabalha agora na importação e exportação.  
Importa metáforas, exporta alegorias. Podia ser um  
trabalhador por conta própria, um desses que preenche  
cadernos de folha azul com números de deve e haver. De  
5 facto, o que deve são palavras; e o que tem é esse vazio de  
frases que lhe acontece quando se encosta ao vidro, no  
Inverno, e a chuva cai do outro lado. Então, pensa que  
poderia importar o sol e exportar as nuvens. Poderia ser  
um trabalhador do tempo. Mas, de certo modo, a sua prática confunde-se com  
10 a de um escultor do movimento. Fere com a pedra do instante, o que passa a  
caminho da eternidade; suspende o gesto que sonha o céu; e fixa, na dureza da  
noite, o bater de asas, o azul, a sábia interrupção da morte.

JÚDICE, Nuno, *Poesia reunida 1967-2000*, Assírio & Alvim Editores

### LER – COMPREENDER

1. No texto o poeta é apresentado como um trabalhador.
  - 1.1. Indica o seu objecto de trabalho.
2. Explica a expressão “poderia importar o sol e exportar as nuvens” (ll. 7-8).
3. A prática do poeta é-nos apresentada como a de um “escultor do movimento” (l. 10).
  - 3.1. Identifica a figura de estilo presente na expressão.
  - 3.2. Apresenta o seu valor expressivo.
  - 3.3. Transcreve os verbos que caracterizam esta prática do poeta.

## Texto 2

No texto de Nuno Júdice, o poeta é apresentado como um “fazedor” de beleza, de arte, realizada através da palavra. Numa expressão, como um criador de literatura.

Ainda que o conceito de “literatura” seja relativamente recente, importa conhecer a sua história e o que pensam os outros. Lê, para isso, os dois textos seguintes.

## Texto A

(...) Por certas razões que seria descabido expor aqui, eu considero a literatura como a única verdadeira arte, e as outras “artes” todas como o resultado de sensibilidades incompletas: a pintura, a escultura, a arquitectura, por exemplo, como produtos de um incompleto desenvolvimento mental, em que as qualidades de visualização não estão subordinadas ao domínio da inteligência, de modo que não funcionam, como deve toda a sensibilidade para ter um perfeito e humano equilíbrio, através da inteligência, mas independentemente dela, e com outras formas de expressão que são as coadas através da ideia.

Por isso não admito que fora da literatura haja realmente arte; tenho as outras artes por representativas de um nível humano inferior ao actual, mas tenho-as por imorredouras, porque haverá sempre gente que mais se satisfaça com essas sub-artes que com a, essencialmente aristocrática e difícil, arte literária. Para a plebe da sensibilidade existem as artes vitais – a dança, o canto e a representação teatral. Para a burguesia da sensibilidade existem as artes como a pintura, a escultura, a arquitectura, e, um pouco menos e intermédia, a música. Para a aristocracia da sensibilidade, existe apenas uma arte: a literatura, resumo de todas, transcendentalizando-se através da ideia.

PESSOA, Fernando, “Esboço duma resposta a um inquérito organizado por Eurico de Seabra, em 31 de Abril de 1916”, in *Fernando Pessoa – Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho, Lisboa, Ática (com supressões)

## Texto B

# HISTÓRIA SEMÁNTICA DO TERMO “LITERATURA”



O termo literatura deriva historicamente, por via erudita, da palavra latina *litteratura*.

Nas principais línguas europeias, as palavras derivadas, por via erudita, de *litteratura* entraram, sob formas muito semelhantes – castelhano: *literatura*; francês: *littérature*; italiano: *letteratura*; inglês: *literature* – na segunda metade do séc. XV, sendo um pouco mais tardio, o seu aparecimento na língua alemã (séc. XVI) e na língua russa (séc. XVII). Na língua portuguesa, encontramos documentado o termo *litteratura* num texto datado de 21 de Março de 1510.

O termo complexo *litteratura* significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução e erudição.

Nas diversas línguas europeias, até ao séc. XVIII, o conteúdo semântico de *litteratura* foi substancialmente idêntico ao seu étimo latino, designando *litteratura*, em regra, o saber e a ciência em geral.

Anteriormente à segunda metade do séc. XVIII, são utilizadas palavras como poesia, eloquência, verso, prosa, etc.

Na segunda metade do séc. XVIII, o conceito literatura apresenta uma profunda evolução semântica, em estreita conexão com as transformações da cultura europeia nesse período histórico. Subsistem no seu uso, por força da tradição linguística e cultural, os significados já mencionados, mas manifestam-se também, em correlação com aquelas transformações, novos conteúdos semânticos, que divergem dos anteriormente vigentes e que divergem também entre si.



Voltaire caracteriza a literatura como forma particular de conhecimento, mas não como uma arte específica.

O conhecimento representado pela literatura, quando diz respeito a objectos caracterizados pela beleza, como a poesia, a eloquência, “a história bem escrita”, toma o nome de *belle littérature*, não cabendo tal como designação, porém, à simples crítica, à cronologia, etc. já que tais actividades, bem como os escritos dela resultantes, carecem de beleza. Se a denominação de *belle littérature* implica, por conseguinte, a existência de valores estéticos, a simples denominação de literatura implica relação com as letras, com a arte da expressão através da linguagem verbal e, por isso mesmo, Voltaire não considera como pertencentes à literatura aquelas obras que se ocupam da pintura, da arquitectura ou da música.

Num texto de Diderot, escrito em 1751, literatura é considerada uma arte também um conjunto das manifestações dessa arte, isto é, um conjunto de textos que se singulariza pela presença de determinados valores estéticos.

Este texto de Diderot documenta, pois, dois novos e importantes significados com que o termo literatura será crescentemente utilizado a partir da segunda metade do séc. XVIII: específico fenómeno estético, específica forma de produção, de expressão e de comunicação artística. Passou compreensivelmente o termo literatura a significar também o conjunto de produção literária de um determinado país, tornando-se óbvias as implicações filosóficas – políticas de tal conceito de “literatura nacional”: cada país possuiria uma literatura com caracteres próprios, uma literatura que seria expressão do espírito nacional e que constituiria, por conseguinte, um dos factores relevantes a ter em conta para se definir a natureza peculiar de cada nação. Designações como literatura alemã, literatura francesa, italiana, etc., foram-se tornando de uso frequente e a partir das últimas três décadas do séc. XVIII.

Eis as linhas fundamentais da evolução semântica da palavra literatura até ao limiar do romantismo. Tal evolução, porém, não se quedou aí, mas prosseguiu ao longo dos sécs. XIX e XX. Vejamos, em rápido esboço, as mais relevantes acepções adquiridas pelo termo nesse período de tempo:

- 60 a) Conjunto de obras que se particularizam e ganham feição especial quer pela sua origem, quer pela sua temática ou pela sua intenção: literatura feminina, literatura revolucionária, literatura de terror, literatura de evasão, etc.

b) Conjunto da produção literária de uma época – literatura do séc. XVIII, literatura vitoriana, etc., – ou de uma região; pense-se na famosa distinção de Mme de Staël entre “literatura do norte” e “literatura do sul”, etc. Trata-se de uma particularização de sentido que a palavra apresenta.

c) Bibliografia existente acerca de um determinado assunto. Este sentido é próprio da língua alemã, donde transitou para outras línguas.

d) Retórica, expressão artificial. Este significado depreciativo da palavra data do último quartel do séc. XIX e é de origem francesa. A desvalorização do conceito de literatura conduz logicamente ao conceito de antiliteratura, ou seja, conduz à teoria e à prática de uma escrita que pretende corroer e destruir as convenções, as normas e os valores socioculturalmente aceites como característicos da literatura.

e) Por elipse, emprega-se simplesmente literatura em vez de história da literatura.

f) Por metonímia, literatura significa também manual da história da literatura.

g) Literatura pode significar ainda conhecimento sistematizado, científico, do fenómeno literário. Trata-se de um significado caracteristicamente universitário do termo e ocorre em designação como literatura comparada, literatura geral, etc.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina (adaptado)

## LER – COMPREENDER

1. Atenta no texto A.

1.1. Tendo em conta o conteúdo do texto, preenche o esquema.



2. Centra agora a tua atenção no texto B.

2.1. Identifica o assunto abordado no texto.

2.2. A sequência das informações do texto obedece a um critério temporal.

2.2.1. Faz o levantamento dos conectores temporais.

2.3. Da leitura do texto se conclui que a literatura é a arte da expressão verbal artística.

2.3.1. Era esse o conceito defendido por Voltaire? E por Diderot?

2.4. O texto B é expositivo/explicativo.

2.4.1. Caracteriza e exemplifica a linguagem utilizada quanto a:

- tempos e modos verbais empregados;
- vocabulário utilizado;
- função da linguagem predominante.

2.5. Elabora a ficha de leitura sobre as diferentes acepções do termo *literatura*, preenchendo o quadro a seguir.

Evolução semântica do termo <i>literatura</i>	
Datas	Significados
Até à primeira metade do séc. XVIII	
A partir da segunda metade do séc. XVIII	

### SABER MAIS

#### FUNÇÕES DA LINGUAGEM

*Há palavras alegres e há palavras tristes. E essa tristeza ou essa alegria umas vezes está nelas, outras no modo de as dizer.*

(Sebastião da Gama)

Daqui se conclui que, quando nos exprimimos, temos em mente uma intenção;

- essa intenção é expressa pelo modo como combinamos as palavras e as frases;
- as possibilidades que elas nos oferecem implicam determinadas **funções da linguagem**.

É evidente que a linguagem apresenta diversas funções e raramente sucede que num contexto haja apenas uma única função. Há, sim, o domínio de umas sobre as outras.

Na **função informativa** ou **referencial** comunicam-se pensamentos, expressam-se realidades e transmitem-se informações.

Exemplo:

*Meu pai montava a cavalo, ia para o campo. / Minha mãe ficava sentada cosendo. / Meu irmão pequeno dormia. / Eu sozinho menino entre mangueiras / lia a história de Robinson Crusóé, / comprida história que não acaba mais.*

(Drummond de Andrade)

Na **função apelativa** ou **imperativa** chama-se a atenção de alguém, apelando ou ordenando; procura-se criar no receptor tonalidades afectivas que ele próprio não sente e pretende-se influenciá-lo ou obrigá-lo a agir de determinado modo.

Exemplo:

*Quero um cavalo de várias cores. / Quero-o depressa, que vou partir. / Esperam-me prados com tantas flores. / Que só cavalos de várias cores / Podem servir.*

(Reinaldo Ferreira)

Na **função emotiva** ou **expressiva** expressam-se sentimentos ou emoções.

Exemplo:

*(No Verão, em que lidavas?) / Responde a outra: Eu cantava noite e dia, a toda a hora. / Ah! Bravo! (torna a formiga) / – Cantavas? Pois dança agora.*

(Bocage)

Na função poética ou estética a linguagem é utilizada com a finalidade de criar uma obra esteticamente bela e de construir uma realidade perfeita através de processos linguísticos.

Exemplo:

*O pardalzinho nasceu livre. / Quebraram-lhe a asa. / Sacha lhe deu uma casa, / água, comida e carinhos. / Foram cuidados em vão; / a casa era uma prisão. / O pardalzinho morreu. / O corpo, Sacha enterrou / no jardim; a alma, essa voou / para o céu dos passarinhos!*

(Manuel Bandeira)

Na função fática pretende-se captar a atenção do receptor ou assegurar que essa atenção não se perca.

Exemplo:

- Sim...?
- Olá?... Então?...
- Então o quê?...
- É o João Carlos.
- Quem?

Na função metalinguística pretende-se explicar palavras/conceitos utilizando uma linguagem mais simples.

Exemplo:

*Estética (do grego "aisthetiké") s.f. Ciência que trata do belo em geral e do sentimento que ele em nós desperta.*

## APLICA

1. Identifica a função dominante em cada um dos seguintes textos.

- a. "Não deite papéis no chão."
- b. "Maputo não é só a cidade das acácias, mas, também dos pardais, que são os pássaros mais feios e mais inteligentes da criação. Não gostam de florestas – gostam de telhados."
- c. "Era uma vez um homem. Jovem e talvez feliz. Vivia numa casa modesta. À sua porta tinha flores – rosas bravas da cor da manhã e violetas rasteiras da cor da noite. Poucas árvores de fruto. Para além de tudo isto, este homem possuía outra riqueza. Para além de tudo isto e dos seus sonhos. Uma pomba..." (Matilde Rosa Araújo)
- d. "Sentia-se cada vez pior. Tinha-se despedido já de todos. Nada mais lhe restava sobre a Terra senão morrer calmo e digno. É claro que escusava de sonhar com um enterro bonito... dentro dum caixão de galões amarelos, acompanhado pelo povo em peso... Isso era para gente rica ou pobre. Ele, o Falsca, teria apenas uma triste cova no quintal, debaixo da figueira, o cemitério dos cães e dos gatos da casa." (Miguel Torga)
- e. "Felicidades e muito amor é o que te desejamos pela colheita de mais uma rosa no jardim da Primavera." Mensagem de parabéns extraída do jornal *Savana*, 09.02.2001
- f. "A Leitura / Não te deixes enrolar! / És tu quem tem de pagar... / Põe o dedo em cada letra. / Pergunta: '– Por que está aqui?'" (Alexandre O'Neill)

## Texto 3

Lê com atenção os dois textos abaixo transcritos.

### Texto A

## A RÃ E O TOURO

Andava um grande Touro passeando ao longo da água, e vendo-o a Rã tão grande, tocada de inveja, começou de comer, e inchar-se com vento, e perguntava às outras se era já tão grande. Responderam elas que não. Torna a Rã segunda vez, e põe mais força por inchar; e desenganada do muito que lhe faltava para igualar o Touro, terceira vez inchou tão rijamente, que veio a arrebentar com cobiça de ser grande.



BRAGA, Teófilo, "Fábulas de Esopo" *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. II, Dom Quixote

### Texto B

## DIA DE FESTA

Um dia o leão mandou avisar todos os animais que a partir daquele dia ninguém mais poderia comer mangas nos seus domínios, a não ser ele próprio, porque era o rei: "Reservo-me o direito de ser o único a comer mangas, porque sou o Rei".

5 O coelho não gostou da atitude do rei e resolveu pregar-lhe uma partida. Fingindo-se muito aflito aproximou-se do cercado que rodeava a casa do rei e começou a gritar: "Acudam, acudam, acudam...". Vieram os guardas e perguntaram: "O que fazes aí, tu coelho? Não vês que estás a perturbar o sono do rei?" O coelho respondeu: "Tenho uma coisa muito grave a comunicar ao rei se ele me quiser ouvir." Os guardas riram-se: "Claro que o rei não há-de querer ver-te, vai-te embora, desaparece e não tornes a perturbar-nos mais." O coelho insistiu: "Nesse caso peço-vos que me amarreis com todas as forças contra esta árvore, porque vem aí uma grande tempestade que não vai deixar uma só agu-  
lha... Vai carregar tudo, peço-vos, amarra-me a esta árvore."

15 Os guardas correram a comunicar ao rei o que o coelho acabara de dizer. O rei veio e perguntou: "É verdade o que dizes?" O coelho respondeu: "Se não for verdade manda-me extrair os olhos e cortar a minha língua." O leão ficou convencido e mandou que o amarrassem, a ele primeiro, à mais robusta árvore. Os guardas, por sua vez, pediam uns aos outros para se amarrarem mutua-  
20 mente. O coelho fingia estar aflito e perguntava: "E a mim quem me amarra, e

a mim quem me amarra?” “Cala-te, bicho insignificante”, respondiam os guardas. O último guarda ordenou que o coelho o amarrasse também. Este assim fez fingindo  
 25 ter um grande respeito pelas ordens.

Logo que os apanhou a todos bem atados, o coelho foi-se às mangas e comeu quantas quis. Só então é que o rei compreendeu a esperteza do animalzinho e  
 30 jurou vingar-se.

Um dia o rei leão fez uma festa grande e convidou todos os animais, na esperança de apanhar o coelho. Este, porém, foi ter com o peru e pediu-lhe as penas, foi ter com o faisão e pediu-lhe o carapuço que enfiou na cabeça. Chegou a casa do leão e entrou sem que os  
 35 guardas desconfiassem.

O leão perguntou: “E tu quem és?”

“Sou o filho do Céu e da Terra.” Respondeu o coelho. O leão sentiu-se muito honrado com a presença do filho do Céu e da Terra e determinou que as maiores atenções lhe fossem dadas.

40 No fim da festa, deram-lhe a melhor cama na casa da mulher grande. O coelho foi dormir e como estava embriagado, ao deitar-se, adormeceu logo e o carapuço caiu-lhe. Quem o viu e reconheceu foi a mulher do leão. Foi logo avisar o marido que mandou cercar a casa com muitos guardas e cães.

O coelho viu que tinha poucas hipóteses de poder escapar. Arranjou muitos ossos, meteu-os num saco e saltou da janela, logo perseguido pelos cães.  
 45 O coelho foi atirando os ossos e os cães foram ficando pelo caminho a roer os ossos. Mas um dos cães não fez caso dos ossos e continuou a perseguir o coelho. Este já não tinha forças para fugir do corpulento cão que o perseguia, refugiou-se num buraco. O cão meteu uma mão e apanhou-o pela perna.

50 “Olha, olha este parvalhão” escarneceu o coelho: “Agarra uma raiz e pensa que me apanhou.” O cão largou a perna.

*Cantos Moçambicanos do Vale do Zambeze, recolha de ROSÁRIO, Lourenço do, Maputo, Moçambique Editora, 2001*



## LER - COMPREENDER

1. Os dois textos que acabaste de ler são narrativas da literatura oral.
  - 1.1. Identifica os géneros a que pertencem. Justifica a tua resposta.
2. Foca a tua atenção no texto A.
  - 2.1. Identifica a principal mensagem que o texto pretende transmitir.
  - 2.2. Indica as razões que poderão ter levado Esopo a escolher a Rã e o Touro como personagens.
3. Atenta agora no texto B.
  - 3.1. Identifica o ensinamento que dele podemos retirar.
  - 3.2. Divide o texto em sequências e caracteriza cada uma delas.
  - 3.3. Reconta oralmente o texto.

**SABER MAIS****LITERATURA ORAL (OU ORATURA)****1. Características da literatura oral em Moçambique**

De acordo com Fernanda Cavacas (*O Texto Literário e o Ensino da Língua em Moçambique*, Coleção Sete, Lisboa, 1994), no caso de Moçambique e de muitas outras sociedades africanas, a oratura ou literatura oral "constitui ainda hoje uma forma estética que proporciona a apreensão da realidade a uma grande percentagem de moçambicanos que não têm acesso à escrita. E esse conhecimento, veiculado pela palavra falada, não tem estatuto de menoridade face à escrita. Nas comunidades africanas o conhecimento (das origens e da prática secularmente vivida) é cuidadosamente guardado na memória colectiva e cada um dos elementos de uma comunidade é, alternadamente, ouvinte, narrador, transmissor e recreador dos conhecimentos, da cultura e da história da sua comunidade. E tudo se vai transmitindo aos mais novos, através de um património cultural assente em cantos, danças, poesia, contos, provérbios e adivinhas.

A oratura constitui a expressão de uma sociedade gregária não alfabetizada que encontra na convivência e na palavra um prazer lúdico, a comunicação didáctica e o gosto de viver". Já todos ouviram ou viram um grupo num momento de um convívio cantar ou contar histórias, num lugar e num tempo apropriados (à noite por exemplo). O narrador e o auditório formam um todo e neles se manifestam emoções, reflexões, "que ora se ficam em agitação interior, ora se exteriorizam por meio de gestos, exclamações, risos, comentários".

Na oratura é a expressão dramática que dá vida plena à palavra e que dá corpo aos sentimentos e às emoções. Os gestos, a música, a expressão fisionómica, o silêncio, envolvem ininterruptamente a palavra falada. Quando uma palavra hesita, ou se suspende, o discurso não se detém necessariamente.

Assim se caracteriza, de um modo geral, a oratura em Moçambique.

O surgimento em Moçambique de uma literatura escrita (em língua portuguesa) com carácter sistemático ocorre nos finais dos anos 20.

**2. Alguns géneros da literatura oral e suas funções**

Os contos tradicionais, as lendas, os mitos, as fábulas, os provérbios populares, as adivinhas, as anedotas da tradição oral, as narrativas históricas, as poesias, as cantigas, as canções, os cânticos, os enigmas, etc., pertencem à literatura oral.

**2.1. O conto tradicional**

Destaquemos, em primeiro lugar, as características principais do conto tradicional.

O conto tradicional (ou popular) é uma narrativa breve, concentrada numa só situação e com um reduzido número de personagens.

O tempo e o espaço são indeterminados.

Os temas são variados: a mulher (teimosa, desmazelada, gulosa, etc.), a infidelidade, a fidelidade, o engano, o homem dominado pela mulher, a superstição, a feitiçaria, a magia, a crença no destino, etc.

No que respeita às personagens, encontra-se uma imensa galeria de personagens astuciosas, engenhosas, irreverentes e maliciosas, que se servem de ardis bem imaginados, de manhas e de espertezas para atingirem os seus objectivos.

Nos contos em geral, está presente a finalidade moral, política, social ou apenas de distração.

Os contos são o reservatório dos valores culturais de uma comunidade, constituindo o veículo fundamental de transmissão de valores educacionais, sociais, político-religiosos, económicos e culturais.

É através dessas narrativas que se veiculam as regras e as interdições que determinam o bom funcionamento da comunidade e previnem as transgressões. São, ainda, um importante meio de transmissão de conhecimentos que passam de geração para geração.

Para Henri Junod (*Usos e costumes dos Bantu*, Tomo II, Maputo, Arquivo Histórico de Moçambique, 1996), provavelmente os contos existem desde épocas remotas da vida humana. São narrativas facilmente reconhecíveis; trata-se de histórias simples, curtas, que apresentam personagens "tipo", vivendo situações "tipo".

Em todos os grupos de Moçambique, "ainda predominantemente orais, o conto é um meio poderoso de transmissão de informação. Mas, mais do que isso o conto integra a realidade actual, ironiza, critica, analisa situações e conflitos vividos pelas pessoas".

Segundo Junod, os contos orais podem organizar-se através de ciclos temáticos.

"Os contos rongas, por exemplo, são variados e podem ser classificados da seguinte forma:

1.º Contos de animais. Nestas histórias o coelho, a tartaruga e a pequena rola fazem divertidas partidas aos animais grandes, como o elefante, o leão, o hipopótamo, e mesmo ao homem, levando vantagem a todos, graças à astúcia.

2.º Contos em que os pequenos vencem inimigos poderosos. Nestes contos os seres humanos, crianças, miseráveis, triunfam dos mais velhos que eles, ou daqueles que os odeiam.

3.º Contos dos ogres, onde se celebra a sabedoria das criaturas fracas sobre esses monstros horríveis e cruéis.

4.º Contos morais, que têm, evidentemente, por fim dar uma lição moral. A intenção moralizadora pode ser inconsciente, mas nem por isso a conclusão é menos moral, pois mostra que as más acções ou os maus caracteres encontram justa punição.

5.º Contos baseados em factos reais sucedidos em qualquer parte e conservados na memória da comunidade. Estes contos não diferem dos contos vulgares na medida em que são contados para o entretenimento. Não devem, no entanto, ser confundidos com as lendas ou com as narrativas históricas."

#### Em síntese

Independentemente da tipologia e da estrutura do conto, os contos veiculam a criação literária. Um conto pode ser utilizado para ilustrar um ensinamento, criticar uma instituição ou divertir o auditório, mas sempre contendo um ensinamento.

Assim, os contos de tradição oral (ronga, kimwani, macua, etc.) têm também uma estrutura e cumprem objectivos específicos.

Os contos, em geral, apresentam, como se viu, uma intriga caracterizada pela passagem de uma situação a outra.

Além disso, os contos contêm uma componente ideológica. A escolha das personagens, dos acessórios e incidentes não é feita aleatoriamente; explica-se pelo recurso às crenças e aos costumes, aos gestos e às técnicas da vida quotidiana.

## 2.2. A fábula

No *Dicionário de Narratologia*, Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes definem a fábula como "um relato quase sempre breve, de acção relativamente tensa, mas não muito sinuosa, interpretada por personagens também não excessivamente complexas (personagens que são muitas vezes animais irracionais), apontando para uma conclusão de dimensão ético-moral". Este género é um relato de grande projecção pragmática. A fábula existe em função do intuito claro de moralizar. Provém de origens culturais vetustas (provindo de Esopo, no séc. VI a.n.e., e de Fedro, séc. I n.e.).

## 2.3. A lenda

As lendas são histórias breves, contadas por pessoas e transmitidas oralmente através dos tempos. Geralmente, misturam factos reais e históricos com acontecimentos que são frutos da fantasia. Com efeito, no *Dicionário de Narratologia*, afirma-se que "no campo da literatura tradicional de transmissão oral, lenda designa uma narrativa em que um facto histórico aparece transfigurado pela imaginação popular; não se trata, pois, de uma reconstrução objectiva e "documental" de um facto ocorrido num passado remoto, mas sim de uma narrativa de carácter ficcional, que foi sendo transmitida de geração em geração. A acção aparece normalmente localizada no espaço e/ou no tempo (ao contrário dos contos, situados num passado indefinido e num espaço indeterminado) e a história contada é sempre modelada pelo maravilhoso (...)".

## 2.4. O mito

Os mitos são narrativas que possuem uma forte componente simbólica. Destinavam-se a explicar os fenómenos da natureza que o homem, por falta de conhecimentos científicos, não conseguia compreender. Neste tipo de narrativas, deuses, heróis e personagens sobrenaturais misturam-se com factos da realidade para dar sentido à vida e ao mundo.

## 3. Diferenças e semelhanças entre a literatura oral e a literatura escrita

Segundo Artur Minzo (in revista *Proter*, n.º 10), o uso da palavra, a expressão de sentimentos e mensagens reflectindo a dinâmica que flui das relações humanas e a expressão da afirmação da cultura de um povo através da veiculação dos seus saberes, usos, costumes e experiências diversas surgem como pontos comuns partilhados pela literatura oral e literatura escrita.

Como factores importantes de diferenciação, aponta-se, por um lado, o facto de que, necessariamente, o sistema de funcionamento, produção, estruturação e recepção dos textos da literatura oral diferem dos da literatura escrita. Por outro lado, os textos da literatura oral existem, potencialmente, na memória dos "madalas" (os anciãos, os sábios, os chefes religiosos e tribais), recitadores e também, em grau variável, na dos receptores que constituem a audiência.

Contrariamente ao carácter solitário imposto pelos processos e mecanismos de produção e recepção da literatura escrita a literatura oral faculta, indiscutivelmente, importantes momentos de convívio entre grupos sociais, ao exigir a presença e interacção directa, no mesmo espaço e tempo, do recitador-declamador e da audiência, regra geral constituída por pessoas de diferentes idades: velhos ou madalas, jovens ou adolescentes, crianças, etc., o que mais uma vez, confirma a sua particular capacidade de reunir sujeitos

com vivência e experiências diferentes nos momentos de lazer, configurando uma autêntica situação de ensino e aprendizagem.

Em termos teórico-práticos, a literatura oral, onde encontramos os contos de Karingana wa Karingana, os mitos, as lendas, os provérbios, as adivinhas, a rica poesia oral (canções populares que são entoadas e dançadas em ocasiões festivas e não só), cumprem várias funções, das quais podemos destacar apenas três:

1. **Relevância social e pedagógica** – por proporcionar momentos de entretenimento, relaxar a mente e o espírito, educar e inculcar valores e ideais de amor, de trabalho, de honestidade e de solidariedade, ou simplesmente, reger conhecimentos (sociais, culturais, filosóficos, políticos, punir e/ou repreender e ainda aplaudir atitudes e comportamentos dos membros da sociedade.
2. **Relevância epistemológica** – por ter um profundo interesse e aproveitamento cultural antropológico, social e literário, isto é, por todas as sociedades atribuírem à literatura oral um lugar de destaque quando buscam compreender os percursos histórico-sociais seguidos pelos seus povos.
3. **Relevância combativa-patriótica** – por a literatura oral manter uma ligação natural com os movimentos e ideais de protesto social, de denúncia e resistência dos povos às autoridades coloniais, à exploração e aos valores impostos e exteriores às suas tradições e vivências.

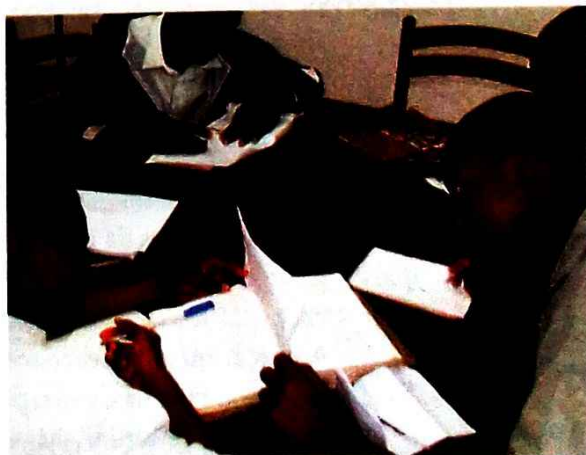
#### Em síntese

A literatura oral obedece a estes três critérios:

- a **composição** – os textos são compostos de forma a serem facilmente conservados na memória dos indivíduos;
- a **transmissão** – os textos são transmitidos de umas pessoas às outras e de geração em geração;
- a **realização** – os textos têm realização oral. É este critério que mais marca a distinção entre a literatura oral e a literatura escrita.

## LER – FALAR – ESCREVER

1. Elabora uma ficha de leitura sobre o conceito de *oratura* (ou *literatura oral*).
2. Em grupo de trabalho, apresenta e discute a ficha por ti feita.
  - 2.1. Terminadas as apresentações de todos os elementos do grupo, elaborem uma ficha de leitura do grupo.
3. Recolhe outro conto e reconta-o na turma.



## Texto 4

Lê, com atenção, os textos A e B. Um deles pertence à literatura escrita; o outro, à literatura oral cabo-verdiana.

### Texto A

# MÃE

Uma manhã acordei sozinho em casa. Acordei a chorar. – Ó mãe, mãe... – Mas a mãe não vinha. Não havia mãe. Havia só a porta fechada. – Ó mãe, mãe... – E a casa deserta. Pelas frinchas largas da porta via a manhã lá fora. Era uma manhã de sol quente, talvez de Julho, talvez de Agosto. Devia haver medas de palha na eira em frente. Mas os meus olhos mal viam, estavam rasos de água e de angústia. – Ó mãe, mãe... – E, de repente, na manhã clara, começaram a cair estrelas pequeninas, estrelas verdes, vermelhas, estrelas de ouro. As lágrimas caíam-me pela cara. – Ó mãe, mãe... – O nariz esmagado contra a porta, os olhos muito abertos, vendo através das frinchas as estrelas caindo, umas atrás das outras. – Ó mãe, mãe... – E ninguém me abriu a porta para apanhar as estrelas. Nem mesmo tu, mãe, que a essas horas andavas a ganhar o pão para a boca daquele que hoje te oferece estes versos.

ANDRADE, Eugénio de, "Os Amantes Sem Dinheiro", in *Poemas, 1945–1975*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade



### Texto B

# QUEM É A FILHA DA GARÇA?

Como os filhos da coruja eram feios, esta aproveitou a ausência da garça para lhe tirar a filha, que era muito bonita, e a levar para casar com o rei de Bandeira.

A garça, quando regressou a casa, não viu a sua filha nem viu a coruja. Então, pegou na filha da coruja, pô-la às costas e foi à procura da sua própria filha. Fartou-se de andar. Mas todas as criaturas que encontrava diziam a mesma coisa, ou seja, que não tinham visto a coruja nem a filha da garça.

Mas ela não desistiu e continuou a andar, até que a  
 certa altura viu uma bonita estrada. Caminhou por essa  
 10 estrada, chegou ao local dos preparativos do festejo de  
 casamento. Aproximou-se e, depois de estar perto,  
 parou numa árvore e começou a cantar.

Como ninguém lhe respondesse, cantou muitas  
 vezes e a coruja que estava dentro do palácio com o rei  
 15 ficou muito nervosa e tímida.

O rei, preocupado com a canção da nhá  
 garça, e sem perceber bem, saiu a fim de saber o  
 que se passava.

O rei, ao ouvir a explicação da garça entrou  
 20 com ela no palácio e perguntou:

– Afinal de contas quem é a mãe?

Para acabar com a confusão a garça lançou  
 uma ideia:

– Senhor rei mande buscar um prato fundo e  
 25 outro raso. Se a criança de bico comprido correr para o prato fundo, é a minha  
 filha, e se a boca redonda correr para o prato raso é a filha da coruja.

E assim foi feito. A filha que a coruja trazia correu logo para o prato  
 fundo, portanto, era a filha da garça. Para o prato raso correu a verdadeira filha  
 da coruja.

30 Com isto, o rei de Bandeira concluiu que a sua noiva era a filha da garça.  
 O rei casou com a filha da garça e a coruja foi corrida porque mentia.

*Eu conto, tu contas, ele conta,...* estórias africanas, organização de GOMES, Aldónio,  
 Mar Além, Instituto Camões, 1999



## LER – COMPREENDER

- Assinala, de entre as opções dadas, a resposta correcta.
  - O texto A pertence à literatura escrita; o texto B, à literatura oral.
  - O texto B pertence à literatura escrita; o texto A, à literatura oral.
  - Ambos os textos são fábulas.
  - Ambos os textos têm um autor definido podendo, por isso, ser classificados como contos de autor.
- Estabelece as diferenças entre os dois textos, preenchendo o seguinte quadro.

	Texto A	Texto B
Composição		
Transmissão		
Autor		
Código		
Conteúdo		

**FIGURAS DE ESTILO****1. Nível semântico (de pensamento)****Hipérbole**

Trata-se de uma figura de estilo que exagera em demasia o termo, colocando-o fora das proporções normais.

Exemplos:

*A sua piada quase matou todos de riso.*

*Morre de amores por ele.*

**Interrogação**

Trata-se de uma questão retórica, isto é, não visa uma resposta, antes procura dar ênfase e criar expectativas.

Exemplo:

*Sou por ele (retrato) possuído? / ou ele me possui? (Raul de Carvalho)*

**2. Nível morfosintático****Elipse**

É um recurso condensador da expressão.

É usado em enunciados que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez.

Os seus efeitos estilísticos são muito importantes:

a. na descrição esquemática de ambientes, de estados da alma, de perfis:

Exemplo:

*Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro. E a voz de uma das filhas em baixo:*

*– Papai! O telefone... (Aníbal M. Machado)*

b. em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

Exemplo:

*Outubro 10 – Depressão. Hipocondria. Reacções súbitas de ódio. Depois desalento. Pelo menos, antes havia um mistério algo excitante. Agora, mais melancolia, apenas.*

(Ciro dos Anjos)

c. na enunciação de pensamentos condensados, provérbios, ditos sentenciosos ou irónicos:

Exemplos:

*Cada dia, cada via, cada vida, cada lida. (Luandino Vieira)*

*Uma vida nova numa terra nova. (Castro Soromenho)*

d. nas enumerações, onde a inexistência do artigo costuma sugerir as ideias de acumulação ou de dispersão:

Exemplo:

*Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento. (Machado de Assis)*

**Pleonasma**

Consiste na superabundância de palavras para enunciar uma ideia.

Exemplos:

- *Sai lá para fora, João!* (Miguel Torga)  
*Entra pra dentro, Carlinhos.* (José Lins do Rego)

**APLICA**

1. Escreve um pequeno texto da tua autoria, seguindo as seguintes instruções:

- temas possíveis: cultura Moçambicana; cultura Africana; cultura de um outro povo do mundo;
- figuras de estilo a utilizar: interrogação, hipérbolo, elipse e pleonasma.

**Nota:** o pleonasma só se justifica para dar maior relevo ou para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força de expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exacto dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira.

Exemplos:

- Fazer uma breve alocução.*  
*Ter o monopólio exclusivo.*  
*Subir para cima; descer para baixo.*

Em todas estas frases o adjectivo representa uma demasia condenável: *alocução* é um discurso *breve*; não há *monopólio* que não seja *exclusivo*; os verbos *subir* e *descer* implicam, por si sós, a ideia de movimento *para cima* e *para baixo*.

**Texto 5**

Lê, agora, três outros contos tradicionais, todos escritos em português. O primeiro é brasileiro, o segundo é oriundo da Guiné Bissau e o terceiro é um conto angolano.

**Texto A****O MACACO, A ONÇA E O TOURO**

Uma vez o macaco trazia um cacho de coco catolé (Attalea) e como pesasse muito parou para descansar. Um touro, avistando-o, aproximou-se e começou a mangar do macaco, achando-o fraco demais. Não podia nem carregar o de comer. O macaco foi-se esquentando:

– Camarada touro, você pode ser muito forte mas não é mais do que eu. Sou um bicho pequeno mas tenho talento (força física).

O touro achou muita graça e palavra puxa palavra acabou o macaco afrontando o camarada para uma aposta.

– Que aposta é?!



15 – Amanhã eu trago uma corda bem forte; fico numa ponta e você na outra.  
Cada qual bota todo talento que tiver. Quem puxar o outro para perto ganha...

– Pois está muito bem. Amanhã quero tirar seu ranço...

Foi-se embora o touro e o macaco nem quis mais saber dos catolés, imaginando no que ia fazer para enganar o touro. Estava nessa cogitação quando  
20 ouviu o tropel macio da onça. Mais que depressa pulou para um pé de pau e subiu, olhando lá de cima. A onça chegou, farejando, olhou e viu o macaco.

– Desce daí, mufinol! Já jantei! Quero só conversar com você.

– Eu converso daqui mesmo, camarada onça.

– De quem são esses catolés?

25 – São meus se a comadre onça não os quiser.

– Não quero saber de cocos, camarada macaco. Você tem visto o bicho

homem?!

– Há tempos que não o vejo, camarada onça, mas aprendi muito com ele.

– Que é que você aprendeu com o bicho homem!

30 – Aprendi a derrubar bicho-bruto como você!

– Derruba cousa nenhuma, camarada macaco, deixe de pabulagem.

– Derrubo! A questão é você querer puxar uma ponta de corda e eu ficar  
no outro lado. Você não tem talento para me arrastar nem um risco...

– Deixe de sonho, camarada macaco. Mas para você não ir se gabando

35 eu aceito a aposta.

– Pois amanhã, no pé daquele serrote onde há uns pés de oiticica. Você  
fique na ponta de lá, perto da estrada.

– Está combinado.

O macaco bateu o pé para a casa do bicho-homem e furtou uma corda  
40 bem grande e forte. No outro dia foi esperar o touro na ponta da pedra. Assim  
que o viu, entregou a ponta da corda e segurando o outro lado disse:

– Vou ficar longe e quando eu gritar ecôoo, você bote força!

Saiu com a corda e foi encontrar a onça que estava deitada, lambendo as  
patas.

45 – Camarada onça, aí vai a ponta da corda, segure que eu vou para o lado  
das pedras. Quando eu gritar ecôoo, você, o que tiver de talento, bote...

Correu para as pedras, trepou-se, e gritou: – Ecôoo...

Ouvindo o grito, o touro de um lado e a onça do outro puxaram a corda.

Admirados com a força que julgavam do macaco, botaram o que tinham. Ia a  
50 onça arrastada um bando de palmos. Fazia fincapé. O touro vinha vindo.

Fincava as patas ao chão. E assim foram indo, vai não vai, até que o macaco  
avistando uma carga de bananas que um homem ia carregando pela estrada,

largou-se numa carreira desadorada, abandonando tudo. Vendo o macaco  
passar e a corda continuar esticada, a onça e o touro compreenderam que havia  
55 trapalhada e foram se chegando para ver quem estava na outra ponta.

– Camarada touro!

– Camarada onça!

E como touro e onça não fazem boa liga e cada um respeita muito o  
outro, saíram para outros caminhos, zangados com o atrevimento do macaco,  
60 que enganara aos dois bichos grandes e fortes.

## Texto B



# ENCHER, NÃO ENCHER

Uma vez um homem foi pedir esperteza ao rei. Chegou até junto do rei e disse:

– Venho pedir esperteza.

O rei respondeu-lhe que teria que ir primeiro à procura do rei dos pássaros tecelões.

O homem foi, andou, andou, andou, e a meio do caminho sentou-se debaixo de uma árvore a pensar como poderia encontrar o rei dos tecelões. Pensou, pensou e a certa altura levantou-se, arranjou uma gaiola e abriu-a debaixo de uma árvore que estava carregadinha de tecelões. E a seguir pôs-se a dizer:

– Enche! Não enche! Enche! Não enche! Enche! Não enche! – E à medida que ia falando levantava e baixava a enorme gaiola.

Passado um bocado apareceu o rei dos tecelões:

– O que é isto, parece-me ouvir alguém dizer “enche, não enche” ... – E perguntou:

– O que é que estás para aí a dizer?

O homem respondeu:

– É que estive a falar com o rei e o senhor rei teimava que, se vós descesseis todos para dentro desta gaiola, mesmo assim não conseguiríeis enchê-la.

O rei dos tecelões disse:

– Está bem...

O homem entretanto continuava:

– Enche! Não enche! Enche! Não enche!

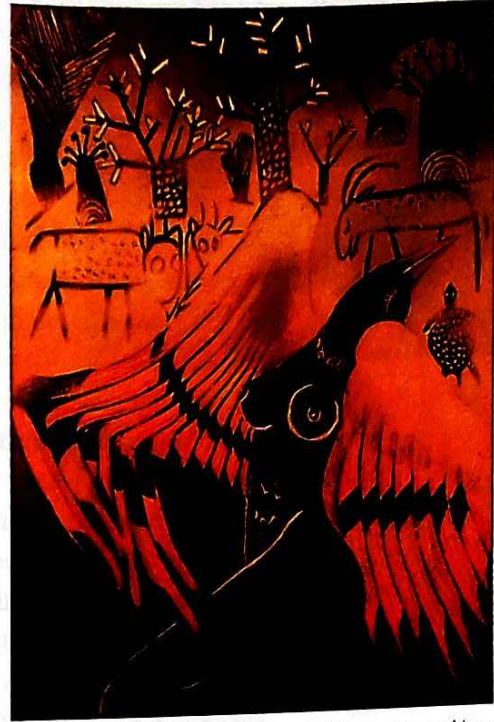
Os pássaros, a pouco e pouco, começaram a descer e a entrar até que todos, o próprio rei dos tecelões deu um pequeno salto e enfiou-se ele também dentro da gaiola.

Mal entrou, o homem pousou a gaiola, meteu a mão lá dentro, apanhou o rei dos tecelões e soltou os outros pássaros todos.

Levou o pássaro ao rei, chegou e disse:

– Cá está ele!

Em seguida o rei disse ao homem que agora lhe fosse à procura de uma pele de crocodilo e lha trouxesse.



Naguib, sem título, Maputo, Moçambique

O homem saiu à procura da pele de crocodilo e foi sentar-se a pensar; a pensar como haveria de arranjar a pele de crocodilo para trazer ao rei.

Começou por construir um tambor, forrou-o, juntou à sua volta muitos miúdos e seguiu sempre a tocar pelo caminho:

45 *Kutu bamba na ta burara na ta burara*  
*Kutu bamba na ta burara-o*  
*Ka erma-o ka erma aenté*  
*Ka erma-o ka erma kundende kundendé*  
*Kutebon kutebon kutebombo*  
 50 *Ka erma-o ka erma...*

Depois de muito tocar apareceu o crocodilo. O homem cumprimentou-o e começou a dizer:

– Ah, Deus! Então ainda estás aí! Toda a gente já lá em cima naquela grande festa e tu ainda por aqui! Anda dançar comigo!

65 – Nessa altura parou de tocar o tambor e acrescentou: – Ao menos vem cumprimentar-me!

O crocodilo disse:

– Não. Porque se vou dás-me com o pau no rabo e matas-me como fizeste ao outro.

60 – Eu só vim para passarmos um bocado juntos – respondeu o homem. – Trouxe estes meninos todos para te vir cumprimentar.

Ao ouvir isso o crocodilo pôs-se a dançar, de contente. E cantava:

*Kutu bamba na ta burara na ta burara*  
*Kutu bamba na ta burara-o*  
 65 *Ka erma-o ka erma aenté...*

Enquanto o crocodilo dançava, com o tambor sempre a tocar.

Recolha feita por GOMES, Aldónio e CAVACAS, Fernanda  
 (com supressões)

## Texto C

# H<sub>EBU</sub>

A senhora Samba e o senhor Kinyoka kia Tumba a Ndala tinham uma filha chamada Hebu. Mal havia nascido, meteram-na num grande tanque cheio de água, a fim de se criar.

Guardada por duas escravas, Hebu foi crescendo, sem nunca sair de tal s habitação. Já mulher perguntou às servas:

– Por que não me deixam sair daqui? Sempre metida neste tanque, guardada para não fugir? Que crime fiz eu?

Elas nada souberam responder. Isso era com os amos, elas apenas cumpriam ordens.

10 No seu desejo de libertação, inquire os pais.

– Não tenhas pressa, eu é que sei quando sairás daí. – Esclareceu o senhor Kinyoka kia Tumba a Ndala.

15 Informado da singular existência da moça, um jovem resolve raptá-la.

De combinação com as criadas, fala com Hebu, propõe-lhe a fuga.

Hebu acede. E para que ninguém desse por tal, o mancebo, possuidor de uma magia, a todos 20 põe, à hora do rapto, em profundo sono.

De manhã, o senhor Kinyoka kia Tumba a Ndala não estranha a fuga: através de um outro bruxedo, previu o ajuste dos dois. Como punição, apenas agiu no sentido de ambos se perderem um 25 do outro.

Já longe, Hebu vai andando ao acaso. Após muito palmilhar, vai parar a uma sanzala de diquixis. Encontra-a imunda, repleta de ossadas de animais. Para agradar aos moradores, ausentes na ocasião, procede a uma grande limpeza. Entrando 30 numa cubata, igualmente a limpa, preparando finalmente a refeição para os seus donos.

À tardinha, quando os monstros vêm da sua faina de caçar, Hebu esconde-se por baixo de uma cama. Admirados com o que viam, exclamam na sua voz fanhosa:

35 – Hela! Chão varrido, comida feita! Quem mesmo fez assim? Deitam a adivinhar o autor da surpresa. Mas quem teria feito tal coisa? Quem mesmo?

Ninguém acertava. Então uma garota, toda minada de bitacaias, aclara:

– Querem saber quem varreu e cozinhou? Foi uma quilumba chamada 40 Hebu. Viveu sempre num tanque com água. Já crescida, pediu aos pais que a tirassem de lá – «Fica aí mesmo, eu é que sei o dia.» – Não lhe fez a vontade. Um dia, um rapaz, filho de um caçador, ouve essas conversas. «Não é? A quilumba vive num tanque com água? Vou roubá-la.»

Combina com as duas mulecas que a guardavam, de cima de uma árvore 45 fala com a quilumba. Os dois fogem da terra. Mas, para que os da casa não os ouvissem, o rapaz, com a sua coisinha, deu-lhes um bom sono. De manhã, o pai, com o seu calubungo, faz perderem-se um do outro: aquela filha desobediente tinha que sofrer trabalhos. Então, veio parar aqui. Com medo, para agradar aos da casa, fez todo este serviço.

50 O chefe dos diquixis – ente de cem cabeças – chama imediatamente:

– Hebu! Hebu-ê! Vem! Não tenhas só medo!

Trémula, a moça comparece. Sossegam-na.

Ao recolherem-se, o diquixi das cem cabeças pergunta-lhe se não queria ser sua mulher. Sem esperança de salvação, Hebu diz que sim.

55 Para se deitar, quatro outros diquixis o ajudam. Mas, alta noite, com pasmo de Hebu estava metamorfoseado em pessoa normal.



Roberto Chichorro, *Serenata para a Viola Quebrada*, 1986, Maputo, Moçambique

Nas histórias, o tempo não demora. Hebu engravida, tem um filho. Como o pai, é diquíxi. Passa mais um tempo, dá à luz outro diquíxi. Depois, na autenticidade de gente, uma menina. Por fim, um rapaz.

60 Hebu começa a sentir saudades da família. Pela sua quipa, o senhor Kinyoka kia Tumba a Ndala conhece o sentimento da filha. Através do bruxedo, determina que ela venha, sem risco dos diquíxis.

Hebu ganha alento. Pega nos dois últimos filhos, amarra um às costas, encavalita o outro aos ombros, e foge daquele ambiente.

65 Anda, anda, anda. De noite, escondida no capim, sente perto os leões. Por meio do seu calubungo, o senhor Kinyoka kia Tumba a Ndala remete cabras e porcos. E os leões, entretidos com essa carne, nenhum mal lhe fazem. E sempre assim, todas as vezes que surgissem feras.

Após muito caminhar, os dias sucedendo-se na mesma tribulação, Hebu

70 chega finalmente ao seu povoado. Já não se lembrava da casa paterna.

Mas, ao anunciar-se, os habitantes reconhecem-na e logo a conduzem ao lar apetecido.

Narra a sua odisseia à família. No final, o senhor Kinyoka kia Tumba a Ndala declara-lhe saber tudo.

75 – Fui eu quem te fez passar por esses maus bocados, quis-te mostrar que posso mais do que tu. – Remata sorrindo.

OLIVEIRA, Américo, *Os Ogros na Tradição Oral Angolana*

## LER – COMPREENDER

- Os contos que acabaste de ler são originários de países diferentes.
  - Indica as semelhanças e diferenças entre os vários contos.
- Completa o quadro seguinte.

	Texto A	Texto B	Texto C
Tipo de narrativa			
Ação principal			
Caracterização psicológica das personagens			
Principais valores veiculados			
Marcas de oratura			

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### CONCORDÂNCIA VERBAL EM TEMPO (frases complexas com advérbios de tempo)

#### Recorda

O advérbio/locução adverbial é, fundamentalmente, um modificador do verbo (podendo ainda modificar adjectivos ou outros advérbios).

Os advérbios e as locuções adverbiais de tempo indicam as circunstâncias temporais de uma acção.

Advérbios de tempo	Locuções adverbiais de tempo
hoje, ontem, anteontem, amanhã, sempre, nunca, jamais, cedo, tarde, antes, depois, logo, já, agora, então, outrora, aí...	em breve, nunca mais, hoje em dia, de tarde, à noite, à noitinha, ao pôr-do-sol, de manhã, de noite, por ora, por fim, de repente, de vez em quando, a tempo, às vezes, de quando em quando, de vez em vez, de longe em longe...

Em frases complexas com advérbios de tempo, há que ter especial atenção em relação à concordância verbal.

Exemplos:

*Naquela manhã acordei cedo mas não me levantei logo.*

*Em breve irei a Quelimane e visitarei a Biblioteca Provincial da Zambézia.*

*Outrora ia muitas vezes à praia, mas agora não tenho tempo.*

## APLICA

1. Sublinha os advérbios/locuções adverbiais de tempo presentes nas frases.

a. Trabalhou até ao pôr-do-sol.

b. Ele sai sempre tarde.

c. Nunca li um conto tradicional senegalês.

d. Talvez leia um conto amanhã.

e. Outrora, nós morávamos perto da casa dos meus pais.

f. De quando em quando sinto que não vamos a lado nenhum.

g. De manhã fui ao supermercado, depois fui ao bazar e à tarde voltei para casa.

1.1. Transforma as frases simples das alíneas a. a e. em frases complexas, acrescentando-lhe orações coordenadas ou subordinadas.

2. Preenche as lacunas do seguinte texto, fazendo concordar o verbo entre parênteses com os outros elementos da frase.

Outrora toda a minha família \_\_\_\_\_ (reunir-se) à noite à volta da fogueira.

Todos \_\_\_\_\_ (contar) histórias e tudo me \_\_\_\_\_ (parecer)

simples e fácil. Através desses contos \_\_\_\_\_ (transmitir) valores morais

que ainda hoje \_\_\_\_\_ (nortear) a vida.

Hoje \_\_\_\_\_ (utilizar) o mesmo sistema em relação aos meus filhos,

no entanto, a televisão \_\_\_\_\_ (aliciar) os jovens para outros valores

diferentes. Oxalá um dia \_\_\_\_\_ (valorizar-se) mais a cultura tradicional

de forma a que toda a gente \_\_\_\_\_ (poder) transmitir os valores mo-

rais que \_\_\_\_\_ (dever) guiar todos os jovens.

## Texto 6

Os dois textos que se seguem integram também a literatura oral; o primeiro é a lenda da Gruta de Cantaia; o segundo, um conto senegalês.

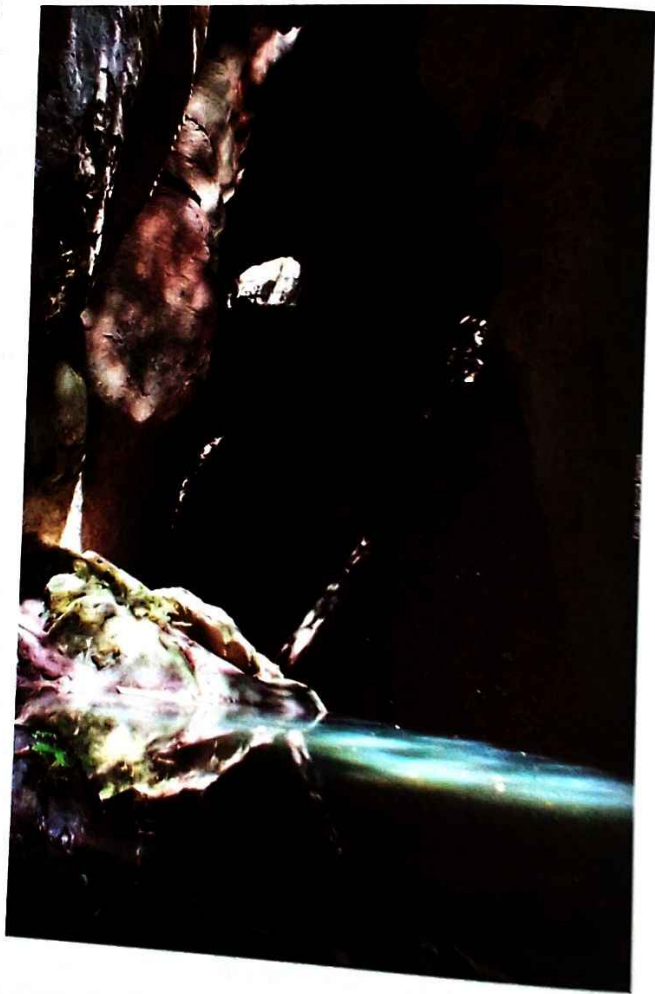
### Texto A

# A GRUTA DE CANTAIA

Tipemba, o escravo tagarela, acocorou-se junto da fogueira e contou-nos. Torrentuante, a voz percorria  
5 as sombras, trazia de lá o corpo de Catija. Como os lampadários para as imagens, também a claridade das labaredas aureolava a barba  
10 jeóvica de Tipemba. As copas largas de duas mabauas vigorosas entrelaçavam-se no alto. Propileu verde, aquilo era tanto como um arco triun-  
15 fal no nicho de Tipemba, velho sacerdote no coração da floresta invocando os mizimos familiares.

No tempo de Matambo  
20 Mukulo, rei das nhungués, nasceu Catija do ventre de Cantaia, andava longe havia muitas luas; dissimulada como as quizumbas, Cantaia  
25 recolheu às grutas. Ali pariu Catija.

O musgo e a pátina dos calhaus e foi para as pedras, para as arestas minerais dos penedos emblemados, assim que Catija abriu os olhos a primeira  
vez. À hora dos galos, Cantaia descia à machamba para colimar, visitava a  
30 família na aldeia, insinuava-se hesitante por entre os troncos e regressava à gruta. Diz-se que leões, noite e dia, guardavam Catija, sentinelas da infância a gatinhar do filho de Cantaia. Assim cresceu Catija.



Uma beleza frágil tornou-a irmã das soalas, atenta como elas ao fermentar nocturno das árvores ruminando velhas promiscuidades na sede perpetuada das  
 35 raízes. Os seios empinavam-se como dois morros de salalé, nos olhos sempre negros, sempre assim e fundos, a tranquila e líquida nobreza que os lagos vão buscar aos céus que reflectem.

Um dia, porém, alguém no povoado viu Catija. Adolescente, a moça esgueirou-se por entre os arbustos, dissimulou-se no negro das matas bebendo  
 40 as sombras. Ficou a dúvida. Noite adiante, o nhacuaua reuniu o conselho dos Kokuanas. A discussão durou todo o giro do sol do dia seguinte. Foi ao dealbar da segunda noite que deliberaram submeter Cantaia à prova do muave. Preparou-se a beerragem e Cantaia, altiva e grande como as sentinelas de Pompeia, esperou sem um estremecimento a hora do ordálio. Beberia tranquila o veneno,  
 45 certa de que a filha se defenderia agora da fúria homicida do povo de Matambo. Há sempre um grego no coração de um negro. O nhacuaua explicou: o veneno recuaria ante a inocência possível de Cantaia, haveria de prostrá-la se não fosse de Moiaruvale aquela filha esquiva que a floresta escondia, surripiando-a à vista experiente dos mais velhos.

50 Cantaia bebeu de um fôlego. Antes de a mistela impura lhe revolver o coração, reclinou a cabeça e pôs-se a morrer. Entretanto, longe longe, Catija assistia ao suplício da mãe. Foi com a floresta inteira dentro de uma lágrima que regressou à paz da gruta.

Reinava ainda Matambo Mukulo quando, certa noite, Catija mergulhou  
 55 num lago e concebeu de Tari. Gerou vagueando longe dos homens e deu à luz na gruta de Cantaia. Assim nasceu Milako. Catija saía à caça pelas madrugadas e regressava com as estrelas.

A voz de Tipemba, o escravo tagarela evocou a seguir as noites de Milako nos braços de Catija. Noites cheias até cima do rumor  
 60 das folhas que o tempo desgastava. Chindongos de ramúsculos verde-acinzentados, glabros, perfilavam-se ao redor da gruta, defendendo-a como um muro. Assim até à grande seca. Por ela se alongaram os passeios de Catija em busca de alimento. Por ela debandaram os  
 65 bichos. Emigraram os pássaros para o país das águas. Não se sabe, acrescenta Tipemba, se foi Tari que chamou Catija, se um jacaré a surpreendeu naquela tarde armadilhando a margem do rio que a grande seca transformou num fio de água.

70 Por isso o Zambeze é grande. Devasta em Dezembro as aringas, corrói as penedias, derruba as chacatas, os nulos, os missucosses. Abate os animais que depois revolteiam na torrente e cresce até que as águas espreitem para dentro da gruta. É o espírito da filha de Cantaia  
 75 que vem saber uma vez por ano como se encontra Milako.

#### Nota biográfica do autor:

**António Augusto Carneiro Gonçalves** nasceu em 1941 e morreu em 1974 num acidente de viação perto de Vilanculos. Apresenta-se afirmando: "Vi a luz do dia em Braga, mas nasci em Tete. Faço questão de conhecer o Zambeze". Trabalhou como jornalista. A sua obra foi publicada pelo seu irmão, após a sua morte.

## Texto B

# O SOL E A LUA

Certo dia, a mãe do Sol e a mãe da Lua banhavam-se nuas num regato. Enquanto o Sol manteve uma atitude de respeito e pudor não dirigindo o olhar, nem por um instante, para a nudez da sua progenitora, a Lua não teve nenhum escrúpulo em observar a nudez da sua mãe.

5 Quando saiu da água a mãe do Sol chamou o filho e disse-lhe: “Meu filho, sempre me respeitaste por isso desejo que os deuses te recompensem. Os teus olhos nem uma só vez se pousaram em mim enquanto me banhava nua. Como prémio do teu comportamento, ordeno que, a partir deste momento, nenhum ser vivo possa olhar para ti sem que a sua vista fique danificada”.

10 Por sua vez, a mãe da Lua chamou a filha e disse: “Minha filha, tu não me respeitaste enquanto me banhava. Olhaste para mim, fixamente, como se de um objecto estranho se tratasse. Quero castigar-te pela tua acção e, por isso, eu quero que a partir de agora todos os seres vivos possam olhar para ti sem que a sua vista fique cansada.”

Mito senegalês (adaptação da autora do manual)

### LER – COMPREENDER

1. Leste uma lenda e um mito.
  - 1.1. Reflecte sobre a mensagem veiculada por cada um dos textos.
  - 1.2. Identifica as marcas da literatura oral que encontras na lenda “A Gruta de Cantaia”.
  - 1.3. Faz o levantamento das figuras de estilo utilizadas na descrição de Catija texto A e explica a sua carga expressiva.
  - 1.4. Reconta oralmente os textos A e B.
  - 1.5. Enquadra estes dois textos nas definições de lenda e de mito. Justifica a tua resposta.

### ESCREVER

Reescreve um mito ou uma lenda de Moçambique que tenhas ouvido.

### PESQUISAR

Organiza com o teu grupo uma recolha de fábulas, lendas e mitos de Moçambique. Esse trabalho pode servir para posterior publicação.

### FALAR

Debate, com os teus colegas, o seguinte tema:  
*Formas de preservação do património cultural oral Moçambicano.*

## Texto 7

Enraizadas na cultura oral estão as ancestrais cantigas de amigo portuguesas e as canções moçambicanas. Apresentamos-te, seguidamente, um exemplo de cada uma delas. O texto A é uma cantiga de amigo composta pelo trovador Pêro Meogo e o texto B é uma canção ronga.

### Texto A

## DIGADES, FILHA, MIA FILHA VELIDA

– Digades, filha, mia filha velida<sup>1</sup>  
por que tardastes na fontana<sup>2</sup> fria?  
(– Os amores ei<sup>3</sup>)

– Digades, filha, mia filha louçana<sup>4</sup>,  
5 por que tardastes na fria fontana?  
(– Os amores ei)

Tardei, mia madre, na fontana fria,  
cervos<sup>5</sup> do monte a augua volvian;  
(Os amores ei)

10 Tardei, mia madre, na fria fontana,  
cervos do monte volvian a augua;  
(Os amores ei)

– Mentir, mia filha, mentir por amigo,  
nunca vi cervo que volvesse o rio;  
15 (– Os amores ei)

– Mentir, mia filha, mentir por amado,  
nunca vi cervo que volvesse o alto;  
(– Os amores ei)

MEOGO, Pêro (CV 797, CBN 1192)

Glossário: <sup>1</sup> velida: formosa; <sup>2</sup> fontana: fonte; <sup>3</sup> hei: tenho; <sup>4</sup> louçana: formosa; <sup>5</sup> cervos: veados.

### Texto B

## REJEITA-ME, SE ASSIM QUERES, RAPARIGA

Rejeita-me, se assim queres, rapariga!  
Os bagos de milho que comes na tua aldeia são olhos humanos!  
Os copos em que bebes são crânios humanos!  
As raízes de mandioca que comes são tíbias humanas!  
5 As batatas-doces são dedos humanos!  
Rejeita-me, se queres, rapariga!

JUNOD, Henri, *Usos e Costumes dos Bantu*, Tomo 2, Maputo, Arquivo Histórico de Moçambique, 1996

# LER - COMPREENDER

1. Os dois textos enraizam-se na cultura oral dos seus povos.

1.1. Preenche o seguinte quadro, identificando as principais características dos dois textos.

	Texto A Cantiga de amigo portuguesa	Texto B Canção moçambicana
Emissor		
Receptor		
Tema/assunto		
Forma do texto (prosa/verso)		
Estrutura estrófica		
Figuras de estilo		

## SABER MAIS

### CANTIGA DE AMIGO

Integrada na poesia galico-portuguesa, uma cantiga de amigo é uma composição breve e simples posta na boca de uma mulher apaixonada. As cantigas de amigo devem o seu nome ao facto de, na maior parte delas, aparecer a palavra *amigo* no primeiro verso.

O tema fundamental é o sofrimento por amor motivado normalmente pela ausência do amigo.

As personagens que intervêm são, usualmente:

- a donzela, que exprime os seus sentimentos;
- a mãe, que representa, geralmente, o código social proibitivo;
- as confidentes (a mãe, a amiga, a natureza (as flores), as ondas do mar);
- o amigo, frequentemente ausente.

### CANÇÃO

A canção é uma manifestação da tradição oral em todas as comunidades moçambicanas. As canções destinam-se a exprimir sentimentos vários e estão presentes em todos os momentos da vida da comunidade, inclusivamente durante o trabalho.

## PESQUISAR

Procura junto da tua comunidade canções, que depois podes apresentar à turma.

# Texto 8



Depois de teres estudado vários textos pertencentes à oratura, vais agora debruçar-te sobre textos narrativos que fazem parte da literatura escrita.

Assim, começamos por apresentar-te um excerto de um romance de Calane da Silva.

## S CAPÍTULO VII SEGUNDO KARINGANA

(DAS PALAVRAS TRANSFORMADAS)

O meu caminho abre sendas na transformação de novos dizeres físicos e espirituais. Abro em novos nomes outras cores do percurso desta estória que vos narro. Amo ou estou apenas apaixonada? A minha saudosa madrinha, a irmã Clara e o padre Inácio explicaram-me muitas vezes a diferença entre paixão e Amor.

5 Com muita paciência e carinho, insistiram que o Amor é uma energia sentimental que renuncia a todos os egoísmos, é capaz de perdoar sempre e de dentro de um afecto muito profundo que o caracteriza, aceita o outro e os outros tal como eles são, com os seus defeitos, com os seus erros, com as suas virtudes. Será que conseguirei ser assim com Mpfùmù? E Missava Das Dores terá paixão ou amor  
10 por Mpfùmù? Como é que estará depois da festa da dança em Nêmbè – Nêmbè? E para onde terá ido que até agora não se apresentou na missão depois das férias?

Em Santo António de Salamanga a notícia espalhou-se rápida. Missava andava desaparecida, não tinha regressado das férias de Setembro.

A própria família tinha até aparecido a perguntar por ela ali, na missão.

15 .....  
Aproveito agora também para vos narrar que ao contrário de Nyembête que tinha ficado pela terceira classe elementar, uma vez que a irmã Eustáquia achava que já estava muito crescida para continuar a estudar, Maria das Dores Missava tinha acabado  
20 a quarta classe e, estrategicamente, tinha aceite o convite para continuar a trabalhar na missão aprendendo corte e costura, o que lhe permitiu ir fazendo às escondidas roupinhas de bebé que foi vendendo discretamente em Bela Vista, amalhando, assim, nos  
25 últimos dois anos, um pé de meia para a sua fuga.

.....  
Mpfùmù, entretanto, andava preocupado com a reacção dos pais quando lhes anunciasse a decisão de lobolar Nyembête. Os pais, por seu turno, que  
30 sabiam da sua amizade com Missava, andavam também preocupados com o seu filho que, vezes sem conta, chegava a casa revoltado com tantas injustiças vistas e traduzidas na administração.

### Nota biográfica do autor:

**Raul Alves Calane da Silva** é natural de Maputo. A sua carreira profissional está ligada ao jornalismo, à docência e, evidentemente, à literatura. A sua obra, quer literária, quer de investigação académica, encontra-se dispersa por jornais e revistas nacionais e estrangeiras. Publicou, entre outros, *Dos Meninos da Malanga* (poesia), *Xicandarinha na Lenha do Mundo* (ficção – contos), *Olhar Moçambique*, *kulimar a Palavra*, *Tão Bem Palavra*.



## LER - COMPREENDER

1. Indica as personagens intervenientes na acção.
2. Aponta os conflitos aflorados neste excerto.
3. Identifica o espaço físico em que decorre a acção.
4. Explica o significado de *Karingana*.

## Texto 9

Apresentamos-te, em seguida, um conto, com supressões, de Ungulani Ba Ka Khosa, retirado do livro intitulado *Orgia dos Loucos* (publicado em 1990 pela Associação dos Escritores Moçambicanos).

*Orgia dos Loucos* é um livro de contos que deves ler na totalidade. Com a intenção de te motivar para a leitura integral da obra, apresentamos-te parte do conto "O Prémio".

# O PRÉMIO

Os olhos vagam pelo quarto. As mãos sobem e descem pelo ventre em movimentos contínuos e desordenados. As coxas abrem-se ao ritmo de camaleões sem idade. A cama range. Os lençóis dobram-se, tomam a forma de serpentes na muda interminável, colinas em planícies do fim dos tempos, vales, pré-históricos, cordilheiras da idade dos dinossauros. A dor evolui. Transpira. Morde os lábios. Sufoca o grito. Não pode gritar, tem que aguentar. Cerra os dentes, agarra os lençóis com os dedos empapados de suor que escorre pelo corpo como formigas emergindo dos casulos, desses poros que crescem e tomam a dimensão de grãos de milho esparsos em campos sem dono.



.....  
.....  
O marido entra na sala. Ela ampara-se à parede e continua a vomitar. Um líquido amarelo sustém-se nos lábios como estalactites brilhantes em cavernas impenetráveis. Limpa os lábios. O marido limpa o chão. Depois descem os dois andares que os leva à rua. Um vizinho aproxima o carro. Ela senta-se no banco de trás. Não consegue ver a noite, a beleza dos noctívagos, as conversas de nunca acabar, as mulheres que circulam pintadas, as cores da noite. Nada vê a não ser corredores extensos, paredes brancas, azuis, ferros, lâmpadas. Ouve gritos, choros. Tudo se modifica. Algo se aproxima. Névoa. Gritos. Aranhas.

Tarântulas. Répteis. Paredes brancas, azuis. Gritos. Choros. Ferros. Camas. Batas. Outro mundo.

– A senhora teve uma criança bonita – ouve. Uma voz distante que se aproxima. Começa a tomar consciência. Vê paredes brancas. Vê camas com lençóis e sem lençóis. Vê batas brancas e azuis. Vê mulheres deitadas. Vê o dia a nascer. Os olhos tomam a dimensão do espanto. Está viva. Olha para a enfermeira. Uma negra atarracada, gorda, sorridente.

– Teve um rapaz, senhora.

35 – E o prémio?

– O prémio?... Qual prémio?

– O prémio. O...

– Ah. O enxoval para crianças... Não, a senhora não ganhou. O prémio é para as crianças que nasceram nas primeiras horas do dia 1 de Junho. O seu filho nasceu às onze e cinquenta e cinco minutos...

Sombras. As imagens começaram a fugir e a transformarem-se. A enfermeira toma o rosto de uma feiticeira. O sorriso é de uma torcionária. Névoa. Tudo a desaparecer. O tempo perdido, mãe. O tempo perdido... A cabeça enterra-se na almofada. O mundo começa a girar, a mudar de posição. É uma criança bonita, ouve, uma voz distante, longínqua... As lágrimas saltam dos olhos, correm pelos lençóis, soluça, desmaia.

KHOSA, Ungulani Ba Ka, "O Prémio", in *Orgia dos Loucos*, Maputo, Associação dos Escritores Moçambicanos, 1990

#### Nota biográfica do autor:

Na sua biografia, Ungulani Ba Ka Khosa afirma: "Nasci às 00:45 do dia 1 de Agosto de 1957 em Inhaminga, Sofala. O resto não interessa, pois segundo Roland Barthes «só há biografia enquanto a vida é improdutiva». Desde que produzo, desde que escrevo, é o próprio texto que se apropria felizmente do meu tempo narrativo." A citação do autor está confirmada na sua produção literária. A sua primeira obra foi *Ualalapi*, a que se seguiram *Orgia dos Loucos*, *História de Amor e Espanto*, *No Reino dos Abutres*, *Os Sobreviventes da Noite* e, em 2009, *Choriro*.

## LER – COMPREENDER

1. Toda a acção do conto gira em torno de uma questão.
  - 1.1. Indica-a.
2. A acção decorre em dois espaços distintos.
  - 2.1. Identifica-os.
  - 2.2. A descrição desses espaços tem pinceladas fantásticas.
    - 2.2.1. Faz a descrição do quarto.
    - 2.2.2. Explica a razão dessa fantasia.
3. No conto encontramos muitas figuras de estilo que já conheces.
  - 3.1. Apresenta algumas, realçando a sua expressividade.
4. Os ambientes são descritos através de imagens, onde pululam as formigas e as aranhas e também de sons.
  - 4.1. Interpreta a escolha destes insectos.
  - 4.2. Explica os sons escolhidos.

5. A personagem principal teve um "lindo menino", depois de todo o sofrimento que passou.
  - 5.1. Apresenta uma razão que justifique as lágrimas da personagem, atendendo a que tinha nascido um bebé saudável.
  - 5.2. Especifica o prémio a que se refere o texto.
6. Concordas com o título do conto? Justifica a tua resposta.

## PESQUISAR

1. Este conto é influenciado por uma corrente literária moderna conhecida por realismo fantástico.
  - 1.1. Procura informações sobre esta corrente.
2. O excerto do conto que acabas-te de ler, inserido no livro "Orgia dos Loucos", trata um tema muito importante: o apoio às mães e crianças recém-nascidas. É de conhecimento geral que, em Moçambique, morrem muitas crianças nos primeiros anos de vida. Muitas mulheres morrem durante o parto e outras são mães ainda muito jovens. Existem famílias com muitos filhos e sem recursos para lhes dar uma educação e vida condignas. O que fazer perante este cenário? Pesquisa formas de melhorar a saúde reprodutiva em Moçambique e escreve um texto apresentando as tuas propostas.

## SABER MAIS

### NARRATIVA FICCIONAL

Vivemos rodeados de narrativas: histórias das nossas famílias, dos nossos antepassados, da cidade e do país onde vivemos. Ouvimos também histórias de personagens fantásticas, de sonhos, de terror. Em síntese, ouvimos, contamos, lemos, assistimos, imaginamos histórias.

#### Conto

Um conto é uma narrativa pouco extensa contendo um único drama, um único conflito. Tem uma só acção, uma só história. O espaço da acção é restrito. A acção não muda de lugar e, quando acontece mudar, perde a dramaticidade. O objectivo do conto é proporcionar uma impressão única no leitor.

No *Dicionário de Narratologia*, Carlos Reis e Ana Cristina Macário Lopes recordam que "as categorias da narrativa que de modo mais notório são atingidas pela reduzida extensão do conto são a acção, a personagem, o tempo. No que à primeira diz respeito, importa notar que o conto tende à concentração dos eventos: sendo normalmente linear, sem consentir a inserção das narrativas secundárias que o romance admite, a acção do conto baseia-se precisamente nessa concentração e nessa linearidade a sua capacidade de seduzir o receptor (...). Noutros casos (...) é um simples incidente do quotidiano, com algum significado humano, que suporta o desenrolar da acção."

Em síntese, são ingredientes fundamentais de um conto a existência de uma acção, um lugar, um tempo e um tom.

## Romance

Um romance é um relato pormenorizado de uma história com início, meio e fim.

Apresenta vários conflitos que se vão desenvolvendo com as peripécias de inúmeras personagens que se apresentam bem definidas no espaço, tempo e traços psicológicos.

Assim, Reis e Lopes definem o romance como um "género narrativo distinto do conto e da novela. Desde logo, no romance relata-se normalmente uma acção relativamente extensa, eventualmente complicada por ramificações secundárias, podendo implicar componentes de ordem social, cultural ou psicológica e envolvendo de modo decisivo o destino das personagens (...). Intérpretes qualificados da acção são as personagens, também elas normalmente em quantidade e complexidade mais elevada do que a que nos restantes géneros narrativos se re-também, por exemplo, no que respeita à vida psicológica (...): neste aspecto, o romance é, por excelência, o lugar da revelação de personagens atravessadas por conflitos íntimos, traumas e obsessões que no seu discurso interior encontram o espaço privilegiado de inscrição."

## CRÓNICA

Actualmente, destina-se à publicação em jornal ou revista. Por isso se conclui que está ligada a acontecimentos diários.

A crónica é, assim, o acontecimento diário sob a visão recriada do cronista. Este é, essencialmente, um observador, um espectador que narra com arte a visão da sociedade em que vive, através dos factos do dia-a-dia.

Crónica	
<b>Principais características</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comenta temas do quotidiano, factos, notícias.</li> <li>• É um texto curto, pelo facto de ser publicado num jornal ou numa revista.</li> <li>• É um texto subjectivo, pois expressa a opinião do seu autor.</li> <li>• O foco narrativo é centrado no emissor (1.<sup>a</sup> pessoa) e no referente (3.<sup>a</sup> pessoa).</li> <li>• Há uma espécie de diálogo virtual com o leitor.</li> </ul>
<b>Linguagem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na crónica verifica-se a existência de:               <ul style="list-style-type: none"> <li>– discurso directo e espontâneo;</li> <li>– marcas do código oral e do texto literário;</li> <li>– predomínio das funções emotiva e poética.</li> </ul> </li> </ul>

## Texto 10

Lê o seguinte excerto da *Crónica de D. Fernando*, escrita por Fernão Lopes, no século XIV.

### CAPÍTULO LXXXIX

*COMO EL-REI D. FERNANDO ORDENOU QUE AS TERRAS DO SEU REINO FOSSEM TODAS LAVRADAS E APROVEITADAS.*

Ainda que el-rei visse n'esta sazão que o reino tinha muitos azos de ser minguido de mantimentos e d'outras cousas necessarias pelo que dito havemos, pero tão extranho lhe pareceu essa mingua em respeito da abundancia que n'elle

sabia de haver que com aficado desejo começou de cuidar como e por que maneira  
 5 tal mingua de mantimentos podia ser recobrada, e mais não poder vir tal desfalle-  
 cimento; e posto que lhe tal cousa parecesse muito convenhavel, e de todo em todo  
 determinar-se de a pôr em obra, pero por que maneira isto poderia vir a bom fim,  
 entendeu que lhe cumpria tomar conselho. E porque era cousa que pertencia a todo  
 o reino, fez chamar condes e prelados e mestres e outros fidalgos e cidadãos de sua  
 10 terra, e feito um dia ajuntamento de todos, para ouvir por que eram chamados,  
 propoz um por sua parte, dizendo: Que entre todas as obras da policia e regimento  
 do mundo não fôra achada nenhuma arte melhor, nem mais proveitosa, para  
 mantimento e vida dos homens que era a agricultura; e não sòmente, disse elle,  
 para os homens, e alimarias que o Senhor Deus creou para serviço d'elles, mas  
 15 ainda para ganhar algo a boa fama sem pecado esta é a mais segura.

«Ora assim é que El-Rei Nosso Senhor, que  
 aqui está, considerando como por todas as partes de  
 seu reino ha grão fallecimento de trigo e cevada e  
 outros mantimentos, de que, entre todas as terras do  
 20 mundo, elle sabia de ser mais abastado, e esse pouco  
 mantimento que ahi ha é posto em tanta carestia que  
 aquelles que hão de manter fazenda e estado não  
 podem chegar a haver essas cousas sem grão desbarato  
 d'aquillo que hão;

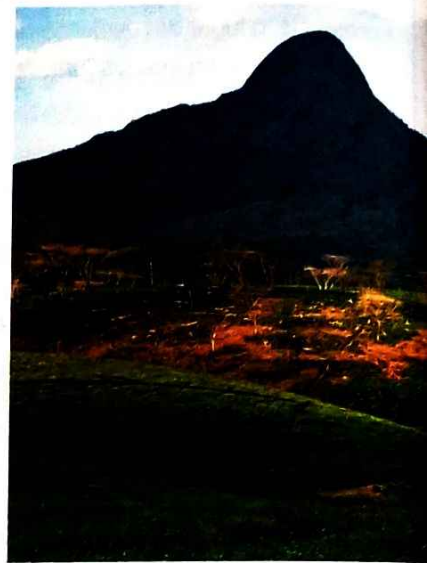
25 E vendo e esguardando que, entre as razões  
 por que este falameto vem, a mais especial é por  
 mingua das lavras, que os homens deixam e desam-  
 param, lançando-se a outros misteres que não são  
 tão proveitosos ao bem commum, por cujo azo as  
 30 terras que são convenháveis para dar fructos são  
 lançadas em resios bravos e montes maninhos;

«Porém, elle, considerando que, sendo a isto posto remedio, a terra tornaria  
 a seu grande abundamento, como sabia, que é uma das bemaventurancas que  
 o reino pode haver, propoz de vos chamar todos para, vos notificar o que n'este  
 35 feito entende de fazer, e com vosso bom accordo e conselho ordenar como me-  
 lhor e mais proveitosamente se possa dar execução.»

Isto assim proposto, louvaram todos seu bom desejo, e depois de muitas  
 razões que sobre ello faladas foram, com seu conselho e accordo d'elles, ordenou  
 el-rei que se fizesse por esta guisa:

40 Mandou que todos os que tivessem herdades suas proprias, e emprazadas,  
 ou por outro qualquer titulo, que fossem constrangidos para as lavar e se o senhor  
 das herdades as não podesse lavar, por serem muitas ou em desvairadas partes,  
 que lavrasse por si as que lhe mais aprouvesse, e as outras fizesse lavar por outrem  
 ou dêsse a lavrador por sua parte, de guisa que todas as herdades que eram para  
 45 dar pão todas fossem semeadas de trigo e cevada e milho.

E que fossem constrangidos cada uns que tivessem tantos bois quantos  
 cumpriam para as herdades que por tinham, com as cousas que á lavoura  
 pertencem; e, se aquelles que houvessem de ter estes bois não os podessem haver  
 senão por mui grandes preços, mandava que lh'os fizessem dar as justiças, por  
 50 arrazoados preços, segundo o estado da terra.



E que fosse assignado tempo aguisado, aos que houvessem de lavrar, para começarem d'aproveitar as terras, sob certas penas; e, quando os donos das herdades as não aproveitassem ou dessem a aproveitar, que as justiças as dessem, por certa cousa, a quem as lavrasse por sua razão, a qual seu dono não

65 houvesse, mas fosse despeza em proveito comum, onde essas herdades fossem. E que todos os que eram ou sabiam ser lavradores, e quaesquer outros que em villas e cidades ou fora d'ellas morassem, usando de officio que não fosse tão proveitoso ao bem commum como era o officio da lavra, que taes como estes fossem constringidos para lavrar, salvo se houvessem de seu valor

60 de quinhentas libras, que seriam umas cem dobras; e, se não tivessem herdades suas, que lhes fizessem dar das outras, para as aproveitarem, ou que houvessem de lavrar, por soldada arazoada.

E porquanto para lavrar a terra são muito necessarios mancebos que sirvam assim em guarda do gado como para as outras necessidades da lavoura, os quaes haver não poderiam por se lançarem muitos a pedir, não querendo 65 fazer serviço senão buscar azo para viver ociosos sem affan; dê-s-ahi, pois, que a esmola não era devida salvo áquelles que o ganhar não podem, nem por serviço de seu corpo podem merecer por que vivam; e, segundo ainda dito dos santos, mais justa cousa é castigar o pedinte sem necessidade que lhe dar esmola, 70 que é devida a envergonhados e pobres que não podem fazer serviço: porém, mandou el-rei que quaesquer homens ou mulheres que andassem alrotando e pedindo, e não usassem de mister, que taes como estes fossem vistos e catados pelas justiças de cada um lugar; e se achassem que eram de taes corpos e edades que podiam servir em algum mister ou obra de serviço, posto que em algumas 75 partes do corpo fossem minguados, pero com toda essa mingua poderiam fazer algum serviço, que fossem constringidos para servir n'aquellas obras que o podessem fazer, por suas soldadas e mantimentos, segundo lhes fossem taxados assim no mister da lavra como em outra qualquer cousa.

Outrosim mandava que quaesquer que achassem andar vadios, chamando- 80 -se escudeiros e moços d'el-rei ou da rainha e dos enfantes e de quaerquer outros senhores, e não fossem notoriamente conhecidos por seus ou mostrarem certidão como andavam por serviço d'aquelles cujo se chamavam, que fossem logo presos e recadados pelas justiças dos logares onde andassem e constringidos para servir na lavoura ou em outra cousa.

85 Ainda mais mandava que quaesquer que andassem em habito d'ermitães pedindo pela terra, sem trabalhar por suas mãos em cousa por que vivessem, que lhes mandassem e fossem constringidos que usassem do mister da lavoura ou servissem os lavradores; e se o estes fazer não quizessem, ou os pedintes a que mandado fosse, e isso mesmo os que se chamassem d'el-rei ou da rainha e 90 o não fossem, que os açoitassem pela primeira vez e constringessem-n'os todavia que lavrassem ou servissem, e se o d'ahi em deante fazer não quizessem que os açoitassem outra vez publicamente com pregão e deitassem fora do reino, dizendo el-rei que não queria que nenhum em seu senhorio fosse achado que vivessem sem mister ou serviço.

95 Aos fracos e velhos e doentes, que nenhuma cousa podiam fazer, mandava que déssem alvarás por que podessem seguramente pedir, e qualquer que alvará não trazia havia a pena sobredita.

Assim que quantos na terra havia, e os que viessem de fora do reino, todos haviam de ser sabidos, pelas vintencirras, que homens eram e que geito tinham de viver, e dito logo as justiças e portos todos em espirito; e qualquer pessoa, por  
105 poderosa que fosse, que se trabalhasse de defender alguns dos que assim fossem constrangidos, se fosse fidalgo que pagasse quinhentas libras e fosse degredado do logar onde vivesse e d'onde el-rei estivesse, a seis leguas, e se fidalgo não era pagasse trezentas e mais outro tal degredo, encarregando muito as justiças que logo isto dessem á execução.

110 Nos logares onde se costuma de haver ganhadeiros que se escusar não podem, mandava deixar por numero certo os que se escusar não podessem, e os outros constrangiam para servir.

E em cada uma cidade e villa ou logar havia d'haver dois homens-bons que vissem as herdades para dar pão, e as fizessem aproveitar por grado ou  
115 constrangimento, taxando entre o dono d'ellas e o lavrador o que razoado fosse de lhes dar; e quando o senhor da herdade não quizesse convir em cousa que arrazoada fosse que a perdesse por sempre, e a renda d'ella fosse para o commum onde jovesse.

Na criação e trazimento dos gados, mandava que nenhum não trouxesse  
120 gados seus nem alheios, salvo se fosse lavrador ou mancebo de lavrador que morasse com elles; e se os outrem quizesse trazer havia se de obrigar de lavar certa terra, d'outra guisa perdia o gado, para proveito commum dos logares onde era filhado.

Estas e outras cousas, por se manter esta ordenança, mandava el-rei assim  
125 guardar, que nenhum era assim ousado passar seu mandado, por cujo azo a terra começou de ser mui aproveitada e crescer em abundancia de mantimentos.

LOPEX, Fernando. "Crónica de D. Fernando", Clássicos Sá da Costa

## LER - COMPREENDER

1. Acabaste de ler uma crónica de Fernão Lopes, escrita no português utilizado no século XIV.

Vamos apresentar-te algumas características das suas crónicas:

- união do literário e do histórico;
- crónica histórica;
- objectividade na visão dos acontecimentos;
- interesse pelo lado humano dos acontecimentos que determinaram a história;
- crítica ao rei e aos nobres;
- referenciação das causas económicas e psicológicas do processo histórico;
- estilo coloquial;
- retrato psicológico das personagens.

1.1. Exemplifica cada uma das características enumeradas com um exemplo retirado do texto.

## Texto 11

Para concluir esta unidade temática, apresentamos-te uma crónica de Areosa Pena, publicada no jornal *Notícias* em 1969. Lê-a com atenção.

# S EJAM ELES DE BRAGA OU DE INHAMBANE

O homem vindo de Inhambane, confiante na boa fama que os pedreiros da sua terra gozam, foi em busca de emprego. Quando lhe perguntavam se estava sindicalizado, respondia afirmativamente: «No Sindicato dos Operários da Construção Civil». Logo os mestres-de-obras se mostravam desinteressados: «De momento não havia necessidade de ninguém». Cansado de subir inutilmente a muitos andaimes, tentou uma última vez, numa construção, ali para os lados da Polana: «Que era de Inhambane, que sabia a fundo do seu ofício, que o experimentassem – tão bom como os melhores».

O empreiteiro estava decidido a empregá-lo, mas quis-se assegurar se pertencia ao sindicato. O pedreiro de Inhambane, sócio do sindicato há dois anos, mas que há três semanas, desde que as obras da Matola terminaram, não levava um tostão para casa, reflectiu, pensou duas vezes na mulher e nos filhos e mentiu: «Não senhor!». E foi admitido.

Como este caso, há centenas, pois as entidades patronais preferem, para poder manter os salários baixos e eximir-se a pagar os abonos de família, empregar operários que não estejam sindicalizados, mas sim abrangidos pelo Código de Trabalho Rural.

Isto não é de surpreender se pensarmos que um pedreiro cujo salário mínimo, segundo as tabelas do Sindicato dos Operários da Construção Civil, é de



Obras numa ponte sobre o rio Save, Inhambane, Moçambique

cerca de 3000\$00, receberá, de acordo com o Código de Trabalho Rural, menos de 1500\$00.

Para se manterem em equilíbrio entre estas duas posições – em que a existência de uma torna absurda a existência da outra – os trabalhadores sindicalizados susceptíveis de ser abrangidos pelo Código de Trabalho Rural submetem-se a todas as condições impostas pela ganância das entidades patronais.

Enquanto uns negam que estejam sindicalizados e se sujeitam a ganhar uma ridícula, outros dizem-se solteiros e sem filhos para não assustar os patrões com o pagamento dos abonos de família.

Grande parte recorre ainda ao sistema de solicitar a redução do vencimento mínimo estabelecido na tabela do sindicato. O requerimento é dirigido ao Governo mas é informado pelo Sindicato a quem cabe o papel ingrato: ou dá parecer desfavorável e priva um sócio da única oportunidade de emprego que lhe apareceu, ou diz não ver inconveniente e concorre para a degradação do valor do trabalho, cuja sua missão máxima é defender.

Tudo isto é anacrónico, profundamente errado e atentatório da dignidade do trabalhador. Continuar a permitir-se esta dualidade de critérios é enfraquecer, na Província, a causa sindical, quando a mesma na Metrópole se robustece.

A desactualização do regulamento geral que rege os sindicatos de Moçambique já mereceu a atenção do Ministério do Ultramar que, há cerca de meio ano, estuda a reforma do absoleto Diploma Legislativo 1595.

Muito há a esperar de uma reforma deste género para todos os sindicatos da Província mas, no que se refere ao Sindicato dos Operários de Construção Civil, que é do que estou falando, limito-me a desejar que se termine com a anacrónica intromissão do Código de Trabalho Rural no âmbito de uma actividade, em que são necessários operários especializados (unidos – quer sejam de Inhambane ou de Braga – pela semelhança de tarefas e de problemas) que não podem, de modo algum, continuar submetidos ao mesmo documento que regulamenta trabalho de vulgares cavadores de enxada.

PENA, Areosa, in *Notícias*, 22.02.1969

## LER – COMPREENDER

Depois de teres lido o texto, faz o levantamento das principais características que permitem integrá-lo na categoria da crónica.

## PESQUISAR

O texto que analisaste é da autoria de um cronista, já falecido, mas com uma obra importante. Pesquisa outros textos da sua autoria e recolhe informações sobre a sua biografia.

# Texto 12

Agora que já conheces muitos contos vamos apresentar-te mais um de Angola, da autoria de um autor muito conhecido, com uma vasta produção literária, Luandino Vieira. Dado que o conto é muito longo, vamos apresentar-te apenas excertos.

## ESTÓRIA DA GALINHA E DO OVO

Estes casos passaram no musseque Sambizanga, nesta nossa terra de Luanda.

Foi na hora das quatro horas.  
(...)

Sô Zé da quitanda  
5 tinha visto passar nga Zefa  
rebocando miúdo Beto e avi-  
sando para não adiantar  
falar mentira, senão ia-lhe  
10 pôr mesmo Jindungo na  
língua. Mas o monandengue  
refilava, repetia:

– Juro, sangue de  
Cristo! Vi-lhe bem, mamã, é  
15 a Cabíri!...

Falava verdade como  
todas as vizinhas viram bem,  
uma gorda galinha de peque-  
nas penas brancas e pretas,  
20 mirando toda a gente, des-  
confiada, debaixo do cesto  
ao contrário onde estava  
presa. Era essa a razão dos  
insultos que nga Zefa tinha  
25 posto em Bina, chamando-lhe  
ladrona, feiticeira, queria-lhe  
roubar ainda a galinha e  
mesmo que a barriga da vizi-  
nha já se via com o mona lá  
30 dentro, adiantaram pelejar.

Miúdo Xico é que descobriu, andava na brincadeira com Beto (...) e quando vieram no quintal de mamã Bina pararam admirados. A senhora não tinha criação, como é ouvia-se a voz dela, pi, pi, pi, chamar galinha, o barulho



do milho a cair no chão varrido? Mas Beto lembrou os casos já antigos, as pa-  
36 lavras da mãe queixando no pai quando, sete horas, estava voltar do serviço:

– Rebento-lhe as fuças, João! Está ensinar a galinha a pôr lá!

Miguel João desculpava sempre, dizia a senhora andava assim de barriga  
você sabe, às vezes é só essas manias as mulheres têm, não adianta fazer confu-  
são, se a galinha volta sempre na nossa capoeira e os ovos você é que apanha...  
40 Mas nga Zefa não ficava satisfeita. Arreganhava o homem era um mole e jurava  
se a atrevida tocava na galinha ia passar luta. (...)

Mas nessa tarde, o azar saiu. Durante toda manhã, Cabíri andou a  
passar no quintal, na rua, na sombra, no sol, bico aberto, sacudindo a cabeça  
ora num lado ora noutra, cantando pequeno na garganta, mas não pôs o ovo  
45 dela. (...)

E assim, quando miúdo Beto veio lhe chamar e falou a Cabíri estava presa  
debaixo dum cesto na cubata de nga Bina e ele e Xico viram a senhora mesmo  
dar milho, nga Zefa já sabia: a sacrista da galinha tinha posto o ovo no quintal  
da vizinha. (...)

50 Passou luta de arranhar, segurar cabelos, insultos de ladrona, cabra,  
feiticeira. Xico e Beto esquivaram num canto e só quando as vizinhas desapar-  
taram é que saíram. A Cabíri estava tapada pelo cesto grande mas lhe deixava  
ver parecia era um preso no meio das grades. Olhava todas as pessoas ali juntas  
a falar, os olhos pequenos, redondos e quietos, o bico já fechado. Perto dela,  
55 em cima de capim posto de propósito, um bonito ovo branco brilhava parecia  
ainda estava quente, metia raiva em nga Zefa. (...)

Sô Zé, paciente, as costas quase marrecas, pôs então um sorriso e pegou  
Bina no braço.

– Pronto! Já sei tudo. Tu dizes que a galinha pôs no teu quintal, que o  
60 milho que ela comeu é teu e, portanto, queres o ovo. Não é? (...) Esse milho  
que deste na Cabíri... é daquele que te vendi ontem?

– Isso mesmo, sô Zé! Ainda bem, o senhor sabe...

– Ah, sim!? O milho que te fiei ontem? E dizes que o ovo é teu? Não tens  
vergonha?...

65 (...)

VIEIRA, José Luandino, *Luuanda*, 9.ª ed., Lisboa, Edições 70

## FALAR – ESCREVER

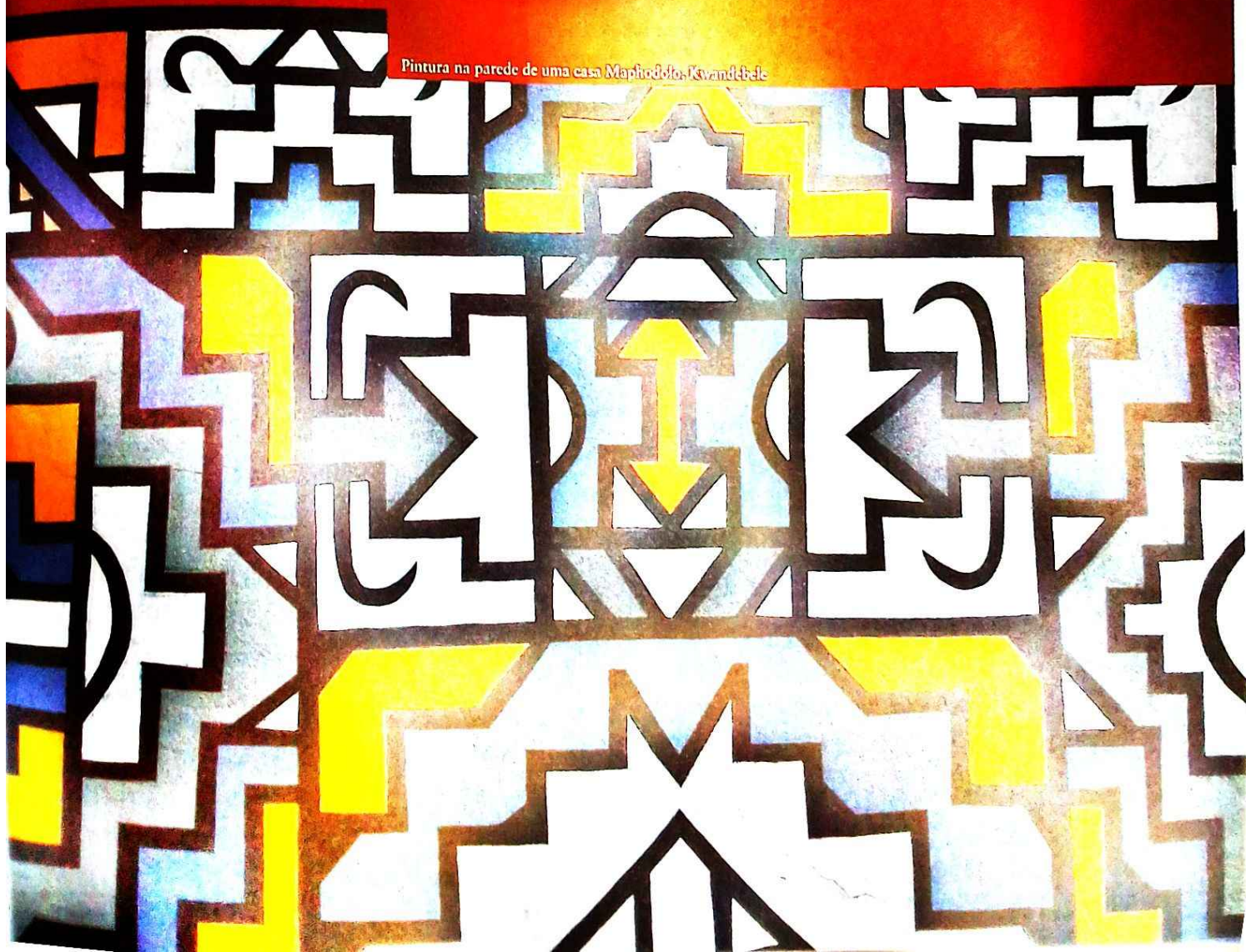
A disputa por um ovo cria uma grande confusão! Continua o conto, imaginando  
outras situações. No final, não te esqueças de confrontar o teu texto com o original.

# 6 Textos de Pesquisa de Dados

## Objectivos específicos

- Organizar as referências bibliográficas
- Elaborar uma ficha bibliográfica
- Produzir frases com o conector *pois* conclusivo e causal
- Resolver exercícios estruturais, empregando os quantificadores *tudo, todo, ninguém*
- Pesquisar obras sobre a elaboração de uma referência bibliográfica

Pintura na parede de uma casa Maphodolo, Kvandebele



# TEXTOS DE PESQUISA DE DADOS

## Biblioteca

### Texto 1

Lê o texto com atenção.

Entretanto, continuava a ler. Lia muito. A realidade. Os livros. Procurava entender o que viam e diziam outros corações.

5 As histórias, sobretudo as baseadas na vida, tal como ela palpitava, encantavam-me. Completamente. Tão completamente, que lia uma. Avidamente.

Depois outra. De um fôlego.

10 Que prazer!

E mais outra

Que prazer!

E outra. E outra.

Que prazer!

15 Voltava atrás num capítulo. Sabia partes de outro de cor. E, quando alguma me tocava mais profundamente, então é que era! Além de sublinhar certas frases, escrevia o que pensava, aprendera, ou aquilo que essa história me fizera enxergar dentro de mim próprio nas margens do livro (que se sabe não serem para isso. Mas talvez até se sentissem melhor assim...). Como eu conversava  
20 com as passagens que me agradavam mais! Conversa, pois! Claro que, quanto maior era a minha intimidade com a história, mais as margens e eu própria ficávamos preenchidas.



GONÇALVES, Graça, *O Céu dentro de ti*, Gostar Editora, 2005

### LER – COMPREENDER

1. Identifica o tipo de livros referidos no texto.
  - 1.1. Que razões são apresentadas para tal gosto?
  - 1.2. Caracteriza psicologicamente o emissor do texto.
2. Lê as frases.
  - a. “Uma casa sem livros é como um corpo sem alma.” (Cícero)

b. "Um bom livro é um bom amigo." (Jacques-Henri de Saint-Pierre, 1737-1814)

c. "Um livro é uma janela pela qual nos evadimos." (Julien Green, 1900-1998)

2.1. As frases a., b. e c., apesar de enunciadas por autores cronologicamente muito distantes entre si, salientam uma ideia comum: a importância dos livros.

2.1.1. Escolhe a frase que mais sentido tem para ti. Explica-a e justifica a tua escolha.

## SABER MAIS

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

De acordo com o *Diccionario Michaelis*, a palavra *bibliografia* é constituída por dois termos: *biblos*, que se refere a *livro*, e *grafia*, que significa *escrita*.

Actualmente, no seu sentido mais amplo, o termo refere-se à ciência que trata da história, descrição e classificação de livros. Noutra acepção, significa inventário metódico de livros. A referência bibliográfica consiste na relação das obras, documentos e outras fontes orais ou escritas, consultadas pelo autor de um trabalho de pesquisa.

Nas referências bibliográficas deve seguir-se a seguinte ordem: apelido, nome, data, título, local de edição, editor. Devem ainda respeitar-se algumas normas:

- apelido (último nome) do autor, escrito em primeiro lugar, geralmente em maiúsculas, separado por uma vírgula do primeiro nome e restantes apelidos. Uma obra com mais de três autores é registada no nome do primeiro, acrescentando-se *et alii* (expressão latina que significa *e outros*). Se um livro foi escrito por muitos autores, no local destinado ao nome do autor pode surgir a abreviatura AA.VV., que significa *autores vários*;
- data entre parênteses, a seguir ao nome do autor (escreve-se S/D, que significa *sem data*, quando não for possível conhecer a data de edição);
- título da obra em itálico ou, se manuscrito, sublinhado. O título da obra começa sempre com maiúscula;
- número da edição;
- local de publicação (escreve-se S/L, que significa *sem lugar*, quando não for possível determinar o local de edição);
- editor.

Pode ainda surgir, no final, a indicação das páginas consultadas (através da abreviatura p. para uma única página ou pp. para diversas), quando é utilizada apenas uma parte da obra, e/ou referência ao volume, à edição e à colecção, sendo estes últimos registados logo a seguir ao título da obra.

No caso de capítulos ou de artigos de obras colectivas, revistas ou jornais, a referência deverá iniciar-se com o apelido do autor, em maiúsculas, seguido do seu nome, título do artigo (entre aspas), título da publicação (em itálico ou sublinhado, se manuscrito) precedido de *in* (elemento latino que significa *em*), local de publicação (facultativo), número, volume, data (mês e ano) e páginas do texto.

Os textos retirados da internet são indicados a partir do apelido do seu autor, seguindo-se o seu nome, o título do artigo ou do texto (colocado entre aspas), o título da página de onde foi retirado em itálico, a data da sua produção, o endereço da página e a data da consulta.

Exemplos:

ESTRELA, Edite et alii (2003), *Saber Escrever, Saber Falar*, Lisboa, Dom Quixote.

AA.VV. (2000), *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*, Porto, Porto Editora.

SILVA, João Amadeu Carvalho da, "A poesia como espaço da realidade", in *Palavras*, Lisboa, n.º 30, Outubro de 2006, pp.71-78.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. (1987), "Conto", in *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, pp.79-82.

CEIA, Carlos, "Fábula", in *E-Dicionário de Termos Literários*, <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/fabula.htm>, consultado em 03.05.10.

### Ficha bibliográfica

As fichas bibliográficas são um instrumento de trabalho indispensável, permitindo identificar obras, conhecer o seu conteúdo, fazer citações, conservar críticas, nossas ou de outrem, analisar o material a utilizar num trabalho.

Fichas deste tipo consistem numa pequena cartolina contendo os elementos identificadores de documentos, entre os quais se encontram os seguintes:

- apelido do autor (em maiúscula);

- nome próprio do autor;

- título da obra  
(sublinhado ou em itálico);

- subtítulo da obra;

- local de edição;

- nome da editora;

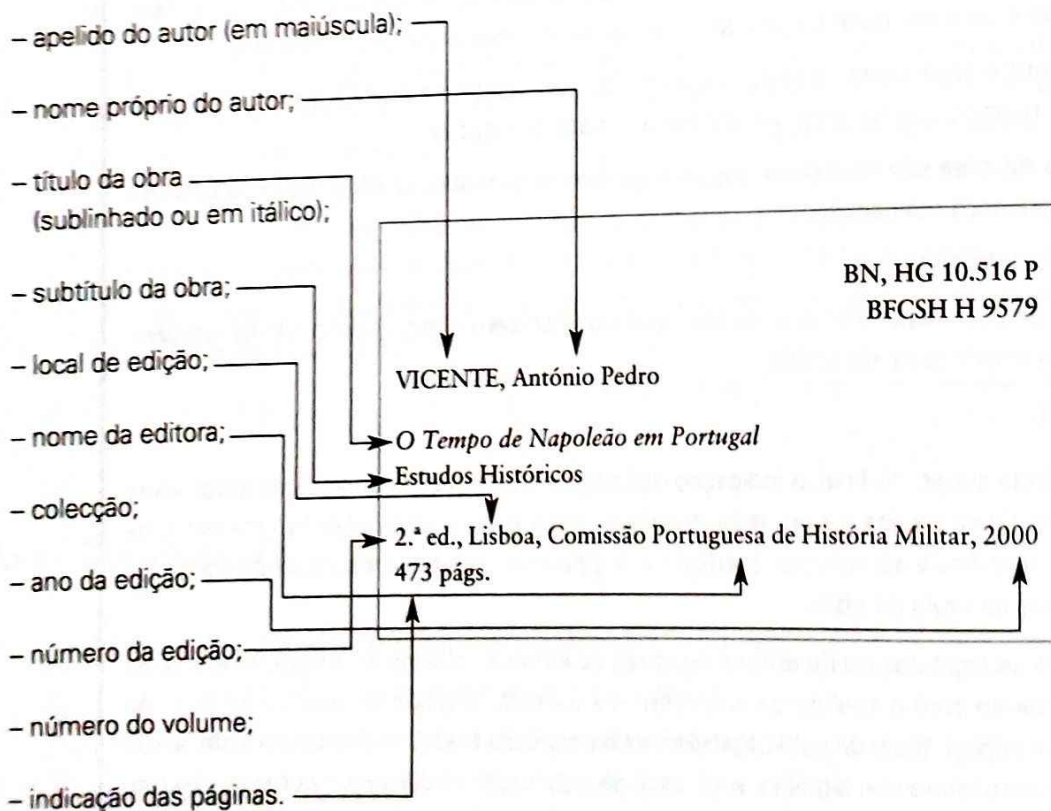
- colecção;

- ano da edição;

- número da edição;

- número do volume;

- indicação das páginas.



## Catálogos online

Actualmente, é possível aceder às fichas bibliográficas dos livros que se encontram nas bibliotecas de todo o mundo, consultando, na *internet*, os respectivos catálogos.

Apresentamos-te um exemplo de uma ficha bibliográfica presente no catálogo *online* de uma biblioteca portuguesa.

119

Título: Dicionário de narratologia  
 Autor(es): Carlos Reis, Ana Cristina M. Lopes  
 Publicação: Coimbra : Almedina, 1987  
 Descrição: 433 p. 21 cm.  
 Física:  
 Assunto(s): Linguística / Dicionários-Narratologia  
 Localização: CLUNL DIC 408 / G04 (CLUNL) - 1725/2009. - Este livro encontra-se no CLUNL - Gabinete d  
 Veja também... Reis, Carlos  
 Lopes, Ana Cristina M.

## APLICA

1. Observa a seguinte ficha com informação sobre um romance de Ungulani Ba Ka Khosa.

119

Título: Ualalapi  
 Autor(es): Ungulani Ba Ka Khosa (Francisco Esau Cossa)  
 Publicação: Lisboa : Caminho, 1990  
 Descrição Física: 125 p. ; 21 cm  
 Colecção: Uma Terra sem Amos ; 50  
 Assunto(s): Literatura moçambicana / Séc. 20  
 Localização: LL 8096 (UNLCSH) - 35345  
 Veja também... Khosa, Ungulani Ba Ka. 1957-

- 1.1. Elabora a referência bibliográfica do livro.
2. As referências bibliográficas abaixo indicadas contêm erros.
  - 2.1. Assinala e corrige os erros detectados.
    - a. Coelho, João Paulo Borges, "Hynyambaan", Editorial Ndjira, Maputo, 2007
    - b. Agostinho Ngoenha, Proler, n 3, 2002, A Representação do Social em Portugal, pp. 23 e 24.
    - c. Luis Bernardo Honwana, in Nós Matámos o cão Tinhoso, "As mãos dos pretos", Edições Afrontamento.
3. Elabora a referência bibliográfica do teu manual de Português.

## PESQUISAR

- Procura conhecer a história do livro.
- Apresenta, na turma, o resultado da tua pesquisa.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### USO DO CONECTOR *POIS* COM VALOR CONCLUSIVO E CAUSAL

A conjunção *pois* pode ser coordenativa conclusiva ou subordinativa causal, dependendo da sua função na frase.

#### **Pois – conjunção coordenativa conclusiva**

*Pois* é uma conjunção coordenativa conclusiva quando liga duas frases/orações em que a segunda é apresentada como conclusão da primeira.

Quando é coordenativa conclusiva, a conjunção *pois* vem sempre depois do início da oração a que pertence, ao contrário do que acontece com as conclusivas *logo*, *portanto*, *assim*, *por isso*, *por consequência* e *por conseguinte*, que variam de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

Exemplo:

Era, pois, um homem de grande prestígio e foi, pois, um grande político.

#### **Pois – conjunção subordinativa causal**

*Pois* é conjunção causal quando inicia uma oração que expressa causalidade. Neste caso, pode ser substituída por outras conjunções e locuções conjuncionais causais (*porque*, *que*, *como*, *porquanto*, *visto que*, *já que*, *pois que*, *visto*, *dado*).

Exemplo:

Fui à tua procura, pois (*porque*, *visto que*, *já que*...) precisava de falar contigo.

## PRÁTICA

1. Repara nas frases que se seguem.
  - a. Está doente; tem, pois, febre.
  - b. Está doente, pois tem febre.
- 1.1. Como classificas *pois* na primeira e na segunda frase? Justifica a tua resposta.
- 1.2. Reescreve as frases a. e b., substituindo *pois* por uma conjunção equivalente.
2. Sublinha as conjunções que encontras nas frases e classifica-as.
  - a. Sentimos a nostalgia das férias, porque as aulas começam.
  - b. Preparei-me convenientemente, logo as aulas vão correr bem.
  - c. Cala-te, pois não consigo estudar.
  - d. Não saí, pois estava a chover.
  - e. O carro avariou; temos, pois, de o consertar.
  - f. O jogo estava viciado, logo não podia dar certo.
- 2.1. Distingue nas frases anteriores as conjunções subordinativas e as coordenativas e explica essa diferença.

## Texto 2

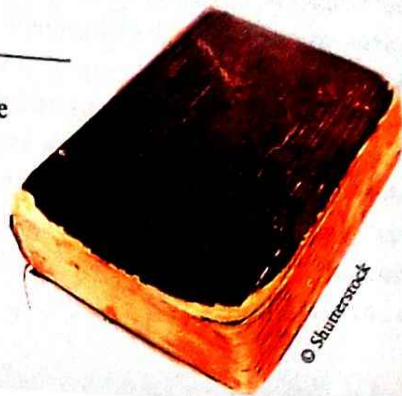
Lê atentamente os textos que se seguem.

### Texto A

#### Encontrado nos Estados Unidos livro com 500 anos de existência

Uma negociante americana de livros raros, de nome Barrie Pribyl, acaba de protagonizar uma gigantesca descoberta de um livro com mais de 500 anos de existência.

De acordo com especialistas, esta obra é um verdadeiro marco na história da imprensa e possui um valor cultural enorme.



In *Proler*, n.º 3, Março/Abril de 2002

### Texto B

#### Biblioteca

Na definição tradicional do termo, uma *biblioteca* é um espaço físico onde se guardam livros. De maneira mais abrangente, biblioteca é todo o espaço (concreto, virtual ou híbrido) destinado a uma coleção de informações, quer sejam escritas em folhas de papel (monografias, enciclopédias, dicionários, manuais, etc.) quer sejam digitalizadas e armazenadas em outros tipos de materiais, tais como CD, fitas, DVD e bancos de dados. Revistas e jornais também são colecionados e armazenados especialmente em hemerotecas.



Biblioteca Nacional, Maputo, Moçambique

#### As bibliotecas e a História

A existência das bibliotecas é anterior à própria história do livro e remonta ao momento em que a humanidade começa a dominar a escrita.

As primeiras bibliotecas são chamadas "minerais", pois os seus acervos eram constituídos por placas de argila.

Depois vieram as bibliotecas vegetais e animais, constituídas por rolos de papiro e pergaminho.

Mais tarde, com o aparecimento do papel, fabricado pelos árabes, surgiram as bibliotecas de papel e, posteriormente, as do livro propriamente dito.

Os historiadores acreditam que a biblioteca mais antiga seja a do rei Assurbanipal (século VII a. C.), cujo acervo era formado por placas de argila.

Nenhuma biblioteca, no entanto, foi tão famosa como a biblioteca de Alexandria, no Egipto. Chegou a possuir mais de 700 mil manuscritos em rolos de papiro.

A vida das bibliotecas, ao longo dos tempos, está marcada por guerras, pela censura e por resistências várias ao conhecimento que representam.

Na Idade Média, por exemplo, as bibliotecas quase desapareceram pela acção da Igreja e da censura. Mas, curiosamente, foi nos esconderijos dos mosteiros que conseguiram mais uma vez salvar-se.



Actual Biblioteca de Alexandria

## As bibliotecas no futuro

Nos dias de hoje, as bibliotecas vêm-se adaptando às inovações tecnológicas.

Uma das características da biblioteca do futuro não será o volume do seu acervo, mas sim a disponibilidade de poder divulgar e partilhar informações com outras instituições através das novas tecnologias. Provavelmente num futuro próximo, os livros que compõem a maioria dos acervos das bibliotecas serão armazenados em CD-ROM, na *internet* e noutros mecanismos de armazenamento de dados electrónicos.

## Obras consultadas

CANFORA, Luciano (1989), *A Biblioteca desaparecida: história da Biblioteca de Alexandria*, São Paulo, Companhia das Letras.

MARTINS, Wilson (1998), *A Palavra Escrita*, 3.ª Edição, São Paulo, Ática.

(Da autora do manual)

## LER – COMPREENDER

1. Atenta no texto A.

1.1. Identifica o *lead*.

1.2. Sublinha, no *lead*, as resposta às perguntas *Quem? O quê? Onde? e Quando?*

2. Apresenta, de forma breve, o conteúdo essencial do texto B.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### USO DOS QUANTIFICADORES TUDO, TODO, NINGUÉM EM ORAÇÕES COMPARATIVAS E CONSECUTIVAS

Um quantificador é uma palavra que especifica o nome que acompanha, dando informações relativamente ao número, à quantidade ou à parte da entidade referida.

Exemplo:

Li todos os livros do programa e fiz uma ficha para cada livro.

Deves, no entanto, conhecer algumas especificidades destes três quantificadores:

**Tudo** tem, geralmente, um valor de substantivo; no entanto, pode ter um valor de adjectivo em expressões como *tudo isto*, *tudo isso*, *tudo aquilo*, *tudo o que...*

Exemplos:

A Maria comeu tudo. (valor de substantivo)

Tudo aquilo era muito estranho. (valor de adjectivo)

**Todo** tem, geralmente, valor de adjectivo; no entanto, em alguns casos, pode ser usado como substantivo:

Exemplo:

Ele comeu a laranja toda. (valor de adjectivo)

Todos estavam contentes com os resultados. (valor de substantivo)

**Ninguém** usa-se sempre com valor de substantivo.

Exemplo:

A professora não encontrou ninguém na sala.

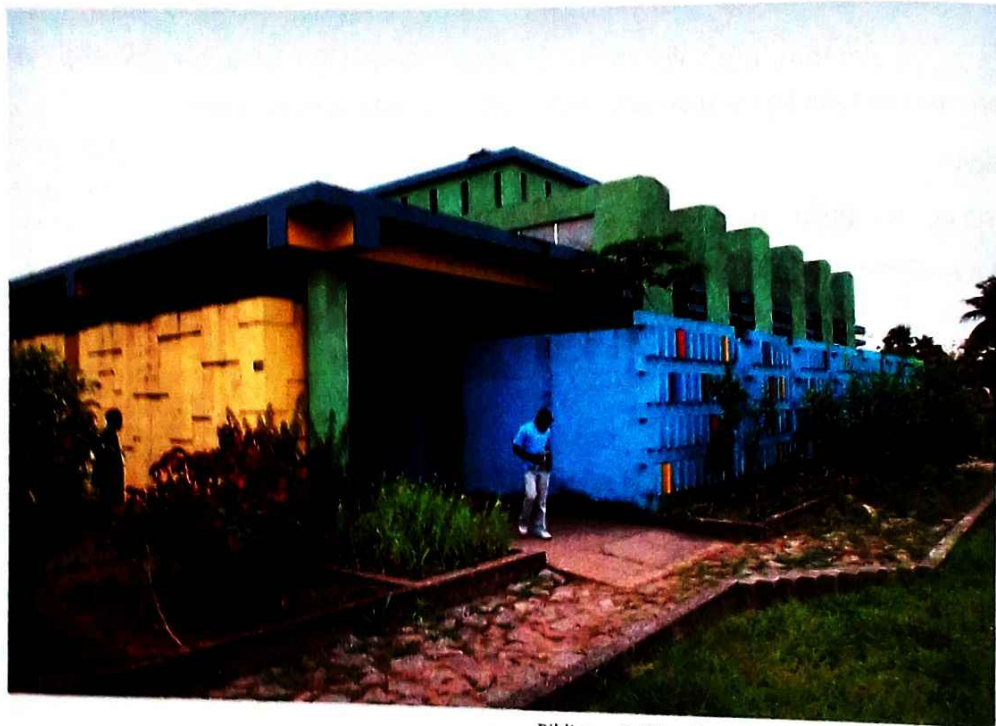
## PRÁTICA

1. Preenche os espaços com os quantificadores *tudo*, *todo/a/os/as*, *ninguém*.
  - a. Ela desenha como \_\_\_\_\_.
  - b. \_\_\_\_\_ é mais mesquinho do que aquele homem.
  - c. \_\_\_\_\_ era tão maravilhoso, que parecia inacreditável.
  - d. Tal como \_\_\_\_\_ o grupo, também o Rui queria participar no jogo.
  - e. \_\_\_\_\_ ele tremia como varas verdes.
  - f. Ela era \_\_\_\_\_ beleza e bondade, de forma que \_\_\_\_\_ lhe queria mal.
  - g. \_\_\_\_\_ estava de tal forma perfeito, que \_\_\_\_\_ ficaram boquiabertos e \_\_\_\_\_ disse uma palavra.
  - h. Ela faz \_\_\_\_\_ o possível de modo a não ficar para trás.
  - i. Ela faz \_\_\_\_\_ os possíveis para não ficar para trás.
  - j. \_\_\_\_\_ mais do que ele sabe o que eu tenho feito para resolver o assunto.

## ESCREVER

Com esta unidade pretende-se apoiar os alunos na pesquisa bibliográfica. Esta é feita, em grande parte, na biblioteca.

Visita uma biblioteca na tua zona de residência e elabora um pequeno relatório, com sugestões quanto ao seu funcionamento.



Biblioteca Pública Provincial da Zambézia, Quelimane

## PESQUISAR

Agora que chegámos ao fim da unidade, é altura de sintetizares os conhecimentos aqui adquiridos e também de os aprofundares, indo mais além...

Faz uma pesquisa de livros que tenham como tema a prevenção de acidentes rodoviários. Depois de seleccionares os que te parecerem mais interessantes, constrói as respectivas fichas e referências bibliográficas.

Estas fichas irão ajudar-te mais tarde, na selecção de material para desenvolveres trabalhos sobre a prevenção de acidentes rodoviários.

# Textos Normativos

## Objetivos específicos

- Conhecer os artigos de lei de âmbito nacional e as leis locais em vigor
- Conhecer, reconhecer, identificar, nomear e classificar plantas
- Identificar plantas das regiões e espécies
- Fazer plantas com a designação apropriada
- Participar em debates sobre a Revolução Verde e que estejam presentes especialistas da área de agricultura



## TEXTOS NORMATIVOS

### Lei da Família

#### Texto 1

Le, com atenção, o texto.

## UMA RAPARIGA

Sou uma rapariga, e uma rapariga deve caminhar depressa, com a cabeça inclinada para o chão, como se estivesse a contar os passos. Mãe deve erguer o olhar nem desviá-lo para a direita ou para a esquerda enquanto a caminha, porque se os seus olhos se cruzarem com os de um homem toda a aldeia lhe chamará *charmuta*!

Se uma vizinha já casada, uma velha ou quem quer que seja a avistar sozinha numa rua, sem estar acompanhada pela mãe ou pela irmã mais velha, sem as ovelhas, sem um molho de feno ou um carrego de figos, também lhe chamarão *charmuta*.

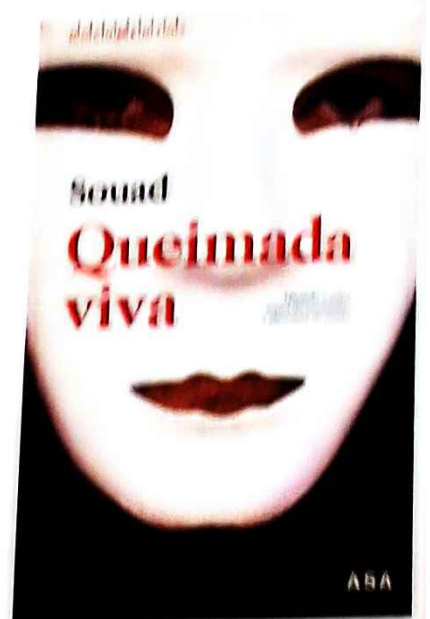
Uma rapariga tem de estar casada para poder olhar em frente, entrar na loja do comerciante, depilar-se ou usar jóias.

Quando uma rapariga ainda não casou, a partir dos catorze anos, como a minha mãe, a aldeia começa a troçar dela. Mas, para poder casar, uma rapariga tem de esperar pela sua vez na família. Primeiro a mais velha e depois as outras.

Há muitas raparigas na casa do meu pai. Quatro, todas em idade de casar. Há também duas metas irmãs, filhas da segunda mulher do nosso pai. Ainda são crianças. O único homem da família, o filho adorado por todos, o nosso irmão Assad, nasceu, triunfalmente, no meio de todas estas raparigas. Foi o quarto. Eu sou a terceira.

O meu pai, Adnan, está desgostoso com a minha mãe, Leila, que lhe deu tantas filhas. Também está descontente com a outra esposa, Aicha, que só lhe deu raparigas.

Noura, a mais velha, casou tarde, quando eu tinha cerca de quinze anos. Kainat, a segunda rapariga, não é requestada por ninguém. Ouvi dizer que um homem falou em mim ao meu pai, mas tenho de aguardar o casamento de Kainat antes de poder pensar no meu. (...)



Não conheci folguedos nem prazeres tanto quanto a minha mente é capaz de se lembrar. Na minha aldeia nascer rapariga é uma maldição. O único sonho de liberdade é o casamento. Abandonar a casa do pai em troca da casa do marido e não voltar nunca mais, mesmo que se seja espancada. Quando uma rapariga casada regressa à casa do pai é uma infâmia. Não deve pedir protecção fora da sua própria casa e é dever da família levá-la de novo para o lar.

A minha irmã foi espancada pelo marido e arrastou consigo a vergonha ao vir queixar-se.

Ela tem sorte em ter um marido. Eu sonho com isso.

Glossário: <sup>1</sup> charmuta: prostituta.

SOUAD, *Queimada Viva*, Porto, ASA, 2007

## LER - COMPREENDER

1. Identifica o tipo de sociedade descrito no texto.
2. Sintetiza a forma de educação dada às jovens.
3. A partir de uma reflexão acerca do conteúdo do texto, apresenta a tua opinião sobre a afirmação:

*O único sonho de liberdade é o casamento.*

## Texto 2

A *Lei da Família* pretende acabar com situações semelhantes às apresentadas no texto anterior. Na própria Lei define-se como principal objectivo "...eliminar as disposições que sustentam a desigualdade de tratamento nas relações familiares, no respeito pela moçambicanidade, pela cultura e identidade própria do povo moçambicano".

Propomos-te, de seguida, a continuação do estudo da Lei da Família (Lei n.º 10/2004 de 25 de Agosto), que já começaste a analisar na unidade 1 (páginas 14-20). Desta vez, incidiremos nos Artigos 141-279.

Dada a extensão do texto, propomos uma análise faseada em seis momentos; assim, antes de iniciares a resolução das actividades relacionadas com cada uma das partes (I-VI), deverás ler atentamente os artigos em questão, que se encontram no livro editado pela Imprensa Nacional de Moçambique, em 2004, com o título Lei n.º 10/2004.

### Parte I

#### Subsecção II (Regime da comunhão de adquiridos)

##### - Artigos 141 a 156

O *regime de bens* é o conjunto de regras que determina a quem pertencem os bens das pessoas casadas.

Antes do casamento, os noivos devem informar-se sobre os regimes de bens do casamento e decidir qual o regime a adoptar. Caso o não façam a lei determina que seja aplicável o regime de bens adquiridos.

A *Lei da Família* prevê regimes de bens: *regime da comunhão de bens adquiridos*; *regime da comunhão geral de bens* e *regime da separação de bens*.

## LER – COMPREENDER

1. O que se entende por *regime da comunhão de bens adquiridos*?
2. Os bens que cada um dos cônjuges possuía antes do casamento pertencem aos dois?
3. Define, por palavras tuas, o conceito de *regime da comunhão geral de bens*.
4. Enumera as excepções apresentadas a esta *comunhão geral de bens*.
5. O último regime denomina-se *regime da separação de bens*.
  - 5.1. Caracteriza esta modalidade.
6. Recorrendo a exemplos do texto, explica a diferença entre *artigo*, *capítulo*, *secção* e *subsecção*. Se tiveres dúvidas, consulta a página 16 do manual.

## Parte II

### Capítulo X (Doações para casamento e entre casados) – Artigos 157 a 169

## LER – COMPREENDER

1. Define o que se entende por *doação*.
2. Cada um dos cônjuges é livre de aceitar doações ou heranças. Se um dos cônjuges não quiser aceitar, qual é a solução?
3. Fala-se de *casamento putativo* no artigo 169.
  - 3.1. Procura, na Lei, o significado dessa palavra.

## Parte III

### Capítulos XI (Separação dos cônjuges e dos bens) e XII (Dissolução do casamento) – Artigos 170 a 201

A relação conjugal nem sempre funciona como era suposto e desejado no momento do casamento. Razões várias levam à sua dissolução.

Anteriormente vimos que o casamento tem reflexos não só em cada um dos cônjuges como também no património que cada um traz e naquele que se adquire posteriormente.

Pode dar-se o caso que o cônjuge que administra os bens do casal não o fazer com bom senso e, nesse caso, o outro cônjuge pode optar por uma simples separação de bens. Caso a situação conjugal seja mais grave, pode requerer-se a separação judicial de pessoas e de bens, que pode ser litigiosa ou por mútuo consentimento.

**LER - COMPREENDER**

1. Define *separação litigiosa*.
2. Aponta os motivos que podem estar na base dessa separação.
  - 2.1. Será que basta que o cônjuge lesado invoque um desses motivos para que lhe seja concedida a separação?
3. Identifica os requisitos para que exista uma *separação por mútuo consentimento*.

**DRAMATIZAR**

No teu grupo, cria uma pequena peça de teatro retratando uma situação que possa levar ao divórcio.

Ensaia a peça e apresenta-a numa festa da tua escola para a qual se pode convidar os encarregados de educação e outros elementos da comunidade.

Esta ocasião pode ser aproveitada como forma de dar a conhecer a *Lei da Família*.

**Parte IV****Capítulo XII****(Dissolução do casamento)**

Tal como a separação judicial de pessoas e bens, o divórcio também pode assumir duas formas: *litigiosa* e *não litigiosa*.

**LER - COMPREENDER**

1. Define *divórcio litigioso* e *divórcio não litigioso*.
2. Um aspecto importante desta Lei refere-se à proibição do marido requerer o divórcio litigioso no caso de a esposa estar grávida. Esta proibição estende-se até ao primeiro ano do bebé.
  - 2.1. Explica a importância deste preceito.

**FUNCIONAMENTO DA LINGUA****FORMAÇÃO DE PALAVRAS  
DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA**

Ocorre quando um prefixo e um sufixo se acrescentam à palavra primitiva de forma dependente, ou seja, os dois afixos não podem juntar-se à palavra isoladamente (um sem o outro). Devem ser usados ao mesmo tempo, pois sem um deles a palavra não tem nenhum significado.

Repara na palavra *amanhecer*. É um verbo formado a partir da palavra *manhã*, à qual se acrescentou um prefixo *a-* e o sufixo *-ecer*. Como o processo de adição dos dois tipos

de afixos foi simultâneo (não existe essa mesma palavra a que só se tenha acrescentado o prefixo ou só o sufixo) diz-se que a palavra é formada por parassíntese.

Nota: Nem todas as palavras derivadas por prefixação e sufixação se chamam parassintéticas. É o caso de *infelizmente*; neste caso, é possível acrescentar só o prefixo (*infeliz*) ou só o sufixo (*felizmente*).

Em português, a parassíntese serve normalmente para formar verbos a partir de formas de base adjectivais ou nominais.

Exemplos:

*en + grande + cer = engrandecer*

*en + sangue + entar = ensanguentar*

*en + velho + ecer = envelhecer*

*em + belo + ezar = embelezar*

## PRÁTICA

1. Assinala com uma **X** a opção em que todas as palavras se formam pelo mesmo processo.
  - a.  ajoelhar / antebraço / assinatura / fielmente
  - b.  atraso / embarque / pesca / alcance
  - c.  entrega / estupidez / sobreviver / incorporar
  - d.  antepor / exportação / sanguessuga / girassol
  - 1.1. Identifica o processo em causa.
  
2. Assinala com uma **X** a série em que todas as palavras são formadas por parassíntese.
  - a.  acorrentar / esburacar / embainhar / abotoar
  - b.  solução / apaixonado / visionário / timidez
  - c.  enrijecer / deslealdade / tortura / vidente
  - d.  biografia / macrobiótico / bibliografia / asteróide
  - e.  acromatismo / hidrogénio / litografar / idiotismo
  
3. Em cada uma das alíneas que se seguem, assinala com uma **X** a opção correcta.
  - 3.1. Todos os seguintes verbos são formados por parassíntese excepto:
 

a. <input type="checkbox"/> endireitar	c. <input type="checkbox"/> compor
b. <input type="checkbox"/> atormentar	d. <input type="checkbox"/> enlouquecer
  - 3.2. A alínea cuja palavra é formada pelo mesmo processo que *entristecer* é:
 

a. <input type="checkbox"/> inutilmente	c. <input type="checkbox"/> facilitismo
b. <input type="checkbox"/> intragável	d. <input type="checkbox"/> pernoitar
  - 3.3. O único adjectivo formado por parassíntese é:
 

a. <input type="checkbox"/> previsto	c. <input type="checkbox"/> desalmado
b. <input type="checkbox"/> caseiro	d. <input type="checkbox"/> repatriar

4. Recorrendo à derivação parassintética, forma verbos introduzidos pelos seguintes prefixos:

a. a-

b. en-

c. em-

4.1. Escreve frases em que uses as palavras que formaste na questão 4.

5. Preenche o quadro com as seguintes palavras, retiradas da *Lei da Família*.  
*inoficiosidade / judicialmente / litigioso / anoitecer / improvavelmente*  
*entontecer / advierem / eventualmente / ilícidos / indivisos*

Palavras derivadas	
Por prefixação	
Por sufixação	
Por prefixação e sufixação	
Por parassíntese	

## Parte V

### Título III

(União de Facto) – Artigos 202 e 203

## Lei da Família União de facto

### Artigo 202

#### (Noção)

1. A união de facto é a ligação singular existente entre um homem e uma mulher, com carácter estável e duradouro, que sendo legalmente aptos para contrair casamento não o tenham celebrado.

2. A união de facto pressupõe a comunhão plena de vida pelo período de tempo superior a um ano sem interrupção.

### Artigo 203

#### (Efeitos da união de facto)

1. A união de facto releva para efeitos de presunção de maternidade e paternidade, nos termos do disposto na alínea c) do n.º 2 do artigo 225 e na alínea c) do n.º 2 do artigo 277.

2. Para efeitos patrimoniais, à união de facto aplica-se o regime da comunhão de adquiridos.

## LER - COMPREENDER



1. A "união de facto" é uma nova figura introduzida na Lei da Família.
  - 1.1. Define, por palavras tuas, esse conceito.
  - 1.2. Aponta o tratamento dado aos filhos nascidos dessa união e ao património que dela resulta.

## Parte V

### Artigos 204 a 279

#### Filiação

Do relacionamento íntimo entre um homem e uma mulher, sejam eles casados ou não, pode resultar o nascimento de uma criança. Essa será, para todos os efeitos, filha daquele pai e daquela mãe, ainda que o pai e a mãe não formem um casal.

Todas as crianças têm o direito a serem registadas após o nascimento. Se os progenitores forem casados ou viverem em união de facto basta apenas a presença de um deles para registar a criança.

Porém, se a mãe e o pai não forem casados nem viverem em união de facto, para que no registo da criança conste o nome do pai e o nome da mãe, é necessário que ambos estejam presentes no acto do registo. Se essa situação não se verificar, a criança será registada como filha de pai ou mãe incógnita.

A mãe pode, no entanto, invocar as seguintes elementos para provar que aquele homem a quem é atribuída a paternidade é, de facto, o pai da criança:

- o pretense pai reconheceu publicamente a criança;
- o pretense pai, embora não tenha registado a criança, sempre a tratou como filha;
- existe um documento que comprova que o pretense pai assume a paternidade;
- o pretense pai manteve relações sexuais ou viveu com a mãe da criança nos primeiros quatro meses de gravidez.

Depois de analisada a situação, se o juiz concluir que aquele a quem é atribuída a gravidez é de facto o pai biológico, ordenará que a Conservatória onde a criança foi registada acrescente na certidão de nascimento o nome do pai.

## FALAR - ESCREVER

Elabora uma composição escrita na qual, com base na parte da Lei da Família estudada, apontes a importância desta Lei na defesa das mulheres e das crianças. Se quiseres, podes referir-te à Declaração dos Direitos das Crianças.

Acompanha este trabalho com cartazes que estimulem o conhecimento e divulgação desta Lei.

## Texto 3

Lê, com atenção, o texto seguinte.



# REVOLUÇÃO VERDE EM MOÇAMBIQUE

## CONCEITO, OBJECTIVOS E PILARES

1. A Revolução Verde em Moçambique é um processo de busca de soluções para incrementar os níveis de produção e produtividade agrícola, através do uso de sementes melhoradas, mecanização agrícola, incluindo a tracção animal, tecnologias de produção adequada à realidade local, irrigação e abeberamento de gado, entre outras acções. Trata-se de uma estratégia multidimensional de combate contra a fome e a pobreza e tem, como meta final o aumento da produção e produtividade agrícola de forma competitiva e sustentável.

O conceito de Revolução Verde em Moçambique assenta nos seguintes pressupostos:

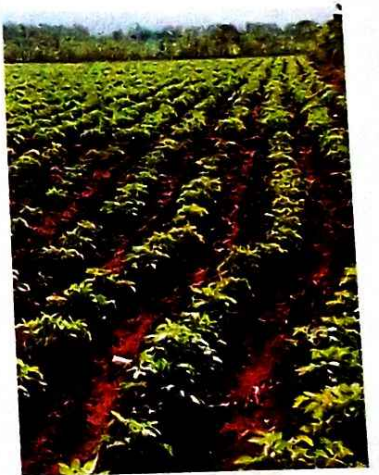
- a) O combate à pobreza passa pela eliminação de uma das suas manifestações, nomeadamente a carência em alimentos básicos e a insegurança alimentar permanente ou temporária;
- b) A geração de emprego e de renda são cruciais para a criação de condições necessárias para devolver a dignidade humana das comunidades;
- c) As experiências de outros países onde programas similares foram implementados com sucesso devem ser tomados em consideração.

## 1. OBJECTIVOS E PRINCÍPIOS

A Revolução Verde em Moçambique tem como objectivo principal induzir o aumento da produção e produtividade dos pequenos produtores para uma maior oferta de alimentos de uma forma competitiva e sustentável.

## 2. PRINCIPAIS PILARES

- a) Recursos Naturais (terra, água, florestas e fauna bravia).
- b) Tecnologias melhoradas.
- c) Mercados e informação actualizada.
- d) Serviços Financeiros.



## 3. NO QUADRO DAS TECNOLOGIAS DE PRODUÇÃO

A Revolução Verde em Moçambique deverá ter como alicerce a massificação de tecnologias melhoradas de produção agrícola com enfoque nas tecnologias adaptadas ao sector familiar visando os seguintes objectivos combinados: aumento da área cultivada, aumento do rendimento agrícola por hectare como elemento chave, aumento dos efectivos e da produção pecuária e melhor aproveitamento dos recursos hídricos

Ministério da Agricultura, *Conceito, Princípios e estratégia de revolução verde em Moçambique*, Maputo, [www.docs/governo/revolucao\\_verde\\_07](http://www.docs/governo/revolucao_verde_07), consultado a 20.05.2010

## LER - COMPREENDER

1. Apresenta, de forma concisa, os principais aspectos da Revolução Verde em Moçambique.

## OUVIR - FALAR

Os economistas estão hoje a confrontar-se com um grande dilema: por um lado, a necessidade imperiosa de aumentar a produtividade e os rendimentos agrícolas em África rapidamente e de forma sustentável e, por outro lado, a necessidade de encontrar as formas sociais, culturais, económicas e tecnológicas mais adequadas e sustentáveis para o fazer. Para além disso, os custos dos agro-químicos aumentam as pressões financeiras sobre a economia e sobre os agricultores. O mundo enfrenta o grande desafio da sustentabilidade ambiental. A Humanidade só pode ser alimentada de forma sustentada se as opções de produção de alimentos e outros produtos forem sustentáveis...



Como vês, a Revolução Verde não é um conceito tão pacífico como poderia parecer à primeira vista. Tem implicações de várias ordens: económicas, sociais e até culturais.

Debate, com o teu grupo, as implicações económicas da Revolução Verde em Moçambique.

## PESQUISAR

Certamente que o texto inserido em *Ouvir - Falar* despertou o teu interesse em aprofundar o conceito de Revolução Verde, sua implementação, seus resultados, etc, etc.

Faz, pois, uma pesquisa (em livros, jornais, internet...) e elabora um pequeno texto em que presentes o teu ponto de vista.

## MESA-REDONDA

Agora que já possuis um conjunto de informações e opinião própria sobre a Revolução Verde, convida um especialista sobre o assunto para discutir as principais problemáticas relacionadas com a Revolução Verde em Moçambique.

Será interessante que esta actividade possa incluir as várias turmas da 11.ª classe e outros colegas interessados no assunto.

# 8

# Textos Administrativos

## Objetivos específicos

Identificar y describir los tipos de textos administrativos y sus características principales.  
Analizar la estructura y el contenido de un texto administrativo.  
Redactar un texto administrativo siguiendo las normas de redacción y formato.  
Revisar y corregir un texto administrativo.



# TEXTOS ADMINISTRATIVOS

## Exposição

### Texto 1

Lê o seguinte texto.

## O REGRESSO DE DONA FATINHA

O tempo corre célere. Claro, em férias o relógio acelera os ponteiros e o tempo voa, voa... Ora, dona Fatinha não está, propriamente, de férias: ela foi a Tete controlar os seus negócios, mas aproveitou para visitar a família, conhecer outras terras como o Songo, a barragem de Cahora Bassa e, sobretudo, 5 descansar.

Os preparativos para o regresso aceleram-se: quer levar para Maputo uns bons quilos de cabrito. Toda a gente sabe que não há melhor carne do que a do caprino alimentado com capim da província de Tete. Da rica região da Angónia já comprou batata e cebola. Certamente que irá pagar excesso de bagagem. Mas 10 que importância tem isso para quem tem um rendimento mensal de fazer inveja a qualquer mortal!

No dia aprazado, dona Fatinha regressa a Maputo no voo das LAM.

A viagem é agradável, mas dona Fatinha está ansiosa: quer retomar, urgentemente, as suas actividades.

15 Chegada a Maputo, corroída por um misto de curiosidade e ansiedade, contacta um dos seus trabalhadores. Dona Fatinha, mulher de avultadas carnes, desmaia: todos os seus inúmeros negócios são propriedade da amiga Tina a quem tinha passado uma procuração conferindo plenos poderes.

Que desespero! Que fazer?!

(Da autora do manual)

### LER - COMPREENDER

1. Dona Fatinha é já uma personagem conhecida.

1.1. Descreve-a, tendo em conta a sua evolução psicológica, desde que chegou a Tete até ao momento em que regressou a Maputo. Exemplifica a tua resposta com frases do texto.

## Texto 2

### EXPOSIÇÃO

Dona Fatinha ficou sem os negócios que tinha em Maputo porque passou uma procuração dando plenos poderes à sua amiga Tina.

Para resolver a situação, Dona Fatinha resolve fazer uma exposição ao Procurador Geral da República, com o objectivo de reaver os seus negócios.

#### EXPOSIÇÃO

Digníssimo Senhor Procurador Geral

Fátima Tembe, de 45 anos de idade, residente no Bairro Central, Avenida Eduardo Mondlane, n.º 2200, portadora do B.I. n.º 110333525 H de 28 de Junho de 2006, emitido pelo Arquivo de Identificação de Maputo, vem, muito respeitosamente, expor a V. Ex.ª o seguinte:

#### I

A exponente é proprietária de cinco barracas sitas na zona do Museu, na Machava e Matola, com licença passada pelo Ministério do Comércio e Indústria com o n.º 39078/96. A empresa denomina-se “Curte a Vida”, conforme documentos em anexo.

#### II

A exponente tem a sua actividade centrada na venda de bebidas de todo o tipo e de comidas.

#### III

Até ao presente ano, quatro anos decorridos da concessão da licença, a sua actividade tem-se pautado por um atendimento esmerado.

#### IV

A actividade desenvolvida pela exponente tem vindo a apoiar o desenvolvimento do país do ponto de vista social e económico, dando emprego a 80 pessoas.

#### V

Em 2009 a empresa “Curte a Vida” foi distinguida com um galardão, prémio pelos serviços prestados.

#### VI

Por razões alheias à sua vontade, a exponente teve de se deslocar a Tete.

#### VII

Por se tratar de uma ausência de dois meses, aproximadamente, e porque era necessário assegurar o bom funcionamento da empresa, foi passada uma procuração à Senhora Albertina Siteo.

VIII

Por desconhecimento das leis, a procuração conferia à Senhora Albertina Siteo plenos poderes.

IX

A procuradora Albertina Siteo, no entanto, agindo de má fé, apoderou-se da empresa, registando-a em seu nome próprio.

X

A exponente vê-se, assim, espoliada de todos os bens acumulados, ao longo de anos, com suor e sacrifícios.

XI

Por tudo atrás exposto e tomando em consideração a ignorância da exponente em matéria legal e a actuação dolosa da senhora Albertina Siteo, roga-se a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que mande anular a procuração e, em consequência dessa acção, que seja restituída a empresa à sua legal proprietária.

Aguarda deferimento

Maputo, 20 de Maio de 2010

Fátima Tembe

## LER – COMPREENDER

1. Identifica o exponente, o destinatário e o assunto da exposição.
2. Indica as razões que levam a exponente a enaltecer a sua empresa.
3. Enumera os argumentos apresentados por Dona Fatinha para reaver a empresa.
4. Justifica a forma de tratamento utilizada.
5. Se a exposição fosse dirigida ao Reitor, a um Juiz ou ao Director da Escola, que formas de tratamento seriam usadas?

## ESCREVER

Sabemos que és um bom aluno, assíduo, pontual e estudioso.

Imagina que um amigo teu, aluno da 9.<sup>a</sup> classe, teve um problema de assiduidade por razões várias (como doença, morte de um familiar directo, problemas de transporte...) e que se encontra, neste momento, reprovado por faltas.

Como bom amigo que és, ajuda o teu amigo a fazer uma exposição ao Director da Escola, pedindo a relevação das faltas.

**SABER MAIS****EXPOSIÇÃO****Definição**

Uma exposição é um texto de carácter administrativo em que se expõe um problema ou uma situação e em que se apresentam argumentos para apoiar a tomada de uma decisão.

**Estrutura (interna e externa)**

Sendo dirigida a um responsável e constituída por fórmulas convencionadas, a exposição obedece a uma estrutura (interna e externa) fixa.

Assim, esta classe de textos divide-se em parágrafos (identificados através de numeração romana), dando corpo aos seguintes segmentos:

- fórmula de abertura;
- identificação do exponente;
- corpo da exposição:
  - introdução do assunto (apresentação, de forma resumida, da situação que motivou a exposição);
  - desenvolvimento (apresentação de argumentos e contra argumentos);
  - conclusão clara e objectiva da exposição (síntese do que se pretende com a exposição);
- pedido de deferimento;
- data;
- assinatura.

**Características linguísticas**

Dado que a exposição é um texto administrativo, o tipo de linguagem usado assume um carácter técnico. Assim:

- o discurso é claro e organizado;
- apresenta-se um assunto/argumento por parágrafo (identificado através de numeração romana);
- recorre-se a vocabulário técnico, próprio da actividade administrativa (*exponente, procuradora, espoliada de todos os bens acumulados, actuação dolosa...*);
- o texto está escrito na terceira pessoa;
- as frases são do tipo declarativo.

**PRÁTICA**

1. Exemplifica, com a exposição da Dona Fatinha, as características linguísticas desta classe de textos.
2. Delimita, na exposição da Dona Fatinha, os vários segmentos que compõem a sua estrutura.

## Texto 3

Lê o poema.

### SE EU FOSSE APENAS UMA ROSA

Se eu fosse apenas uma rosa,  
com que prazer me desfolhava,  
já que a vida é tão dolorosa  
e não te sei dizer mais nada!

Se eu fosse apenas água ou vento,  
com que prazer me desfaria,  
como em teu próprio pensamento  
vais desfazendo a minha vida!

Perdoa-me causar-te a mágoa  
Desta humana, amarga demora!  
– de ser menos breve do que a água,  
Mais durável que o vento e a rosa...

MEIRELES, Cecília, *Antologia Poética*, Guimarães Editores



### LER – COMPREENDER

1. Refere o tema do poema, justificando a tua resposta com expressões textuais.
2. Destaca a expressividade do conector condicional com que se iniciam os primeiro e quinto versos.
3. Atenta nos últimos quatro versos do poema, momento em que o sujeito poético se dirige directamente ao seu interlocutor.
  - 3.1. Transcreve os deícticos pessoais que identificam ambas as entidades do discurso.
  - 3.2. Indica o modo em que se encontra a forma verbal presente nestes versos.
    - 3.2.1. Destaca um dos efeitos de sentido produzidos pela sua utilização.
4. Indica o acto ilocutório predominante nos versos em causa, justifica a tua resposta.
5. Observa os seguintes versos: *Se eu fosse apenas uma rosa, / com que prazer me desfolhava, / já que a vida é tão dolorosa / e não te sei dizer mais nada!*
  - 5.1. Divide e classifica as orações que compõem esta frase complexa.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### CONJUNÇÕES/LOCUÇÕES SUBORDINATIVAS E ORAÇÕES SUBORDINADAS CONDICIONAIS

#### Orações subordinadas condicionais

Repara nos exemplos:

- Se não participas, ficas só.
- Se não participares, ficarás só.
- Se a sociedade fosse equilibrada, não haveria necessidade de falarmos de Direitos Humanos.



Na frase a., a oração se não participas é introduzida pela conjunção subordinativa condicional se e exprime uma hipótese, uma condição que se considera real; por isso, o verbo está no modo indicativo.

Na frase b., o verbo da oração subordinada condicional encontra-se no futuro do modo conjuntivo uma vez que a condição é tida como hipotética, embora a situação expressa nas duas orações ainda se possa realizar.

Na frase c., o verbo da oração subordinada condicional encontra-se no pretérito imperfeito do modo conjuntivo, que marca o carácter irreal da condição.

Dos exemplos se conclui que as orações subordinadas condicionais indicam a situação necessária à ocorrência ou não da acção do verbo. Caracterizam-se, portanto, por transmitir ideias de condição (real, hipotética ou irreal) à oração principal.

A oração subordinada adverbial condicional é deslocável na frase, como atestam os exemplos:

Se não participas, ficas só. / Ficas só se não participas.

Se não participares, ficas só. / Ficarás só se não participares.

Se a sociedade fosse equilibrada, não haveria necessidade de falarmos de Direitos Humanos. / Não haveria necessidade de falarmos de Direitos Humanos se a sociedade fosse equilibrada.

#### Conjunções e locuções subordinativas condicionais

se	salvo	sem que
caso	desde que	a menos que
excepto	contanto que	a não ser que

## PRÁTICA (CONJUNÇÕES/LOCUÇÕES E ORAÇÕES CONCESSIVAS E CONDICIONAIS)

1. Transforma as seguintes frases simples em frases complexas, exprimindo a ideia de condição.

- Queria ir a Tete. Não tenho dinheiro.
- Ela gostava muito de aprender a pintar, mas não tem tempo.
- Ontem nós estávamos muito cansados e, por isso, não fomos ao cinema.



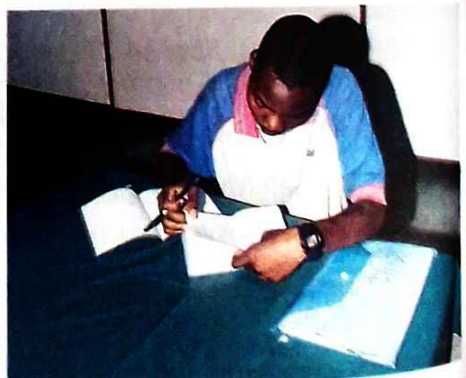
2. Liga as seguintes frases, usando as palavras entre parênteses.

- Podem ir à discoteca amanhã. Não poderão chegar muito tarde. (*desde que*)
- Podem ler o livro. Depois discutimo-lo. (*No caso de*)
- Ontem eles saíram tarde de casa. Eles chegaram atrasados à escola. (*Se não*)
- Na próxima semana eles irão à praia. Só vão caso esteja bom tempo. (*Se*)



3. Usando as estruturas da concessão, transforma as seguintes frases, de modo a obteres orações subordinadas concessivas. Em caso de necessidade, consulta as páginas 31 e 32 do manual.

- Ele queria ser médico. Não conseguiu entrar na Faculdade de Medicina.
- Ele estuda muitíssimo. Mesmo assim, não consegue ter bons resultados.
- Ele escreveu uma carta aos amigos, mas eles nunca lhe escreveram nenhuma.
- Ele era muito inteligente. Apesar disso, não conseguiu tirar o curso em quatro anos.



## MAPUTO, CIDADE DAS ACÁCIAS E NÃO SÓ...

Um pouco pelas calçadas das nossas avenidas, encontramos jovens, homens e mulheres revendendo fragmentos de mercadoria adquiridos aos armazenistas e, em alguns casos, produtos alimentares confeccionados ou não, que despertam a atenção do cidadão.

Em bairros como a Malhangalene, o Alto Maé ou a baixa da cidade, podemos encontrar mercados informais onde se encontra de tudo um pouco: desde sobressalentes para automóveis, a produtos de higiene, vestuário, calçado e até mesmo bebidas. Claro, tudo a preços mais baixos comparativamente aos das lojas.

Todo o cidadão conhece o mercado do Estrela, onde uma multidão que se empurra e espreme procura angariar o sustento para a família, vendendo de tudo um pouco.

As ruas são calcorreadas por vendedores ambulantes, regateando a sua mercadoria. Tudo funcionando como uma máquina bem oleada: o vendedor oferece e o comprador discute o preço que baixa sempre, às vezes, até metade da oferta.

E assim vai decorrendo a vida em Maputo.

E o comércio formal?

Os comerciantes afirmam que travam no dia-a-dia uma batalha para manter as portas abertas.

Se o ritmo continuar no mesmo compasso, o comércio formal pode estar a caminho da ruína. Para sectores como brinquedos, electrodomésticos e CD's, o fim parece estar ainda mais próximo e muitos empresários não escondem a apreensão.

(Da autora do manual)



Acácias em flor, Maputo, Moçambique

### LER - COMPREENDER

Faz o resumo das ideias contidas no texto.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### APLICA

1. Atenta na seguinte frase: *Se o ritmo continuar no mesmo compasso, o comércio formal pode estar a caminho da ruína.*
  - 1.1. Classifica a oração destacada.
  - 1.2. Classifica a conjunção que inicia a oração subordinada.
2. Constrói três frases empregando orações condicionais e três frases empregando orações concessivas sobre o comércio formal e informal, as suas causas e consequências.

### SABER MAIS

#### COMÉRCIO

O comércio baseia-se na troca voluntária de produtos. As trocas podem ter lugar entre dois parceiros (comércio bilateral) ou entre mais do que dois parceiros (comércio multilateral). Na sua forma original, o comércio fazia-se por troca directa de produtos. Os comerciantes modernos costumam negociar recorrendo a um meio de troca indirecto, o dinheiro.

O comércio mundial é regulamentado pela Organização Mundial do Comércio.

O comércio pode estar relacionado com a economia formal registada dentro da lei e pagando impostos ou pode ainda estar relacionado com a economia informal, caracterizada pelas actividades à margem das formalidades, sem pagamento de direitos e de impostos.



### FALAR - ESCREVER

1. Apresenta, de forma resumida, as diferenças e semelhanças entre os dois tipos de comércio (formal e informal).
2. Identifica os contextos em que se realizam estes dois tipos de comércio.
3. Discute no teu grupo os problemas ligados ao comércio formal e informal.

# 9 Textos Jornalísticos

## Objetivos específicos

- Interpretar crônicas da atualidade
- Identificar os tipos de crônica
- Analisar as ideias essenciais de uma crônica
- Caracterizar uma crônica quanto ao discurso
- Elaborar uma crônica
- Descrever a evolução do português europeu
- Descrever o português de Moçambique no que diz respeito ao léxico e a sintática
- Participar em campanhas de sensibilização para as vítimas de HIV/SIDA.

Resumo de 10 Crônicas de 1990-2000, Moçambique



# TEXTOS JORNALÍSTICOS

Crónica da actualidade

## Texto 1

Lê a crónica.

### O H, MISSÃO INGRATA ESTA A DE ESCREVER VERDADES

Não tenha dúvidas, caro leitor. É missão ingrata, esta a de escrever verdades. Há quem veja curto e pense que algumas vezes estamos a fazer chicana ou fazendo desta secção moca para resolver questões pessoais. Questões pessoais não se trazem para o jornal. Podemos ver mal mas não vemos curto. Que nós fazemos de certas pessoas símbolos, isso sim. Que mais podemos querer para os nossos leitores que dar-lhes símbolos de carne e osso, que falam e que podem acotovelar numa esquina?

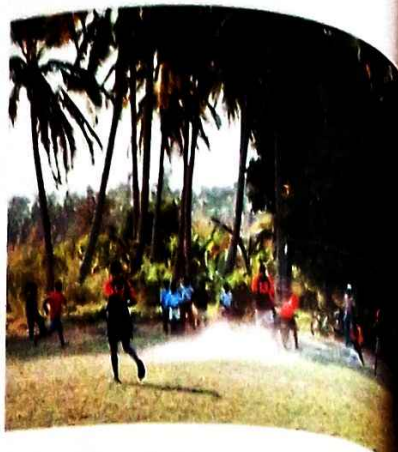
Mas o caso é que custa muito escrever verdades. No entanto, cá estamos mais uma vez a clamar por justiça. A gritar que não pode ser, que não está certo os futebolistas da Associação de Futebol Africana jogarem sem atestado médico de aptidão física. Não pode ser, repetimos. Organismo com Estatutos que não cumpre o que a Lei manda o que é que vale? Para que serve?

20 Dezenas de jovens correndo num campo onde a poeira corta a respiração, enche os pulmões... Dezenas de jovens engolindo poeira, cuspidos negro como nós vimos, suar na finta e no drible, jogando futebol sem exame médico. Homens de ferro não são. São rijos, briosos na defesa da camisola, mas até o ferro enferruja e o aço parte. E é um desgosto ver um desses jogadores ser candidato a doença grave, só porque não houve, numa Associação que tem deveres a cumprir, cuidados preventivos. E lá está o velho ditado que diz: *Mais vale prevenir que remediar.*

Jogadores de futebol a representarem clubes sob a jurisdição de uma Associação de Futebol estarão legalmente inscritos sem ficha médica? Quem está em falta? O clube, o jogador ou a Associação de Futebol?

E não terão remorsos os que se calarem?

CRAVEIRINHA, José, *Contacto e Outras Crónicas*, Maputo, Instituto Camões, Centro Cultural Português, 1999



## LER - COMPREENDER

1. José Craveirinha, na sua crónica, critica alguns leitores: "Há quem veja curto e pense que algumas vezes estamos a fazer chicana ou fazendo desta secção moca para resolver questões pessoais" (ll.2.5).
  - 1.1. Clarifica o sentido desta frase.
2. A expressão "dezenas de jovens" está repetida no texto.
  - 2.1. Consideras a repetição um erro? Justifica a tua resposta.

3. Indica o principal objectivo desta crónica.
4. Será que é uma missão ingrata escrever verdades?
- 4.1. Apresenta o teu ponto de vista acerca deste assunto.

## SABER MAIS

### CRÓNICAS DA ACTUALIDADE

#### Crónica

A crónica é um género que nasceu no jornal, sendo diferente, no entanto, de outros géneros jornalísticos, como a notícia ou a reportagem. É um texto em que o autor faz uma reflexão ou um comentário sobre algum facto, pessoa ou circunstância que provocou, no autor, a necessidade de reflectir.

#### Crónica da actualidade

A crónica, na sua origem, assumia-se como um relato cronológico dos factos sucedidos em qualquer lugar, isto é, uma narração de episódios históricos. Era a chamada *crónica histórica*. Essa relação de tempo e memória está originalmente relacionada com a palavra *chronos*, que significa tempo.

A *crónica da actualidade* toma, como referência, o presente, o quotidiano das pessoas e não o passado, como faziam os cronistas. Tem como objectivo a consciencialização e a tomada de atitude em relação a determinado acontecimento ou pessoa.

#### Características discursivas e linguísticas

No espaço jornalístico, a função da crónica seria a de ensinar o leitor a ver mais longe. Para isso faz-se uma associação entre o facto, as personagens e a preocupação estética revelada na estruturação do texto, para que haja uma empatia com o leitor. Predomina a função apelativa.

O discurso é elaborado, marcadamente pessoal, normalmente curto, com um estilo que se aproxima do literário. A linguagem é rica, subjectiva, com recursos estilísticos, embora de fácil compreensão e leitura.

#### Tipos de crónica

Quanto à natureza discursiva, a crónica pode ser:

- **descritiva** – explora a caracterização de seres animados e inanimados; é viva como uma pintura, precisa como uma fotografia e dinâmica como um filme;
- **narrativa** – narra factos do quotidiano, banais, comuns; pode ser narrada tanto na primeira como na segunda pessoa do singular;
- **dissertativa** – apresenta uma opinião explícita, com argumentos mais sentimentais do que racionais; utiliza tanto a primeira pessoa do singular como a primeira pessoa do plural;
- **narrativa-descritiva** – explora a caracterização de seres, descrevendo-os e, ao mesmo tempo, mostra factos do quotidiano, banais, comuns; pode ser narrada na primeira ou na terceira pessoas do singular;
- **humorística** – apresenta uma visão irónica ou cómica dos factos.

## Texto 2

Lê atentamente a seguinte crónica.

# MULHER ROXA EM VESTIDO LARANJA

**J**á aviso: esta estória eu que inventei. Se há parecências, a culpa não me pertence. Ficção e realidade são as gémeas e convertíveis filhas da vida. Sendo que a pergunta permanece irrespondida: as cores do quadro constam das mãos do pintor ou são do mundo, despercebidas apenas por nossas apressadas distrações?

5 Apresento, de início, a Luzinha. O que ela era, já foi. Ninguém hoje que a reconheça. Antes, ela existia em simplicidade, mais miúda que luva. Agora, lhe subiram os ombros, promoveram-se as pestanas. Mudou quando a Luzinha? Foi quando seu marido, o Alcides, transitou de *Lada* para *Toyota*? Coincidência verdadeira, dizia a vizinhança, vendo-a passar mostradiça, em espectáculo de si mesma.

10 Mulher de dirigente fui, agora sou esposa de empresário, autor de vastos *biznesse* palavras dela, em saliva de luxo.

A Luzinha: ela e o universo. O guarda-fatos se enchia de folhos, lantejoulações, dourados. Nem ela tinha já onde guardar suas vaidades.

15 Introduzo, de seguida, o Alcides. Homem cheio de retrato, com mais cara que rosto. Os bigodes, amplos, mais merecendo o nome de trigodes. Mandante na rua, mandado em casa – reescrevo o ditado. Pois Alcides se apagava frente à Luzinha. Nem lhe valiam os bigodes: debaixo dos cujos ele não ganhava nenhuma sombra.

Sucedeu que o Alcides, numa das suas saídas ao exterior, trouxe mais um vestido para sua esposa. Cor da moda, laranja-lustroso. Quase atangerinado. A Luzinha, reboiosa, se meteu pela peça

20 adentro. Ela já tinha vantagem das carnes, mas com o vestido se aparentava um citrino ambulatório.

– *É a ultimíssima moda* – valorizava o marido.

Luzinha, essa noite, retribuiu-lhe o donativo. Entre a lembrança das carícias e os afagos da bebida, Alcides nem deu por Luzinha sair, na manhã seguinte. Luzinha não levou o carro que lhe cabia. Foi a pé como convém a um desfile alegórico.

25 E assim, pela avenida, a dona se feirava, barquejando as ancas. Ela imaginava o pestanejo do mundo descendo sobre o seu rasto. Foi quando, de um anónimo muro, veio o chamamento:

– *Psst, eh wena!*

Luzinha estava preparada para os provocos. Manteve-se digna, sem sequer espreitar pelo canto dos óculos escuros. A voz, porém, insistia:

30 *Ei, mamã. Deixa lá as brincadeiras, não vê as suas colegas todas a varrer?*

A esposa do empresário se deteve. Colegas? Olhou em volta, fazendo subir os óculos. Foi então que viu as mulheres da limpeza, formigando a avenida com suas fardas cor-de-laranja. Entendeu: estava a ser confundida com as limpadeiras, por motivo do novo vestido. Num instante, vaidade se converteu em fúria. Nojo de vestido, porcaria de moda, sacana de Alcides. Sua vontade era despir-se, livrar-se do

35 vexame pelo nariz.

Foi assim que Alcides viu sua legítima entrar em casa envergando apenas uma nebulosa combinação. Nem teve tempo: já Luzinha clamava, raivabunda. Trouxe menos dólares por razão desta casca

Mia Couto  
CRONICANDO



1994  
Noira

de tangerina? O Alcides rascunhava argumento, sublinhando os custos, você sabe, querida, a moda lá na Europa... O marido já não tinha perna, mas ainda queria dar o pontapé. Pouco lhe valeram as desculpas. Luzinha lhe espetou o dedo:

– *Pois ficas sabendo: não sou eu que vou mudar de vestido.*

Então ela lhe ditou a ameaça: tens bons conhecimentos lá em cima, vais escrever a pedir que mudem a farda dessas mulherzinhas. O Alcides malbuciava: ó Luzita, como é que eu posso?

Subindo no pedestal do mando, ela passou para a chantagem. Se ele não fizesse, ela denunciaria seus esquemas, subornos, notas por fora da manga. Alcides estava como o gafanhoto: apanhado por trás, sem chão para mais nenhum salto. Levantou o braço em rendição. Pronto, pronto.

Alcides escreveu a carta? Não, ele sabe que nem é pedido que se faça. Mas se ele deu folga à caneta, igual repouso não foi concedido à sua pobre imaginação. Desfiava-se o tempo e mais ninguém via dona Luzinha brilhando pelas avenidas. Ter-se-ia adoecido, a pobre dama? Ou aguardava a próxima viagem do marido, um novo presente capaz de fazer esquecer o anterior?

Entrequando, Alcides descobrira a solução. Tingiria o vestido, pela caladinha da noite. Assim fez, mergulhando o assombrado vestido em tinta roxa. Sim, roxa, cor inequívoca, sem azo para confusões. Na manhã seguinte, ele a convocou para lhe mostrar a nova aparência da vestimenta. Luzinha, contrafeita, aceitou o improvisado. Até porque lhe dava conveniência: nessa noite se previa a presença dela em oficialíssimas cerimónias.

Foi assim que, em plenos festejos centrais, deu entrada o casal. Ele envergando seus bigodes. Ela trajando o vestido ex-laranja, roxobilitado. Luzinha voltava ao centro do universo.

A dança já levantava bastas poeiras. Luzinha transpirava das antilhas, digo, das axilas. Foi então que se deu o fenómeno. A esposa do empresário se convertia numa outra cor, desbotando-se os panos em suas luzidiurnas carnes. Luzinha passava a Roxinha, sua nova alcunha. Quem reparou na metamorfose dela entende o actual motivo das tristezas de Alcides, coração enrodilhado, cabeça apagada e xipalapala<sup>2</sup> em sopro público de privados e comprometedores segredos – versão mais realista de quem sabe de quantas cascas se faz um ovo.

COUTO, Mia, *Cronicando*, Maputo, Ndjira, 2008

Glossário: <sup>1</sup> Eh wena: eh tu!; <sup>2</sup> Xipalapala: corneta feita de chifre.

## LER – COMPREENDER

1. Acabaste de ler mais uma crónica, que aborda um tema do quotidiano.
  - 1.1. Identifica o tema aqui abordado.
2. A Luzinha recebeu como presente um vestido cor-de-laranja.
  - 2.1. Indica o motivo que levou a que Luzinha não gostasse do vestido.
3. A crónica retrata um grupo social emergente em Moçambique.
  - 3.1. Descreve-o.
4. A crónica é um texto que se situa entre o literário e não literário.
  - 4.1. Aponta as características linguísticas e discursivas que aproximam esta crónica dos textos literários.
5. Quanto à sua natureza tipológica, como classificas as duas crónicas analisadas (texto 1 e texto 2)? Justifica a tua resposta.

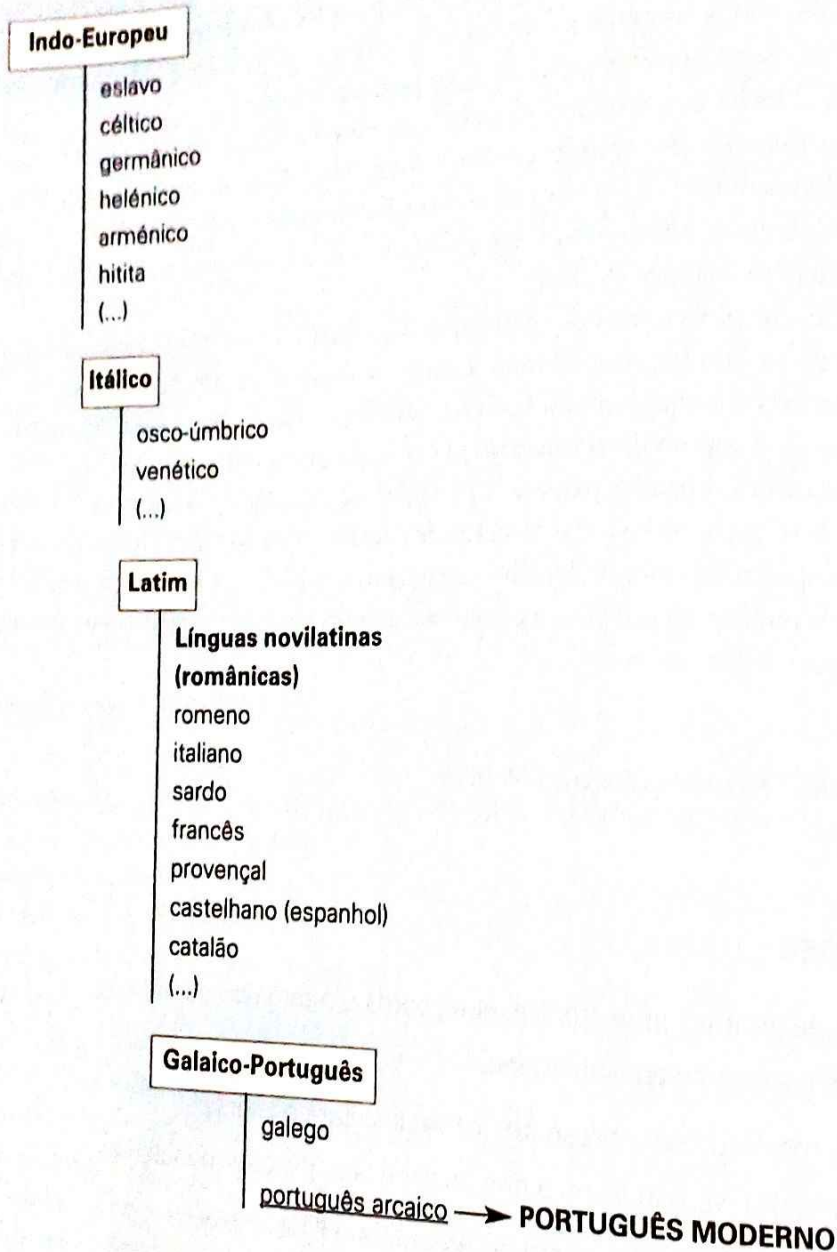
## FUNCCIONAMENTO DA LINGUA

### MUDANÇÀ DA LINGUA

### EVOLUÇÃO DA LINGUA PORTUGUESA NO TEMPO

#### 1. Do indo-europeu ao português moderno

O indo-europeu é uma família composta por diversas centenas de línguas e dialectos, que inclui as principais línguas da Europa. Espalhou-se por vastas regiões da Ásia e por quase toda a Europa.



Assim se conclui que o português proveio do latim, que se integrava no grupo linguístico do itálico, um dos ramos do indo-europeu.

#### 1.1. O latim vulgar

O latim era a língua falada pelos romanos, povo de camponeses e pastores que se instalou no Lácio, pequena região da Itália Central. De Lácio deriva o nome *latim*.

No latim distinguíam-se, naturalmente, variantes que coexistiam: o **latim vulgar**, língua essencialmente falada pelo povo com variedades regionais e socioculturais, e o **latim erudito**, usado pelos escritores e falado nos discursos.

Com o decorrer do tempo, os Romanos dominaram vastas regiões. Chegaram à região onde se situa Portugal no final do século III, antes de Cristo, e aí permaneceram 600 anos.

O latim vulgar, levado pelos soldados, comerciantes e colonos, sobrepôs-se às línguas dos povos dominados. Foi esta língua oral, transformada lentamente em contacto com as já existentes em cada região, que deu origem às línguas românicas ou novilatinas: português, galego, castelhano, catalão, francês, provençal, italiano, sardo, reto-romance e romeno.

## 1.2. Estrato, substrato e superstrato

### Estrato

O latim é o estrato do Português, a base a partir da qual a língua evoluiu até à criação do português. É em relação ao latim que se consideram os substratos e os superstratos.

### Substratos

São as línguas nativas que desapareceram por contacto com uma língua invasora, mas que, tendo sido substituídas por outra língua, deixaram nesta diversas influências. Em relação ao Português, é o caso dos substratos celtas; dos substratos ibéricos e dos substratos fenícios.

### Superstratos

São os idiomas dos povos invasores (posteriores aos romanos) que influenciaram a língua-base existente, sem, no entanto, a suplantarem. No caso do Português, trata-se dos superstratos germânicos, suevos e visigodos e dos superstratos árabes.

## 1.3. Variação histórica do português: português antigo/arcaico, clássico e contemporâneo

### Português antigo ou arcaico (séculos XII – XV)

Quando Portugal nasceu como nação, em 1143, falava-se uma língua que já se tinha afastado do latim – é o galaico-português registado na poesia trovadoresca.

No século XV, a língua portuguesa tornou-se autónoma em relação ao galego.

### Português clássico (séculos XVI – XVIII).

No Renascimento foram introduzidos na língua muitos latinismos e helenismos e também termos de línguas faladas pelos povos com que os portugueses contactaram.

### Português contemporâneo (a partir do séc. XIX)

A partir do século XIX, verifica-se a modernização progressiva da língua até aos nossos dias. A língua tornou-se receptiva a influências do francês e principalmente do inglês.

## 2. Transformações linguísticas

### 2.1. Evolução fonética

Ao longo dos séculos, na evolução do latim para o português, verificaram-se diversas alterações fonológicas, isto é, a nível dos sons das palavras.

Fenómeno	Exemplo
<b>Queda</b> (supressão de fonemas)	(a)tonito > tonto o(pl)era > obra cathedra(m) > cátedra
<b>Adição</b> (acrescentamento de fonemas)	spiritu > espírito scribere > escrever tirare > atirar ante > antes
<b>Permuta</b> (mudança de fonemas)	semper > sempre ipsu > isso clamare > chamar gennclu > geolho > joelho lege > lec > lei

## 2.2. Evolução semântica

Para além da evolução fonética, há fenómenos de evolução do significado das palavras (evolução semântica). Neste caso, verifica-se a atribuição de um novo sentido às palavras já existentes.

Vocábulo	Significado na origem	Significado actual
<i>caderno</i>	folha de papel dobrada em quatro ( <i>quaternum</i> )	qualquer porção de folhas de formato livre
<i>fogo</i>	lar onde se acendia o lume	o próprio lume
<i>ministro</i>	o que serve, o que ajuda	função política
<i>calamidade</i>	cana de trigo ou de outro cereal	flagelo que provoca a perda das colheitas; qualquer desgraça

### Alargamento do léxico

Para designar costumes, animais, plantas, objectos característicos de regiões desconhecidas houve necessidade de introduzir novos termos:

- África - *macaco, cachimbo, missanga;*
- Ásia - *canja, chá, leque, jangada;*
- América - *ananás, amendoim, cacau, tomate, canoa.*

## 3. O português de África

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de forma mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, esta não é suficiente para impedir a comunicação entre falantes.

Em alguns casos, o contacto entre os falantes de Português e as diferentes populações, ao longo dos séculos, deu origem aos crioulos. É o caso dos crioulos de Cabo-Verde e da Guiné.

### 3.1. O português de Moçambique

Citando Perpétua Gonçalves na sua intervenção nas jornadas de Língua Portuguesa, "em Moçambique nos primeiros anos que se seguiram à independência, a questão da

nativização do português recebeu uma atenção particular por parte das autoridades oficiais que pareciam necessitar de **nacionalizar** esta língua, a fim de a poder usar como instrumento político na construção da unidade nacional... Compreender essa transformação do português significa admitir que o português falado em Moçambique se venha a transformar na sua estrutura, no seu léxico, na sua pronúncia, no seu ritmo, na sua musicalidade."

### Características do português de Moçambique

As diferenças entre o português europeu e o português falado em Moçambique são já bastantes. Vamos apontar algumas.

#### Pronúncia

Em muitos aspectos fonológicos, o português de Moçambique assemelha-se ao português falado no Brasil. É o que acontece, por exemplo, no final das palavras terminadas em e (que passa para i):

Exemplo:

*Que* (pronúncia-se *ki*)

Para além disso, destaca-se:

- a supressão das vogais não acentuadas: *amamos/amámos*;
- a nasalização de vogais: *exame (enzame), até (anté)*.

#### Léxico

Surgem neologismos destinados a fazer referência a realidades locais, a nível da fauna e da flora, a nível religioso e cultural.

Exemplos:

*matapa* – molho tradicional feito de folhas de mandioca

*lobolo* – corresponde ao dote

*babalaza* – ressaca

*contaminoso* (em vez de contagioso)

*arrumário* (em vez de armário)

*areinoso* (em vez de arenoso)

*mobililar* (em vez de mobilar)

*chima* – papa de milho

#### Semântica

Exemplos:

estruturas – responsáveis do governo (*Chegaram as estruturas.*)

calamidades – roupa em segunda mão

pasta – mala, saco de mão

situação – problema

crise – guerra

#### Morfossintaxe

Exemplos de desvios morfossintácticos:

*Os alunos propuseram fazerem o trabalho em dois dias.* (fazer)

*Jovem universitário, procure o teu lugar* (procura o teu / procure o seu).



## PRÁTICA

1. Atenta na seguinte frase: *Foi o latim vulgar e não o latim erudito, clássico que esteve na origem do português.*
  - 1.1. Explica a razão desta situação.
2. Distingue *neologismo* de *estrangeirismo*.
3. Faz o levantamento dos neologismos encontrados na crónica de Mia Couto (texto 2) e explica a sua génese.
4. Corrige as seguintes frases, que ouves frequentemente em Moçambique, e que constituem desvios morfossintácticos relativamente ao português europeu.
  - a. Eu tinha de ir participar um curso.
  - b. Despediu os pais à saída.
  - c. Nem ler e escrever não sabem.
  - d. Esta senhora é amigo.
  - e. Era muito mimada com os pais.
  - f. Os alunos também abusam a eles.
  - g. Não tem amor os filhos.
  - h. Foi-me emprestado um manual.

## Texto 3

Lê o seguinte texto.

# M

## MOÇAMBIQUE ENTRE PAÍSES QUE AINDA NÃO CONSEGUIRAM TRATAR 80% DE DOENTES DE SIDA

Com cerca de 20 milhões de habitantes, Moçambique tem 1,6 milhões de pessoas vivendo com HIV/SIDA. Destas, 130 mil beneficiam de anti-retrovirais e cerca de 500 mil precisam do tratamento.

Moçambique figura entre os países africanos que ainda não atingiram a meta dos 80 por cento do acesso universal ao tratamento da SIDA. A constatação é de um relatório regional divulgado recentemente pela organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF).

De acordo com a Agência, apesar do tratamento anti-retroviral (TARV) para a SIDA ter aumentado em todo o mundo, o documento mostra que “ainda há um longo caminho a percorrer nesse sentido, porque cerca de dois milhões de pessoas necessitam da terapia”.

Em Maputo, por exemplo, a MSF refere que atende pacientes das áreas rurais, que têm de fazer demoradas viagens à capital moçambicana para conseguirem os preciosos medicamentos. Por causa disso e da redução do financiamento

contra a pandemia, a organização prevê que muitos doentes tenham de esperar mais tempo para iniciar o TARV, correndo o risco de morrer antes mesmo de o ter.

Além disso, a MSF projecta que o volume de pacientes nas unidades sanitárias aumente, e os trabalhadores de saúde serão desencorajados pelos maus resultados na saúde dos pacientes. Os pacientes poderão ainda compartilhar as suas pílulas, o que irá reduzir a sua dosagem e aumentar os riscos de transmissão do vírus e da sua resistência.

Para uma população de cerca de 20 milhões de habitantes, Moçambique tem 1,6 milhões de pessoas vivendo com HIV e SIDA, das quais pouco mais de 130 mil beneficiam de anti-retrovirais e cerca de 500 mil precisam de tratamento.

#### ANTI-RETROVIRAIS REDUZEM EM 92% RISCO DE TRANSMISSÃO HETEROSSEXUAL DO HIV

Pessoas com HIV reduziram o risco de transmitir o vírus da SIDA em 92 por cento enquanto estavam a tomar os medicamentos anti-retrovirais, de acordo com um estudo publicado na semana passada.

O estudo fornece a evidência de que medicamentos que tratam a síndrome da imunodeficiência adquirida também podem ser incorporados em estratégias de luta contra o aumento de casos de HIV.

Num estudo publicado pelo jornal britânico *The Lancet*, médicos recrutaram 3381 casais heterossexuais em sete países africanos. Cada casal era "serodiscordante", ou seja, com uma pessoa infectada da HIV e outra sem o vírus. Os antiretrovirais foram dados a 349 indivíduos infectados. Os outros que possuíam o vírus receberam um placebo.

Os pesquisadores recolheram amostras de sangue do outro parceiro a cada três meses para ver se havia sido infectado. A pesquisa foi monitorizada de perto por um comité de ética, e incluiu um treinamento sobre sexo seguro, assim como exames de saúde de rotina.

Após 24 meses, 103 pessoas que estavam livres do HIV no início da experiência foram infectadas pelos seus parceiros. Mas apenas uma



© Shutterstock

dessas 103 transmissões foi causada por um parceiro que estava a tomar anti-retrovirais.

Os autores afirmaram que, no geral, a utilização de anti-retrovirais reduziu o risco de infectar outra pessoa em 92 por cento, uma grande queda que traz à tona o potencial que esses fármacos têm na prevenção do HIV, além de apenas o tratar.

"A utilização de anti-retrovirais por pacientes infectados pode ser uma estratégia eficaz para realizar reduções do número de transmissões de HIV", afirma o estudo.

Os especialistas acreditam que isso ocorre porque o *cocktail* anti-HIV diminui a presença do vírus no sangue e em fluidos corporais, como sêmen ou muco vaginal, e por isso dificulta a transmissão para pessoas não infectadas. Entretanto, advertem que, ainda que os remédios possam diminuir o risco de transmissão, o perigo existe, e por isso o sexo seguro é indispensável.

O estudo, liderado por Deborah Donnel, da Universidade de Washington e do Fred Hutchinson Cancer Research Center em Seattle, focou-se apenas nas relações heterossexuais. O estudo não contemplou outros modos de transmissão do vírus, como o sexo anal, o compartilhamento de agulhas ou de mãe para o feto.

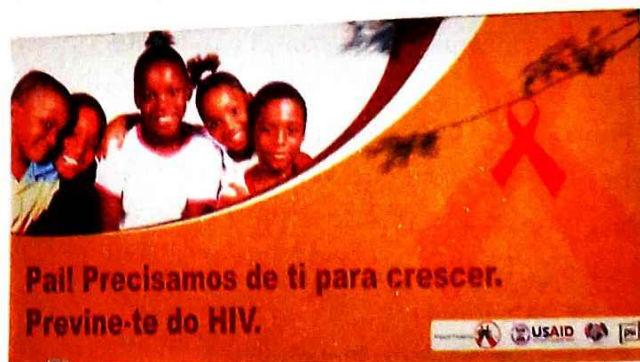
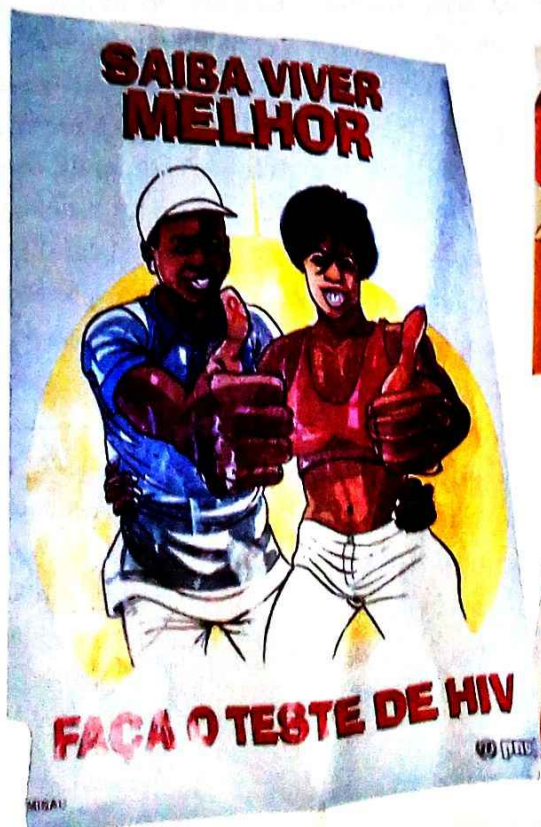
In *O País*, 01.06.2010 (com supressões)

## LER - COMPREENDER

1. O texto que acabaste de ler é uma crónica?
  - 1.1. Justifica a tua resposta.
2. O título do texto remete-nos para uma situação preocupante.
  - 2.1. Aponta-a.
  - 2.2. Apresenta as razões apresentadas para pôr cobro à situação.
  - 2.3. Identifica as propostas apresentadas.

## FALAR - ESCREVER

1. Em grupo, e com base no texto, discute a situação de Moçambique em relação à SIDA.
2. A melhor forma de evitar a SIDA é a prevenção.
  - 2.1. Elabora panfletos atractivos capazes de sensibilizar as pessoas para a sua prevenção.
3. A mensagem escrita é muito importante. Os jornais chegam facilmente a todas as regiões do país.
  - 3.1. Escreve uma crónica sobre a SIDA em Moçambique e sobre a sua prevenção.
4. Por vezes o jogo tem mais força do que as palavras.
  - 4.1. Organiza, na tua turma, um jogo em que cada jogador apresente palavras do campo semântico de SIDA. Ganha aquele que mais palavras apresentar.



# Textos Multiusos

## Objectivos específicos

- Interpretar e analisar textos expositivos/argumentativos, orais/escritos
- Construir frases com orações subordinadas sem sujeito exposto; com sujeito posposto ao verbo e sujeito complexo
- Produzir frases em que ocorram sintagmas nominais com pronomes relativos com a função de sujeito
- Produzir frases com sintagmas verbais em que ocorram os seguintes verbos impessoais: *haver*; *tratar-se de*; *bastar que*
- Reflectir sobre a ocorrência de ciclones

Sane Wadu, *Exodus*, Quênia



# TEXTOS MULTIUSOS

Texto expositivo/argumentativo

## Texto 1

Lê este texto sobre o problema da delinquência juvenil.

### Johnny e a delinquência juvenil: como a educação faz a diferença

José M. Teles Sampaio

Diz a sabedoria popular que “quem nasce torto tarde ou nunca se endireita”. Embora reconheça o valor e a importância desta sabedoria, em determinados contextos, sou particularmente crítico quando se fazem generalizações, susceptíveis de influenciarem e serem aplicadas a todo um universo social. Para nós, o problema da delinquência juvenil é um problema social que só pode ser resolvido no plano social, com instrumentos sociais.

(...)

Vicente Genovés, uma das maiores autoridades mundiais sobre a delinquência juvenil, referiu em conferência recente (ISCTE) que alguns jovens criados em meios propícios à delinquência conseguem escapar a estes comportamentos. Segundo o autor “o que faz a diferença é a existência, ou não, de um bom *software* social, ou seja, de um pensamento pró-social, aberto ao exterior”, capaz de combater preconceitos e xenofobia, preparar os jovens para “aprender a viver em conjunto”, apetrechando-os com os instrumentos indispensáveis ao seu desenvolvimento pessoal, à inserção social e à participação activa no mundo.

Para concretizar esta preocupação, necessário se torna que a sociedade (família, comunicação social, escola...) assuma a responsabilidade social

de traçar metas e medidas operacionais que valorizem os valores morais e humanos, que não fique indiferente à programação de conteúdos televisivos que exaltem a violência, o individualismo, a indiferença e a insensibilidade para “modos de vida” onde a delinquência se manifesta e se reproduz. Não sendo a educação uma varinha mágica para resolver todos os problemas da sociedade, proporciona sem dúvida o *software* de que fala Vicente Genovés. Segundo ele, “cerca de 50 por cento dos jovens dependem da nossa ajuda para ultrapassar esses comportamentos”.

Por isso, a propósito de preparação de jovens para a vida em comum, deixo aqui uma interessante história, de Jack Griffin, publicada na revista *Dirigir* (n.º 69):



Aos seis anos de idade, Johnny ia de carro com o pai quando este foi apanhado em excesso de velocidade. O pai meteu uma nota de vinte dólares dentro da carta de condução que entregou ao polícia. 'Não há problema miúdo', disse o pai. 'Toda a gente faz o mesmo'.

Quando tinha oito anos, assistiu a uma reunião familiar em que se estudava o modo mais eficaz de aldrabar a declaração de IRS. 'Não há problema miúdo', disse o tio. 'Toda a gente faz o mesmo'.

Quando tinha nove anos, a mãe levou-o ao teatro. O empregado da bilheteira dizia que já não havia bilhetes, mas a mãe com mais cinco dólares resolveu a situação. 'Não há problema, miúdo', disse a mãe. 'Toda a gente faz o mesmo'.

Aos doze anos, partiu os óculos quando ia para a escola. A tia convenceu a companhia de seguros de que eles foram roubados e receberam 75 dólares. 'Não há problema, miúdo', disse a tia. 'Toda a gente faz o mesmo'.

Aos quinze anos, jogava futebol na equipa do liceu, o treinador ensinou-o a pressionar o adversário, agarrando-o pela camisola sem que ninguém visse. 'Não há problema miúdo', disse o treinador. 'Toda a gente faz o mesmo'.

Aos dezasseis anos foi trabalhar durante o Verão num supermercado. Foi avisado pelo gerente que tinha que pôr os morangos demasiado maduros no fundo das caixas e os melhores em cima, bem à vista. 'Não há problema, miúdo', disse o gerente. 'Toda a gente faz o mesmo'.

Aos dezanove anos foi abordado por um aluno mais adiantado que lhe ofereceu as respostas a um exame por cinquenta dólares. 'Não há problema miúdo', disse-lhe o jovem colega. 'Toda a gente faz o mesmo.'

Johnny foi apanhado e expulso. 'Como pudeste fazer uma coisa destas a mim e à tua mãe e à família?', gritou o pai. 'Cá em casa não te ensinamos essas coisas.'"

O problema do Johnny é um problema de ausência de um modelo educativo, da falta de um código moral comum, que nem a família nem a sociedade cumpriram plenamente. Esta ausência de responsabilidade é a semente da delinquência (...). A delinquência e os delinquentes são da responsabilidade de todos, pelo que torna-se importante que cada um ajude o círculo a romper-se.

SAMPAIO, José M. Teles, in *Público*, 17.06.2001  
(com supressões)

## LER - COMPREENDER

1. Explicita o sentido do provérbio "Quem nasce torto tarde ou nunca se endireita".
2. O autor do artigo concorda com o sentido desse provérbio? Justifica.
3. Achas que um jovem delinquente é um problema que compete à família resolver?
  - 3.1. Apresenta argumentos que fundamentem a tua opinião.
4. Identifica a mensagem que nos é transmitida pelo texto.
5. Neste texto de opinião, o seu autor apresenta uma tese, defendendo-a com argumentos que pretendem convencer o leitor do seu ponto de vista. A sua estrutura é a seguinte:
  - introdução: apresentação da tese ou ideia a defender;
  - desenvolvimento: exposição dos argumentos;
  - conclusão: confirmação da tese inicial.
- 5.1. Identifica, no artigo, cada uma das partes apresentadas.

## SABER MAIS

### TEXTO EXPOSITIVO/ARGUMENTATIVO

#### Definição

Chama-se expositivo/argumentativo ao texto que tem como objectivo convencer, persuadir ou influenciar o ouvinte ou o leitor de uma exposição oral ou escrita. Um texto expositivo/argumentativo apresenta, pois, sobre um determinado assunto, um juízo próprio de forma clara e organizada.

#### Organização do texto

O texto expositivo/argumentativo é constituído por uma tese ou ponto de vista ao qual o argumentador deve fazer aderir o leitor. Os argumentos são as razões apresentadas a favor ou contra a tese.

Os argumentos constituem a parte essencial de um discurso expositivo/argumentativo. Aristóteles definiu a argumentação como a arte de falar de modo a convencer. A arte de argumentar obedece a um trabalho rigoroso que prevê várias etapas:

- escolha do problema (tese);
- procura de argumentos e contra-argumentos;
- construção de um discurso convincente;
- formulação de juízos de valor.

#### Tipos de argumentos

Os argumentos podem ser de várias ordens:

- **argumentos naturais** – também chamados argumentos de autoridade, incluem os textos das leis e as opiniões emitidas por pessoas de prestígio e especializadas na matéria tratada;
- **verdades ou princípios universais** – aceites, como tal, por todos;
- **exemplos** – apresentação de uma situação semelhante àquela que se está a apresentar.

#### Apresentação do texto

A clareza do texto expositivo/argumentativo depende, em muito, da forma como se encontra estruturado.

Na **introdução** apresenta-se o problema que vai ser objecto do discurso. A introdução contém a tese inicial – o ponto de vista ao qual o autor do texto quer fazer aderir o leitor. Deve ser formulada de forma clara e objectiva. Por vezes a tese aparece no fim do texto e funciona como conclusão.

No **desenvolvimento** ou **corpo** da argumentação apresentam-se os argumentos que se destinam a apoiar ou refutar a tese inicial. O desenvolvimento deve ser organizado em parágrafos, de tal forma que cada um deles contenha uma ideia principal. Os argumentos devem manter entre si uma ordem e uma coerência que permitam seguir com clareza o desenvolvimento do raciocínio do argumentador.

Na **conclusão** retoma-se a tese que se procurou provar com a exposição dos argumentos.

## Tipo de linguagem

Graças à sua competência comunicativa, cada falante adapta a língua às diversas situações de comunicação, tendo em conta o grau de cultura ou a idade do seu interlocutor, a relação formal ou informal existente entre eles e o facto de se tratar de uma comunicação oral ou escrita.

## Articulação do discurso

O autor, ainda, deve tomar em consideração:

- a correcta estruturação e ordenação das frases;
- o uso correcto dos conectores de discurso;
- o respeito pelas regras de concordância;
- o uso adequado dos pronomes, que evitam as repetições do nome;
- a utilização de um vocabulário variado recorrendo a sinónimos, antónimos...

Com o intuito de contribuírem para a coerência textual, orientando o receptor na interpretação dos enunciados e no desenvolvimento dos argumentos e dos contra-argumentos, são usados diversos conectores. Assim, os conectores permitem estabelecer relações de causa, consequência, semelhança, conclusão, oposição, expansão de tópico, exemplificação...

Eis alguns dos conectores mais usados:

<b>Causa</b>	<i>porque, dado que, visto que</i>
<b>Consequência</b>	<i>daí que, por isso, portanto</i>
<b>Semelhança</b>	<i>do mesmo modo, igualmente</i>
<b>Conclusão</b>	<i>por todas estas razões, em síntese, definitivamente, em conclusão, daí que, tanto... que</i>
<b>Oposição</b>	<i>mas, porém, todavia, contudo, no entanto, apesar de, não obstante, ainda que, apesar de, embora, mesmo que, por mais que</i>
<b>Expansão de tópico</b>	<i>com efeito, sem dúvida, efectivamente</i>
<b>Exemplificação</b>	<i>por exemplo, particularmente, designadamente, nomeadamente</i>

## PRÁTICA

1. O texto "Johnny e a delinquência juvenil: como a educação faz a diferença" levanta um problema grave que se vive também em Moçambique. Com efeito, a delinquência juvenil (actos criminosos cometidos por menores de idade) é uma triste realidade com tendência a aumentar.

1.1. Com base na tua experiência, elabora um texto expositivo/argumentativo em que abordes o tema *Delinquência juvenil em Moçambique*. Não te esqueças de apresentar as causas, consequências e formas de prevenção deste problema.

Organiza na turma um debate subordinado a esse tema.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### CONCORDÂNCIA VERBAL

#### Orações subordinadas sem sujeito expresso

Há dois grandes tipos de sujeito: o que está expresso (e que pode ser simples ou composto) e o que não está expresso (o **sujeito nulo/subentendido**).

Nas orações subordinadas, é frequente o sujeito não estar expresso:

*O José entrou no curso de Medicina, embora preferisse Direito.*  
(Sujeito nulo subentendido: o José);

*A Ana e a Rita são amigas, desde que nasceram.*  
(Sujeito nulo subentendido: A Ana e a Rita);

*Quando cheguei à escola, encontrei a Ana.*  
(Sujeito nulo subentendido: eu);

*Se estudarmos, eu e o João teremos um futuro brilhante.*  
(Sujeito nulo subentendido: eu e o João).

#### Sujeito simples

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa:

*O professor falou sobre a delinquência juvenil.*

#### Casos particulares

Quando o sujeito for um substantivo colectivo (*bando, multidão, matilha, arquipélago...*) ou uma palavra no singular que indique vários elementos (*maioria, minoria, pequena parte, grande parte, metade...*) podem ocorrer três situações:

- a. se o colectivo funciona como sujeito, sem acompanhamento de nenhum restritivo, o verbo fica no singular, concordando com o colectivo que está no singular:

*A multidão invadiu o campo de jogos.*

*A maioria está contra a decisão do árbitro.*

- b. se o colectivo funciona como sujeito, acompanhado do restritivo no plural, o verbo tanto pode ficar no singular como no plural:

*A multidão dos adeptos invadiu o campo de jogos.*  
ou

*A multidão dos adeptos invadiram o campo de jogos.*

*A maioria dos adeptos está contra a decisão do árbitro.*  
ou

*A maioria dos adeptos estão contra a decisão do árbitro.*

#### Notas:

As expressões de quantidade *mais de, menos de, cerca de, perto de, seguidas de um substantivo no plural, levam o verbo no plural:*

**Menos de dez pessoas** chegaram à hora marcada.

(Mas: **Mais de um adepto** protestou contra o árbitro.)

Quando *mais de* indica reciprocidade ou se esta palavra estiver repetida, o verbo fica no plural:

**Mais de uma pessoa** se agrediram.

**Mais de um vigilante, mais de um polícia de segurança** protegeram o jogo.

### Sujeito composto (ou complexo)

Se o sujeito for composto, é necessário observar as regras de concordância existentes quanto ao número e quanto à pessoa verbal.

#### Quanto ao número

- a. Se o sujeito estiver anteposto (antes do verbo), o verbo vai para o plural:

**Maputo e Beira** são duas cidades Moçambicanas.

No entanto, o verbo pode ficar no singular:

- se os núcleos do sujeito, no singular, designarem uma só pessoa, animal ou coisa:

**Decência e honestidade** é coisa rara nos dias de hoje.

**A angústia, a solidão, a falta de companhia** levou-o ao suicídio.

- quando os núcleos aparecem resumidos por *tudo, nada, ninguém*:

**A ameaça, o terrorismo, a agressão, nada** o assustava.

- b. Se o sujeito composto estiver posposto (depois do verbo), o verbo vai para o plural:

Chegaram ao estádio os jogadores e o treinador.

No entanto, o verbo também pode concordar com o núcleo mais próximo:

Chegou ao estádio o técnico e os jogadores.

#### Quanto à pessoa verbal

- c. Se o sujeito for composto por diferentes pessoas gramaticais, a concordância verbal depende da pessoa gramatical prevalecente:

- *Eu* + outros pronomes - o verbo fica na primeira pessoa do plural:

**Eu, tu e eles** sairemos.

- *Tu* + *ele(s)* - o verbo fica na terceira pessoa do plural:

**Tu e o teu colega** (= tu e ele) estudaram?

- Com a expressão *nem um nem outro* - o verbo fica no singular:

**Nem um nem outro** comentou o facto.

### Sujeito posposto ao verbo

Embora a língua portuguesa se apresente, predominantemente, pela ordem directa (sujeito + predicado + complementos) é comum encontrarmos alguns termos em posições diferentes nas orações, como por exemplo verbo + sujeito. Nesse caso estamos perante um caso de sujeito posposto

*Neste bairro* existem muitos ladrões.

*Sobre esse assunto* falo eu.

Nos exemplos anteriores, a inversão do sujeito (colocado depois do verbo) é devida à ênfase que se pretende dar à ideia expressa pelo primeiro termo da frase.

### Pronomes relativos com a função de sujeito

#### Pronome relativo *que*

Se o sujeito for o pronome relativo *que*, o verbo concorda em número e pessoa com o antecedente do pronome:

*Fui eu que parti o vidro.*

*Fomos nós que lhe telefonámos.*

Depois das expressões *um dos poucos* e *um dos que* o verbo vai para a terceira pessoa do singular ou plural:

*Ele foi um dos que mais falaram.*

ou

*Ele foi um dos que mais falou.*

#### Pronome relativo *quem*

Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, utiliza-se o verbo na terceira pessoa do singular, ou este concorda com o seu antecedente.

*Fui eu quem trouxe os presentes.*

#### Verbos impessoais

Os verbos impessoais são verbos que, não tendo sujeito, são usados na terceira pessoa do singular; neles se inclui, por exemplo, o verbo *haver* (no sentido de *existir*).

*Haverá muitas pessoas a testemunhar contra.*

Os verbos *bastar* e *tratar*, quando regidos de preposição, também são verbos impessoais.

*Trata-se de um assunto que merece maior atenção por parte dos pais.*

*Basta que um estudante cometa um delito para que a escola tenha má fama.*

## PRÁTICA

- Identifica e classifica os sujeitos das frases seguintes.
  - Ontem, compareceram todos à reunião.
  - Logo que chegaram, os meus irmãos vieram ter comigo.
  - Muita sorte teve a equipa de Moçambique.
  - Árvores seculares e plantas raríssimas foram consumidas pela queimada.
  - Amolgaram o carro do meu pai durante a noite.
  - Vamos ter contigo à porta da escola.
- Indica a alternativa em que a concordância do verbo sublinhado está correcta.
  - Mesmo que se tratam de pessoas honestas exija um fiador.
  - É importante que haja muitas escolas.
  - Espero que em Agosto façam dias ventosos.
  - Haviam quatro semanas que o navio estava no porto.
  - Se não houverem imprevistos chegaremos amanhã.

3. Escolhe a opção correcta para completares a frase seguinte.  
 Este ano \_\_\_\_\_ as aulas que \_\_\_\_\_, que eu não faltarei a nenhuma.
- a. *pode haver* – *haver*  
 b. *podem haver* – *haverem*  
 c. *pode haver* – *houver*  
 d. *pode haver* – *houverem*  
 e. *podem haver* – *houver*
4. Transforma as seguintes frases de modo a obteres sujeitos pospostos.
- a. O António e a Ana encontraram-se no Domingo.  
 b. O João e o Tiago tiveram boas notas.  
 c. Todos os alunos têm férias.
5. Constrói frases, seguindo as seguintes indicações:
- a. frase com uma oração subordinada sem sujeito expresso;  
 b. frase com sujeito posposto ao verbo;  
 c. frase que contenha uma oração cujo sujeito seja o pronome relativo *que*;  
 d. frase que contenha uma oração cujo sujeito seja o pronome relativo *quem*;  
 e. frase com o verbo impessoal *haver*;  
 f. frase com o verbo impessoal *bastar que*;  
 g. frase com o verbo impessoal *tratar-se de*.

## Texto 2

Moçambique, como sabes, é anualmente assolado por vários desastres naturais: cheias, secas e ciclones destroem as frágeis estruturas económicas do país.

Lê a seguinte notícia, que se refere a esse tema.

### Depois das fortes cheias, ciclone arrasa Moçambique

Moçambique está a braços com mais uma catástrofe natural da sua história. Depois das cheias que nos últimos dias provocaram 40 mortos e desalojaram mais de 120 mil pessoas, o país é fustigado por um violento ciclone, cujos ventos de 200 km p.h. varreram o sul deixando um rasto de destruição. Os estragos são enormes, com o balanço ainda provisório. Até porque o pior pode ainda estar para vir.

O ciclone Favio deverá dirigir-se hoje para o norte atingindo a Beira e Sofala, zonas que nos últimos dias foram atingidas pelas cheias. E onde se espera que os ventos fortes venham a agudizar a situação de enorme fragilidade em que já se encontram milhares de desalojados a

viver em abrigos. As autoridades estão ainda a avaliar a possibilidade de se estar a formar um novo ciclone, no mar, embora seja prematuro prever a sua violência e trajectória.

#### 20 Prejuízos

Vilankulos, em Inhambane, era uma das cidades mais afectadas ontem ao final do dia... Neste centro urbano localizado a 600 km da capital, os ventos que sopraram no início da manhã destruíram 90% das infra-estruturas, entre as quais postos de saúde, uma prisão, o mercado e o centro turístico. As estradas estão, na maioria, cortadas.

CARVALHO, Rita, in <http://dn.Sapo>, 23.02.2007

## LER - COMPREENDER

1. A passagem do ciclone Favio é uma situação deveras preocupante.
  - 1.1. Justifica a afirmação anterior.
2. Descreve os estragos provocados pelo ciclone.
3. Identifica a região mais atingida.
4. Indica as medidas que achas que o governo deve tomar para prevenir grandes estragos provocados pelas calamidades naturais.

## RECORDA

### TEXTO EXPOSITIVO/ARGUMENTATIVO

Como já estudaste na unidade 4 (páginas 60), a exposição é um tipo de discurso, oral ou escrito, que apresenta um assunto – uma questão ou um problema – de maneira ordenada, clara e objectiva, com a finalidade de dar a conhecer a outras pessoas.

Para se poder preparar, correctamente, um texto expositivo, há que ter em conta uma fase de documentação, durante a qual se deve recolher o máximo de informação sobre o tema a desenvolver.

Na organização de um **texto expositivo** há que ter em conta as seguintes frases:

- **colocação do problema** – espécie de introdução em que se apresenta o tema;
- **desenvolvimento** – onde se expõem as ideias principais e se incorporam novas ideias e exemplos que apoiam os conceitos;
- **conclusão** – nem sempre existe, sintetiza as ideias, anteriormente desenvolvidas.

Quando o texto tem como objectivo não só expôr, mas também persuadir, convencer, chama-se expositivo/argumentativo

## FALAR - ESCREVER

1. Com base nos conhecimentos já adquiridos sobre a ocorrência de ciclones, elabora um texto expositivo no qual empregues os verbos impessoais *haver*, *bastar que*, *tratar-se de*.

## PESQUISAR

1. Faz o levantamento de palavras pertencentes ao campo lexical de *calamidades naturais*.
  - 1.1. Organiza um mini glossário, indicando o sentido de cada palavra e exemplificando numa frase o seu uso.

Exemplo:

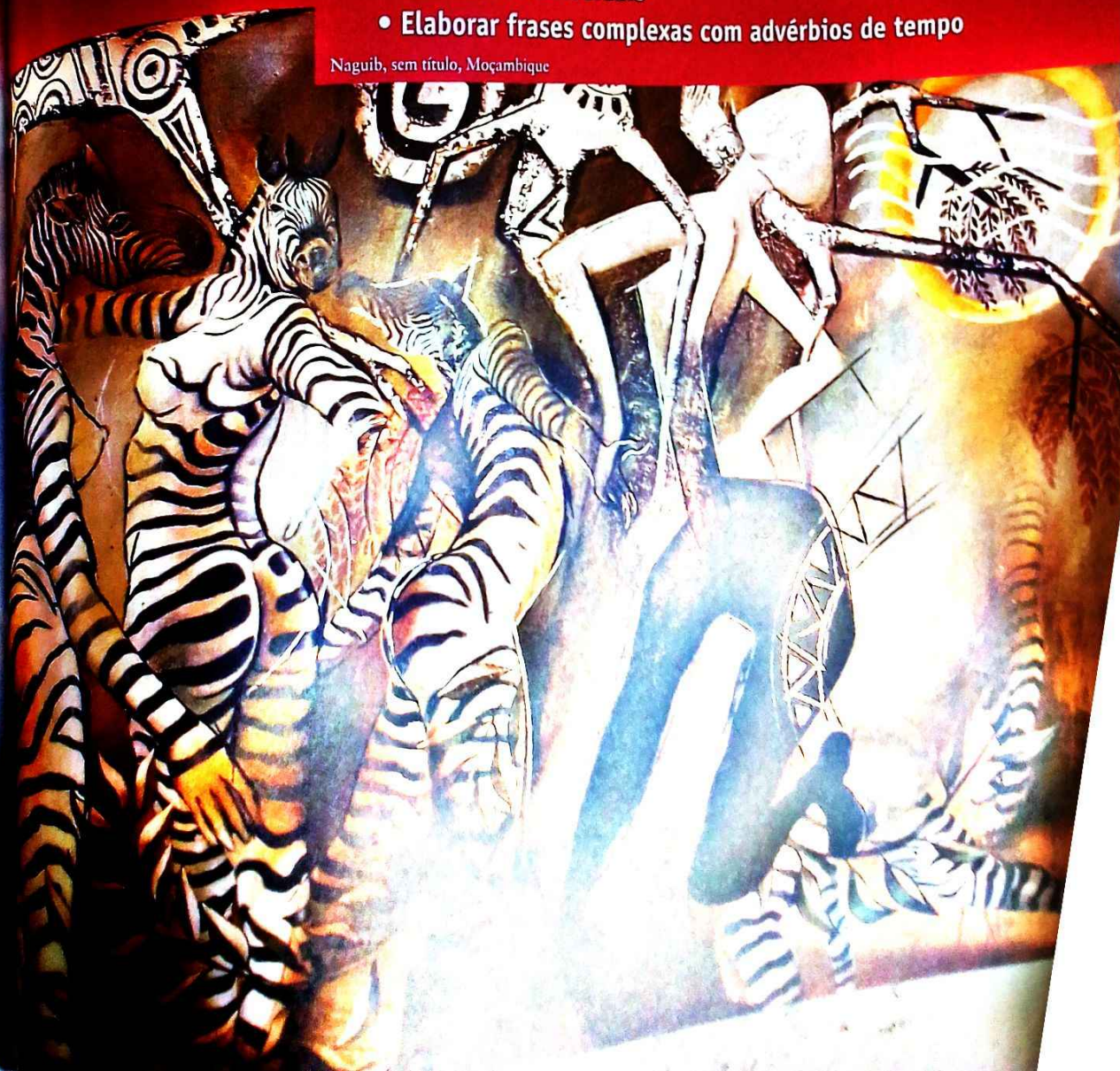
**Furacão** – ventania repentina e violenta; tufão ou ciclone de regiões tropicais.  
*Um furacão destruiu ontem a cidade de...*

# Textos Literários

## Objectivos específicos

- Identificar e caracterizar o texto lírico
- Reconhecer a canção como género da oratura em Moçambique
- Identificar as características temáticas e os processos estilísticos presentes na canção tradicional
- Identificar o refrão e o paralelismo
- Interpretar canções tradicionais
- Interpretar textos de poesia romântica e realista da língua portuguesa
- Identificar os processos estilísticos próprios do lirismo
- Reconhecer o texto lírico com base no seu conteúdo e na mancha gráfica
- Identificar nos poemas marcas da moçambicanidade, valores culturais e universais
- Elaborar frases complexas com advérbios de tempo

Naguib, sem título, Moçambique



# TEXTOS LITERÁRIOS

Texto lírico

Texto 1

Lê o texto.

## O CARTEIRO QUE QUERIA SER POETA

- Dê-me um exemplo.  
 – Bem, quando tu dizes que o céu está a chorar,  
 o que é que queres dizer?  
 – Que fácil! Que está a chover, pois.  
 5 – Bem, isso é uma metáfora.  
 – Poça, como eu gostava de ser poeta! É que se  
 fosse poeta poderia dizer o que quero.  
 – E o que é que queres dizer?  
 – Bem, esse é justamente o problema. Como não  
 10 sou poeta, não sei dizê-lo.  
 [*Pablo Neruda entrou, mas voltou a sair:*]  
 – Voltei a abrir, porque pensei que continuavas aqui.  
 – É que fiquei a pensar.  
 – E para pensar ficas sentado? Se queres ser poeta,  
 15 começa por pensar caminhando. Ou és como John Wayne, que não conseguia  
 andar e mascar *chiclets* ao mesmo tempo? Agora vais até à calheta pela praia,  
 e enquanto observas o movimento do mar vais fazendo metáforas.  
 – Dê-me um exemplo.  
 – Olha este poema: “Aqui na Ilha, o mar, e quanto mar. Sai de si mesmo,  
 20 a cada instante. Diz que sim, que não, que não. Diz que sim, em azul, em  
 espuma, em galope. Diz que não, que não. Não pode estar quieto. Chamo-me  
 mar, repete pegando numa pedra sem conseguir convencê-la. Então com sete  
 línguas verdes, de sete tigres verdes, de sete cães verdes, de sete mares verdes,  
 percorre-a, beijando-a, humedece-a e bate no peito repetindo o seu nome.” –  
 25 Fez uma pausa satisfeito. O que achas?  
 – Estranho.  
 – Estranho. Que crítico severo és tu!  
 – Como se pode explicar? Enquanto dizia o poema as palavras iam de cá  
 para lá...  
 30 – Como o mar, claro! Isso é o ritmo.  
 – E eu senti-me estranho, porque com tanto movimento enjoiei.  
 – Enjoaste?  
 – Claro! Eu ia como um barco balançando nas suas palavras.  
 – “Como um barco balançando nas minhas palavras.” Sabes o que  
 35 fizeste, Mário?  
 – O que foi?  
 – Uma metáfora.



Fotograma de *O Carteiro de Pablo Neruda*  
 de Michael Radford

**LER - COMPREENDER**

1. No texto estabelece-se um diálogo entre duas personagens.
  - 1.1. Identifica essas personagens.
  - 1.2. Indica o assunto abordado.
  - 1.3. Quem foi Pablo Neruda?
2. No texto encontras um registo específico da linguagem, o calão.
  - 2.1. Identifica-o.
3. Também se fala de uma figura de estilo, a metáfora.
  - 3.1. Diz, por palavras tuas, o que entendes por metáfora.
  - 3.2. Ajuda o carteiro e dá exemplos de outras metáforas que podes usar para falares do mar.

**SABER MAIS****TEXTO LÍRICO****Conceito**

O carteiro de Pablo Neruda queria ser poeta. A poesia é a forma literária que melhor e com mais frequência privilegia o lirismo.

Podemos definir o texto lírico como um género literário em que o autor quer expressar todos os seus sentimentos e emoções em relação a uma pessoa ou objecto de inspiração. O poeta fala directamente ao leitor, representando os sentimentos e os estados de espírito.

**Origem**

A poesia lírica surgiu na Grécia antiga e, originalmente, era feita para ser cantada ou acompanhada de flauta e lira – daí o termo *lírica*.

Em Portugal a sua primeira manifestação surge na poesia trovadoresca, cujos géneros principais são as cantigas de amor, as cantigas de amigo, as cantigas de escárnio e maldizer.

**Conteúdo e mancha gráfica**

No texto lírico predomina um *eu* que, sem preocupações espaço-temporais, revela o seu olhar sobre o mundo, aprofunda os seus estados emocionais, os seus estados de alma, as suas reflexões, concepções e sentimentos.

Em termos formais, recorre ao registo em verso. Um verso define-se como cada uma das linhas que formam um poema e que representam uma sucessão de sons.

**Características linguísticas e estilísticas**

Todos os fenómenos linguísticos e estilísticos decorrem da essência lírica, a recordação, que funde mundo interior e mundo exterior. Este não distanciamento impossibilita a observação e a compreensão e cria um contexto impreciso em que a expressão linguística deixa de ser construída logicamente.

**Musicalidade**

Grande parte do que hoje se denomina composição lírica era, na sua origem, musicada. Um dos fenómenos estilísticos mais típicos do texto lírico é, pois, a musicalidade obtida através de uma elaboração especial do ritmo e dos meios sonoros da língua – a rima, a assonância e a aliteração.

### Repetição

Em correlação directa com a musicalidade encontramos a repetição.

### Desvio da norma gramatical

A repetição, contrária ao uso linguístico corrente, demonstra que a linguagem poética provoca um desvio da norma gramatical.

A ambiguidade, característica inerente a toda a obra poética, decorre, muitas vezes, da violação da norma.

### Falta de lógica

O texto lírico não se sujeita às regras da linguagem. Quebra a lógica das normas rígidas. É necessário captar a mensagem do poema lírico através do raciocínio, pois a expressão do sentimento ultrapassa a lógica.

### Antidiscursividade

A lírica rompe a sequência natural da linguagem, introduzindo o insólito e o inesperado. O poeta pode associar livremente as ideias, por mais extravagantes que sejam.

A palavra cumpre uma função de "indicador" de transformações das ideias e também das mudanças sociais.

### Orações coordenadas

Utilizam-se predominantemente as orações coordenadas na poesia uma vez que o período composto por subordinação requer maior elaboração mental. As orações valem por si, justapondo-se sem prioridade.

## Texto 2

Lê os seguintes poemas de poetas portugueses de épocas diferentes.

### Texto A

Amor é um fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer.

5 É um não querer mais que bemquerer;  
é um andar solitário por entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;  
10 é servir a quem vence o vencedor;  
é ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode o seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo Amor?



Roberto Chichorro, sem título, 19

## Texto B

# E STE INFERNO DE AMAR

Este inferno de amar – como eu amo!  
 Quem mo pôs aqui n'alma!... quem foi?  
 Esta chama que alenta e consome,  
 Que é a vida – e que a vida destrói –  
 5 Como é que se veio a atear,  
 Quando – ai quando se há-de ela apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,  
 A outra vida que dantes vivi  
 Era um sonho talvez... – foi um sonho –  
 10 Em que paz tão serena a dormi!  
 Oh! que doce era aquele sonhar...  
 Quem me veio, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso  
 Eu passei... dava o Sol tanta luz!  
 15 E os meus olhos, que vagos giravam,  
 Em seus olhos ardentes os pus.  
 Que fez ela? Eu que fiz? – Não no sei;  
 Mas nessa hora a viver comecei...

GARRETT, Almeida, *Folhas Caídas e Flores sem Fruto*,  
 Porto, Porto Editora



Roberto Chichorro, *Cantigas de Arlequim para Viola enlaurada*, 1986

## Texto C

Não sei quantas almas tenho.  
 Cada momento mudei.  
 Continuamente me estranho<sup>1</sup>.  
 Nunca me vi nem achei.  
 5 De tanto ser, só tenho alma.  
 Quem tem alma não tem calma.  
 Quem vê é só o que vê,  
 Quem sente não é quem é,

Atento ao que eu sou e vejo,  
 10 Torno-me eles e não eu.  
 Cada meu sonho ou desejo  
 É do que nasce e não meu.  
 Sou minha própria paisagem  
 Diverso, móbil<sup>2</sup> e só,  
 15 Não sei sentir-me onde estou.



Roberto Chichorro, *Sonhar amanhã sem lágrimas*, 1975

Por isso, alheio, vou lendo  
 Como páginas, meu ser.  
 O que segue não prevendo,  
 Noto<sup>3</sup> à margem do que li.  
 20 O que julguei que senti.  
 Releio e digo: "Fui eu?"  
 Deus sabe, porque o escreveu.

PESSOA, Fernando, *Poesias Inéditas*, Lisboa, Ática, 1973

Glossário:

1. estranhar-se: não se reconhecer a si próprio, em determinada situação ou atitude.
2. móbil: que é volúvel ou inconstante.
3. notar: tomar notas, registar, escrever.

## LER - COMPREENDER

### Texto A

O amor é o tema mais presente na lírica camonianiana. É um amor preso no dualismo: por um lado ilumina a mente, gera a poesia, aproximando-se do divino, do belo, do eterno e do maravilhoso, por outro lado é também um amor que escraviza pela impossibilidade.

1. O sujeito poético pretende definir o amor.
  - 1.1. Achas que o consegue fazer neste soneto? Justifica a tua resposta.
2. Faz o levantamento das anáforas, antíteses, metáforas e anástrofes que encontras no poema.
  - 2.1. Comenta a sua expressividade, tendo em conta o sentido global do soneto.
3. A dualidade amorosa, expressa no poema, corresponde a duas concepções da mulher.
  - 3.1. Indica-as.

### Texto B

Mais uma vez a temática do amor é desenvolvida neste belo poema de Almeida Garrett, extraído do seu livro *Folhas Caídas*.

1. A poética de *Folhas Caídas* parte do jogo da contradição.
  - 1.1. Tenta demonstrar esta poética da contradição através dos binómios vida/morte, passado/presente, sonho/realidade e alma/corpo. Para isso, preenche o quadro seguinte.

	Expressões do texto	Expressões do texto	
Vida			Morte
Passado			Presente
Sonho			Realidade
Alma			Corpo

2. Analisa a estrutura deste poema tendo em conta:
- os tempos verbais e o seu valor expressivo;
  - a analepse presente na terceira estrofe.

### Texto C

Poeta do século XX, Fernando Pessoa insere-se também nas linhas temáticas encontradas nos poetas anteriores: decifração do enigma do ser, do amor; tédio existencial; sonho como fuga da realidade.

1. No poema que acabaste de ler, o sujeito poético reflecte acerca de si próprio tentando responder à questão "Quem sou eu?".
  - 1.1. Salienta, nas duas primeiras estrofes, os versos que revelam:
    - a fragmentação do sujeito poético;
    - o seu desconhecimento em relação a si próprio;
    - o sentimento de despersonalização;
    - o seu papel de "espectador" de si;
    - a sua constante inadaptação.
  - 1.2. Relaciona, na primeira estrofe, a alternância temporal presente/passado com o valor expressivo do advérbio *continuamente* (v. 3).
  - 1.3. Nos três últimos versos da primeira estrofe, o sujeito poético passa, abruptamente, da primeira para a terceira pessoa.
    - 1.3.1. Interpreta o sentido do verso 6.
  - 1.4. Na segunda estrofe, o sujeito poético volta a centrar-se em si próprio.
    - 1.4.1. Indica os adjectivos usados na sua autocaracterização.
    - 1.4.2. Esclarece o sentido dessa tripla adjectivação.
  - 1.5. A terceira estrofe encerra uma espécie de explicação.
    - 1.5.1. Explicita-a, considerando: o significado do adjectivo *alheio*; a comparação *páginas/ser* e a metáfora *livro/vida*.
    - 1.5.2. Transcreve os versos em que o sujeito poético se define como um ser sem passado nem futuro.
    - 1.5.3. Explica por que razão os dois últimos versos são um desfecho lógico para o poema.



### FALAR - ESCREVER

1. Faz o levantamento, nos textos A, B e C, das características dos textos líricos.
2. Elabora um poema lírico utilizando alguns dos versos dos poemas anteriores.
3. Declama, para a turma, os poemas anteriores.

## Texto 3

Lê os seguintes poemas.

### Poema A

# N EGRA

Gentes estranhas com os seus olhos cheios doutros mundos  
quiseram cantar teus encantos  
para eles só de mistérios profundos,  
de delírios e feitiçarias...  
5 Teus encantos profundos de África

Mas não puderam.  
em seus formais e rendilhados cantos,  
ausentes de emoção e sinceridade,  
quedaste-te longínqua, inatingível,  
10 virgem de contactos mais fundos.  
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,  
jarra etrusca, exotismo tropical,  
demência, atracção, crueldade,  
animalidade, magia...  
15 E não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.  
em seus formais cantos rendilhados  
foste tudo, negra...  
menos tu,

E ainda bem.  
20 Ainda bem que nos deixaram a nós,  
Do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,  
sofrimento,  
a glória única e sentida de te cantar  
com emoção verdadeira e radical,  
25 a glória única e sentida de te cantar, toda amassada,  
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE

SOUSA, Noémia de, *No Reino de Caliban III*, M. Ferreira,  
Lisboa, Plátano Editora, 1985



## Poema B

Amar é um prazer se nós amamos  
Alguém que pode amar-nos e nos ama.  
Amar é um prazer se por nós chama  
Alguém continuamente que chamamos.

5 Então a vida inteira a rir levamos,  
Que o mesmo fogo ardente nos inflama.  
Os ideais da vida, o Bem, a Fama,  
Mãos dadas pelo mundo procuramos.

No encapelado mar da existência  
10 O Amor é compassiva indulgência  
A culpa original dos nossos pais.

Tudo na vida é fruto do Amor.  
Quem o tirar e olhar em seu redor  
Encontra só tristeza nada mais.

NORONHA, Rui de, *Os Meus Versos*,  
Maputo, Texto Editores, 2006

## Poema C

# P AIXÃO

Sempre  
me dei aos teus braços  
como um pássaro aprisionado.

O meu olhar  
5 cintilava ao fremir das asas  
do teu voo  
juntos voávamos mais.

Asguem-me as penas  
unicamente uma por uma  
mesmo assim verão  
o belo pássaro aprisionado  
insuportável esvoaça contigo  
no amarelo da esperança  
de cada manhã.

CRAVEIRINHA, José, *Poemas da Prisão*,  
Maputo, Editora Ndjira, 2003

## LER – COMPREENDER

### Poema A

Noémia de Sousa nasceu em Moçambique, em 1926, e morreu em 2002, em Portugal.

Toda a sua produção é marcada pela presença constante das raízes profundamente africanas, glorificando os valores africanos. A base dos seus poemas centra-se na dicotomia nós/outros. Nós, os africanos, os outros, os estranhos.

No poema, o corpo feminino é sintetizado numa única palavra, "Mãe", que representa o corpo do continente africano.

1. O sujeito poético fala de "gentes estranhas" (v. 1).
  - 1.1. A que "gentes estranhas" se refere?
  - 1.2. O que pretenderam fazer essas "gentes estranhas"?
  - 1.3. Conseguiram os seus intentos? Justifica a tua resposta.
2. A quem foi deixada a missão de escrever sobre África? Justifica.

### Poema B

Rui de Noronha nasceu em 1909 e morreu em 1943, em Lourenço Marques, actual Maputo. A sua obra deixa transparecer uma personalidade introvertida e amargurada. Os seus sonetos reflectem a consciência trágica de um "eu" fragmentado.

1. O sujeito poético define o "amor" como um prazer.
  - 1.1. Que condições apresenta ele para a concretização desse prazer?
2. Amar, de acordo com o poema, traz benefícios para os que se amam.
  - 2.1. Justifica esta afirmação com passagens do texto.
3. Explica o sentido da terceira estrofe.
4. Compara este poema com o soneto "Amor é fogo que arde sem se ver", de Luís de Camões.

### Poema C

José Craveirinha, prémio Camões, também ele cantou o amor.

1. Como é definido, no poema, o amor?
2. José Craveirinha, num depoimento autobiográfico, em 1977, afirmava que "Escrever poemas, o meu refúgio, o meu país também. Uma necessidade angustiosa e urgente de ser cidadão desse país, muitas vezes altas horas da noite".
  - 2.1. Enquadra o poema neste depoimento.
3. Faz o levantamento das figuras de estilo que aqui encontras, comentando a sua expressividade.

## FALAR – ESCREVER

1. Depois de teres lido e compreendido os poemas anteriores, elabora um pequeno texto em que expliques a relação entre o texto lírico e o contexto Moçambicano em que cada texto foi produzido.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### FIGURAS DE PENSAMENTO

#### Apóstrofe

Chamamento ou interpelação de pessoas ou de alguma coisa personificada. É frequente o uso do vocativo que, aliado ao discurso directo, confere vivacidade ao texto.

*María, se eu te chamar,*

*María, vem cá dizer*

*Que não podes cá chegar.*

*Assim te consigo ver.*

Fernando Pessoa, *Quadras ao Gosto Popular*

#### Prosopeia

Também conhecida por **personificação** e próxima do **animismo**, consiste em atribuir qualidades, propriedades, atitudes ou vozes humanas a animais, a seres inanimados, ou entidades abstractas, presentes nas fábulas e nos contos maravilhosos. Esta figura de estilo é muito usada na épica de Camões.

*Que tenham longos tempos o governo do mar que vê do sol a rosa entrada*

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

### FIGURAS DE SINTAXE

#### Anáfora

É a repetição da mesma palavra ou grupo de palavras no princípio de frases ou versos consecutivos. É uma figura muito usada em quadras populares, música e literatura em geral, especialmente na poesia.

*Dorme, meu filhinho.*

*Dorme sossegado*

*Dorme que a teu lado*

*Cantarei baixinho*

Manuel Bandeira, *Obras Poéticas*

#### Anástrofe

Do grego *anastrophe*, que significa *mudança de posição*, define-se como uma figura de estilo em que se manifesta uma inversão sintáctica de palavras ou sintagmas.

É uma estratégia retórica que visa provocar um efeito de surpresa na construção frásica, apesar de frequentemente, à semelhança do hipérbato, ser uma consequência das exigências da métrica do verso, como se verifica na seguinte estrofe de Fernando Pessoa.

*Nação porque reencarnaste,*

*Povo porque ressuscitou*

*Ou tu, ou o de que eras haste*

*Assim se Portugal formou*

Fernando Pessoa, *Mensagem*

## PRÁTICA

1. Identifica a(s) figura(s) de estilo presente(s) nos seguintes versos de Fernando Pessoa, comentando a sua expressividade.
  - a. "À espada em tuas mãos achada / Teu olhar desce / Que farei eu com esta espada?" (Fernando Pessoa, *Mensagem*)
  - b. "Gato que brincas na rua / Como se fosse na cama / Invejo a sorte que é tua / Porque nem sorte se chama." (Fernando Pessoa, *Cancioneiro*)
  - c. "Ó sino da minha aldeia" (Fernando Pessoa, *Cancioneiro*)
  - d. "Rosmaninho que me deram / Rosmaninho que darei / Todo o mal que me fizeram / Será o bem que eu farei" (Fernando Pessoa, *Quadras ao Gosto Popular*)
2. Escreve um pequeno poema em que exaltes a pátria moçambicana e a sua cultura. Utiliza as seguintes figuras:
  - prosopopeia;
  - anáfora;
  - anástrofe;
  - apóstrofe.

## Texto 4

Lê atentamente as seguintes canções tradicionais.

### Texto A

Estou muito triste  
Porque o meu homem foi para longe trabalhar  
E não me dá roupa para eu vestir  
Nem mesmo panos pretos.

MENDES, Orlando, Maputo, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980

### Texto B

Levaram Fambanhane  
Levaram Fambanhane ao juiz,  
sem algemas  
agora não pode ameaçar Manjengue  
perdeu toda a esperança de usar uniforme de régulo  
nós dizemos,  
nós temos razão para acreditarmos  
que Fambanhane teria gostado de ser régulo.

MENDES, Orlando, Maputo, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980

# CANTO

“É tempo de pagar impostos aos portugueses  
Os portugueses que comem ovos  
E galinhas.

Troca-me esta libra inglesa.”

5 “Oh... oh, ouvi as ordens,  
Ouvi as ordens dos portugueses.

Oh... oh, ouvi as ordens,  
Ouvi as ordens dos portugueses.

Homens! Os portugueses dizem: paga a tua libra.

10 Homens! Os portugueses dizem: paga a tua libra.

Mas que maravilha, pai!

Onde hei-de descobrir a libra?

Oh... oh, ouvi as ordens dos portugueses”

“cantai oh... oh... oh, vinde ver o Mzeno

15 Cantai oh... oh... oh, vinde ver o Mzeno

Aqui há mistério, os portugueses batem-nos nas mãos,  
A nós e às mulheres

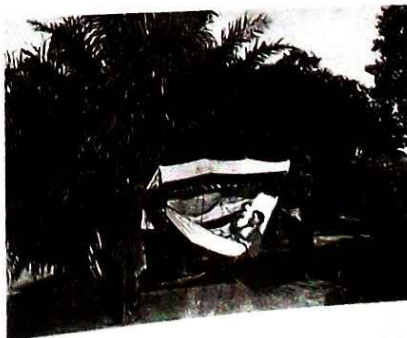
Cantai oh... oh... oh, vinde ver o Mzeno”.

MENDES, O., “Poesia de msaho”, *Sobre Literatura Moçambicana*, Maputo, Instituto do Livro e do Disco, 1980

## LER - COMPREENDER

### Texto A

1. Explicita, por palavras tuas, o sentido da canção.
2. Relaciona o texto com as duas gravuras abaixo apresentadas.



**Texto B**

1. "Levaram Fambanhane..." (v. 1).
  - 1.1. Por que achas que o levaram sem algemas?
2. Explica o sentido do poema.

**Texto C**

1. Encontras neste canto uma sátira directa.
  - 1.1. Indica o objecto dessa sátira. Justifica a tua resposta com exemplos do texto.
2. Identifica o refrão do canto.
3. Transcreve os versos em que está presente o paralelismo, muito usado nas canções tradicionais.

**FALAR - ESCREVER**

Inspira-te nestes cantos e redige uma canção tradicional.

**SABER MAIS**

**GÉNESE DA LITERATURA PORTUGUESA**

Como já estudaste na unidade 5 (página 94), as primeiras manifestações da literatura portuguesa são em verso e datam do século XII, na Idade Média, designando-se como cantigas de amigo. Como ainda não havia imprensa nessa época, os poemas medievais eram orais e com acompanhamento musical (recebendo, por isso, o nome de cantigas). Como já referimos na página 161, para além das cantigas de amigo, integram a poesia trovadoresca as cantigas de amor, as cantigas de escárnio e as cantigas de maldizer.

**ORATURA - GÉNESE DA LITERATURA MOÇAMBICANA**

A oratura constitui a expressão de uma sociedade não alfabetizada, gregária que encontra na convivência e na palavra um prazer lúdico, a comunicação didáctica e o gosto de viver.

É uma forma de permuta de saberes, daí a afirmação que em África, cada velho que morre é uma biblioteca que desaparece.

**Formas de oratura**

<b>Contos populares</b>	Transmitem vivências das sociedades, dos seus êxitos, fracassos e evolução.
<b>Contos populares</b>	Através de histórias reveladoras de uma fértil imaginação, narram a forma de estar e compreender o mundo de uma sociedade.
<b>Contos populares</b>	Caracterizados pela musicalidade e ritmo das frases, condensam, em textos curtos, a percepção do mundo.

Com uma base enigmática, salientam o papel educador da sociedade.

À semelhança do papel desempenhado nos primórdios da Literatura Portuguesa, as canções servem para os membros da comunidade exteriorizarem as suas emoções, os seus sentimentos. Nelas se destaca, quase sempre, uma exaltação guerreira. Importa referir a poesia dos *chopes*, cujas danças orquestradas, *msaho*, são de grande beleza artística. A poesia dos *msaho*, às vezes alegre, outras triste, é sempre acompanhada de música. Trata-se de uma poesia de protesto, denúncia e resistência.

## PRÁTICA

1. Não podemos deixar morrer a tradição. Cabe a todos nós conservar, pela escrita, o património oral.
  - 1.1. Certamente que conheces, dentro da tua comunidade, canções, lendas, provérbios, adivinhas que remontam a tempos passados. Faz uma recolha desse património.

## Texto 5

Lê com atenção os exemplos de poesia de combate que te apresentamos.

### Texto A

# S

## ONHO DE MÃE NEGRA

Mãe negra  
 Embala o seu filho  
 E na sua cabeça negra  
 Coberta de cabelos negros  
 5 Ela guarda sonhos maravilhosos

Mãe negra  
 Embala o seu filho  
 E esquece  
 Que o milho já a terra secou  
 10 Que o amendoim ontem acabou

Ela sonha mundos maravilhosos  
 Onde o seu filho iria à escola  
 À escola onde estudam os homens



James L. Stanfield, in *National Geographic*, Novembro de 1992

Mãe negra  
15 Embala o seu filho  
E esquece  
Os seus irmãos construindo vilas e cidades  
Cimentando-as com o seu sangue

Ela sonha mundos maravilhosos  
20 Onde o seu filho correria na estrada  
Na estrada onde passam os homens.

Mãe negra  
Embala o seu filho  
E escutando  
25 A voz que vem de longe  
Trazida pelos ventos

Ela sonha mundos maravilhosos  
Mundos maravilhosos  
Onde o seu filho poderá viver

SANTOS, Marcelino dos, *Canto do Amor Natural*, Coleção Timbila, n.º 1, Maputo, Associação dos Escritores Moçambicanos

## Texto **B**

# QUE FAZER, MÃE?

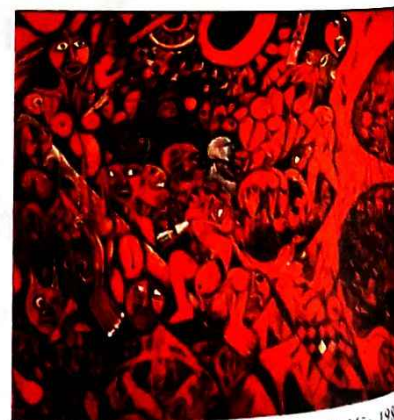
Que fazer, Mãe  
das almas tremendamente destruídas  
na podridão ignóbil  
do sofrimento?

5 Que fazer, Mãe  
das torturas terrivelmente praticadas  
sobre o corpo negro  
do teu filho amado?

Que fazer, Mãe  
10 dos insultos imundos  
infamemente perpetrados  
no coração d'África sensível?

Que fazer, Mãe  
das violações selváticas  
15 horrivelmente suportadas  
pelas belas virgens, filhas tuas?

Que fazer, Mãe  
de toda a baixeza humana  
camuflada no civismo cínico  
20 despejada no seu coração?



Malangatana, *Grito de Mãe*, 1980

Texto **C****P** OEMA

Deixa chorar, mamãe,  
sou sozinho nesta Europa grande,  
de noite,  
meu sonho ainda chama Paulo  
5 para ir dançar batuque,  
de dia,  
minha cabeça gira  
para ver Alice.  
Deixa chorar, mamãe,  
10 você me deitou no avião  
e ele me tirou  
para longe da terra,  
aqui há rio  
e aqui há ilha  
15 mas não tem  
Zambeze com acarê,  
nem sinto verde  
do capim no Canhime.  
Deixa chorar, mamãe,  
20 você me quer Muzungo,  
snr. advogado preto  
é branco também,  
e talvez entre no Club.  
Deixa chorar, mamãe,  
25 você me esqueceu  
meu coração de negro,  
é,  
ele não conta, não,  
mas deixa chorar, mamãe...



Y. Qwohé, sem título, 2008

VIEIRA, Sérgio, *Também Memória do Povo*, Maputo, Associação dos Escritores Moçambicanos, 1983

**LER - COMPREENDER**

1. Os três poemas são dedicados à Mãe.
  - 1.1. Indica o simbolismo desta figura em cada um dos poemas.
2. Justifica o enquadramento de cada um dos textos na poesia de combate.

3. Comenta a expressividade dos principais recursos linguísticos utilizados nos três poemas.
4. Caracteriza a linguagem usada nos poemas exemplificando a tua resposta.
5. Analisa cada um dos poemas quanto à rima e aos versos.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### PRÁTICA (CONCORDÂNCIA VERBAL EM TEMPO, EM FRASES COMPLEXAS, COM ADVÉRBIOS DE TEMPO)

1. Completa o texto, colocando o verbo e o advérbio nas formas correctas.

Há quem \_\_\_\_\_ (*dizer*) que hoje em dia as pessoas não se envolvem suficientemente na vida cultural das suas comunidades. Para que nos \_\_\_\_\_ (*poder*) envolver nos eventos culturais \_\_\_\_\_ (*ser*) necessário que \_\_\_\_\_ (*nós/estar*) informados. Antigamente não \_\_\_\_\_ (*haver*) \_\_\_\_\_ (*tão/tanto*) meios de comunicação e as pessoas \_\_\_\_\_ (*participar*) intensamente na vida das suas comunidades. Felizmente \_\_\_\_\_ (*haver*) hoje ainda pessoas que \_\_\_\_\_ (*gostar*) de participar em todas as actividades, embora \_\_\_\_\_ (*nós/estar*) ainda longe dos níveis de adesão desejados.

2. Escreve seis frases complexas sobre seis poetas moçambicanos, utilizando advérbios de tempo.

## FALAR - ESCREVER

1. Escrever poesia, como viste, é trabalhar a palavra criando ritmo ao mesmo tempo que se expressam os nossos sentimentos.
  - 1.1. Em grupos de quatro alunos, produzam um poema em que exaltem a pátria moçambicana e a sua cultura. Cada colega colabora com um verso. Poderão chamar-lhe *Poema a Várias Vozes*. Utilizem as figuras de estilo estudadas.
  - 1.2. Declamem para a turma o resultado do vosso trabalho.

## SABER MAIS

### POESIA DE COMBATE

#### Periodização da literatura moçambicana escrita

A periodização da nossa literatura escrita é ainda uma proposta, pois existem vários estudos com classificações diferentes. Uma classificação muito abrangente é proposta por Orlando Mendes (1980), que apresenta três grandes períodos:

- período Anterior à Luta Armada;
- período da Luta Armada;
- período Após a Luta Armada.

Estes períodos incorporam fases restritas relevantes.

### **Período Anterior à Luta Armada (1925 - 1964)**

Este período incorpora a fase do Prelúdio ou de Emergência e a do Protesto.

Na fase do Prelúdio ou de Emergência (1925 - 1963) encontramos os poetas João Albasini e José Albasini, Augusto Conrado, Castano Campos e Rui de Noronha. Nesta fase o carácter reivindicativo era ainda dominado pelo medo. Notam-se influências do estilo e hábitos metropolitanos.

A fase do Protesto (1947 - 1964) inclui Orlando Mendes, João da Fonseca Amaral, Noémia de Sousa, João Dias, Rui Knopfli, Rui Guerra, José Craveirinha, Rui Nogar e Luís Bernardo Honwana.

Caracteriza-se pelo inconformismo face ao colonialismo.

A partir dos anos 50, os poetas desta fase são influenciados por um movimento denominado **Negritude** (movimento negro que consistiu na busca e valorização das culturas africanas). A **Negritude**, propriamente dita, nasceu de um protesto intelectual de negros de formação europeia que tomaram consciência da diferença e da inferiorização que os europeus impunham aos descendentes de África.

Noémia de Sousa, com o poema "Deixa passar o meu povo", representa bem os princípios da **Negritude**.

### **Período da Luta Armada (1964 - 1975)**

Caracterizado por textos de carácter marcadamente político com as palavras de ordem *compromisso*, *acção* e *produção*, este período divide-se em duas fases:

- **Fase da Literatura de Confrontação (1964 - 1970):** é a fase do confronto directo com o sistema colonial que levou muitos escritores à prisão. São desta fase José Craveirinha, Rui Nogar, Orlando Mendes e Jorge Viegas.
- **Fase da Ruptura (1971 - 1975):** a poesia deste período tematiza a resistência, o combate. Tinha um carácter anticolonial, anti-imperialista, antifeudal, revolucionário, em ruptura com a cultura burguesa. Destacam-se Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, Jorge Rebelo, Armando Guebuza e outros.

### **Período Após a Luta Armada (1975 - 1992)**

É o período da consolidação da literatura moçambicana. A literatura passa a abranger novos temas. São desta fase Mia Couto, Ungulani Ba Ka Khosa, Helder Muteia, Pedro Chissano, Juvenal Bucuane, Paulina Chiziane e outros.

## **PRÁTICA**

Lê outros poemas e comentários sobre Noémia de Sousa, José Craveirinha, Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, Rui Knopfli, Rui Nogar e identifica as características comuns de afirmação e denúncia.

## Texto 6

Deixamos-te, para concluir esta unidade dedicada à poesia, outros poemas líricos.

### Texto A

# V ELA DE EXÍLIO

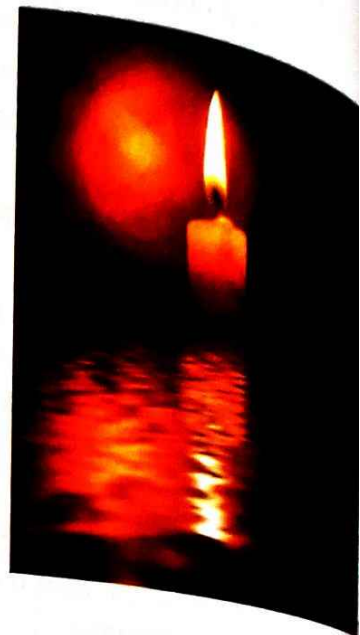
Acendi hoje uma vela  
de estearina na fina  
mesinha onde escrevo.  
No enquanto ela queimava,  
5 da chama para os meus olhos  
velhas lembranças chamavam.

E súbito sobre a parede  
da velha casa onde eu moro  
o mapa árido e breve  
10 das ilhas do Cabo-verde

Que vento não vem ou se agita  
no barco em forma de vela  
por dentro da casa fechada!  
Que voz materna no écran  
15 da ilha difusa difunde  
meu nome em projecto?

Acendi hoje uma vela  
e no enquanto ela queimava  
por sobre a mesa pessoas  
20 vivas e mortas passavam.

Vela de exílio acendida  
na noite de Moçambique.  
Pesado inútil veleiro.  
Vela do exílio meu filho  
25 com apenas um sopro apagas  
a vela. O exílio não.



MARIANO, Gabriel, *Ladeira Grande, Antologia Poética*, Lisboa, Editora Veja, 1993

# HIDROGRAFIA

São belos os nomes dos rios  
na velha Europa.  
Sena, Danúbio, Reno são  
palavras cheias de suaves inflexões,  
5 lembrando em tardes de oiro fino,  
frutos e folhas caindo, a tristeza  
outoniça dos chorões.  
(...)  
E quantas histórias de terror  
10 contam as escuras águas do Reno?  
(...)  
Belos como os rios são  
os nomes dos rios na velha Europa.  
Desvendada, sua beleza flui  
15 sem mistérios.  
Todo o mistério reside nos rios  
da minha terra.  
Toda a beleza secreta e virgem que resta  
está nos rios da minha terra.  
20 Toda a poesia oculta é a dos rios  
da minha terra.  
(...)  
Vinde aprender  
Os nomes de Uanéteze, Mazimechopes,  
25 Massintoto e Sabié.  
Vinde escutar a música latejante  
das ignoradas veias que mergulham  
no vasto, coleante corpo do Incomáti,  
o nome melodioso dos rios  
30 da minha terra,  
a estranha beleza das suas histórias  
e das suas gentes altivas sofrendo  
e lutando nas margens do pão e da fome.



Rio Zambeze

Vinde ouvir,  
35 entender o ritmo gigante do Zambeze,  
colosso sonolento da planura,  
traíçoeiro no bote como o jacaré  
acordando da profundidade epidérmica  
do sono  
(...)  
40 Ou o Rovuma acordando exóticas  
lembranças de velhos, coloniais  
navios de roda revolvendo águas  
pardacentas  
rolando memórias islâmicas de tráfico  
e escravatura.  
(...)

Rios, seiva, sangue ebuliente,  
45 dessa virgem morena e impaciente  
minha terra, nossa Mãe!

KNOPFLI, Rui, *Memória Consentida, 20 anos de poesia*,  
Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Texto C

# LIRA II

Pintam, Marília, os poetas  
a um menino vendado,  
com uma aljava de setas,  
arco empunhado na mão;  
5 ligeiras asas nos ombros,  
o tenro corpo despido,  
e de Amor ou de Cupido  
são os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,  
10 que assim seja Amor, pois ele  
nem é moço nem é cego  
nem setas nem asas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
um retrato mais perfeito,  
15 que ele já feriu meu peito;  
por isso o conheço bem.

Mal vi seu rosto perfeito,  
dei logo um suspiro, e ele  
conheceu haver-me feito  
20 estrago no coração.  
Punha em mim os olhos, quando  
entendia eu não olhava;  
Vendo que o via, baixava  
a modesta vista ao chão.

25 Chamei-lhe um dia formoso;  
ele, ouvindo os seus louvores,  
com um modo desdenhoso  
se sorriu e não falou.  
Pintei-lhes outra vez o estado  
30 em que estava esta alma posta;  
não me deu também resposta,  
constrangeu-se e suspirou.

Tu, Marília, agora vendo  
de Amor o lindo retrato,  
35 contigo estarás dizendo  
que é este o retrato teu.  
Sim, Marília, a cópia é tua,  
Que Cupido é deus suposto:  
se há cupido, é só teu rosto,  
40 que ele foi quem me venceu.



Victor Sousa, sem título, 2009

GONZAGA, Tomás António, *Marília de Dirceu e Mais Poesias*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1982

Texto **D****I**LHAS SEM NOME

Meus olhos  
 Ilhas sem nome  
 Maré alta a transbordar no oceano  
 Ondas salgadas que insuportam o acordar  
 5 Vazias de vida.

Meus olhos  
 Olhos sem nome  
 Precipitam e atentam  
 Contra o impávido

10 Meus olhos – nossos olhos  
 Ilhas sem nome  
 Aprisionado pelas mãos pelos dedos  
 Soltam raios  
 Reconhecem outros olhos  
 15 E inacreditam esqueletos ousados  
 Abandonados pela carne  
 Espreitando

Meus olhos  
 Nossos olhos – todos os olhos  
 20 Ilhas sem nome  
 Ganharam um nome  
 Passaram a ser  
 Olhos – que – já – não – acreditam



Bertina Lopes, *Olhos Brancos de Farinha de Milho*, 1961

SEMEDO, Maria Odete da Costa, *Entre o Ser e o Amar*, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa

**FALAR – ESCREVER**

1. De acordo com as características dos autores dos poemas transcritos, mostra como o *eu* poético de cada um deles está reflectido nesses poemas. Em caso de necessidade, consulta as pequenas notas bibliográficas que te apresentamos na secção *Saber Mais* (pág. 182).
  - 1.1. Apresenta as tuas conclusões, oralmente, à turma.
2. Os poemas que acabaste de ler são de leitura obrigatória. Não incluímos proposi-  
tadamente os poemas “As abelhas do dia”, de João Maimona e “Vila Maria nú-  
mero 6”, de Conceição Lima.
  - 2.1. Propomos-te, assim, que procures, na tua biblioteca, esses poemas e que os  
copies para o teu caderno diário. De seguida, poderás preparar uma leitura  
expressiva ou declamação de um deles, para apresentar ao resto da turma.

## SABER MAIS

### APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

#### João Maimona

Nasceu em 1955 em Angola. Publicou *As abelhas do dia*, em 1988. A sua obra reflecte uma grande desilusão quanto ao futuro do seu país, marcado pela fome, pela miséria, pela repressão que vêm contrariar os sonhos revolucionários dos anos 60 e 70.

#### Conceição Lima

Nasceu em S. Tomé, em 1961. Publica poesia há quase duas décadas. É considerada uma poetisa do período pós-colonial e a sua obra reflecte os anseios dessa geração. A sua poesia também dá voz ao descontentamento daqueles ideais que não se realizaram após a independência, mas que deram lugar a um clima de repressão, angústia e medo.

#### Gabriel Mariano

José Gabriel Lopes da Silva, conhecido por Gabriel Mariano, nasceu em Cabo Verde, em 1928, e morreu em Portugal, em 2002.

A sua intensa actividade cultural acabou sendo considerada subversiva pelo governo local, que o deportou para Moçambique.

#### Rui Knopfli

Rui Manuel Correia Knopfli nasceu em Moçambique, em 1932, e morreu em 1997.

Assume-se como continuador da tradição lírica de Camões, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa.

Da sua obra destaca-se o amor a Moçambique.

#### Tomás António Gonzaga

Nasceu em Portugal em 1741. Em 1792, acusado de conspiração, foi desterrado para a ilha de Moçambique a fim de cumprir uma pena de 10 anos.

Na sua obra encontramos confissões de sentimentos pessoais, ênfase emotivo e uma bela descrição de paisagens brasileiras.

#### Maria Odete da Costa Semedo

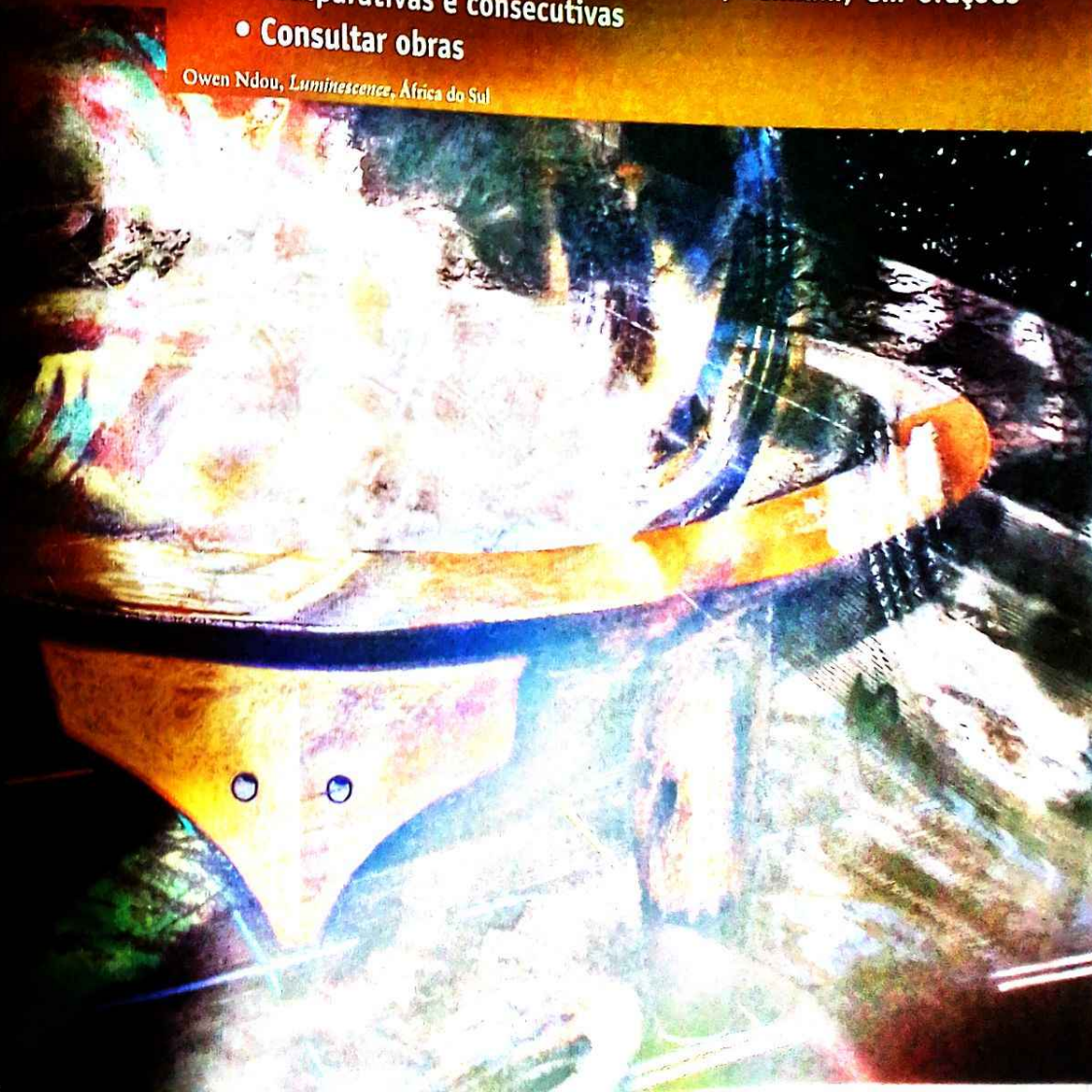
Nasceu na Guiné, em 1959, sendo poetisa e professora de Língua Portuguesa. A sua obra reflecte as desilusões da pós-independência e a procura de uma identidade para um país em crise. Exalta o sentimento nacionalista e denuncia a miséria e o sofrimento.

# Textos de Pesquisa de Dados

## Objectivos específicos

- Identificar a estrutura geral do texto
- Identificar as informações sobre o assunto principal do texto
- Seleccionar as ideias principais a partir de palavras-chave
- Elaborar resumos
- Emitir opinião sobre o assunto do texto
- Integrar citações de acordo com as normas bibliográficas
- Integrar resumos na ficha de leitura
- Redigir a ficha de leitura
- Elaborar frases com o conector *pois* com valor conclusivo e causal
- Usar os quantificadores *tudo, todo, nenhum*, em orações comparativas e consecutivas
- Consultar obras

Owen Ndou, *Luminescence*, África do Sul



# TEXTOS DE PESQUISA DE DADOS

## Resumo

### Texto 1

Lê o texto, com atenção.

## O OVO DA GAIVOTA

O gato grande, preto e gordo estava a apanhar sol na varanda, ronronando e meditando acerca de como se estava bem ali, recebendo os cálidos raios pela barriga acima, com as quatro patas encolhidas e o rabo estendido.

5 No preciso momento em que rodava preguiçosamente o corpo para que o sol lhe aquecesse o lombo, ouviu o zumbido provocado por um objecto voador que não foi capaz de identificar e que se aproximava a grande velocidade. Atento, deu um salto, pôs-se de pé nas quatro patas e mal  
10 conseguiu atirar-se para um lado para se esquivar à gaivota que caiu na varanda.

Era uma ave muito suja. Tinha todo o corpo impregnado de uma substância escura e malcheirosa.

Zorbas aproximou-se e a gaivota tentou pôr-se de pé  
15 arrastando as asas.

– Não foi uma aterragem muito elegante – miou.

– Desculpa. Não pude evitar – reconheceu a gaivota.

– Olha lá, tens um aspecto desgraçado. Que é isso que tens no corpo? E que mal cheiras! – miou Zorbas.

20 – Fui apanhada por uma maré negra. A peste negra. A maldição dos mares. Vou morrer – grasnou a gaivota num queixume.

– Morrer? Não digas isso. Estás cansada e suja. Só isso. Porque é que não voas até ao jardim zoológico? Não é longe daqui e lá há veterinários que te poderão ajudar – miou Zorbas.

25 – Não posso. Foi o meu voo final – grasnou a gaivota numa voz quase inaudível, e fechou os olhos.

– Não morras! Descansa um bocado e verás que recuperas. Tens fome? Trago-te um pouco da minha comida, mas não morras – pediu Zorbas, aproximando-se da desfalecida gaivota.

30 Vencendo a repugnância, o gato lambeu-lhe a cabeça. Aquela substância que a cobria, além do mais, sabia horrivelmente. Ao passar-lhe a língua pelo pescoço notou que a respiração da ave se tornava cada vez mais fraca.



– Olha, amiga, quero ajudar-te mas não sei como. Procura descansar enquanto eu vou pedir conselho sobre o que se deve fazer com uma gaivota doente – miou Zorbas preparando-se para trepar ao telhado.

Zorbas pensou que a pobre gaivota estava a delirar e que com um pássaro em estado tão lastimoso ninguém podia deixar de ser generoso.

– Prometo-te o que quiseres. Mas agora descansa – miou ele compassivo.

– Não tenho tempo para descansar. Promete-me que não comes o ovo – grasnou ela abrindo os olhos.

– Prometo que não te como o ovo – repetiu Zorbas.

– Promete-me que cuidas dele até que nasça a gaivotinha.

– Prometo que cuido do ovo até nascer a gaivotinha.

– E promete-me que a ensinas a voar – grasnou ela fitando o gato nos olhos.

Então Zorbas achou que aquela infeliz gaivota não só estava a delirar, como estava completamente louca.

– Prometo ensiná-la a voar. E agora descansa, que vou em busca de auxílio – miou Zorbas trepando de um salto para o telhado.

Kengah olhou para o céu, agradeceu a todos os bons ventos que a haviam

acompanhado e, justamente ao exalar o último suspiro, um ovito branco com pintinhas azuis rolou junto do seu corpo impregnado de petróleo.

SEPÚLVEDA, Luis, *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*, tradução de Pedro Tamen, Porto, Porto Editora, 2010

## LER - COMPREENDER

1. Leste um excerto de uma obra de Luis Sepúlveda, um escritor chileno nascido em 1949. Actualmente vive em Espanha. É um dos escritores de língua castelhana mais lido no mundo. A sua obra aborda temas ligados à ecologia e à solidariedade.

Acerca da obra em que se insere o excerto que leste, o autor escreveu:

*"Tenho um grande carinho pelos animais, mas não escrevi o livro (História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar) na perspectiva das sociedades protectoras dos animais. O seu objectivo é transmitir a prática da tolerância, o respeito pela diversidade, sobretudo aprender a respeitar a diferença e aquilo que nos rodeia".*

Luis Sepúlveda, in *Fórum Ambiente* (com supressões)

1.1. Justifica a afirmação do autor, tendo em conta o texto "O ovo da gaivota".

## SABER MAIS

### RESUMO

#### Conceito

O resumo é um texto que apresenta as ideias ou factos essenciais desenvolvidos num outro texto, expondo-os de um modo abreviado e respeitando a ordem pela qual surgem.

Os resumos são ferramentas úteis ao estudo e à memorização de textos escritos.

Textos orais são também passíveis de resumo.

### Elaboração de um resumo

Antes de começares a escrever o resumo de um texto, deves fazer um trabalho de preparação prévia (preparação). De seguida, deves elaborar o resumo e, finalmente, rever e aperfeiçoar o texto que escreveste.

#### Preparação

- Lê o texto com muita atenção, para apreenderes o seu sentido geral.
- Divide o texto em partes e subpartes.
- Assinala as palavras-chave.
- Sublinha os articuladores do discurso.

#### Elaboração

- Respeita a ordem de apresentação das ideias e factos.
- Transforma o discurso directo em discurso indirecto.
- Redige o resumo em linguagem clara e concisa.
- Reduz a extensão do texto a cerca de um quarto / um terço do texto-base.
- Evita:
  - repetições e redundâncias;
  - interjeições e tudo o que contribua para um estilo particular do texto;
  - pormenores desnecessários, tais como citações, pequenas histórias, expressões explicativas ("ou seja", "isto é"), exemplos...

#### Verificação

Quando acabares o resumo, podes verificar se está correcto, preenchendo o seguinte quadro.

Verificação do Resumo	SIM	NÃO
Referi apenas as ideias ou factos principais do texto original.		
Omiti ou substituí as listas ou enumerações por uma designação mais geral.		
Evitei o recurso a expressões explicativas.		
Respeitei a ordem das ideias do texto-base.		
Transformei o discurso directo em discurso indirecto.		
Excluí pormenores irrelevantes.		
Evitei copiar frases ou expressões do texto.		
Articulei bem os parágrafos e as frases.		

O bom resumo será, pois, um texto coerente e articulado, com uma linguagem clara, que respeita as ideias e informações principais (e a sua ordenação) do texto-base.

### PRÁTICA

1. Identifica as palavras-chave do texto "O ovo da gaivota".
2. Selecciona as ideias principais a partir das palavras-chave.
3. Redige o resumo do texto (utilizando entre 125 e 170 palavras).

## Texto 2

Lê o texto seguinte, relacionado com a obra *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*.

O gato Zorbas, gato grande, preto e gordo, mora numa casa perto do porto de Hamburgo. Numas férias em que Zorbas fica em casa sozinho, estava ele a apanhar sol na varanda, quando lhe cai, de repente, à frente dele, uma gaivota moribunda, apanhada pela maré negra e que se tinha perdido do bando. Faz da varanda dois pedidos a Zorbas, o primeiro é que tome conta da pequena gaivota que irá nascer, o segundo é que ensine a voar a gaivotinha. Zorbas aceita os pedidos.

Até a pequena gaivota nascer, Zorbas, que até então tinha tido uma vida despreocupada, depara-se com a tarefa de chocar o ovo. A pequena gaivota nasce e chama *mamã* ao gato.

Zorbas, entretanto, procura os amigos, que “baptizam” a pequena gaivota com o nome de “Ditosa”. Este pequeno grupo de gatos começa a difícil tarefa de lhe dar lições de sobrevivência, de a ensinar a voar, além de lhe dar amor e carinho.

Ditosa integra-se bem no grupo, de tal modo que começa a achar que também é um gato e quer ficar a viver com eles. Mas Ditosa é realmente uma gaivota e a sua verdadeira natureza começa a surgir e, apesar da imensa vontade de ficar com a sua “família”, o desejo de abrir as asas e voar também a invade. De tal forma que, numa noite chuvosa, finalmente, abre as asas e segue o seu destino.

Esta é a história de uma linda amizade e de valores que não vemos no dia a dia, um exemplo a seguir e, mais do que isso, uma conclusão a tirar: tudo o que nos prestamos a fazer, se o quisermos, verdadeiramente, conseguimos alcançá-lo.

### LER - COMPREENDER

1. O texto que acabaste de ler aproxima-se mais do resumo ou do comentário pessoal?
  - 1.1. Justifica a tua resposta, com base nas características destes dois tipos de texto.
2. Desafiamos-te a ler esta obra, que seduz o leitor de qualquer idade.
  - 2.1. No final da leitura, emite a tua opinião sobre a mensagem do texto.

### FUNCIONAMENTO DA LINGUA

#### APLICA

1. Falta coesão ao texto que te apresentamos, porque há vários erros de concordância nominal.
  - 1.1. Assinala-os e reescreve o texto correctamente.

*O gato Zorbas é um exemplo para os humanos. Não ficou indiferente ao sofrimento de um desconhecido. Procurou dar-lhes esperança, tentou socorrê-la, foi à procura de ajuda e até fez três promessas estranhas e difícil de cumprir – criar um ser diferente que já ia nascer órfã.*

2. Falta igualmente coesão ao texto que se segue, devido à falta de lógica na utilização das formas verbais.

2.1. Reescreve o texto correctamente.

*O gato Zorbas esteve tranquilamente a apanhar sol quando uma gaivota moribunda quase lhe caiu em cima. Embora a queria ajudar, Zorbas não sabia o que fazer e por isso corria em busca de ajuda.*

3. Pontua o texto seguinte.

*Milhares de animais e plantas estão em risco de extinção porque nós destruímos as florestas secámos os pântanos para obter terras para cultivo ou para construção poluímos também as águas dos mares e rios com produtos tóxicos que matam a fauna e a flora outro acto responsável pela extinção de espécies é a caça os homens matam animais pelas suas peles couros chifres e carne ou simplesmente porque eles lhes podem ser prejudiciais.*

4. No texto seguinte, existe um erro na forma como a citação foi integrada.

4.1. Identifica-o.

*Na contracapa do livro História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar diz-se que: Com a graça (...) de uma parábola, o grande escritor chileno oferece-nos (...) uma mensagem de esperança de altíssimo valor literário e poético. (Luis Sepúlveda, Porto Editora)*

## SABER MAIS

### FICHA DE LEITURA

#### 1. Definição

Fichas de leitura, segundo Umberto Eco,

“[...] são aquelas em que se anotam, com precisão, todas as referências bibliográficas relativas a um livro ou a um artigo, se escreve o seu resumo, se transcrevem algumas citações-chave, se elabora uma apreciação e se acrescenta uma série de observações”.

ECO, Umberto, *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, Lisboa, Editorial Presença, 2009

#### 2. Tipos de fichas de leitura

O quadro seguinte sintetiza os vários tipos de fichas que podemos fazer aquando da leitura de um livro.

<b>Ficha bibliográfica</b>	Contém os elementos identificadores de documentos, entre os quais se encontram os seguintes: apelido do autor, nome do autor, título da obra, local de edição, nome da editora, colecção, ano e número da edição, número do volume, indicação do número de páginas, tamanho do livro... (Para mais informações, consulta a página 110 do manual.)
<b>Ficha de citação</b>	Reproduz as frases relevantes do texto-base, seguindo os procedimentos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• apresentar as frases entre aspas;</li> <li>• indicar as páginas de onde as informações foram extraídas;</li> <li>• indicar a supressão de palavras recorrendo aos parênteses curvos ou rectos: [...], (...).</li> </ul>

Apresenta um resumo das ideias principais contidas no texto-base. A ficha resumo não é um fim em si mesmo, mas um meio para se conseguir voltar às principais conclusões de um texto sem ter de tornar a lê-lo. É um instrumento de trabalho do autor e dirige-se exclusivamente a um público.

É uma interpretação crítica do texto atendendo:

- às ideias do autor;
- à clareza da exposição;
- à pertinência do conteúdo.

Faz uma análise da obra tomando em consideração os seguintes aspectos:

- área do saber;
- problemas tratados;
- conclusões;
- recursos utilizados;
- contributos especiais para o tema.

### 3. Formato

Ao fazer-se uma ficha de leitura, poderão usar-se formatos normalizados.

É conveniente que todas as fichas sejam redigidas em cartão com um tamanho específico, para poderem ser consultadas num ficheiro.

Nada impede que, para os livros importantes, se preencham muitas fichas, devidamente numeradas e contendo cada uma indicações abreviadas do livro ou artigo em estudo.

#### Nota:

Alguns autores apresentam apenas dois tipos de fichas: de resumo e bibliográfica.

### 4. Estrutura

Em síntese, uma ficha de leitura completa poderá conter os seguintes elementos:

- indicações bibliográficas precisas (livro, autor, editora, colecção, data...);
- dados sobre a obra:
  - informações sobre o autor;
  - género (poesia, teatro, conto, novela, romance, ensaio);
  - tema;
  - resumo;
  - citações;
  - comentários pessoais.

### PRÁTICA

1. Elabora uma ficha de leitura do livro *Orgia dos Loucos*, de Ungulani Ba Ka Khossa. Não te esqueças de integrar na ficha um resumo do livro.

## Texto 3

Lê o texto.

# BIBLIOTECA VIVA

Para que uma biblioteca venha a ser considerada “viva”, deverá conter obras que satisfaçam os amplos interesses dos seus leitores, como o desporto, as ciências, a música, a carpintaria, obras de ficção, história, aventuras, tecnologia intermédia, nas várias línguas leccionadas na escola.

Quanto ao conteúdo dos documentos, uma biblioteca tem o seguinte tipo de obras: obras de ficção, obras de não-ficção e obras de referência.

- 10 • *Obras de ficção*: são livros de histórias, romances, novelas, livros de poesia, banda desenhada, literatura infantil e juvenil. Obras de escritores moçambicanos como José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana,
- 15 Orlando Mendes, Albino Magaia, Mia Couto, Ungulani Ba Ka Khossa, Juvenal Bucuane, Paulina Chiziane, Carlos dos Santos, entre outros, são referências importantes que fazem parte da área de ficção.
- 20 • *Obras de não-ficção*: são, por exemplo, obras de matérias leccionadas na escola, livros científicos, livros sobre artes plásticas (pintura, escultura), cinema, teatro, fotografia, culinária, filatelia, música, desporto.
- 25 • *Obras de referência*: são livros para efeitos de consulta que fornecem informações resumidas sobre personalidades, factos, instituições, palavras, entre outros. Esta deverá ser considerada uma área prioritária, pois os estudos, e não só, necessitam de dicionários de todas as línguas leccionadas na escola em quantidade e qualidade, bem como de enciclopédias.

Além de livros, as bibliotecas costumam ter disponíveis:

- 30 – *Jornais*: podem ser edições diárias ou semanais. Através deles as crianças poderão informar-se sobre o que se passa no país e no Mundo. Os jornais deverão ser guardados pelo período de 30 a 90 dias; depois alguns artigos, que a Comissão de Gestão da Biblioteca considere relevantes ou que qualquer coordenador de área pedagógica recomende ao Director-Adjunto Pedagógico, poderão ser recortados. A Comissão de Gestão da Biblioteca
- 35 poderá formar um dossier sobre cada um dos temas definidos como de interesse.
- *Revistas*: são publicações editadas numa base periódica (semanal, mensal, trimestral, semestral ou anual). Podem cobrir temas gerais ou podem ser especializadas em determinadas áreas. As revistas deverão ser organizadas



Biblioteca Pública Provincial da Zambézia, Quelimane

- em caixas (abertas ou não em cima) e claramente identificadas por fora.
- *Folhetos e brochuras*: estes documentos poderão ser organizados também em caixas com identificação exterior sobre o conteúdo (cólera, prevenção do HIV e SIDA, nutrição, etc.).
- *Mapas*: são importantes como meios de ensino, pelo que deverão fazer parte de uma biblioteca escolar. Devem ser considerados como suporte pedagógico no ensino de Geografia, História, Biologia, Botânica, entre outras. Os mapas, muito especialmente, deverão estar cobertos com capas plásticas para a sua protecção.
- *Audiovisuais*: são meios de ensino bastante eficazes e devem ser conservados em local fresco e sem humidade.

### Do acervo

Com a escassez de livros escolares que, actualmente e a médio prazo, ainda caracteriza o país em algumas zonas, cada escola primária e secundária poderia integrar, na sua biblioteca, um número que se considerar razoável de colecções completas dos livros escolares adoptados, correspondentes a cada classe, assim como exemplares de "Exames resolvidos" e "... Pela prática" a fim de cobrir faltas ou atrasos na distribuição e ajudar os alunos na preparação de exames.

CLEMENTE, Luís, *A Biblioteca na Escola: O futuro está lá*, Maputo, JV Editores, 2007

## COMPREENDER

1. Identifica o tema do texto.
2. Divide o texto em partes e sintetiza o assunto de cada uma delas.
  - 2.1. Visita a biblioteca da tua escola e apresenta o tipo de material nela existente. Baseia-te no texto.
3. O título do livro de onde foi retirado o texto 3 (*A Biblioteca na Escola: O futuro está lá*) transmite-nos uma mensagem importante.
  - 3.1. Explicita-a e justifica-a.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

EXERCÍCIO DE LINGUA (USO DO CONECTOR *POIS* COM VALOR CONCLUSIVO E CASUAL; USO DOS QUANTIFICADORES *MUITO* E *POUCO*; USO DAS ORAÇÕES COMPARATIVAS E CONSECUTIVAS)

Liga as orações subordinadas da coluna B às orações subordinantes da coluna A, estabelecendo relações de conclusão ou de causalidade.

COLUNA A	COLUNA B
A. O bibliotecário não encontrou o livro	1. pois tinha exame no dia seguinte.
B. A evolução do Latim para o Português	2. durou, pois, vários séculos.
C. O João foi para a biblioteca estudar	3. pois derivou do Latim.
D. O Português é uma língua novilatina	4. devemos, pois, agir cuidadosamente.
E. A situação económica é delicada,	5. pois este não estava no lugar.

- 1.1. Identifica, nas frases anteriores, a palavra que estabelece a relação de causalidade ou conclusão entre as orações.
- 1.2. Identifica o valor que o conector *pois* tem em cada uma das frases, preenchendo o quadro.

	Conector <i>pois</i> com valor causal	Conector <i>pois</i> com valor conclusivo
Frases		

2. Constrói quatro frases sobre a biblioteca da tua escola empregando o conector *pois* com valor causal e conclusivo.
3. Lê as seguintes frases/textos.
- "Somos assim aos dezassete. / Sabemos lá que a vida é ruim! / A tudo amamos, tudo cremos. / Aos dezassete eu fui assim." (Sebastião da Gama, *Pelo Sonho é que Vamos*)
  - Não há nenhum aluno igual. Alguns preferem estudar sozinhos, outros em grupo.
  - "Nem todos são tudo, nem tudo a todos se diz." (Provérbio)
  - "Nenhum filho é inocente quando a mãe o crê culpado." (Provérbio)
- 3.1. Identifica e sublinha os quantificadores que se encontram nas alíneas a. a d..
4. Completa as frases com *tudo*, *todas*, *nenhum*, *nenhuma*, *alguns*, *tudo*, *nada*, *ninguém*.
- Já leste o livro \_\_\_\_\_.
  - Nunca consultei \_\_\_\_\_ cancionário.
  - \_\_\_\_\_ os colegas reprovaram no exame.
  - Não encontrei \_\_\_\_\_ colega.
  - \_\_\_\_\_ as pessoas que estavam na sala receberam uma prenda.
  - Não vi \_\_\_\_\_ no corredor.
  - Ainda estás a dormir? Nunca fazes \_\_\_\_\_.
  - Queres ajuda? Não, já arrumei \_\_\_\_\_.
5. Observa as seguintes frases:
- Tive tanto medo de reprovar que passei todo o dia a estudar.
  - Tal como todos na sua turma, o Francisco adorava passar horas na biblioteca da escola.
- 5.1. Identifica os quantificadores nelas presentes.
- 5.2. Divide e classifica as orações presentes nas alíneas anteriores.
6. Escreve orações comparativas e consecutivas com os quantificadores *tudo*, *todo*, *nenhum*. Escolhe, como assunto, a importância de uma biblioteca viva.

## OUTRAS ACTIVIDADES

Terás, certamente, em tua casa, livros que já leste. O mesmo sucederá com os teus colegas. Desafiámos-te a organizares uma biblioteca de turma. Para isso, é necessário fazer fichas bibliográficas acerca de todos os livros, bem como fichas de requisição e um regulamento interno da biblioteca de turma.

Boas leituras!

# Textos Normativos

## Objetivos de aprendizaje

- Interpretar el texto normativo
- Participar en debates normativos
- Diseñar, implementar y evaluar políticas
- Elaborar propuestas de políticas públicas  
• con evidencia
- Hablar de políticas públicas y normativas
- Participar en debates normativos

Programa de Estudios de Grado en Políticas Públicas



# TEXTOS NORMATIVOS

## Lei da Família

### Texto 1

Lê o poema seguinte.

## QUE PENSAS, MENINO?

Que pensas, menino  
Em frente do mar?  
Eu queria ser peixe  
Eu queria nadar.

5 Um homem serás  
Nadar saberás.  
Que pensas, menino  
De olhos no ar?  
Eu queria ser ave  
10 Eu queria voar.

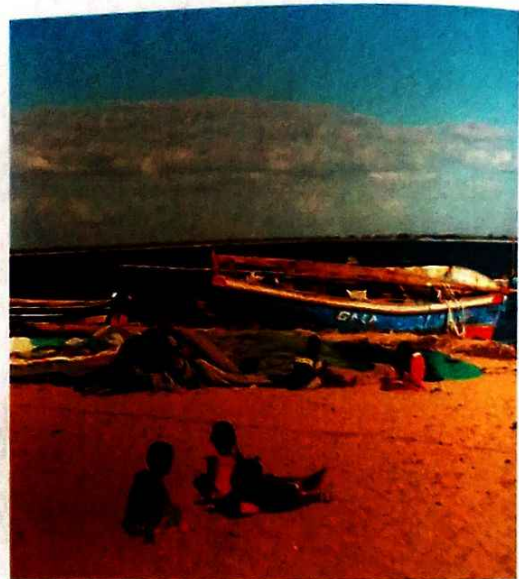
Um homem serás  
Voar saberás.

Que pensas, menino  
De olhar tão profundo?  
15 Quero abrir meus olhos  
Quero ver o mundo.

Um homem serás  
O Mundo verás.

Que pensas, menino  
20 Tão vago, o olhar?  
Quero ir à Lua  
Quero lá ficar.

Um homem serás  
Tu, à Lua irás  
25 Mas lá não verás  
Quem lá te levar  
Os homens, o Homem.



Foi ele, foi ele  
 Quem te fez nadar  
 30 Foi ele, foi ele  
 Quem te fez voar.

Mãos e Pensamento  
 Pensamento e Mãos  
 Manda o Pensamento  
 35 Trabalham as Mãos  
 P'ra tudo mudar  
 para transformar  
 A velha Harmonia  
 do Mundo de Deus  
 40 Nesta Sinfonia  
 Do Mundo dos Homens.

São coisas pensadas.  
 Depois fabricadas  
 E são obras de Arte  
 45 E coisas tão belas  
 E coisas tão úteis  
 E coisas inúteis.

E são todas elas  
 Mãos e Pensamento  
 50 Pensamento e mãos  
 Do Homem que foi  
 Do Homem que é  
 E que tu serás.

Homem de amanhã  
 55 Quando fores à Lua  
 Deixa lá ficar  
 Ódio e Sofrimento  
 A Dor e a Guerra.

Traz só para a Terra  
 60 Mãos e Pensamento  
 Pensamento e Mãos  
 P'ra imaginar  
 Para fabricar  
 As coisas inúteis  
 65 E coisas tão úteis

Amor, Alegria  
 Paz, Fantasia  
 Castelos no ar  
 P'ra o Homem, p'ra os Homens  
 70 Que são teus IRMÃOS.

In Boletim do Serviço de Bibliotecas, Fundação Calouste Gulbenkian



## LER - COMPREENDER

1. A educação e protecção da criança é fundamental para qualquer estado. A Lei da Família, que temos estado a estudar, protege a criança, que é a principal figura do poema transcrito.
  - 1.1. Identifica os sonhos do menino.
  - 1.2. Aponta a principal mensagem transmitida pelo poema.

## Texto 2

Lê os artigos 280 a 282 da Lei da Família, a seguir transcritos.

### Lei da Família (lei n.º 10/2004, 25 de Agosto)

#### Capítulo II Efeitos de filiação

##### Secção I Dispositivos gerais

##### Artigo 280 (Deveres de pais e filhos)

1. Os pais e filhos devem-se mutuamente respeito, cooperação, auxílio e assistência.
2. O dever de assistência compreende a obrigação de prestar alimentos e a de contribuir, durante a vida em comum, para os encargos da vida familiar, de acordo com os recursos próprios.
3. Os filhos devem assistir os pais sempre que estes careçam de alimentos nos termos do disposto nos artigos 407 e seguintes.

##### Artigo 281 (Dever de solidariedade familiar)

1. Os filhos têm o especial dever de estimar, obedecer, respeitar e ajudar os pais e demais parentes na linha recta.
2. Os filhos maiores têm o dever de concorrer para a manutenção dos pais, sempre que estes se encontrem em situação de necessidade.
3. O dever estabelecido no número anterior é extensivo aos avós, irmãos e tios.
4. Os avós, os irmãos, os tios e os primos têm o dever de cuidarem e sustentarem os familiares menores, quando estejam em situação de orfandade ou abandono.

##### Artigo 282 (Direitos dos filhos)

1. Os filhos menores têm direito a serem protegidos, assistidos, educados e acompanhados no seu desenvolvimento físico e emocional.
2. Os filhos têm direito a serem representados pelos respectivos ascendentes e na falta destes, sucessivamente, pelos colaterais até ao 4.º grau.

## COMPREENDER

1. Mãe e pai, pelo facto de o serem, têm responsabilidades para com os filhos.
  - 1.1. Até quando se prolonga a responsabilidade dos pais?
  - 1.2. Indica os deveres dos filhos em relação aos pais e demais familiares.
2. Aponta os valores morais que os artigos defendem.

## Texto 3

Os artigos 283 a 308 da Lei da Família dizem respeito ao poder parental. Destacamos, de entre eles, os artigos 290 a 294. Lê-os atentamente.

# Lei da Família (lei n.º 10/2004, 25 de Agosto)

## Subsecção II

### Poder parental relativamente à pessoa dos filhos

#### Artigo 290

#### (Educação)

1. Cabe a ambos os pais, de acordo com as suas possibilidades e com o superior interesse dos seus filhos, promover o desenvolvimento físico, intelectual e moral daqueles.

2. Os pais devem proporcionar aos filhos, em especial aos portadores de deficiência física ou mental, instrução geral e profissional adequada às aptidões e inclinações de cada um.

#### Artigo 291

#### (Formação do carácter e da personalidade)

Nas relações paterno-filiais, os pais devem transmitir os valores éticos, morais, familiares e culturais e estruturantes de uma personalidade equilibrada e tolerante no respeito pela família e pelos mais velhos.

#### Artigo 292

#### (Afectividade)

Os pais devem basear as relações paterno-filiais na compreensão e no diálogo, de forma a corresponder às necessidades afectivas e de desenvolvimento harmonioso dos respectivos filhos.



### Artigo 293 (Convívio familiar)

Os pais não podem, injustificadamente, privar os filhos de conviver com os irmãos, descendentes, ascendentes e demais parentes.

### Artigo 294 (Abandono do lar)

1. Os menores não podem abandonar a casa de morada de família ou aquela que os pais lhe tiverem destinado, nem dela ser retirados.
2. Se a abandonarem ou dela forem retirados, qualquer um dos pais e, em caso de urgência, as pessoas a quem eles tenham confiado o filho podem reclamá-lo, recorrendo, se necessário, ao tribunal ou à autoridade competente.

#### LER - COMPREENDER

1. Reflecte sobre os artigos 283 a 308 da Lei da Família.
  - 1.1. Diz em que consiste o poder parental.
  - 1.2. Identifica os bens que os pais não administram.
2. Atenta agora nos artigos 290 a 294, atrás transcritos.
  - 2.1. Indica os princípios ético-morais defendidos nestes artigos.
  - 2.2. Encontramos nas ruas de Maputo muitas crianças abandonadas a viverem na rua.
    - 2.2.1. Que motivos encontras para essa situação?

## Texto 4

Lê agora uma síntese dos artigos 309 a 431 da Lei da Família.

### Lei da Família Exercício do Poder Parental

(Artigos 309 a 336)

Quando os pais do menor são casados ou vivem em união de facto, o poder parental é exercido ao mesmo tempo e nas mesmas condições por ambos.

Se o pai e a mãe estiverem em desacordo em relação a qualquer questão relacionada com o exercício do poder parental e não conseguirem ultrapassar as diferenças, poderão sempre recorrer ao tribunal que, antes de decidir, ouvirá o filho.

Mas o que acontece se os pais estiverem divorciados?

Neste caso, é necessário que haja entendimento entre os progenitores, que devem decidir com quem passará a residir o menor, que regime de visitas estabelecer para que o menor continue a manter contacto com o progenitor com quem não vive, qual dos progenitores é responsável pela prestação de alimentos e de que modo e, ainda, como se processará a educação do menor.

Caso não haja acordo possível, cabe ao tribunal decidir. Vezes há, porém, em que o melhor para a criança é retirá-la da família e confiá-la a uma terceira pessoa ou instituição, que desempenhará o papel atribuído aos pais.

## Tutela

(Artigos 337 a 380)

A tutela tem como objectivo definir quem, na ausência ou impedimento dos pais, deve ficar com a guarda da criança e velar pela sua educação, pela protecção dos seus direitos, enquanto menor, bem como pela administração do seu património.

A Lei, em seguida, define os direitos e obrigações do tutor. Este tem, perante o menor, as mesmas obrigações que os seus pais teriam, representando-o em todos os actos que este não possa praticar e administrando o seu património.

Surge agora uma questão: como é que se designa um tutor?

Nessa escolha, deve-se sempre ter em consideração a idoneidade moral e cívica da pessoa escolhida, a sua disponibilidade, a sua idade, o seu estado de saúde, entre outros.

Outra questão levantada na lei diz respeito às pessoas que não podem ser tutores. São apontadas as seguintes situações:

- ter menos de 25 anos;
- sofrer de problemas mentais;
- ter mau comportamento e não ter modo de vida conhecido;
- ter sido inibido ou suspenso do poder parental;
- ter processo pendente com o tutelado ou seus pais, etc.

O tutor pode ser removido pelo Tribunal ou pelo Ministério, mas tem de ser ouvido o Conselho de Família.

Às vezes é necessário, para protecção da criança, arranjar um meio alternativo, é o caso da "família de acolhimento".

## Família de Acolhimento

(Artigos 381 a 388)

A família de acolhimento é um meio alternativo de suprir o poder parental proporcionando ao menor órfão, filho de pais incógnitos, abandonados ou desamparados, a integração numa família que o recebe e trata como filho.

Quem pode acolher uma criança na sua família deve:

- ter estabilidade emocional;
- ter condições económicas mínimas de modo a suportar uma criança na família;

- ter idade superior a 25 anos (um dos membros do casal);

- consultar os filhos.

A criança a ser acolhida é alvo de uma atenção muito particular, começando pelos requisitos da família de acolhimento, pelas condições a ter em conta para que a criança possa ser acolhida numa família, pelas relações que o acolhido estabelece com a sua família natural e pela relação que o acolhido tem com a família de acolhimento.

Se se constatar que o acolhido é vítima de discriminação, sujeito a maus tratos ou trabalho infantil, o Ministério Público pode decretar o afastamento do menor daquela família.

## Adopção

(Artigos 389 a 406)

O que se entende por adopção?

É uma relação semelhante à de pais e filhos e que se estabelece entre duas pessoas sem que entre elas existam laços de sangue.

Na Lei da Família definem-se as condições gerais para uma adopção, quem pode adoptar uma criança e quem pode ser adoptado.

## Alimentos

(Artigos 407 a 431)

Com estes artigos termina a Lei da Família. Aqui é definido o conceito de alimentos: tudo o que é indispensável à satisfação das necessidades básicas da pessoa – sustento, habitação, vestuário, saúde e lazer, tendo em atenção aquilo que é o seu padrão de vida.

Nesta lei, define-se quem está obrigado a prestar alimentos, como é fixado esse montante, a obrigação alimentar relativa aos cônjuges e os alimentos devidos à mãe solteira.

### LER – COMPREENDER

1. Compara o poema "Que pensas, menino?" (págs 194-195) com os artigos 208 a 294.
  - 1.1. Identifica os aspectos que estes dois textos têm em comum.
2. Define por palavras tuas:
  - a. poder parental;
  - b. tutela;
  - c. família de acolhimento;
  - d. adopção.
3. Indica as vantagens e desvantagens da adopção.

**FALAR**

Em grupo, discute com os teus colegas os artigos que acabaste de estudar.

Na turma, debatam, em seguida, esta lei.

**ESCREVER**

A dona Zaida viveu durante 10 anos com o senhor Sitóe, de quem tem dois filhos de 5 e 2 anos. Neste momento encontra-se separada do companheiro. Está desempregada.

Ajuda-a a redigir um texto normativo a pedir uma pensão de alimentos para os filhos menores. Para o fazeres, apoia-te na Lei da Família.

**FUNCIONAMENTO DA LINGUA****APLICA** (FORMAÇÃO DE PALAVRAS – DIMINUTIVOS ERUDITOS; DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA)

1. Como já estudámos na unidade 1, geralmente, os diminutivos das palavras formam-se acrescentando os sufixos *-inho*, *-ito*, *-acho*, *-icho*, *-ela*, *-ote*, etc. No entanto, algumas palavras formaram os seus diminutivos a partir do latim, com os sufixos *-ulo*, *-culo*, *-áculo*, *-ículo*, *-úsculo* e *-únculo*. A estas palavras dá-se o nome de diminutivos eruditos.

1.1. Completa o quadro, tendo em conta que todas as palavras derivadas são formadas a partir dos sufixos *-ulo* e *-culo* (e seus derivantes).

Palavra primitiva	Palavra derivada
	questiúncula
	radícula
	régulo
verme	
	versículo

1.2. Com os diminutivos formados na questão anterior, escreve um texto. Para o fazeres, podes inspirar-te no texto seguinte.

SUAMOS DIMINUTIVOS POR TODOS OS POROS, é um exagero. Talvez seja resultado dos nossos brandos costumes, às vezes, de uma certa, embora ignorada, subserviência.

Estamos malzinho, coitadinhos, ou estamos bonzinhos, acontece. Estamos também piorzinhos, melhorzinhos, obrigados, melhor, obrigadinhos. Começamos a trabalhar cedinho, voltamos para casa à tardinha, à noitinha conforme as estações. Às vezes está fresquinho, cai uma chuvinha fria. Há um calorzinho bom, sabe bem caminhar devagarinho. Chegamos ao exagero de dizer que agorinha mesmo vamos sair, mas caludinha, não demoramos, vamos depressinha e então até loguinho. É pertinho onde vamos. É longinho às vezes. Não estamos nadinha preocupados com isto ou aquilo. Mas então, nadinha.

CARVALHO, Maria Judith de, *Este Tempo* (crónicas), Lisboa, Caminho, 1991 (com supressões)

2. Como já vimos na unidade 7, a derivação parassintética ocorre quando um prefixo e um sufixo são acrescentados à palavra primitiva de forma dependente (não se podem separar). É este tipo de derivação que ocorre, por exemplo, com a palavra *anoitecer* (pois não existem as palavras *\*anoite* e *\*noitecer*).

2.1. Com base nas seguintes palavras, cria outras por parassíntese:

*manhã, verniz, rijo, sangue, grande, belo, velho.*

2.2. Agora cria um pequeno texto no qual empregues essas palavras, derivadas por parassíntese. Esse texto deve servir para a divulgação da Lei da Família.

## Texto 5

Em unidades anteriores, já falámos da Revolução Verde. Vamos agora abordar novamente o tema, mas numa outra perspectiva. Lê, pois, o texto que se segue.

# UMA REVOLUÇÃO VERDE PARA ÁFRICA: UM DESASTRE EM FORMAÇÃO

Um recente relatório do Banco Mundial causou repercussões no mundo inteiro ao colocar a culpa na produção de agrocombustíveis nos Estados Unidos e na Europa, no comércio especulativo e nas proibições da exportação de alimentos como os motivos principais para o pronunciado aumento nos preços mundiais dos alimentos. O relatório concluiu que esses factores elevaram os

preços numa percentagem assustadora (de 70 a 75%). Contudo, o relatório do Banco Mundial apenas arranhou a superfície do que é realmente essencial na actual crise alimentar. É necessário uma avaliação bem mais franca para desmontar o “colapso estrutural” ocasionado por políticas tais como a

10 Revolução Verde, que transformam os alimentos, que são sagrados, em uma mercadoria global para a especulação e a negociação.

Um alicerce característico da propagação da Revolução Verde é a tendência inerente a considerar a escassez de alimentos como uma deficiência de abastecimento de alimentos em vez de a considerar como um fenómeno mais complexo que exige uma compreensão mais holística e abrangente dos motivos pelos quais as pessoas não têm acesso a

20 alimentos suficientes.

A Revolução Verde, conduzida pela AGRA, Aliança para a Revolução Verde em África, é uma ameaça para a

25 riqueza da agricultura tradicional em África, contrastando intensamente com as muitas alternativas africanas bem sucedidas tais como a agricultura orgânica, a agricultura sustentável, o agroflorestamento, o manejo integrado de pragas, o manejo sustentável de bacias com lavouras por parte dos agricultores e muitas outras abordagens agro-ecológicas.

35 Na sua essência, a Revolução Verde mina os sistemas alimentares e a segurança alimentar de África: o direito das pessoas a alimentos saudáveis e culturalmente apropriados, produzidos através de métodos sustentáveis e ecológicos, e o direito a definir os seus próprios

40 alimentos e sistemas agrícolas.

É preciso trabalhar muito a nível nacional para promover uma campanha por alternativas africanas à campanha da AGRA e seus parceiros, por uma nova Revolução Verde. Essas alternativas devem estar baseadas nos agro-ecossistemas e nas lutas locais pela soberania alimentar. A aprendizagem e a pesquisa entre

45 os agricultores, as campanhas populares de informação e as políticas que apoiam a biodiversidade e os direitos dos pastores, mulheres agricultoras e todos os pequenos agricultores são pilares importantes para uma campanha desse tipo.



## LER - COMPREENDER

1. Faz o levantamento das críticas feitas à chamada "Revolução Verde".

## FALAR - ESCREVER

1. Como é do teu conhecimento, a agricultura constitui o principal meio para a erradicação da pobreza absoluta em Moçambique, uma vez que 80% da população moçambicana vive basicamente desta prática.

O sector agrícola enfrenta, portanto, vários desafios no sentido de melhorar a agricultura, como, por exemplo, o aumento da produção e da produtividade, o uso de tecnologias melhoradas, a prevenção das calamidades naturais, a melhoria das vias de comunicação...

- 1.1. Com base nos textos apresentados, discute, com o teu grupo e, depois, com a tua turma, sugestões para a política de implementação da agricultura.
- 1.2. Elabora um texto crítico sobre os desafios da implementação da Revolução Verde em Moçambique.
- 1.3. Elabora pequenas frases para sensibilizar as populações para a prática da agricultura como forma de erradicação da pobreza. Depois de corrigidas, poderás passá-las para cartolinas, ilustrá-las e expô-las numa das paredes da sala de aula.

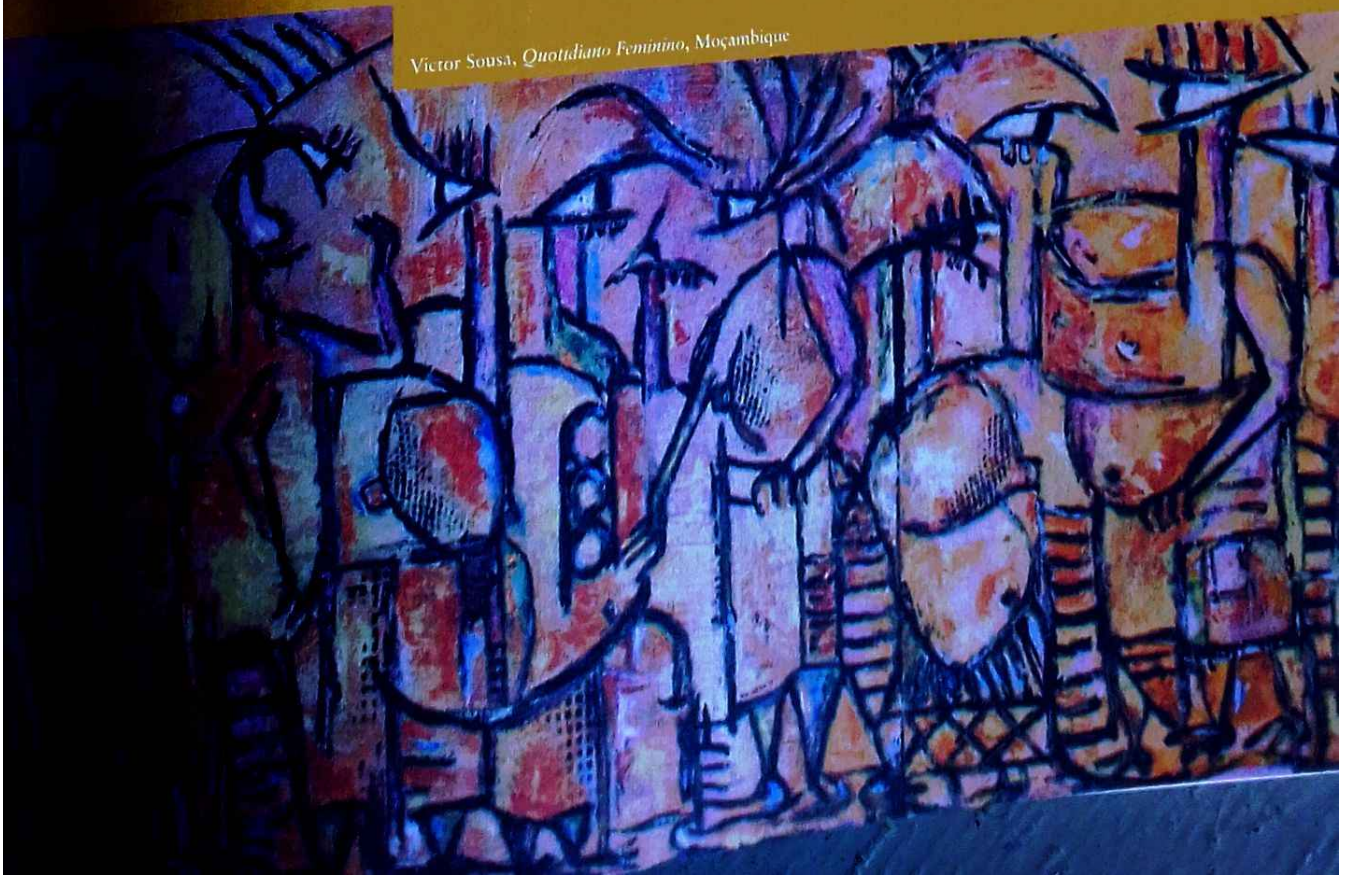


# Textos Administrativos

## Objectivos específicos

- Elaborar uma procuração e uma exposição
- Distinguir procuração de exposição
- Identificar as conjunções e as locuções subordinativas finais
- Classificar e elaborar orações subordinadas finais
- Distinguir as orações subordinadas concessivas, condicionais e finais
- Elaborar textos sobre o comércio formal/informal

Victor Sousa, *Quotidiano Feminino*, Moçambique



# TEXTOS ADMINISTRATIVOS

## Procuração e Exposição

### Texto 1

Lê o excerto seguinte, retirado de um estudo de caso sobre a organização dos trabalhadores informais nos mercados da cidade de Maputo.

As experiências existentes nos mercados informais mostram-nos que existem iniciativas locais e saberes populares que são parte das estratégias de sobrevivência económica e se constituem como alternativas para fazer face à exclusão social. Elas assumem, por vezes, características extra-económicas que envolvem a preservação da dignidade humana, mesmo em condições de extrema pobreza. As redes de solidariedade e os grupos de poupança, grupos de entreatuda ou outras formas de solidariedade são formas de auto-organização e iniciativas da base comunitária na origem da resolução de problemas. Elas podem catalizar mecanismos que, desenvolvendo formas mais amplas de organização, podem ser utilizadas para uma gestão social alternativa dos serviços sociais que sirvam uma determinada comunidade, desde que estimuladas e enquadradas, para poderem depois caminhar para formas auto-sustentáveis.

As reformas económicas que caracterizam as décadas de 80 a 90 em Moçambique levaram a uma revitalização da economia, embora tal não significasse uma redução dos índices de pobreza. "A pobreza entendida como ausência das condições para uma vida longa, instrução e um padrão de vida aceitável afecta a maioria esmagadora da população de Moçambique" (PNUD 1998: 810).

Na década de 90, sob pressão do processo de paz que põe fim ao conflito armado em 1992, o país sofre uma nova transição, passando de um sistema político monopartidário para uma situação de multipartidarismo.

A incapacidade do estado para a produção de serviços sociais básicos levou ao crescimento de formas alternativas de gestão social, transferidas para a "sociedade civil", que passou a exercer muitas das funções ligadas à produção do bem-estar económico e social, através de Organizações Não Governamentais (ONG's), associações e diferentes redes de solidariedade (parentesco, vizinhança, grupos profissionais, de amizade, etc.).



## A CIDADE DE MAPUTO

A cidade de Maputo, capital de Moçambique, é um pequeno observatório onde se espelha a situação do país.

De acordo com os dados do último censo populacional (Outubro de 1997), a cidade de Maputo tem um total de 966 000 habitantes, dos quais 170 000 são homens e 496 000 mulheres. Do ponto de vista político-administrativo, esta cidade foi classificada com um estatuto equivalente a uma província.

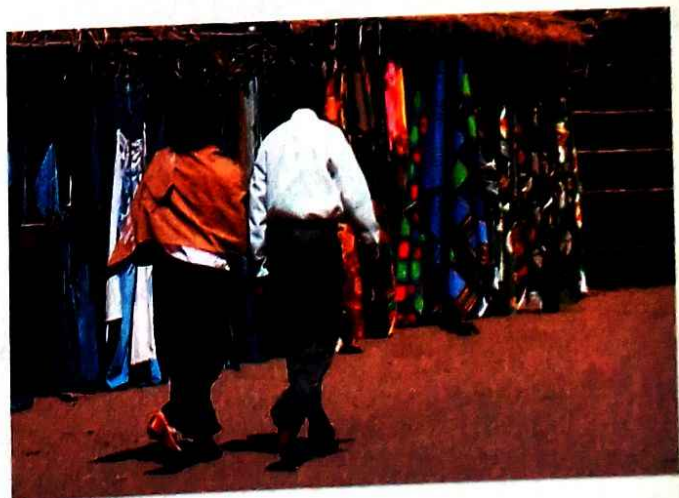
### O CRESCIMENTO DO SECTOR INFORMAL NA CIDADE DE MAPUTO

Nos anos 80, o país encontrava-se mergulhado numa profunda crise de abastecimento em bens de consumo, o que contribuiu para o desenvolvimento de mercados paralelos e para uma subida de preços dos bens essenciais, nomeadamente dos bens alimentares, afectando particularmente a cidade de Maputo. A situação foi agravada pela desvalorização da moeda nacional. As reformas introduzidas em Moçambique nos anos 80 no sentido da liberalização económica resultaram em significativas mudanças no funcionamento dos mercados, sobretudo de produtos alimentares básicos.

O aumento da vulnerabilidade daí resultante para as famílias mais pobres e o conseqüente incremento da sua fraca capacidade de sobrevivência neste período exigia a procura das mais diversas estratégias para fazer face ao dia-a-dia. O nível de degradação económica e social das populações sofre um aceleração ao longo dos anos 80 e durante a década de 90, devido à situação de guerra, e a uma economia pós-guerra.

O desenvolvimento descontrolado da cidade de Maputo, com níveis acentuados de pobreza urbana, o crescimento das taxas de desemprego, a redução de oportunidades e o crescimento da exclusão, deixavam à maioria dos cidadãos poucas possibilidades de emprego no sector formal, devido ao próprio sistema produtivo urbano, baseado em serviços, na indústria, ficando como única alternativa emprego no sector informal (Cimeira Nacional para o Desenvolvimento Social de Copenhaga, Relatório Nacional de Moçambique, 1995).

Adoptámos a utilização do conceito “sector informal”, para nos referirmos aos indivíduos que participam numa actividade comercial, sem possuir licença legal para o seu exercício. Inicialmente utilizada para se referir a actividades ilegais ou ilícitas, popularmente designadas por “candongu” que significa actividade ilegal ou ilícita ou “dumba nengue” (uma expressão que em Tsonga, falado no sul de Moçambique, significa, textualmente: pega nas pernas e corre).



O conceito “sector informal”, enquadra os novos tipos de actores, que, operando na área do comércio, não são reconhecidos pelos regulamentos vigentes e, por isso, são reprimidos pelas autoridades policiais, no exercício das suas actividades.

O caso de Moçambique não constitui excepção no contexto africano. A maior parte dos agentes informais são mulheres.

## OS TRABALHADORES DA ECONOMIA INFORMAL DOS MERCADOS URBANOS NA LUTA PELA MELHORIA DAS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA

Em 1987 o pequeno comércio de esquina, feito nos passeios das estradas, dominado por mulheres e associado inicialmente à venda de bens alimentares (que sofreram o primeiro impacto da liberalização dos preços), constitui a fase emergente do que são hoje estes mercados. Hoje, mantêm-se as formas de pequeno comércio de esquina, ou ambulante, mas a evolução deste sector assumiu características diferentes.



Os novos mercados que vão surgindo ocupam terrenos baldios e crescem de uma forma extraordinariamente rápida e descontrolada. No entanto, funcionam sem infraestruturas físicas mínimas e, na maior parte dos casos, para além das construções precárias onde estão instalados, não estão abrangidos por um sistema de saneamento, distribuição de água e electricidade ou, quando têm acesso à rede de abastecimento de água, ou a um serviço de sanitários públicos, este processo mostra-se bastante insuficiente para as necessidades existentes.

Com o crescimento e a diversificação dos mercados informais estamos agora perante uma situação em que, frequentemente, os sectores formal e informal se permeiam de tal modo, que se torna difícil, por um lado, distingui-los e, por outro lado, separá-los.

In <http://www.i/org/public>, consultado a 16.07.2010  
(com supressões)

### LER - COMPREENDER

1. Faz uma lista das vantagens do comércio informal, segundo o texto.
2. Indica as razões que levaram os autores a escolher a cidade de Maputo para este estudo.
3. O sector formal e informal convivem lado a lado.
  - 3.1. Explica, com base na tua experiência, esta afirmação.

### ESCREVER

1. Faz o resumo do texto.
2. Como já estudámos nas unidades 2 e 8:
  - a exposição é um texto que tem por função apresentar um determinado assunto (problema) a alguém que disponha de competência para o apreciar ou resolver;

– a procuração é o acto pelo qual se atribui a outrem, voluntariamente, poderes representativos; por outro lado, é a designação que se dá ao documento que resulta de tal acto.

2.1. O senhor Joaquim Sitóe é vendedor informal há cinco anos, vendendo um pouco de tudo, desde sapatos a DVD. Tem perdido, muitas vezes, os seus produtos devido às rusgas da Polícia Municipal. A idade já não lhe permite escapar destas investidas da polícia. Resolve, portanto, passar para o comércio formal.

2.1.1. Ajuda o senhor Sitóe a fazer uma exposição ao Ministério do Comércio e Indústria apresentando a situação pedindo autorização para a abertura de uma pequena loja de venda de roupa em segunda mão, vulgarmente conhecida por "calamidades".

Segue a estrutura da exposição e liberta a tua imaginação e criatividade, apresentando argumentos convincentes (em caso de dúvidas, consulta a unidade 8 do manual).

2.2. Tendo mais de cinquenta anos, o senhor Sitóe já não está disposto a tratar de "papeladas", como ele diz. O que ele gosta mesmo é de vender.

Nestas circunstâncias, resolve passar uma procuração ao seu filho, Bento Sitóe, para que este, em seu nome, trate de assuntos relacionados com o seu novo comércio formal.

2.2.1. Elabora tu essa procuração (em caso de dúvidas, consulta a unidade 2 do manual).

3. Apresenta, por escrito, as diferenças entre estes dois tipos de textos administrativos, quanto à estrutura externa e interna.

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### CONJUNÇÕES/LOCUÇÕES SUBORDINATIVAS E ORAÇÕES SUBORDINADAS FINAIS

Estudámos, na unidade 2, as conjunções/locuções e orações concessivas. Na unidade 8, prosseguimos o nosso trabalho com o estudo das conjunções/locuções e orações condicionais. Neste momento, vamos debruçar-nos sobre as conjunções/locuções subordinativas e orações subordinadas finais.

As orações subordinadas finais indicam a finalidade daquilo que se declara nas orações subordinantes.

*O Senhor Sitóe faz uma exposição, para que tenha a possibilidade de se dedicar ao comércio formal.*

*A fim de poder descansar, o Senhor Sitóe passa uma procuração ao filho.*

As orações subordinadas finais podem ser introduzidas pelas seguintes conjunções e locuções subordinativas finais:

*que, para, para que, por que, a fim de, a fim de que*

## PRÁTICA (CONJUNÇÕES/LOCUÇÕES E ORAÇÕES CONDICIONAIS, CONCESSIVAS E FINAIS)

1. Lembrando as orações condicionais, concessivas e finais, divide e classifica as seguintes orações.
  - a. Embora seja difícil acabar com o comércio informal, é sempre possível fazê-lo.
  - b. Para que se consiga resolver a situação da falta de higiene nos mercados informais, o estado deve consciencializar os vendedores.
  - c. Se conseguir a autorização pedida, o Senhor Sitóe aluga uma loja.
  - d. Desde que se paguem os impostos, os polícias não podem penalizar os comerciantes.
  - e. Para que conheças Maputo, deves passear pelos mercados informais.
2. Faz a ligação das frases de acordo com o exemplo, usando conjunções/locuções finais e fazendo todas as alterações necessárias em termos de concordância.  
Exemplo: Ele *(estar)* muito cansado. / Ele *(ter)* de dormir.  
> Ele tem de dormir para que não esteja muito cansado.
  - a. Eu *(aprender)* português. / Eu *(precisar)* de estudar.
  - b. Eles *(organizar)* uma festa. / Eles *(receber)* os amigos sul-africanos.
  - c. Nós *(andar)* muito por Maputo. / Nós *(conhecer)* melhor a cidade.
3. Constrói três frases nas quais utilizes orações subordinadas finais.

## FALAR - ESCREVER

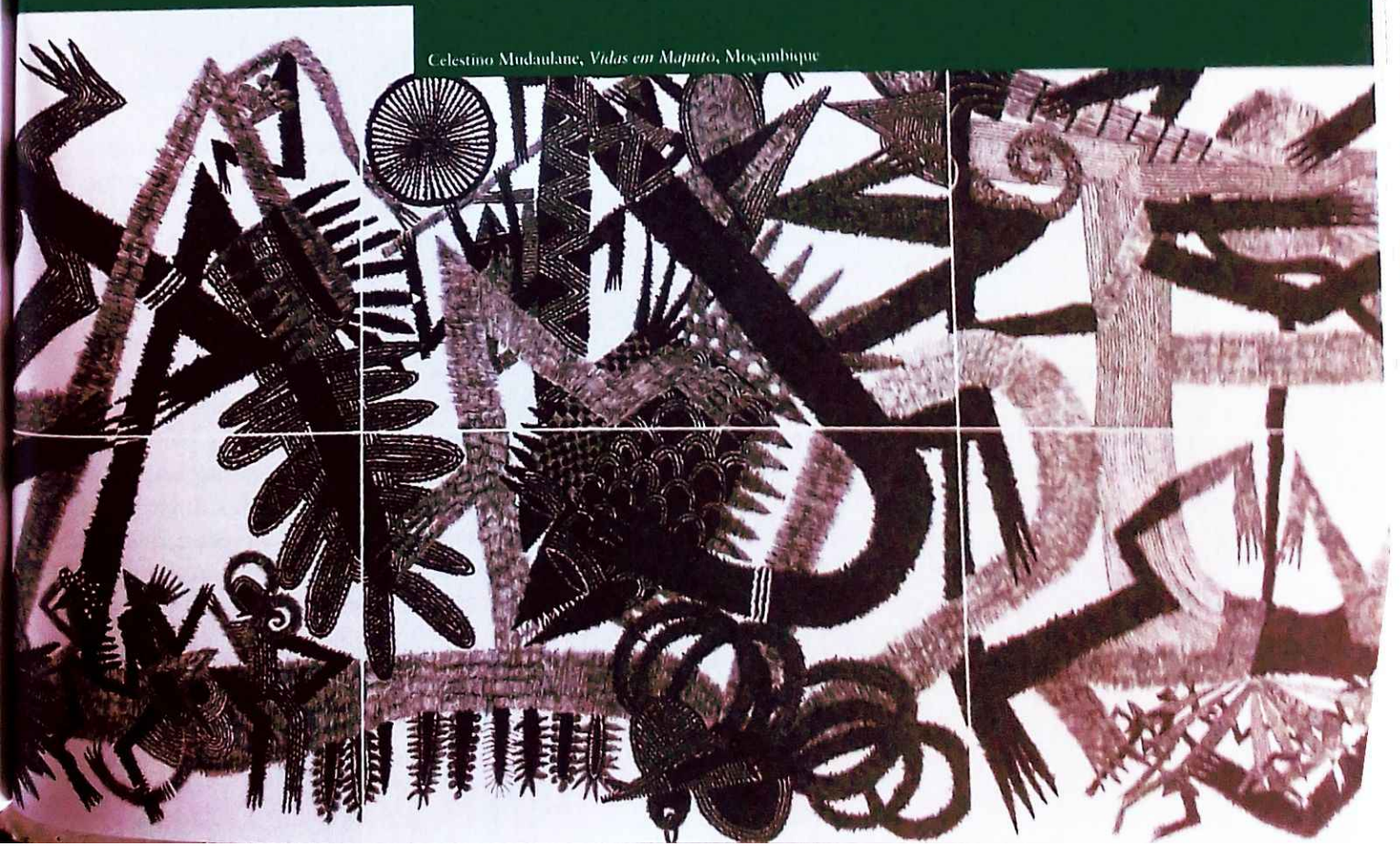
1. Ao longo do ano, já muito se falou do comércio formal e informal. É um tema inesgotável, que tem vindo a alimentar os órgãos de informação. Raro é o dia em que não se fale de comerciantes informais desalojados dos seus mercados por razões diversas, em que se destaca a falta de condições higiénicas: é o caso do pão vendido coberto de moscas (para não falar da carne e do peixe...).
- 1.1. Faz uma pequena visita a um mercado informal do teu local de residência e elabora um texto no qual apresentes um relato crítico sobre a situação. Fala das consequências dessa situação.
- 1.2. Em seguida, elabora um pequeno texto a favor do comércio formal como forma de resolução de alguns problemas trazidos pelo comércio informal. Depois de corrigido pelo professor, o texto poderá ser publicado no jornal da escola ou colocado na *internet*.

# Textos Jornalísticos

## Objectivos específicos

- Identificar, numa reportagem ou crónica, as categorias da narração e da descrição
- Elaborar frases usando verbos transitivos indirectos regidos pela preposição *a*
- Analisar sintacticamente frases com verbos de movimento
- Descrever diacronicamente a língua portuguesa, destacando as mudanças linguísticas
- Comparar as características morfossintácticas do português europeu e do português de Moçambique
- Discutir sobre o HIV/SIDA

Celestino Mudaulane, *Vidas em Maputo*, Moçambique



# TEXTOS JORNALÍSTICOS

## Reportagem; Crónica da actualidade

### Texto 1

Lê os dois textos que se seguem.

#### Texto A

### A Fraternidade da fala

Não gosto da palavra lusofonia. Nunca gostei. Sempre me pareceu desadequada – como tentar comer sopa com um garfo.

Os antigos romanos deram o nome de Lusitânia à mais ocidental das colónias europeias, em homenagem a Lusus, filho de Liber, antigo deus do vinho dos povos itálicos. Até aqui tudo bem. Acho, inclusive, que houve nisso algo de profético. Portugal, porém, não é a Lusitânia, isto é, o imperialismo romano, somado aos árabes (o imperialismo africano) mais a grande aventura dos descobrimentos e o regresso a casa. Hoje em dia ninguém em território português fala lusitano – fosse lá isso o que fosse. Toda a gente fala português. Parece-me ainda mais desadequado estender tal designação aos povos que falam português. Trata-se de uma lógica obrusa, do tipo, as galinhas têm asas, os anjos também, logo os anjos são galinhas. No Brasil, concentrados em São Paulo, vivem largos milhares de pessoas de origem japonesa. Todas elas falam português, mas, como é natural, não deve haver muitas que se identifiquem com a antiga Lusitânia.

Ao mesmo tempo há milhões de pessoas, em Timor, em Goa, em Macau, bem como nos países africanos de língua portuguesa, que, não falando a nossa língua, ou não a falando como idioma materno, se identificam com inúmeros aspectos da história e da cultura que nos é comum. A língua portuguesa é maior do que Portugal, maior do que Angola, maior do que o Brasil, maior do que todos estes países juntos. Contudo, aquilo a que desajeitadamente chamamos lusofonia parece-me ser algo ainda mais vasto. Algo que ultrapassa largamente o domínio da língua.

O poeta e ensaísta Mário António de Oliveira, que está para Angola como Eduardo Lourenço está para Portugal ou Gilberto Freyre para o Brasil, gostava de contar um episódio relacionado com esta questão. Um dia, alguns anos após a independência de Angola, procurou-o em Lisboa um responsável pelo novo regime. Queria saber, um tanto irritado, por que razão Mário António insistia em referir-se a Luanda como uma ilha crioula. “O que é que você costuma comer no Natal?”, perguntou-lhe Mário António. “Ora essa”, respondeu o homem: “bacalhau com grão, claro está!”. O poeta sorriu: “Está a ver? Entre outras coisas, é por isso”.

O fervor pelo bacalhau, o culto da saudade, Fernando Pessoa, José Saramago e Jorge Amado, mas também Eusébio e Pelé. O fado, a morna, o chorinho e a rebita. Amália Rodrigues, Pixinguinha. Cesária Évora. Ouro Preto, Olinda e Alcântara. A ilha de Moçambique. Nossa Senhora da Muxima. O Massacre de Santa Cruz. Aquele instante em que quase chorei, em que chorei, em que chorámos, quando avancei, quando avançámos, quando avançaram Ramos Horta e o bispo Ximenes Belo, nós todos, juntos, para receber o Prémio Nobel da Paz. É a tudo isso, e a algo mais, ainda informe e impreciso, que me refiro quando recorro à palavra lusofonia. E nada disso, receio, cabe nessa palavra.

AGUALUSA, José Eduardo, “Fronteiras Perdidas”, in *Público*, 28.07.2003 (com supressões)



## Texto B

# O Museu de Língua Portuguesa em São Paulo, único do género em todo o Mundo

22 de Março de 2006, Fernando Vilarinho

A estação da Luz, em São Paulo, abriga o Museu da Língua Portuguesa, o único espaço do mundo totalmente dedicado ao idioma de um país. Além da interactividade e da alta tecnologia, o museu abriga um vasto conteúdo sobre linguagem, história da língua, os inúmeros idiomas que ajudaram a formá-la, as formas que ela assume no quotidiano, a criação da língua na literatura brasileira, entre outros assuntos, que são apresentados em diversas mídias e espaços do local.

Segundo Marcello Dantas, formado em cinema e televisão pela Universidade de Nova Iorque, director artístico do espaço, o projecto apresenta novo conceito. “Não é memorial ou biblioteca. Para se falar da língua precisamos de criar um conceito diferente, que não é estanque, mas sim dinâmico. As pessoas que forem ao museu hoje irão encontrá-lo diferente amanhã. Ele fala a linguagem do século XXI e incorpora a vontade do espectador”, conta o director.

Em vez de passear por uma sucessão de objectos e textos presos às paredes, o público



Estação da Luz e Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil

é convidado para uma viagem sensorial pelo idioma, que inclui filmes, audição de leituras e até jogos. “Estamos todo o tempo lidando com a mistura do erudito com o popular. A língua é de todos, pode ser oral, escrita, cantada, musicada, dançada”, diz Dantas, que também é responsável pela produção da projecção da Praça da Língua e de alguns filmes da Grande Galeria, dois locais multimídias do museu, onde são realizadas actividades”.

VILARINHO, Fernando, in <http://biblio.crube.net>, Agosto de 2010

## LER – COMPREENDER

1. Acabaste de ler dois textos pertencentes a dois géneros jornalísticos: reportagem e crónica.
  - 1.1. Identifica cada um deles e justifica a tua resposta.
2. No texto A fala-se de *Lusofonia*. O autor do texto não concorda com essa designação.
  - 2.1. Apresenta as razões que justificam essa discordância.
3. Indica os países falantes de Português.
4. A Língua Portuguesa tem já um museu (texto B).
  - 4.1. Reflecte sobre a importância desse museu.
5. Identifica, no texto A, as categorias da narração (exposição, complicação e resolução).
6. Aponta, no texto B, o tema-chave que enuncia a sequência descritiva.

**RECORDA**

Nas unidades 3 e 9, observámos que:

- as reportagens são constituídas por segmentos noticiosos, narrativos, descritivos e dissertativos;
- as crónicas podem ser classificadas como descritivas, narrativas, dissertativas, narrativo-descritivas ou humorísticas.

Vamos, neste momento, reflectir sobre as categorias da narração e da descrição.

**CATEGORIAS DA NARRAÇÃO**

Nas crónicas e nas reportagens, podemos verificar que, por vezes, existe uma estrutura narrativa através da qual se relata um evento ou uma cadeia de eventos, com predominância de verbos que indicam acções. A narração, nesse caso, é composta por três elementos fundamentais:

- **exposição** (situação inicial, em que é referida a presença de personagens num determinado espaço e tempo e que funciona como ponto de partida para a acção);
- **complicação** (momento em que a harmonia inicial é destruída, despoletando-se a intriga e, assim, as várias peripécias que se sucedem e conduzem a uma resolução);
- **resolução** (momento em que os conflitos são resolvidos, readquirindo-se novamente um momento de estabilidade e equilíbrio).

**CATEGORIAS DA DESCRIÇÃO**

Uma descrição, seja ela objectiva (permitindo identificar, rigorosamente, o objecto da descrição) ou subjectiva (nomeando e caracterizando os aspectos a descrever, referindo sensações e emoções suscitadas), apresenta as seguintes categorias:

- um tema-chave, que enuncia a sequência descritiva;
- uma série de subtemas;
- expansões predicativas, ou seja, atribuições de qualidades e acções aos subtemas.

**Nota:**

Ao elaborares uma descrição, é conveniente teres em conta:

- a construção de parágrafos de acordo com a ordem das observações;
- a localização e caracterização de cada um dos aspectos seleccionados (importância de advérbios/locuções adverbiais e de adjectivos);
- o uso dos modos e tempos verbais mais adequados (indicativo - presente e imperfeito);
- a substituição dos verbos *ser*, *haver*, *ter*, *estar* por outros de sentido equivalente sempre que se torne necessário evitar a sua repetição;
- o recurso a vocabulário sugestivo e outros recursos expressivos.

**FUNCIONAMENTO DA LINGUA****MUDANÇA LINGUÍSTICA: EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO TEMPO**

Estudámos, na unidade 8, a origem e a evolução da Língua Portuguesa. É chegado o momento de aprofundares os teus conhecimentos acerca da história da língua.

**Origem e evolução da língua**

A Língua Portuguesa tem origem no latim, língua trazida pela política de expansão de Roma para o pequeno território da Península Ibérica que viria a tornar-se Portugal.

A fase proto-histórica de formação da língua decorreu do século IX ao início do século XIII. Durante este período foram-se tornando notórias outras influências, nomeadamente a presença germânica e árabe. De influência germânica encontramos as palavras *elmo*, *gado*, *jardim*, *luva*, *sopa* e do árabe chegaram-nos as palavras *almôndega*, *armazém*, *azeite*, *açúcar*, *cenoura*, *oxalá*.

A língua foi sendo enriquecida também pela contribuição de outras línguas:

- de origem basca: *barro, sapo*;
- de origem céltica: *bica, carpinteiro*;
- de origem grega: *apóstolo, bíblia*;
- de origem hebraica: *Páscoa, sábado*;
- de origem italiana: *serenata, vedeta*;
- de origem russa: *cossaco, estepe*.

Foi lento o processo de evolução da Língua Portuguesa. Só a partir do século XVI é que se assiste à fixação de regras e ao emergir de uma língua padronizada que virá a ser o português moderno. Data de 1536 a primeira gramática portuguesa elaborada por Fernão de Oliveira.

Entre 1712 e 1721 é publicada a obra que será a base dos primeiros dicionários - *Vocabulário Português e Latino*, de Rafael Bluteau.

A elaboração de gramáticas e o ensino generalizado em português são factores determinantes na evolução da língua.

A partir do século XIX outros factores irão marcar a renovação da língua, que se encontra intimamente ligada à literatura, ao ensino.

#### Transformações linguísticas

Como já vimos na unidade 8, as alterações manifestam-se de quatro modos:

- por adição, acrescentamento e aumento;
- por supressão ou redução;
- por transposição;
- por transformação.

	Fenómeno	Exemplo
Transformação por aumento	<b>Prótese</b> Adição de um fonema no início da palavra.	<i>stare &gt; estar</i> <i>spiritu &gt; espírito</i>
	<b>Epêntese</b> Adição de um fonema no interior da palavra.	<i>stella &gt; estrela</i> <i>umero &gt; ombro</i>
	<b>Paragoge</b> Adição de um fonema no final da palavra.	<i>ante &gt; antes</i>
Transformação por supressão	<b>Aférese</b> Supressão de um som em início de palavra. Um caso especial de aférese diz respeito à <b>deglutição</b> (o contrário de aglutinação), isto é, à supressão das vogais <i>a</i> e <i>o</i> , em início de palavra, para evitar confusões com o artigo definido ou para desfazer o hiato.	<i>acume &gt; gume</i> <i>norologiu &gt; relógio</i>
	<b>Síncope</b> Supressão de um fonema no interior da palavra. A <b>síncope</b> possui uma modalidade denominada <b>hapologia</b> , que consiste não na simples supressão de um fonema no interior da palavra, mas na redução da primeira de duas sílabas sucessivas iniciadas pela mesma consoante.	<i>legale &gt; leal</i> <i>legenda &gt; lenda</i> <i>bondadoso &gt; bondoso</i> <i>formicicida &gt; formicida</i>
	<b>Apócope</b> Queda de um fonema no final da palavra.	<i>mare &gt; mar</i> <i>male &gt; mal</i>
	<b>Crase</b> Fusão de duas vogais iguais numa só.	<i>pede &gt; pee &gt; pé</i> <i>colore &gt; coor &gt; co</i>



Transposição	<b>Metátese</b> Transposição de um fonema dentro da mesma sílaba.	<i>pro &gt; por</i> <i>semper &gt; sempre</i>
	<b>Hipértese</b> Transposição de um fonema de uma sílaba para outra.	<i>capio &gt; caibo</i> <i>primariu &gt; primeiro</i>
	<b>Hiperbibasmo</b> Deslocação não de um fonema, mas do acento tónico. Compreende dois tipos de transposição: <b>Sístole</b> – quando o acento tónico sofre um recuo. <b>Diástole</b> – quando o acento tónico sofre um avanço.	<i>pantanu &gt; pântano</i> <i>idolu &gt; ídolo</i> <i>limite &gt; limite</i> <i>ponere &gt; ponere</i>
Transformação	<b>Vocalização</b> Transformação de uma consoante em vogal.	<i>nocte &gt; noite</i> <i>regnu &gt; reino</i>
	<b>Consonantização</b> Transformação de uma vogal em consoante.	<i>iam &gt; já</i> <i>uita &gt; vida</i>
	<b>Nasalização</b> Passagem de um fonema oral a fonema nasal.	<i>nec &gt; nem</i> <i>mihi &gt; mim</i>
	<b>Desnasalização</b> Passagem de um fonema nasal a fonema vocálico.	<i>luna &gt; lua</i> <i>bona &gt; boa</i>
	<b>Assimilação</b> Transformação de um determinado fonema em outro que seja igual ou semelhante a um que lhe é contíguo dentro da mesma palavra.	<i>ipsu &gt; isso</i> (o <i>s</i> assimilou o <i>p</i> , convertendo-o em <i>s</i> )
	<b>Dissimilação</b> Transformação de um determinado fonema em outro que seja distinto, para estabelecer uma diferenciação entre dois fonemas iguais.	<i>liliu &gt; lírio</i> <i>memorare &gt; lembrar</i>
	<b>Sonorização</b> Passagem de uma consoante surda ( <i>p, t, c, ç, f</i> ) à sua homóloga sonora ( <i>b, d, g, z, v</i> ), em posição intervocálica.	<i>lupu &gt; lobo</i> <i>citu &gt; cedo</i> <i>maritu &gt; marido</i> <i>pacare &gt; pagar</i> <i>aquila &gt; águia</i> <i>acetu &gt; azedo</i> <i>facere &gt; fazer</i> <i>profectu &gt; proveito</i>
	<b>Palatalização</b> Transformação de um ou mais fonemas numa palatal ( <i>nh, lh, j, ch, x</i> ).	<i>aranea &gt; aranha</i> <i>seniore &gt; senhor</i> <i>palea &gt; palha</i> <i>folia &gt; folha</i> <i>video &gt; vejo</i> <i>hodie &gt; hoje</i> <i>pluvia &gt; chuva</i> <i>clave &gt; chave</i> <i>oculu &gt; olho</i> <i>apicula &gt; abelha</i> <i>pisce &gt; peixe</i> <i>passione &gt; paixão</i> <i>basiu &gt; beijo</i> <i>cerevisia &gt; cerveja</i>
	<b>Ditongação</b> Passagem de um hiato, ou de uma vogal, a ditongo.	<i>malo &gt; mau</i> <i>do &gt; dou</i>

## PRÁTICA

1. Identifica os fenómenos fonéticos que ocorreram nas seguintes palavras:

- |                                   |                                |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| a. <i>area</i> > <i>areia</i>     | d. <i>malu</i> > <i>mau</i>    |
| b. <i>scutu</i> > <i>escudo</i>   | e. <i>inter</i> > <i>entre</i> |
| c. <i>humile</i> > <i>humilde</i> | f. <i>bonu</i> > <i>bom</i>    |

## PESQUISAR

Procura mais informação sobre a evolução da Língua Portuguesa e apresenta um glossário mais completo com palavras provenientes de outras línguas.

## FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

REGÊNCIA VERBAL: COMPLEMENTO INDIRECTO (REGÊNCIA PELA PREPOSIÇÃO *a*; COMPLEMENTOS DE VERBOS DE MOVIMENTO)Verbos *obedecer, desobedecer, ralar, agradecer* ...

Os verbos *obedecer, desobedecer, ralar, agradecer*... são verbos transitivos indirectos (ou seja, constroem-se com complemento indirecto) e são regidos pela preposição *a*.

*Desobedeceste a teu pai?*

A mãe ralhou ao filho.

Para agradar ao professor estudou muito.

## Verbos de movimento

Os verbos de movimento (*ir, vir, chegar, partir, andar, correr*) são verbos intransitivos regidos por preposições.

Assim:

- os verbos *chegar* e *ir* exigem a preposição *a* quando indicam destino:

*Cheguei tarde a escola.*

*Fui ao cinema ontem.*

- o verbo *ir* é seguido da preposição *para*, se houver ideia de permanência:

*Ele foi para Tete.*

- os verbos *partir* e *vir* exigem a preposição *de*, quando indicam precedência:

*Acabei de chegar de viagem.*

*Vim de Tete.*

Verbos *morar, residir, situar-se*

Os verbos *morar, residir, situar-se* são verbos intransitivos que são seguidos da preposição *em* e não da preposição *a*.

Moro em Maputo.

A minha escola situa-se em Boane.

## Diferenças entre o Português Europeu (PE) e o Português de Moçambique (PM)

No PE, os componentes dos verbos de movimento são regidos por diferentes preposições, consoante a função semântica que desempenham. Os complementos que designam o "destino" do movimento são, em geral, regidos pelas preposições *a* e *para*, embora também possam ser regidos pela preposição *em*.

No PM, tende-se a usar a preposição *em* tanto com complementos que exprimem o destino como com verbos designam a "origem" do movimento.

PE	PM
O meu filho não gosta de ir <u>à</u> escola.	O meu filho não gosta de ir <u>na</u> escola.
Ele vem <u>para</u> o serviço todos os dias.	Ele vem <u>no</u> serviço todos os dias.
Nunca saí <u>de</u> Maputo desde que nasci.	Nunca saí <u>em</u> Maputo desde que nasci.
Em Novembro é que chegámos <u>a</u> Maputo.	Em Novembro é que chegámos <u>aqui</u> Maputo.
Era obrigatório chegar cedo <u>à</u> escola.	Era obrigatório chegar cedo <u>na</u> escola.
O marido chega tarde <u>a</u> casa.	O marido chega tarde <u>em</u> casa.
Vou <u>para</u> casa.	Vou <u>para lá em</u> casa.
Eu saí <u>da</u> escola.	Eu saí <u>na</u> escola.
Os intelectuais nem sempre saem <u>dos</u> bancos universitários.	Os intelectuais nem sempre saem <u>nos</u> bancos universitários.

GONÇALVES, Perpétua, *Caderno de Apoio à Leccionação dos Conteúdos Programáticos de Funcionamento da Língua*

## PRÁTICA

1. Classifica os verbos das frases seguintes.
  - a. O professor sorriu.
  - b. O aluno ofereceu uma flor à mãe.
  - c. O João obedeceu ao professor.
    - 1.1. Identifica os complementos directos e indirectos nas frases anteriores.
2. Sublinha nas frases seguintes os respectivos complementos verbais, de acordo com o que aprendeste nesta unidade.
  - a. A Maria vai ao hospital.
  - b. Ela anda a pé devagar.
  - c. Os jovens correm e dançam durante horas.
  - d. Todos os participantes vibram ao som das timbilas.

3. Completa as frases com as preposições *a* e *para* e os artigos definidos contraídos ou não com a preposição. Segue a norma do PE.
- O António trabalha no Museu de Língua Portuguesa. Todos os dias vai \_\_\_\_\_ o museu.
  - Ele é estudante. Todos os dias vai \_\_\_\_\_ a escola.
  - Eles chegam \_\_\_\_\_ Maputo em Agosto deste ano.
  - Ele vai morar \_\_\_\_\_ Quelimane.
4. Completa o texto com as preposições de movimento e os artigos definidos contraídos ou não com a preposição.
- Todos os dias o Sitóe vai \_\_\_\_\_ pé \_\_\_\_\_ o Centro onde trabalha. Sai \_\_\_\_\_ casa às seis e meia da manhã.
  - Esta tarde vai \_\_\_\_\_ bazar para fazer compras.
  - Na próxima semana vai \_\_\_\_\_ localidades visitar os doentes com SIDA.

## Texto 2

Lê os dois textos.

### Texto A

# KUPITA KUFA PITAMADZWALI E PITAMOUTO

Kupita Kufa Pitamadzwali e Pitamouto são algumas das práticas tradicionais que estão a minar os esforços dos vários grupos implementadores de estratégias para o combate à SIDA no vale do Zambeze, segundo nos revelou a Coordenadora Provincial do Núcleo de Combate ao HIV e SIDA na província de Sofala, Maria Semedo.

– Nesta região do Vale do Zambeze há muitas outras coisas que acontecem ligadas aos costumes e hábitos das pessoas, que constituem um atentado muito grande no concernente ao HIV e SIDA.

Que coisas são essas?

20 – São essas práticas chamadas Kupita Kufa Pitamadzwali, Pitamouto... todas essas práticas envolvem relações sexuais entre duas pessoas que em muitos casos nunca se viram. Mas porque se compreende e se assume que é uma prática necessária, urgente e tem que ser feita, alegadamente porque se isso não acontecer as pessoas podem morrer, ou porque as famílias ficam desamparadas e desprotegidas, então se envereda por essa prática. Só que estas práticas muitas vezes vêm agravar a situação do HIV e SIDA. Não



estamos contra a tradição, não estamos contra aquilo que são as crenças das pessoas, mas estamos a aconselhar que essas práticas sejam, no mínimo, protegidas, seguras, usando preservativo ou outro meio que não ponha as pessoas em contacto sexual directo.



A propósito, o que é isso de Kupita Kufa, Pitamouto, Pitamadzwali?

– São uma série de cerimónias que têm lugar sempre que há um acontecimento de relevo numa família. Este acontecimento tanto pode ser uma morte, um nascimento ou uma desgraça. Também são realizados rituais deste tipo quando se queima uma palhota por uma eventualidade qualquer, quando se compra uma bicicleta ou o chefe da família compra uma coisa nova que vai influenciar de certa maneira a vida daquela família. Então... são cerimónias que se fazem e em que as pessoas se envolvem em relações sexuais.

Ai é?

– Por exemplo, numa família se morre um dos cônjuges, o que sobrevive tem que manter relações sexuais com o parente mais próximo do defunto, e, se não existir ninguém com idade própria para isso, trata-se alguém de uma outra

aldeia, uma pessoa desconhecida, e nalgumas famílias, nalgumas aldeias, já existem quase que profissionais para isso. Estão prontas para serem contratadas para irem fazer essa prática.

São pagas?

– São pagas!

85 Quanto?

– Haaa!... varia muito. Normalmente não são coisas muito elevadas. Já sabe, no campo... são valores simbólicos, mas que têm tendência também a subir à medida que eles vão tomando conhecimento da subida da moeda. São práticas que vão ser difícilimas de convencer as pessoas que têm que se introduzir mudanças. Por exemplo, o preservativo é uma coisa que não é bem visto nas comunidades. Aliás, é rejeitado completamente.

O que se propõe a fazer?

– Nós estamos a tentar, por exemplo, convencer os líderes

comunitários, que são as pessoas que influenciam a opinião, que é para serem eles próprios a aconselharem as suas comunidades a introduzirem o preservativo para se evitar esta contaminação grande.

Segundo Maria Semedo, as últimas mortes no Vale do Zambeze, “pelo que se sabe”, têm uma grande dose de HIV e SIDA. “Se o cônjuge sobrevive e mantém relações sexuais com alguém de fora, contamina esse parceiro e esse por sua vez vai contaminar a sua família ou vice-versa. É uma prática que é claramente perigosa. Mas... okay. Estamos ali a aconselhar, porque, como sabe, nós não estamos a implementar o programa. Fazemos simplesmente a coordenação. Fazemos o apoio técnico, mas estamos a aconselhar os implementadores que vêm aqui, que recebem financiamento, para, nas suas actividades, poderem influenciar nesse sentido.

MATOLA, André, *Mozambique, SIDA e Hábitos Tradicionais*, Maputo, Edição do Autor, 2010



A propósito, o que é isso de Kupita Kufa, Pitamouto, Pitamadzwali?

– São uma série de cerimónias que têm lugar sempre que há um acontecimento de relevo numa família. Este acontecimento tanto pode ser uma morte, um nascimento ou uma desgraça. Também são realizados rituais deste tipo quando se queima uma palhota por uma eventualidade qualquer, quando se compra uma bicicleta ou o chefe da família compra uma coisa nova que vai influenciar de certa maneira a vida daquela família. Então... são cerimónias que se fazem e em que as pessoas se envolvem em relações sexuais.

Ai é?

– Por exemplo, numa família se morre um dos cônjuges, o que sobrevive tem que manter relações sexuais com o parente mais próximo do defunto, e, se não existir ninguém com idade própria para isso, con- trata-se alguém de uma outra

aldeia, uma pessoa desconhecida, e nalgumas famílias, nalgumas aldeias, já existem quase que profissionais para isso. Estão prontas para serem contratadas para irem fazer essa prática.

São pagas?

– São pagas!

85 Quanto?

– Haaa!... varia muito. Normalmente não são coisas muito elevadas. Já sabe, no campo... são valores simbólicos, mas que têm tendência também a subir à medida que eles vão tomando conhecimento da subida da moeda. São práticas que vão ser difíceis de convencer as pessoas que têm que se introduzir mudanças. Por exemplo, o preservativo é uma coisa que não é bem visto nas comunidades. Aliás, é rejeitado completamente.

O que se propõe a fazer?

– Nós estamos a tentar, por exemplo, convencer os líderes

comunitários, que são as pessoas que influenciam a opinião, que é para serem eles próprios a aconselharem as suas comunidades a introduzirem o preservativo para se evitar esta contaminação grande.

Segundo Maria Semedo, as últimas mortes no Vale do Zambeze, “pelo que se sabe”, têm uma grande dose de HIV e SIDA. “Se o cônjuge sobrevive e mantém relações sexuais com alguém de fora, contamina esse parceiro e esse por sua vez vai contaminar a sua família ou vice-versa. É uma prática que é claramente perigosa. Mas... okay. Estamos ali a aconselhar, porque, como sabe, nós não estamos a implementar o programa. Fazemos simplesmente a coordenação. Fazemos o apoio técnico, mas estamos a aconselhar os implementadores que vêm aqui, que recebem financiamento, para, nas suas actividades, poderem influenciar nesse sentido.

MATOLA, André, *Moçambique. SIDA e Hábitos Tradicionais*, Maputo, Ed. ...

## HIV/SIDA

### Tratamento precoce pode salvar milhões de vidas

O diagnóstico e o tratamento precoces dos seropositivos são essenciais para salvar a vida de vários milhões de pessoas que sofrem da SIDA, indicou segunda-feira a Organização Mundial da Saúde (OMS). “O facto de iniciar o tratamento bastante cedo dá-nos a possibilidade de permitir às pessoas portadoras do VIH estar de boa saúde e viver mais tempo”, sublinhou o director da OMS para o Departamento VIH, Gottfried Hirnschall. O tratamento administrado bastante cedo pode prevenir as infecções oportunistas, incluindo a tuberculose, que é a doença que mata o maior número de seropositivos, segundo a fonte.

A mortalidade ligada à tuberculose pode ser reduzida até 90 por cento se as pessoas infectadas ao mesmo tempo com a SIDA e a tuberculose começarem o tratamento muito cedo, de acordo com as estatísticas da OMS.

Cerca de 5 200 000 pessoas portadoras de VIH nos países em desenvolvimento começaram a receber o tratamento contra este vírus em finais de 2009. “É a primeira vez que tantas pessoas acedem ao tratamento num ano. É um progresso extremamente encorajador”, sublinhou o director-geral adjunto da OMS encarregado da SIDA, da tuberculose, do paludismo e das doenças tropicais negligenciadas, Hiroki Nakatani.

Estudos epidemiológicos revelaram que a mortalidade do VIH pode ser diminuída em 20 por cento entre 2010 e 2015 se as recomendações para um tratamento precoce forem aplicadas em grande escala.

Segundo as estimativas da OMS, o número de pessoas que precisam de tratamento contra o VIH passa de 10 para 15 milhões e cerca de nove biliões de dólares norte-americanos serão necessários para o tratamento contra o VIH em 2010, segundo a ONU.

Por outro lado, as Nações Unidas e a Organização Mundial de Saúde (OMS) aplaudiram os resultados inéditos de um estudo que revela que o uso de um gel vaginal com um



anti-retroviral reduz em metade o risco de infecção das mulheres com o vírus da SIDA.

Em comunicado, a Directora Geral da OMS, Margaret Chan, assegurou que “trabalhará com os parceiros e países para acelerar” o acesso ao gel, assim que estiveram totalmente comprovados os seus benefícios.

in Notícias, 22.07.2010  
(com supressões)

## LER - COMPREENDER

1. Leste dois textos sobre o mesmo tema: a SIDA. Um fala da tradição, outro, da evolução da ciência.

1.1. Consideras que tradição e modernidade são incompatíveis?

Justifica a tua resposta.

## FALAR

1. A tradição é sempre um importante elemento para a coesão social.

1.1. Discute, na tua turma, que medidas se devem tomar para prevenir a SIDA.

## ESCREVER

Cada ano que passa, as estatísticas indicam que o número de pessoas, sobretudo jovens, infectados pelo vírus da SIDA não deixa de aumentar.

Estamos ainda a tempo de evitar que este quadro se mantenha, mas, para que isso aconteça, é necessário o empenho de todos. O consumo de drogas, sobretudo injectáveis, é uma das causas que pode levar a contrair o vírus do HIV/SIDA.

Propomos que, em grupo, façam um levantamento de possíveis acções de prevenção ao consumo de drogas e planifiquem a realização de actividades de sensibilização, por exemplo palestras, junto de colegas de outras turmas da vossa escola.



# 10 Textos Multiusos

~~Argumentos~~

• ~~...~~  
• ~~...~~  
• ~~...~~

...



# TEXTOS MULTIUSOS

## Texto 1

Lê os textos A e B.

### Texto A

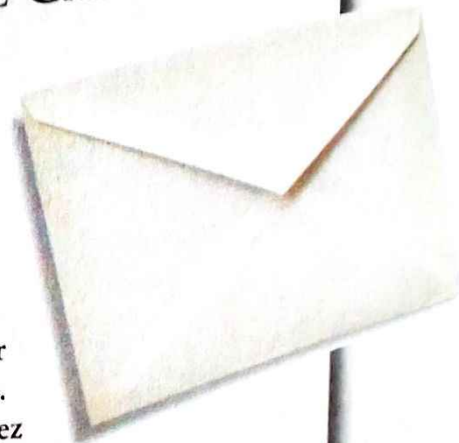
#### CARTA A UM MOTORISTA DE CARGA

Meu caro motorista: gostaria de poder enviar esta carta para a sua residência. O assunto que tenho a tratar consigo é de ordem estritamente pessoal e melhor fora, portanto, não recorrer às colunas do jornal. Infelizmente, porém, não sei onde você mora. Na noite em que você desapareceu, depois de atropelar mortalmente os dois garotos, não deixou quaisquer indícios que permitissem identificá-lo. Nada tem que temer da polícia. Pode estar certo, meu caro motorista, de que o seu acto ficará impune.

Dirijo-lhe estas palavras na esperança de que talvez venham a cair sob os seus olhos. Quem sabe, até, se você não ganhou o hábito de percorrer as colunas dos jornais, à espera sempre de se ver descoberto. Quantas vezes, no silêncio da noite, você não terá acordado, a suar frio, seguro de que o castigo baterá à sua porta. Mas não há razão para ter medo: ninguém sabe o seu nome, a sua idade, a cor – preto?, castanho? – dos seus olhos. O mais que se pode fazer é cerrar as pálpebras e tentar imaginá-lo – algures, na cidade enorme.

Para onde ia você tão depressa nessa noite? Para casa, talvez. Era tarde, estava cansado, esperavam-no, em qualquer parte, a quentura de um lar e o amor de uma mulher? À sua tímida batida, esmagado pelo peso dos remorsos – espero que você tenha remorsos – vieram envolver o seu pescoço os bracitos frágeis de seu filho? E pôde beijá-lo e deixar que se sentasse no seu colo e ouvi-lo contar, numa vozinha fina, as peripécias do dia – sem que os seus olhos se afogassem de lágrimas? E tomou lugar à mesa para o jantar de família – sem que lhe aflorassem à boca soluços de amargura? Ali estava você experimentando o carinho familiar, protegido da noite, da escuridão e do silêncio: só para os dois garotos estendidos na estrada já não há mais carinho e o futuro é silêncio e escuridão.

Não o culpo, meu caro motorista. Você é corajoso, duro, feito de uma só peça. E ainda bem. Guarde a sua coragem, defenda-a contra tudo e contra todos. É bem possível que, qualquer dia destes, você venha a precisar dela. Pode ser que, uma noite, ao regressar a casa, já não corra a abraçá-lo, o filho muito amado – para sempre perdido para a vida e para o amor, morto numa rua nocturnamente silenciosa, por um camião igual ao seu. Pense nisto, meu caro motorista. Pense nisto, assassino. Pense nisto, você de quem tenho pena, muita pena – porque nunca mais percorrerá as estradas sem que o medo vá consigo a apertar-lhe o coração.



## Texto B



# EFEITOS DO ÁLCOOL NA CONDUÇÃO

O código da estrada proíbe que qualquer indivíduo conduza com uma taxa de alcoolémia igual ou superior a 0,29 g/l.

Mas isto não significa que alcoolémias inferiores a esta taxa sejam inofensivas.

5 O risco de acidente começa a aumentar com a ingestão do primeiro copo!

A capacidade de conduzir já fica reduzida com uma taxa de 0,3, manifestando-se várias alterações, como: desinibição, redução do campo visual e da audição, dificuldade na percepção das cores, dificuldade na percepção das distâncias e das velocidades, aumento do tempo de reacção, dificuldade de coordenação motora. Com efeito, regista-se já, a partir desta taxa, um aumento do

10 número de acidentes em relação a quem conduz com uma alcoolémia de zero. As bebidas alcoólicas, mesmo se tomadas ocasionalmente e em pequena quantidade, ao tornar as reacções mais lentas e os gestos imprecisos, são responsáveis por elevado número de acidentes de viação.

## 15 EFEITOS PSICO-FISIOLÓGICOS E TAXAS DE ALCOOLÉMIA (EM GRAMAS POR LITRO DE SANGUE)

- 0,15 g/l – diminuição dos reflexos.
- 0,3 g/l – perturbação dos movimentos.
- 0,5 g/l a 0,8 g/l – aumento dos tempos de reacção, percepção errada da velocidade, reacções motoras alteradas e estado de euforia.
- 20 • 0,8 g/l a 1,5 g/l – reflexos cada vez mais alterados, embriaguês mais ou menos ligeira, condução perigosa devido a possibilidade de sonolência, fadiga e problemas de visão.
- 1,5 g/l a 3 g/l – perturbação da marcha, diplopia, embriaguês nítida.
- 25 • 3 g/l a 5 g/l – estado de embriaguês profunda, condução impossível.
- Acima dos 5 g/l – coma que pode levar à morte.

Em princípio, quanto mais corpulenta for a pessoa, mais baixa será a alcoolémia, porque o álcool reparte-se por um volume maior.

As mulheres têm, habitualmente, um nível de alcoolémia superior ao dos

30 homens em cerca de trinta e cinco a quarenta por cento, graças a uma corpulência menor e a uma proporção de gordura maior.

Além disso, o organismo feminino elimina o álcool muito mais lentamente, pois não possui uma das enzimas de degradação.

As perturbações provocadas pelo álcool dependem muito da sensibilidade

35 das células cerebrais ao álcool.

**LER - COMPREENDER**

1. Os textos A e B abordam o mesmo tema. Indica-o.
2. A abordagem feita pelos textos é diferente, pois a sua natureza não é a mesma.
  - 2.1. Classifica cada um deles quanto à tipologia textual.
3. Identifica, de entre as opções seguintes, a intenção comunicativa dos textos A e B.
  - a. Convencer
  - b. Informar
  - c. Divertir
  - d. Convocar
  - 3.1. Justifica a tua resposta com transcrições dos textos.
4. Atenta no texto A.
  - 4.1. Indica a tese.
  - 4.2. Apresenta dois argumentos que sustentam a tese.
  - 4.3. Divide o texto em partes.
5. Extrai do texto B os três tipos de enunciados essenciais à produção deste tipo de textos.
6. Completa a tabela seguinte, sistematizando as principais características do texto expositivo/explicativo e do texto expositivo/argumentativo.

	Texto expositivo/explicativo	Texto expositivo/argumentativo
Objectivo / intenção		
Tipo de linguagem		
Função da linguagem		
Tipos de discursos ou enunciados		

7. Os acidentes de viação provocados pelo excesso de álcool são um problema a nível mundial.
  - 7.1. Tenta sensibilizar a tua turma sobre os malefícios de uma condução sobre os efeitos do álcool, fazendo um esquema motivador, recorrendo a setas, círculos, rectângulos e outras figuras.  
Apoia-te no texto B, complementando a informação com estas duas notícias que a seguir te apresentamos.
  - 7.2. O alcoolismo é apontado como a principal causa de acidentes de viação. Ele constitui uma dura realidade na nossa sociedade.  
É muito mais grave, sobretudo, quando encontramos jovens cuja dependência do álcool os vai destruindo, tornando-os até incapazes de estudar. A situação, como vês, é realmente grave.  
Propomos que, em grupo, elaborem um plano de prevenção e combate ao alcoolismo na vossa escola.  
Depois de concluído, apresentem o plano ao vosso professor para que este seja implementado.

## Condução sob o efeito de álcool ainda é preocupante

Durante a noite de sexta-feira e madrugada de domingo, 28 condutores viram as suas cartas de condução caçadas por terem acusado excesso de álcool no organismo durante a condução em algumas artérias da cidade de Maputo.

MACHAVA, Ricardo, in <http://opais.sapo.mz>,  
consultado a 28.06.2010

## Condução sob efeito de álcool

### INAV inibe 1300 condutores

O consumo excessivo de álcool por parte dos condutores obrigou a que o Instituto Nacional de Viação (INAV) inibisse de conduzir a um total de 1325 automobilistas em todo o país.

Os dados são referentes ao período compreendido entre Maio e Novembro último.

O consumo de álcool é apontado como sendo uma das principais causas dos acidentes de viação no país.

In Notícias, 07.12.2009

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

### APLICA (CONCORDÂNCIA VERBAL)

- Corrige as frases que se encontram gramaticalmente incorrectas.
  - Os meus amigos e eu gosto de conduzir.
  - Os amigos e o João foi ao Bilene de carro.
  - Os únicos meios que usei durante a minha estadia foi os transportes públicos.
  - O homem perguntava se haviam alguns transportes.
  - A concorrência desleal e a lei do mais forte obriga-nos a optar por profissões mal remuneradas.
  - Os médicos e enfermeiros encoraja a não beber.
  - Foi atropelado mortalmente dois meninos.
- Selecciona a hipótese correcta para completares cada uma das frases.
  - O álcool, o cansaço e a má conservação dos carros \_\_\_\_\_ (*têm/tém*) provocado muitos acidentes.
  - \_\_\_\_\_ (*trata-se/tratam-se*) de assuntos \_\_\_\_\_ (*que/com que*) têm preocupado o governo.
  - Naturalmente que \_\_\_\_\_ (*haverá/haverá*) outras razões para o elevado número de acidentes.
  - Às vezes \_\_\_\_\_ (*basta que/bastam que*) se beba duas cervejas para que o condutor perca os reflexos básicos.
  - \_\_\_\_\_ (*fala-se/falasse*) muito dos acidentes de viação.
  - A comunidade de investigadores \_\_\_\_\_ (*pode/podem*) resolver este problema.



## Texto 2

Lê o texto.

# R

## ESPONSTA HUMANITÁRIA

### UMA ESPIRAL VICIOSA

Moçambique está sujeito a calamidades naturais incluindo ciclones, cheias, secas persistentes e terremotos. Estes eventos têm um impacto dramático na vida das crianças e das mulheres, muitas das quais já sofrem de vulnerabilidade crónica devido à insegurança alimentar, HIV e SIDA, epidemias de saúde e acesso inadequado a serviços sociais.

5 As emergências de início rápido, tais como ciclones ou cheias, danificam escolas, unidades sanitárias, estradas, pontes e casas, limitando ainda mais o acesso das pessoas a serviços básicos e, em alguns casos, levando à deslocação.

Todos os anos, milhares de crianças, mulheres e homens, em particular os que vivem em zonas afectadas pela seca no sul e centro de Moçambique, são afectados pela insegurança alimentar, o que  
10 causa mais fome e malnutrição.

Os mecanismos tradicionais de lidar com a situação confiando na família alargada durante a época das secas foram esticados pela pandemia da SIDA, criando uma espiral viciosa de doença, privação e insegurança alimentar. As raparigas e os jovens correm o risco de se envolverem em actividades de sexo comercial para sobreviver, o que expõe a doenças sexualmente transmissíveis, tais como  
15 HIV e SIDA.

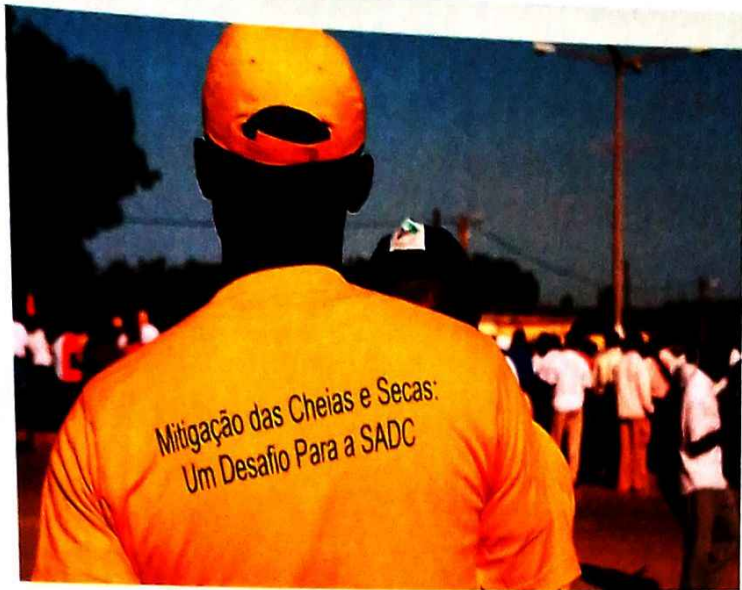
Durante os períodos de seca, a susceptibilidade a outras doenças infecciosas, tais como a cólera e a diarreia, aumenta quando os poços secam e as pessoas recorrem a água contaminada para consumo. Para os que vivem com HIV e SIDA, isto pode significar desastre uma vez que o sistema imunológico frágil das pessoas não aguenta e o declínio da saúde é acelerado.

### 20 RESPOSTA A DESASTRES

As actividades de resposta a emergências da UNICEF estão integradas nas diferentes componentes do Programa Nacional de Cooperação  
25 para abordar as necessidades das crianças cronicamente vulneráveis e das mulheres afectadas por secas persistentes. Estas incluem apoiar o Governo e outros parceiros a lidar  
30 com malnutrição crónica e grave, malária, doenças transmitidas pela água, surtos de cólera, actividades de educação de emergência, entre outras.



35 A UNICEF tem um plano  
 40 interno de Preparação e Resposta  
 a Emergências que foca a prepa-  
 ração e estratégia de respostas  
 para emergências de início  
 rápido; estes cenários de planea-  
 45 mento incluem a possibilidade  
 de terremotos, ciclones e cheias.  
 A UNICEF faz parte da Equipa  
 de Gestão de Calamidades das  
 Nações Unidas em Moçambique  
 que trabalha com o Governo de  
 Moçambique para reforçar a  
 capacidade nacional de prepa-  
 ração para responder e mitigar  
 os danos resultantes de situações



50 de emergência de início rápido e às necessidades de emergência crónicas de início lento.

Do mesmo modo, a UNICEF e outros parceiros apoiam o Plano Estratégico Nacional para a Prevenção e Mitigação de Calamidades Naturais e trabalham com o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades para reforçar a capacidade nacional de preparação, resposta e mitigação do impacto das calamidades naturais.

55 Mecanismos como o Comité de Avaliação da Vulnerabilidade e o Inquérito de Segurança Alimentar e de Nutrição do Agregado ajudam a identificar populações cronicamente vulneráveis que serão particularmente afectadas quando as condições das calamidades naturais piorarem, permitindo ao Governo e aos seus parceiros planear, preparar e responder de forma adequada às necessidades das populações.

60 A nível provincial, distrital e da comunidade, a capacidade das autoridades e das comunidades foi reforçada para prestar ajuda de emergência quando outro desastre natural exacerba as condições de desenvolvimento já ténues.

In [http://www.unicef.org/mozambique/pt/humanitarian\\_response.html](http://www.unicef.org/mozambique/pt/humanitarian_response.html), consultado a 27.07.2010

## ESCREVER

1. Acabaste de ler mais um texto sobre calamidades naturais em Moçambique, mas agora numa nova perspectiva, a prevenção.
  - 1.1. Com base nos textos já estudados acerca deste assunto, redige um texto expositivo/explicativo sobre a ocorrência de calamidades, exprimindo-te de modo claro e pormenorizado.
  - 1.2. Elabora um texto expositivo/argumentativo no qual exponhas o teu ponto de vista sobre as formas de mitigação dos efeitos das calamidades naturais.

## FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

### APLICA (CONCORDÂNCIA VERBAL: PRONOMES RELATIVOS COM A FUNÇÃO DE SUJEITO)

1. Completa as frases com os verbos indicados entre parênteses.
  - a. Estas são as propriedades que \_\_\_\_\_ (*distinguir*) os pronomes relativos.
  - b. O texto fala sobre diferentes formas que \_\_\_\_\_ (*poder*) resolver a situação.
  - c. As partes principais que \_\_\_\_\_ (*compar*) este texto, são as seguintes: introdução, desenvolvimento, conclusão.
2. Transforma as frases simples numa frase complexa ligada por um pronome relativo. Segue o exemplo:

*O trabalho era difícil. Eu fiz o trabalho.*

*O trabalho que eu fiz era difícil.*

- a. O mar banha a costa moçambicana. O mar esconde valiosas riquezas.
- b. As ostras contêm pérolas maravilhosas. As pérolas são transformadas em jóias.
- c. Os moluscos são seres vivos sem estrutura óssea. Os moluscos vivem a maior parte das vezes dentro de uma concha.

## JOGO

Na turma, divididos em grupos, elaborem frases sobre os dois assuntos abordados nesta unidade: os acidentes de viação e as calamidades naturais (em especial os ciclones).

Nas frases devem aplicar os conteúdos gramaticais revistos nesta unidade, sobre concordância verbal – orações subordinadas sem sujeito expresso; sujeito posposto ao verbo; verbos impessoais (*haver, tratar-se de, bastar que*); sujeitos complexos; pronomes relativos com a função de sujeito. Em caso de dúvidas, podem consultar as unidades 4 e 10 do manual.

Ganha o grupo que mais frases correctas tiver construído.

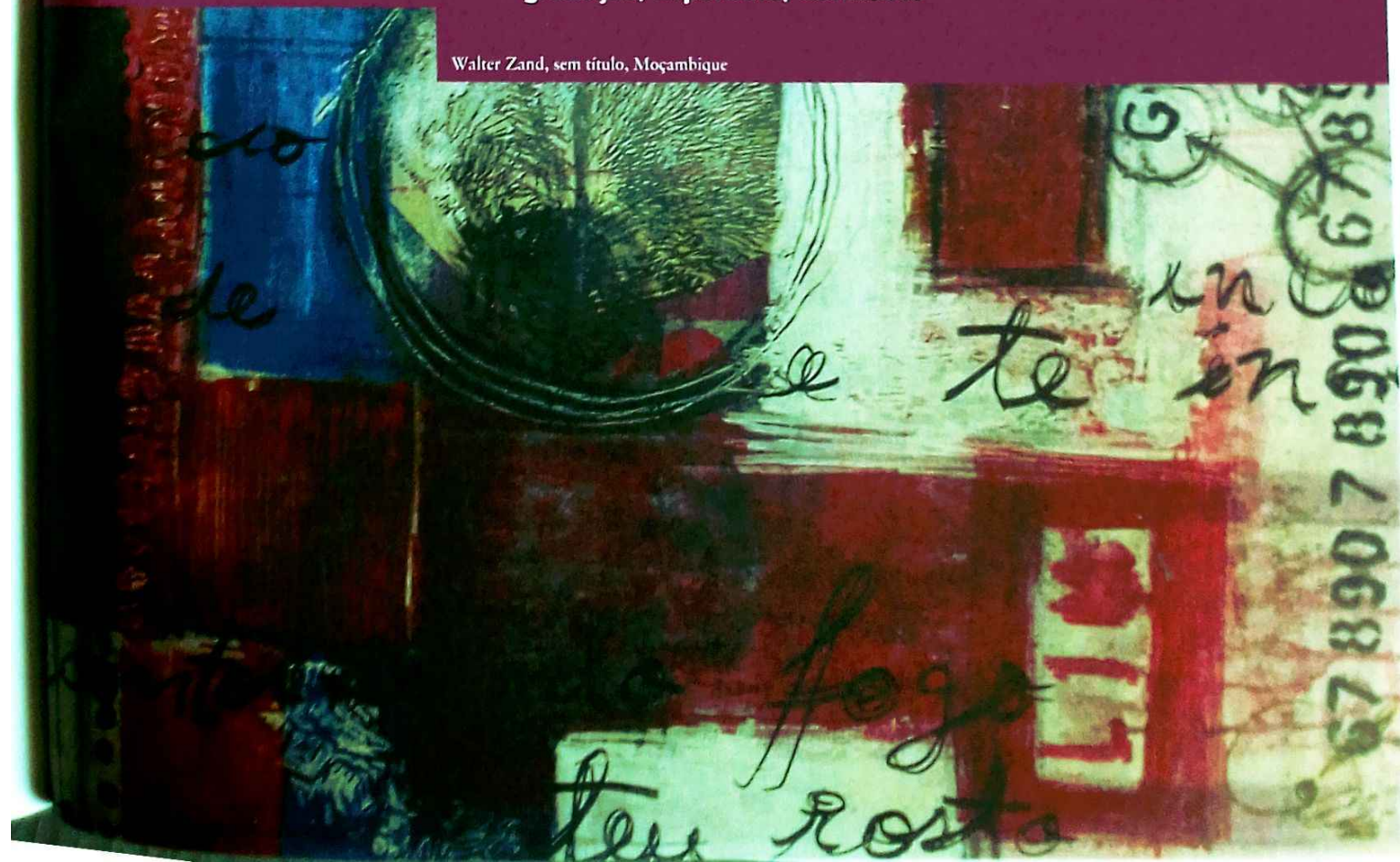


# Textos Literários

## Objectivos específicos

- Identificar as características da literatura e da oratura
- Referir aspectos da função da oratura na sociedade moçambicana
- Identificar os processos que caracterizam o texto literário
- Recontar textos
- Produzir textos narrativos, orais ou escritos, com valores culturais moçambicanos
- Produzir canções tradicionais
- Identificar, nos poemas, marcas da moçambicanidade, valores culturais e universais
- Produzir textos líricos
- Aplicar em textos da sua autoria a perífrase, antítese, gradação, hipérbato, assíndeto

Walter Zand, sem título, Moçambique



# TEXTOS LITERÁRIOS

## Texto 1

Iniciámos, na unidade 5, o estudo sobre a evolução histórica e semântica do termo *literatura* e a distinção entre *literatura* e *oratura*. É chegado agora o momento de aprofundar o conhecimento acerca destes assuntos. Para isso, lê os dois textos que te apresentamos.

### Texto A

## EVOLUÇÃO HISTÓRICA E SEMÂNTICA DO TERMO “LITERATURA”

O lexema *literatura* deriva historicamente, por via erudita, do lexema latino *litteratura*, o qual, segundo informa Quintiliano, foi decalcado do grego.

Nas principais línguas europeias, os lexemas derivados, por via erudita, de *litteratura* entraram, sob formas muito semelhantes – cf. castelhano: *literatura*; francês: *littérature*; italiano: *letteratura*; inglês: *literature* –, na segunda metade do século XV, sendo um pouco mais tardio o seu aparecimento na língua alemã (século XVI) e na língua russa (século XVII). Na língua portuguesa, encontrámos documentado o lexema *literatura* num texto datado de 21 de Março de 1510.

10 O lexema complexo *litteratura*, derivado do radical *littera* – letra, carácter alfabético –, significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição. Em autores cristãos como Tertuliano, Cassiano e S. Jerónimo, *litteratura* designa um *corpus* de textos seculares e pagãos, contrapondo-se a *scriptura*, lexema que designa um *corpus* de textos sagrados. O *litteratus* –  
15 lexema donde procedem, por via popular, *letrado*, e por via erudita, *literato* – era o homem conhecedor da gramática, aquele que sabia desenhar e decifrar as letras e que, por isso mesmo, fruía de um privilegiado estatuto sociocultural.

Nas diversas línguas europeias, até ao século XVIII, o conteúdo semântico do lexema *literatura* foi substancialmente idêntico ao do seu étimo latino,  
20 designando *literatura*, em regra, o saber e a ciência em geral. Já ia bem avançado o século XVIII (1773), quando os beneditinos de Saint-Maur começaram a publicar a *Histoire littéraire de la France* e, neste título, o significado do adjetivo *littéraire* torna-se bem explícito nos dizeres que a ele se seguem: “[...]”. O adjetivo *literário* referia-se, assim, a tudo quanto dissesse respeito às ciências  
25 e às artes, em geral.

Tal como *literatura*, lexemas e sintagmas como *letras*, *letras humanas* e, a partir do século XVII, *belas-letras* designam conhecimento, doutrina, erudição – um conhecimento que tanto dizia respeito aos poetas e aos oradores como aos gramáticos, aos filósofos, aos matemáticos, etc.

30 Anteriormente à segunda metade do século XVIII, quando se pretende denominar a arte e o *corpus* textual que actualmente designamos por *literatura*, são utilizados lexemas e sintagmas como *poesia*, *eloquência*,  
35 *verso* e *prosa*, etc.

Na segunda metade do século XVIII, o lexema *literatura* apresenta uma profunda evolução semântica, em estreita conexão com as transformações da cultura europeia nesse  
40 período histórico. Subsistem no seu uso, por força da tradição linguística e cultural, os significados já mencionados, mas manifestam-se também, em correlação com aquelas transformações, novos conteúdos semânticos, que divergem dos anteriormente vigentes e que divergem também entre si.

45 A polissemia crescente do lexema, funcionalmente indissociável de múltiplos contextos situacionais heterogêneos, historicamente resultantes das referidas transformações socioculturais, encontra-se curiosamente documentada no artigo intitulado “Littérature” que figura no *Dictionnaire philosophique* de Voltaire e em cujo início se lê: “Littérature; ce mot est un de ces termes vagues  
50 si fréquents dans toutes les langues”. Depois de recordar que *littérature* equivalia à gramática dos gregos e latinos, Voltaire caracteriza a literatura como uma forma particular de conhecimento –, mas não como uma arte específica.

Este conhecimento, porém, é avaliado por Voltaire em termos depreciativos, contrapondo o conceito de *génio*, com todas as suas positivas implicações  
55 pré-românticas no domínio da criatividade artística, aos conceitos de *literatura* e de *literato*, a que associa as ideias de saber e de actividade crítica com estatuto de subalternidade em relação à grandeza de *génio*.

Por outro lado, Voltaire diferencia o conhecimento representado pela literatura e possuído pelo *littérateur* e o conhecimento possuído pelo *savant* e  
60 representado pela filosofia e pela ciência – conhecimento este que exige “des études plus vastes et plus approfondies”, – ilustrando tal distinção com o exemplo do *Dictionnaire Historique et Critique* de Bayle, obra que não podia ser designada como “un recueil de littérature”. O conhecimento representado pela literatura, quando diz respeito a objectos caracterizados pela *beleza*, como a  
65 poesia, a eloquência, “a história escrita”, toma o nome de *belle littérature*, não cabendo tal designação, porém, à simples crítica, à polimatia, à cronologia, etc., já que tais actividades, bem como os escritos delas resultantes, carecem de *beleza*. Se a denominação de *belle littérature* implica, por conseguinte, a existência de valores estéticos, a simples denominação de *literatura* implica relação  
70 com as letras, com a arte da expressão através da linguagem verbal e por isso mesmo Voltaire não considera como pertencentes à *literatura* aquelas obras que se ocupam da pintura, da arquitectura ou da música.

Para Diderot, *literatura* é uma arte e é também o conjunto das manifestações dessa arte, isto é, um conjunto de textos que se singulariza pela presença  
75 de determinados valores estéticos (*le beau littéraire*).



Biblioteca da Escola Missionária Dehoniana, Gurué, Zambézia

A partir pois da segunda metade do século XVIII passa a significar específico fenómeno estético, específica forma de produção, de expressão e de comunicação artísticas.

Do significado de *corpus* em geral de textos literários, passou compreensivelmente o lexema *literatura* a significar também o conjunto da produção literária de um determinado país, tornando-se óbvias as implicações filosófico-políticas de tal conceito de "literatura nacional". Cada país possuiria uma literatura com caracteres próprios, uma literatura que seria expressão do espírito nacional e que constituiria, por conseguinte, um dos factores relevantes a ter em conta para se definir a natureza peculiar de cada nação. Sintagmas como *literatura alemã, literatura francesa, literatura italiana*, etc., foram-se tornando de uso frequente a partir das últimas três décadas do século XVIII.

Eis as linhas fundamentais da evolução semântica do lexema *literatura* até ao limiar do romantismo. Tal evolução, porém, não se quedou aí, mas prosseguiu ao longo dos séculos XIX e XX. Vejamos, em rápido esboço, as mais relevantes acepções adquiridas pelo lexema neste período de tempo:

a) Conjunto da produção literária de uma época – *literatura do século XVIII, literatura victoriana* –, ou de uma região – pense-se na famosa distinção de Mme de Staël entre "literatura do norte" e "literatura do sul", etc.

b) Conjunto de obras que se particularizam e ganham feição especial quer pela sua origem, quer pela sua temática ou pela sua intenção: *literatura feminina, literatura de terror, literatura revolucionária, literatura de evasão*, etc.

c) Bibliografia existente acerca de um determinado assunto. Ex.: "Sobre o barroco existe uma literatura abundante". Este sentido é próprio da língua alemã, donde transitou para outras línguas.

d) Retórica, expressão artificial. Verlaine, no seu poema *Art poétique*, escreveu: "Et tout le reste est littérature", identificando pejorativamente *literatura* e expressão retórica, falsa e artificial. Este significado depreciativo do lexema data do último quartel do século XIX e é de origem francesa, mas a contraposição *poesia / literatura* procede de teorias românticas que correlacionam *poesia* com *natureza* e *literatura* com *civilização*. A desvalorização do conceito de literatura, que pode proceder de uma atitude filosófico-existencial de tipo vitalista – e nesta perspectiva se compreende bem o significado negativo de um sintagma como *fazer literatura* –, de uma postura vanguardista que rompe com a literatura institucionalizada (...). Conduz à teoria e à prática de uma escrita que pretende corroer e destruir as convenções, as normas e os valores socioculturalmente aceites como características da literatura.

e) Por eclipse, emprega-se simplesmente *literatura* em vez de *história da literatura*.

f) Por metonímia, *literatura* significa também manual de *história da literatura*.

g) *Literatura* pode significar ainda conhecimento sistematizado, científico, do fenómeno literário. Trata-se de um significado caracteristicamente universitário do lexema e ocorre em sintagmas como *literatura comparada, literatura geral*, etc.

# O RATURA / LITERATURA

O termo *oratura* foi proposto pelo linguista ugandês Pio Zirimu, na década de 60 do século XX. Oratura, ou oralitura, surge como alternativa à literatura oral por se apresentar mais apropriada para o fim a que se propõe: designar um conjunto de formas verbais orais, artísticas ou não. Ao contrário, “literatura oral” tem na sua composição, uma palavra central ligada a outra que, secundariamente, aponta para a oralidade.

MORAES, Fabio, in <http://www.culturainfancia.com.br>, consultado a 18.09.2010

## EMPRÉSTIMOS DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO E CRÍTICA LITERÁRIAS AFRICANAS

10 As literaturas africanas de língua portuguesa têm tido o seu maior desenvolvimento editorial e ainda crítico, nos últimos vinte anos, após o acesso às independências políticas dos cinco estados africanos. Esta situação permitiu a criação de disciplinas curriculares que libertaram da designação de “literatura ultramarina” cinco novas literaturas.

## 15 ESCRITA COMO CONTINUIDADE DA ORALIDADE

Recuando um pouco no tempo, e tentando fazer parte do percurso que levou africanos, africanistas teóricos e escritores a considerar fundamental a oralidade, como um critério de análise das literaturas africanas, começaremos por referir a intervenção do senegalês Leopold Sédar Senghor. O poeta, um dos primeiros africanos a exprimir a ideia de “continuidade” entre as tradições orais e a literatura africana, não só praticando na sua escrita poética os recursos reclamados, mas também doutrinando sobre o assunto em vários textos ensaísticos.

Esta ideia de herança oral, radicada nos “Mestres” africanos, os “griots”, vai levar a criar uma noção de “continuidade” entre a tradição oral e a literatura. Criadores e críticos inferem essa relação como uma procura dos traços reveladores da passagem da oralidade para a escrita. E, entre outros, um dos instrumentos da procura radicou e radica nos temas, e nas especificidades dos géneros orais, existentes na sociedade pré-colonial e ainda actualmente nas áreas rurais, menos alteradas pelas inevitáveis mudanças pós-coloniais.

## 30 ORALIDADE ENTRE O FACTO E O MITO

Tentar dilucidar a forma como é representada nos vários discursos teóricos e críticos a oralidade não é, de forma alguma, questionar a sua inegável prevalência em África.

## A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO AO SERVIÇO DA ORALIDADE

35 Nas literaturas africanas de língua portuguesa, tendo em conta a especificidade de colonização que favoreceu a indigenização do colono e a aculturação do colonizado, em graus mais ou menos extremados e substancialmente diferentes das outras colonizações, a relação com as tradições e com a oratura começa por manifestar-se exactamente pelas diferentes “falas” com que os es-

40 critores africanos se assenhorearam da “língua”.  
O caso de Luandino Vieira é apenas exemplar e paradigmático de uma das “falas” possíveis, e de certo modo também demonstrativo, pela força do seu registo e pela sua atitude inaugural, de que as literaturas africanas de língua portuguesa encontraram maneiras próprias de dialogar com as “tradições”,  
45 intertextualizando-as, no corpo linguístico. Esta “tradução” das “oralidades” realizada na matéria da língua, trabalhada, mais ou menos involuntariamente, como corpo oficial e compósito de fragmentos de ritmos e formas, irá regular a sintaxe e a discursividade literária de modo inovador e surpreendente.

Através da literatura angolana, as literaturas africanas de língua portu-  
50 guesa trouxeram modernidade às literaturas africanas, fazendo coexistir na maleabilidade da língua, o novo com o antigo, a escrita com a oralidade, numa harmonia híbrida ou menos imparável, que os textos literários nos deixam fruir. Isto mesmo é reconhecido por críticos e teóricos africanos de outras áreas, como é o caso de Abiola Irele.

55 As teorias evolucionistas contribuíram muito para a dicotomia entre oral e escrito. A literatura oral era encarada como uma manifestação primária, simples, não sujeita a trabalho reflexivo, e um produto de uma comunidade, enquanto a literatura escrita revelava o oposto, final conclusivo de um processo de desenvolvimento: complexa, e resultante do trabalho de um só autor. Esta  
60 visão não se modificou muito com a antropologia funcional. Ruth Finnegan (1970:38) afirma que muitos estudos antropológicos defenderam que as instituições e produções criativas dos africanos eram puramente funcionais, normativas e com o intuito de manter a ordem social.

Honorat Aguéssy, em *Visões e Percepções Tradicionais*, afirma: “Em  
65 primeiro lugar lembramos que uma das características das culturas africanas tradicionais, a sua característica fundamental, é a oralidade. Enquanto, no quadro da escrita, as fontes de valores são os “autores”, as suas obras, o que cria reflexos culturais que levam os pensadores a negar qualquer réstea de pensamento onde não encontrem obras escritas, devemos hoje reconhecer que a  
70 oralidade pode produzir obras culturais muito ricas. (...) quando falamos de oralidade como característica do campo cultural africano, pensamos numa dominante e não numa exclusividade.”(1977:108).

Por outro lado, a ideia de que a oralidade é a resultante de um colectivo, permitiu a difusão de outro preconceito: o de que as tradições orais são acessí-  
75 veis a todos, são universalmente mais igualitárias, pelo acesso à voz, ao passo que a escrita e a tecnologia a ela associada requerem preparação especial e, naturalmente, são mais selectivas. Este pressuposto não toma em linha de conta, apenas para dar um exemplo, o secretismo e elitismo envolvidos na aprendizagem e recitação de certos géneros da oratura em que o bardo ou “griot” é um

80 especialista, escolhido ou por linhagem ou por profissão, e só ele detém o conhecimento dos textos mais longos e especiais, como a epopeia as genealogias ou a crónica histórica.

Por razões históricas, o perfil linguístico de cada país africano faz hoje coexistir pelo menos uma língua europeia, que funciona, na maioria dos casos, 85 como língua oficial, e um número variável de línguas africanas. A língua oficial tem contribuído, na maioria dos casos, para a realização de uma coesão nacional nestes países pluriétnicos. No que respeita à literatura, ela tem-se desenvolvido, enquadrada dentro desta diversidade linguística.

Oralidade, literatura: conto ou romance?

90 Os pressupostos teóricos mais ou menos extremados, idealistas e mitificados acerca da oralidade das tradições orais africanas levaram naturalmente a asserções desvirtuadas, ou pouco claras, no âmbito do estudo da análise narrativa e crítica das literaturas africanas, um pouco na sequência da ideia negritudiana 95 ou menos inatos. Um africano nasceria supostamente já com o espírito da dança e por isso seria naturalmente vocacionado para o jazz, o canto, etc.

Também no âmbito da literatura, o conto foi e continua a ser, muitas vezes, encarado como a “forma adequada”, o instrumento narrativo por excelência “africano”. Um exemplo desta postura crítica encontra-se nas palavras 100 de Adrian Roscoe ao afirmar que o romance não tem tradição em África, que não constitui um elemento significativo na tradição africana.

Ora, talvez mais do que qualquer outro género, o conto oral é universal e comum a todas as culturas e continentes. O facto de uma parte das sociedades africanas continuar a ser fundamentalmente camponesa e agrícola, e manter as 105 tradições orais como forma de preservação da sua bagagem cultural, não significa que o conto, a forma mais popular de transmissão de conhecimento e de cultura, seja necessariamente a forma “natural” ou “essencial” de reconhecimento da africanidade literária, forma por ele usada não é,

110 felizmente, denominador comum para todos os outros. Diferentes modos de apropriação da língua simulam e 115 executam diferentes registos de textualização das “oralidades”.

O facto de usarmos no plural a palavra “oralidade” visa exactamente 120 demonstrar que, por um lado as tradições orais são diferentes de país para país, embora com um registo linguístico-cultural 125 bantu comum, e dentro de cada país, de etnia



MIA COUJO  
CRONICANDO



para etnia, apesar de ser possível encontrar elementos unificadores na caracterização dos géneros e dos mitos, por exemplo. E o plural serve-nos neste caso também para significar o processo transformativo que a urbe provocou nas tradições rurais, modelando-as e recriando-as. E usamo-lo ainda, para acrescentar outros elementos, provenientes de outras oralidades, de que a língua matriz é portadora na sua origem cultural.

O plural “oralidades” permite-nos, além do que acima foi referido, distinguir o modo de relacionamento dos escritores com a textualidade oral e com as línguas. Ou seja, haverá talvez de distinguir três tipos de apropriação: o primeiro, o mais frequente, tanto na literatura angolana como na moçambicana, a tendência para seguir uma norma mais ou menos padronizada (como o caso de Pepetela ou Luís Bernardo Honwana) ou então “oralizar” a língua portuguesa, seguindo registos bastante diversificados entre si (por exemplo, o caso de Boaventura Cardoso, Manuel Rui ou de Ungulani Ba Ka Khosa).

O segundo tende a “hibridizá-la” através da recriação sintáctica e lexical e de recombinações linguísticas, provenientes, por vezes, mas nem sempre, de mais do que uma língua (os casos de Luandino Vieira ou de Mía Couto).

O terceiro, menos frequente, e utilizado apenas por escritores bilingues, cujo contacto com a ruralidade é mais íntimo e próximo, institui uma relação de diálogo, criando uma espécie de “interseccionismo” linguístico, em que prolongamentos de frases, ou partes de frases, se continuam em diferentes línguas, alternando ou imprimindo ritmos diversificados, assim como fazendo irromper, recuperadas, diferentes cosmovisões. Esta terceira e última situação, quase de dialogismo, é resultante da interacção entre as duas línguas conhecidas, uma africana e a outra a língua portuguesa, que tentam como “traduzir-se” mutuamente (como é o caso de Uanhenga Xitu e, diferentemente, de Fernando Fonseca Santos).

LEITE, Ana Mafalda, in <http://www.uea-angola.org/artigo>, consultado a 18.09.2010 (com supressões)

## LER - COMPREENDER

1. Fornecemos-te material de reflexão sobre os conceitos de *literatura/oratura* e ainda sobre a evolução semântica do lexema *literatura*. Relembramos que, em relação ao texto A, já leste um pequeno extracto na unidade 5, que agora está mais completo.

1.1. Com base nesse material fornecido elabora:

- a. uma ficha de leitura sobre as diferentes acepções do termo *literatura*;
- b. uma ficha de leitura sobre o termo *oratura*.

## PESQUISAR - FALAR

1. Pesquisa, na tua comunidade, um conto. Escreve-o e reconta-o na tua aula.

1.1. Refere-te à importância, para a sociedade, da mensagem veiculada no teu conto.

## Texto 2

Lê os seguintes textos.

### Texto A

# A RAPARIGA QUE ERA CURIOSA

Havia uma rapariga. Essa rapariga estava em idade de arranjar marido. Ela estava à espera que lhe aparecesse um rapaz. E esse rapaz apareceu. Ela gostou do rapaz e aceitou. Começaram a preparar as coisas que  
5 devem ser feitas até ao casamento. A mãe foi-lhe ensinando todos os trabalhos de uma casa. A mãe não se esquecia também dos costumes que ela deveria seguir tanto em casa dos sogros, como com o marido. Mas a rapariga tinha dois defeitos: ela era muito curiosa e era  
10 também muito comilona.

Quando chegou a altura de ela ir passar alguns dias junto dos sogros, a mãe explicou-lhe de novo o que deveria fazer e o que não deveria fazer.

Um dia, a sogra ia partir para a machamba.  
15 Deu-lhe uma certa quantidade de feijão-nhamba e disse-lhe: “Olha, tens aqui algum feijão-nhamba, coze-o para o nosso jantar”. Disse isso e foi-se embora.

A rapariga, que era comilona, achou pouca aquela quantidade. Mas não disse nada. Não disse nada porque queria ter justificação  
20 para penetrar nos aposentos da sogra. Ela era muito curiosa, além de ser comilona. Ela queria usar do pretexto de que o feijão era pouco.

Quando a sogra partiu, ela entrou nos aposentos e começou a abrir todos os recipientes. Ela não sabia que a sogra tinha “as suas coisas”. Abriu aqui e ali e viu tudo, até chegar ao último. Não foi fácil abri-lo, mas fez força e conseguiu.  
25 Saiu de lá uma hiena. Essa hiena era uma das coisas que a sogra possuía em segredo. Ela não sabia que a sogra era feiticeira.

A rapariga ficou assustada e quis fugir. Mas a hiena correu e foi postar-se junto à porta, impedindo-a de sair.

À noite, quando a sogra regressou e viu o que tinha acontecido, ficou  
30 muito chocada. Ela disse: “Uma nora que teve coragem de fazer o que tu fizeste representa o mesmo que um filho meu que tivesse tirado roupa na praça pública”. A rapariga nada podia dizer, estava cheia de vergonha.

Veio o marido, pegou nela e foi deixá-la à casa dos pais que tiveram de devolver tudo quanto ele tinha gasto com o casamento.

35 Até hoje essa rapariga não consegue casar. Todos os rapazes do mundo conhecem-lhe a história.



Xerinda, sem título, 2002

# O

## LADRÃO E O PAPAGAIO

Um tal Lomelino dos Reis, Dosreis para os amigos e ex-Lóló para as pequenas, vivia com a mulher dele e dois filhos no musseque Sambizanga. Melhor ainda: no sitio da confusão do Sambizanga com o Lixeira. As pessoas que estão morar lá dizem é o Sambizanga; a polícia que anda patrulhar lá, quer já é Lixeira mesmo. Filho de Anica dos Reis, mãe, e de pai não lhe conhecia, o comerciante mais perto era mesmo o Amaral. Ou assim disse, na Judiciária, quando foi na justiça. Mas também podia ser mentira dele, lhe agarraram já com o saco, lá dentro sete patos gordos e vivos e as desculpas nasceram ainda poucas.

Um amigo dele é que lhe salvou. O Futa, Xico Futa, deu-lhe encontro lá na esquadra, senão ia lhe pôr chicote o auxiliar Zuzé.

Começou assim:

Entrou meia-noite e meia já passava, o saco tinha ficado no piquete, os patos lá dentro a mexerem, cuacavam, cada vez estavam perceber tinham-lhes salvado o pescoço. Zuzé dormia nessa hora e sempre ficava raivoso quando lhe acordavam só para guardar um preso. Foi o que sucedeu. Cheio de sono, os olhos vermelhos parecia era tinha fumado diamba, deixou as mãos à toa revisitarem o homem, resmungando, xingando só para ele ouvir. Dosreis nem que mexia nada; quieto, os braços em cima da cabeça. (...)

O papagaio Jacó, velho e doente, foi roubado num mulato coxo, Garrido Fernandes, medroso de mulheres por causa a sua perna aleijada, alcunhado de Kam'tuta. Mas onde começa a estória? Naquilo ele mesmo falou na esquadra quando deu entrada e fez as pazes com Lomelino dos Reis que lhe pôs queixa? Nas partes do auxiliar Zuzé, contando só o que adianta ler na nota de entrega do preso? Em Jacó?

Então podemos falar a raiz do caso da prisão do Kam'tuta foi o Jacó, papagaio mal-educado, mesmo que para trás damos encontro com Inácia, pequena de corpo redondo que ele gostava, ainda que era camuela de carinhos; e, na frente, com Dosreis e João Miguel, pessoas que não lhe ligavam muito e riam as manias do coxo. O resto é o que me contou ele mesmo, Kam'tuta; o que falou o Zuzé, auxiliar, que leu na nota da polícia; mais o que eu posso saber ainda duma pequena como a Inácia e dum papagaio de musseque. (...)

A noite estava chegar, mas já morava no coração de Garrido logo na hora a Inácia decidiu acabar mesmo zangar o rapaz com o Jacó. Disse baixinho, quase nem que se ouvia:

35 – Kam'tuta, sunga...

Nem precisou acabar. Logo o Jacó abriu a asa e pôs um barulho parecia era riso de pessoa, antes de falar. Cantou:

Kam'tuta... tuta... tuta... sung'ó pé... pé... pé...

E depois Inácia continuou furar no coração dele. Disse:

40 – Tunda!...

Jacó não esperou. Mais alto que tudo, continuou cantar:  
Sung'ó pé... tundé... tundé... tundé

Sung'ó pé... pé...

E lembrou mesmo mais para acabar a brinca-

45 deira: pegou o bago de jinguba no bolso, pôs na boca dela, pediu:

– Jacó, Jacó... tira o baguinho!

Jacó veio e, com o cantar de riso dele, bicou-lhe na boca, tirou-lhe a jinguba. Garrido, era um soco cada  
50 vez ele fazia isso. Nem que aguentou mais, pediu:

– Inácia! Você me faz pouco, se quiser. Mas não deixa esse rosqueiro te mexer na boca. Um bicho porco!

Com cara de menina que não sabe nada, pôs os  
55 olhos grandes na cara de Garrido:

– Ai? Tem mal?

– Tem, Naxa.

Nem que refilou lhe chamar como ela não gostava.

– Tenho ciúme do bicho, pronto!

60 Não tinha mesmo no mundo cara tão sonsa como de Inácia nessa hora:

– Não digas?! Você sente raiva por papagaio me pôr beijo assim?...

– E se eu digo a ele: Jacó! Jacó! Procura o bago...

Nessa hora foi só ver o papagaio meter o bico, a cabeça toda no decote largo, procurando a jinguba Inácia tinha deitado lá no meio das mamas gordas  
65 que tremiam com o sacudir das asas do pássaro. Garrido nem sabia já o que sentia: se era o quissonde no sangue, o jindungo a correr, pensando o peito dela assim bincado devagarinho como Jacó sabia; se era raiva de apertar pescoço nesse bicho ordinário, podia mexer onde ele até tinha vergonha de olhar só.

– Também tem ciúme do meu peito, Gagá?

70 – Juro! Por acaso tenho! E raiva no Jacó!

– E se eu deixo ele andar dentro do vestido, você zanga, Gagá?

– Por acaso! Por acaso sou capaz de lhe apertar o pescoço. Juro! Inácia, não faz isso, não me provoca só, Naxa!

Mas o Jacó já saía com a cabeça do peito para engolir o bago, tinha-lhe  
75 encontrado, a Inácia ria toda, mexia, torcida de cócegas que as penas lhe punham. (...)

Minha estória. Se é bonita, se é feia, os que sabem ler é que dizem. Mas juro me contaram assim e não admito ninguém que duvide de Dosreis, que tem mulher e dois filhos e rouba patos, não lhe autorizam trabalho honrado; de  
80 Garrido Kam'tuta, aleijado de paralisia, feito pouco até por papagaio; de Inácia Domingas, pequena saliente, que está pensar criado de branco é branco – “m'bika a mundele, mundele uê” – de Zuzé, auxiliar, que não tem ordem de ser bom; de João Via-Rápida, fumador de diamba para esquecer o que sempre está lembrar; de Jacó, coitado papagaio de musseque, só lhe ensinam asneiras  
85 e nem tem poleiro nem nada...

E isto é a verdade, mesmo que os casos nunca tenham passado.



# HISTÓRIA DE KABÁ

Diz Caramô ter nascido Kabá numa “tabanca” mandinga de Sancorlá, perto da fronteira que limita a nossa Guiné do território da África Ocidental Francesa.

A sua vida agitada começa, porém, na aldeia de Ianabá, onde o vamos encontrar já com 10 anos, órfão de pai e de mãe. Essa estranha personalidade revelava-se então por um desenvolvimento mental invulgar e a mais extraordinária destreza para a luta, para a caça e para a dança. Era um rapaz irrequieto e insubmisso para toda a gente daquela aldeia.

Jamais o conseguiram domar e sujeitar aos trabalhos próprios dos meninos da sua idade. Se o mandavam guardar vacas, não tardava que os animais, abandonados pelo zagal, se tresmalhassem pelo mato e pelos campos lavrados, fazendo estragos por toda a parte. O pequeno Kabá internava-se e, no seio da Natureza luxuriante de vida, enchia os pulmões do ar aromatizado e a sua garganta vigorosa arremedava os gritos das aves, olhos fulgurantes de libertação, expressão transmutada num misto de perversidade e audácia.

O fogoso temperamento do nosso pequeno herói atingia a exaltação, quando o acaso lhe permitia surpreender as feras em disputa mortal. Mas se pressentia o búfalo selvagem, na pastagem ou a dormir a sesta, trepava ao arvoredado e aproximava-se, de ramo em ramo, como os macacos, que escorraçavam aos gritos. Ficava-se a contemplar o olhar sanguíneo dos brutos, depois marcava o mais corpulento, porventura o veterano do curral, e atirava-lhe pedras ou mangos, fazendo-o sacudir a cabeça, indiferente no rilhar da erva tenra. Choviam os projecteis e em breve se manifestava a ferocidade do búfalo, aos mugidos, até que largava a correr, cabeça baixa, arrastando os companheiros na debandada.

Do cimo das árvores, o atrevido menino gozava o desespero da fera e rejubilava, seguindo-o com o olhar, tão feroz como o próprio búfalo.

Voltava sempre ao povoado com mais um arranhão a sangrar, para juntar às muitas cicatrizes que lhe ornavam o corpo já rasgado por todos os espinhos da floresta.

Não havia correctivo ou sequestro que o retivessem na aldeia e só prestava atenção às prédicas do “almami”, nas horas da escola mandinga, na “tabanca”, em especial aos ensinamentos do Alcorão. Na escola do velho “almami”, era sempre o mais aplicado e a sua inteligência excepcional fazia pensar aos velhos da aldeia que o menino rebelde estava marcado por Allah para grandes destinos.

Certo dia passaram na aldeia uns “djiló” – “saraculés” errantes – e o menino assistiu ao negócio que esses mercadores nómadas fizeram com a gente da povoação. Não poupou os traficantes, descobrindo-lhes a matreirice das propostas, e de tal modo foi atrevido que o mercador mais velho procurou informar-se, interessado pela esperteza do menino. Chamou-o e disse-lhe:

- 40 – Pobre rapaz! Não gostarias de conhecer os teus pais?  
O menino fitou-o, agressivo, e não respondeu.
- Se quiseres podias vir comigo. Conheço bem o mundo e sei onde podes encontrar todas as pessoas que morreram nestas terras. Talvez os teus pais estejam vivos e tu os possas ver!
- 45 Kabá chegou-se para o “djiló” e respondeu-lhe então:  
– Vou contigo, pois quero conhecer essas terras.  
A notícia espalhou-se pela aldeia e todos se alegraram com a audaciosa partida do menino. Porém, o “almami” chamou-o e aconselhou-o:  
– Não vás! Essa gente não é de fiar. Aqui na aldeia todos conheceram os
- 50 teus pais e desculpam as tuas diabruras.  
– Mas vou! – teimou o menino.  
– Quem é aconselhado e não quer ouvir, tem de ver com os próprios olhos! – sentenciou o “almami”.  
– Vou porque Allah pode guiar-me os passos para uma grande terra, onde
- 55 farei melhor vida – insistiu o menino, irredutível naquela decisão.  
O velho “almami”, conformado, abençoou-o:  
– Pois vai! – pegou-lhe na mão direita, beijou-a e levou-a ao nariz e à testa e acrescentou: – Vai, que Allah seja contigo.  
Nessa tarde os “djiló” seguiram viagem e o povo da aldeia acompanhou-o
- 60 até à porta da paliçada, desejando-lhe a maior sorte.  
Os mercadores seguiram pela estrada com as cargas à cabeça, em animada conversa, mas o menino recusou-se a ajudá-los no carregamento.  
Ao anoitecer, chegaram ao vau de um rio e todos se despiram para o atravessar. Mais uma vez procuraram o auxílio do menino e quiseram entregar-lhe as roupas, mas encontraram sempre a recusa feroz de Kabá, que lhes
- 65 respondeu agressivamente:  
– Não venho para vosso criado!  
Os mercadores desinteressaram-se de o convencer e prosseguiram a viagem.  
– É melhor mandar o garoto para trás – disse um dos mercadores – Não
- 70 me parece que dali venha bom destino para nós!  
O “djiló” mais velho explicou, em árabe:  
Só nos interessa o dinheiro e por isso vendê-lo-emos como escravo na primeira “tabanca”.  
Kabá ouviu e interpelou-os com a maior calma, sem se atemorizar:
- 75 – Sigo o vosso caminho até encontrar meu pai, como tu me prometeste.  
Se o não encontrar, quero ser livre e voltar à minha terra. Por isso, reparem bem! Eu não sou vosso escravo!  
– É atrevido o menino! – comentou o primeiro “djiló” – Eu bem digo que nos vai dar dissabores.
- 80 A viagem decorreu ainda por muitos meses neste ambiente de hostilidade mútua; e, embora algumas vezes o tivessem tentado vender como escravo, Kabá soube defender-se e mostrar que era companheiro dos “djiló”, sem dispor de qualquer direito sobre ele.

## LER – COMPREENDER – FALAR – ESCREVER

1. O texto A pertence à oratura Moçambicana. Como já sabes, o conto desempenha um importante papel social na comunidade, educando e transmitindo conhecimentos. O conto A é um exemplo de transmissão de valores morais.
  - 1.1. Indica a mensagem transmitida pelo conto.
2. O texto B é da autoria de Luandino Vieira (já conheces um pouco da obra deste autor, pois já leste o conto "Estória da Galinha e do Ovo"). Leste agora extractos de um outro conto do mesmo livro, *Luuanda*.  
Vamos apresentar-te o autor e o seu livro *Luuanda*.

**Biografia**

José Vieira Mateus da Graça, conhecido por Luandino Vieira, nasceu em 1935, em Portugal e foi viver para Angola com apenas 3 anos. Cidadão angolano pela sua participação no movimento de libertação nacional, escolheu o nome de Luandino como homenagem a Luanda.

**A identidade nacional nos contos de *Luuanda***

A obra literária de José Luandino Vieira – especialmente contos nos quais o espaço literário está centrado nos musseques, nos bairros pobres e, portanto, nas vítimas da discriminação e opressão económica – contribuiu para a integração cultural e linguística de Angola. Os seus contos têm por função ajudar a reconstruir a cultura de um povo que, por muito tempo, foi desenraizada e fragmentada.

José Luandino, embora de origem portuguesa, soube introduzir nos seus textos a língua falada dos musseques e o Kimbundu, apresentando-os não de forma exótica, mas integrada no contexto maior da estória.

Os textos são literariamente muito bem elaborados e contam com um motivo figurador central. No conto "O Ladrão e o Papagaio", esse motivo central é o "cajueiro". Ao redor da imagem da árvore – símbolo universal de unidade, regeneração, auto-realização e crescimento orgânico, desenvolve-se a acção discursiva no conto. Ao discorrer sobre o fio da vida, o personagem Xico-Futa completa o seu ensinamento: "(...) não adianta ficar vaidosos com a mania que partiram o fio da vida, descobriram o princípio do cajueiro...". E mais adiante conclui: "... o fio da vida não foi partido".

Podemos perceber no texto também a preocupação do autor quanto aos verdadeiros sentimentos de apego aos costumes e tradições, quando se recomenda que se deve começar pelas coisas da terra, "costuma-se começar, para ser mais fácil, na raiz dos paus, na raiz das coisas, na raiz dos casos, das conversas" (*Luuanda*). Segundo alguns críticos, Luandino sugere como princípio para a construção da identidade nacional, a formação da personalidade na vivência familiar e no grupo étnico, bem como a educação.

Já no conto "Estória da Galinha e do Ovo", a trama desenvolve-se em volta da disputa por um ovo, que simboliza a identidade do grupo (os habitantes pobres de um musseques). Dois modos de existência do grupo são possíveis, o conflito interno, ou a união para se defenderem da opressão económica, racial ou policial.

BABIANO, Deize Pereira, in [http://www.mnoticias.com/luandino\\_vieira](http://www.mnoticias.com/luandino_vieira), consultado a 09.08.2010

2.1. Depois de teres lido os contos inseridos no livro *Luuanda*, comenta esta afirmação:

*O trabalho da linguagem e a construção de um discurso autenticamente angolano ressaltam na obra de Luandino Vieira. A sua vivência – passou a infância no musseque do Braga, em Luanda –, faz com que a sua obra testemunhe um conhecimento vivido no universo desse bairro periférico. Mediante uma inventiva pesquisa de redescoberta da palavra, Luandino elabora uma linguagem do entre-lugar.*

3. Este é um conto tradicional da Guiné-Bissau, recolhido por Viriato Augusto Tadeu.

3.1. Reconta, para a tua turma, este conto.

## Texto 3

Do livro *O Homem Nu*, apresentamos-te um extracto que, pelo insólito da situação apresentada, te irá certamente motivar para a leitura integral da obra.

O seu autor, Fernando Tavares Sabino, nasceu no Brasil em 1923 e morreu em 2004. Foi um insigne escritor e jornalista brasileiro. Tem uma vasta obra da qual podemos destacar: *A Mulher do Vizinho*, *O Menino no Espelho*, *Os Caçadores de Mentiras*, etc.

# O HOMEM NU

Ao acordar, disse para a mulher:

– Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

5 – Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

– Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

10 Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo  
15 padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até à campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do  
20 chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

– Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá em baixo a porta do elevador fechar-se, viu o  
25 ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

– Maria, por favor! Sou eu!

30 Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um *ballet* grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empre-  
35 gada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

– Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá em baixo abriria a porta do elevador e daria com ele  
40 ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe do seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime de Terror!

– Isso é que não – repetiu, furioso.

45 Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá em baixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência,  
50 largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

– Maria! Abre esta porta!... gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando, inutilmente, cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do aparta-  
55 tamento vizinho:

– Bom dia, minha senhora – disse ele, confuso. – Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um

grito:

– Valha-me Deus! O padeiro está nu!

60 E correu ao telefone para chamar a rádio patrulha:

– Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

– É um tarado!

– Olha, que horror!

65 – Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

70 – Deve ser a polícia – disse ele, ainda ofegante, indo abrir.  
Não era: era o cobrador da televisão.

SABINO, Fernando, *O Homem Nu*, Rio de Janeiro, Edição do Autor, 1960



Faz o levantamento, a nível sintáctico e semântico, de expressões que identifiquem o texto como produzido por um autor brasileiro. Resume o texto.

## TEXTO 4

A abertura moçambicana manifesta-se, também, através de fábulas, mitos, provérbios... Apresentamos-te mais uma fábula.

# O LEÃO E O ELEFANTE

Uma vez um Leão e um Elefante combinaram levar os seus filhos para a circuncisão porque estavam crescidos e era o momento. O Elefante pediu ao Leão: "Arranje o amigo uma pele, que eu vou tratar de arranjar um tambor."



O Leão foi caçar uma impala e, quando regressava, encontrou-se com o Leopardo chamado Nikurukuru Nimuako. O Leopardo pediu encarecidamente ao Leão a pele da impala, comprometendo-se a esticá-la e prepará-la para a cerimónia de circuncisão.

E ia o Leopardo com a pele da impala e encontrou-se com a Hiena (Nikuthua), que lhe rogou pela pele que o Leopardo recebera do Leão, para os seus filhos poderem ir assistir à circuncisão dos filhotes do Leão; a Hiena foi tão insistente e inabalável no seu propósito que o Leopardo cedeu ao pedido, tendo apenas recomendado que ela não comesse a pele porque a mesma era do régulo.

A Hiena dobrava a curva seguinte e calhou encontrar-se com um Cão. Este assim que viu a pele nunca mais a largou. Aquilo foi um peditório, uma ladainha tão repisados que a Hiena ficou cansada só de ouvir, e acabou por lhe confiar a pele de boa vontade, recomendando-lhe embora:

"Mas por amor de Deus, olhe que não é para comer... que pertence ao régulo."

Mas o Cão, que atendia ao nome de Uajuania, logo que se apanhou sozinho comeu a pele, com gana e gosto, não cumprindo com o que fora tão vivamente recomendado.

Chegou o Elefante mais o tambor e faltava-lhe a pele para o tapar. Resolveu então chamar o Leão para lhe trazer a pele.

Como a pele não estava na mão do Leão, este começou a cantar, chamando por aquele que a tinha. Entoava: "Nikurukuru Nimuako, wihe nthapala assana yule, yule, yule" o que vale por dito: "Ó Leopardo, traz a pele para as crianças irem à circuncisão."

O Nikurukuru, ouvindo o régulo, começou a entoar por sua vez: "Nikuthua, nikuthua wihe, wihe nthapala assana yule, yule yule yule" o que vale por dito: "Ó Hiena, traz a pele para taparmos o tambor para as crianças irem à circuncisão."

Uivou Uajuania com a voz trémula: “Nokura nó, nó, nó”, três vezes, o  
 35 que vale por dito: “Comi toda a pele.”

Então começaram a perseguir o Cão e ele fugiu para dentro de uma casa, onde, cheio de medo, se enfiou debaixo da cama. Perguntavam-se os homens que género de animal lhes entrara dentro de casa quando lhe ouviram a voz amedrontada:

40 “Não me façam mal, não me façam mal, posso até montar guarda à casa e comprometo-me a ir sempre para onde me mandarem, ah, e com a comida, não se preocupem, se necessário hei-de deliciar-me com as vossas necessidades maiores”.

Por isso é o Cão amigo do homem.

NTUNDO, Matias, *Fábulas de Cabo Delgado*, Maputo, Editora Kapicua, Livros e Multimédia, 2009

## FALAR - ESCREVER

1. A preservação do património cultural deve ser uma preocupação, sobretudo para os jovens.
  - 1.1. Aborda, com os teus colegas de grupo, formas de preservação do património cultural e, em seguida, elaborem um texto curto com as conclusões a que chegaram.

## Texto 5

Nesta unidade, dedicada à literatura, apresentamos-te agora alguns textos poéticos de Camões, Garrett e Pessoa.

### Texto A

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
 muda-se o ser, muda-se a confiança;  
 todo o mundo é composto de mudança,  
 5 tomando sempre novas qualidades.

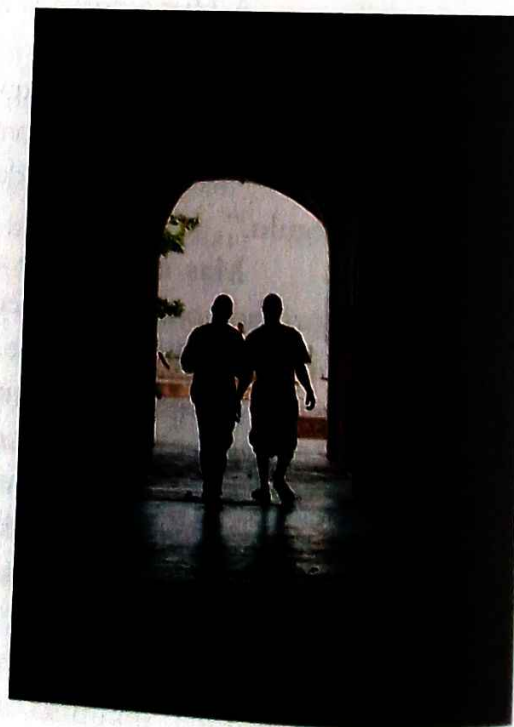
Continuamente vemos novidades,  
 diferentes em tudo da esperança;  
 do mal ficam as mágoas na lembrança,  
 e do bem (se algum houve) as saúdades.

10 O tempo cobre o chão de verde manto,  
 que já coberto foi de neve fria,  
 e em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
 outra mudança faz de mór<sup>1</sup> espanto:  
 que não se muda já como soía<sup>2</sup>.

CAMÕES, Luís de, *Lírica Completa - II*, 2.ª ed., Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Glossário: <sup>1</sup> mór: maior; <sup>2</sup> soía: costumava



# ESTES SÍTIOS!

Olha bem estes sítios queridos,  
Vê-os bem neste olhar derradeiro...  
Ai! o negro dos montes erguidos,  
Ai! o verde do triste pinheiro!

5 Que saudades que deles teremos...  
Que saudades! ai, amor, que saudades!  
Pois não sentes, neste ar que bebemos,  
No acre cheiro da agreste ramagem,  
Estar-se alma a tragar liberdade  
10 E a crescer de inocência e vigor!  
Oh! aqui, aqui só se engrinalda  
Da pureza da rosa selvagem,  
E contente aqui só vive Amor.  
O ar queimado das salas lhe escalda  
15 De suas asas o níveo candor,  
E na frente arrugada lhe cresta  
A inocência infantil do pudor.  
E oh! deixar tais delícias como esta!  
E trocar este céu de ventura  
20 Pelo inferno da escrava cidade!  
Vender alma e razão à impostura,  
Ir saudar a mentira em sua corte,  
Ajoelhar em seu trono à vaidade,  
Ter de rir nas angústias da morte,  
25 Chamar vida ao terror da verdade...  
Ai! não, não... nossa vida acabou,  
Nossa vida aqui toda ficou.  
Diz-lhe adeus neste olhar derradeiro,  
Diz à sombra dos montes erguidos,  
30 Di-lo ao verde do triste pinheiro,  
Di-lo a todos os sítios queridos  
Desta ruda, feroz soledade,  
Paraíso onde livres vivemos,  
Oh! saudades que dele teremos,  
35 Que saudade! ai, amor, que saudade!



## Texto C

# D A MINHA ALDEIA...

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver o Universo...  
 Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,  
 Porque eu sou do tamanho do que vejo  
 E não do tamanho da minha altura

- <sup>5</sup> Nas cidades a vida é mais pequena  
 Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
 Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,  
 Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,  
 Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,  
<sup>10</sup> E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

CAEIRO, Alberto (Heterónimo de Fernando Pessoa), *Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2009

### LER – COMPREENDER

1. Nos três poemas, a mudança é o tema central.
  - 1.1. Distingue as várias perspectivas em que o tema é abordado.
2. Compara os poemas quanto à forma e justifica a sua regularidade ou irregularidade.
3. A cidade é vista de forma depreciativa.
  - 3.1. Em que textos isso se verifica?
  - 3.2. Faz o levantamento dos adjectivos e verbos que apoiam essa visão depreciativa.
4. No texto C, propõe sinónimos para "ver", tendo em atenção o que esse verbo significa no poema.
5. Os poemas pertencem a períodos literários diferentes: Classicismo, Romantismo e Modernismo.
  - 5.1. Procura informações sobre esses períodos.

### FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

#### FIGURAS DE ESTILO

##### Nível semântico (de pensamento)

##### Perífrase

A perífrase é uma figura de estilo que consiste na substituição de uma palavra ou expressão por uma expressão ou frase maior.

Exemplo:

*Eternos moradores do Luzente,  
Estrelífero Pólo e claro assento*

Camões, *Os Lusíadas*

Ao empregar esta expressão para se referir aos deuses a quem Júpiter se dirige, Camões utiliza a **perífrase**, exprimindo uma ideia (deuses do Olimpo) através de uma expressão mais longa, indirecta e enfática (*Eternos moradores do Luzente, / Estrelífero Pólo e claro assento*). Através dela, o poeta explicita a ideia que pretende transmitir, dando mais ênfase ao discurso.

### Antítese / Oxímoro

A figura de estilo que exprime a oposição ou contraste entre expressões contíguas é a antítese.

Exemplo:

*Coitado! Que em um tempo choro e rio,  
Espero e temo, quero e aborreço.*

Camões

Para sugerir estados de alma opostos, Camões aproximou realidades diferentes que se contradizem: *choro/rio, espero/temo, quero/aborreço*.

Se a afirmação liga dois termos que se excluem mutuamente, formando assim um paradoxo, constitui um **oxímoro**:

Exemplo:

*Amor é fogo que arde sem se ver*

Camões

### Gradação

A gradação é uma figura de estilo relacionada com a enumeração, onde são expostas determinadas ideias de forma crescente (em direcção a um clímax) ou decrescente.

Exemplo:

*Tudo começou no meu quarto, onde concebi as ideias que me levariam a dominar o bairro, a cidade, o país, o mundo... E a desejar o próprio Universo.*

### Figuras de sintaxe

#### Hipérbato

**Hipérbato** é a inversão da ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com uma finalidade expressa – realçar os termos antepostos.

Exemplo:

*Paciência tenho eu tido.*

#### Nota:

A publicidade recorre muitas vezes a este processo, como acontece neste anúncio:  
*Muitos destinos, poucos meticais.*

## Assíndeto

Assíndeto é a omissão repetida de conjunções entre orações que se dispõem em sequência.

Exemplo

*Ri, chora, canta, entristece.*

A frase omite várias vezes o uso da conjunção *e*, substituindo-a pela vírgula.

## PRÁTICA

1. Faz o levantamento das figuras de estilo até aqui estudadas (interrogação, hipérbole, elipse, pleonasma, apóstrofe, prosopopeia, anáfora, anástrofe, perífrase, antítese, gradação, oxímoro, hipérbato e assíndeto), nos poemas atrás apresentados. Em caso de dúvida consulta as unidades 5 e 11.
2. E tu também sabes escrever poesia. Faz um pequeno poema, pode ser uma só estrofe, sobre a mulher, empregando as figuras de estilo agora estudadas.

## Texto 6

Como já estudaste em unidades anteriores, a canção é uma das manifestações da tradição oral em todas as comunidades de Moçambique. Todos os grupos possuem canções para exprimirem os seus pensamentos e sentimentos e estas estão presentes em todas as realizações da vida das comunidades.

Encontram-se canções de diferentes estilos: lírico, elegíaco, épico, dramático, etc. Há ainda os cantos que se entoam durante o trabalho e os encantamentos aos animais e aos espíritos.

Lê atentamente a seguinte canção tradicional.

# CANÇÃO

*Xwe! Xwe! Nambzana Wutele!*

*O lago transbordou!*

*Nós vemos a ave de presa que voa muito alto no céu!!*

*Quem é essa ave? É Muzila!*

— In *Usos e Costumes dos Bantu*, tomo 2, recolha de Henri Junod, Maputo, Arquivo Histórico de Moçambique, 1996

## LER – COMPREENDER – ESCREVER

1. Diz, por palavras tuas, o sentido da canção e explica quem foi Muzila.
2. Inspirado por esta canção recolhida por Henri Junod, escreve também tu uma canção tradicional.

## Texto 7

Leitura alguns poemas dos poetas que se seguem. Ainda assim, convidamos-te a ler mais alguns e aconselhamos-te a leres muitos outros que encontrarás através das referências bibliográficas.

## Texto A

SURGE ET AMBULA<sup>1</sup>

Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.  
Dormes! e o mundo rola, o mundo vai seguindo...  
O Progresso caminha ao alto de um hemisfério  
E tu dormes no outro o sono teu infindo...

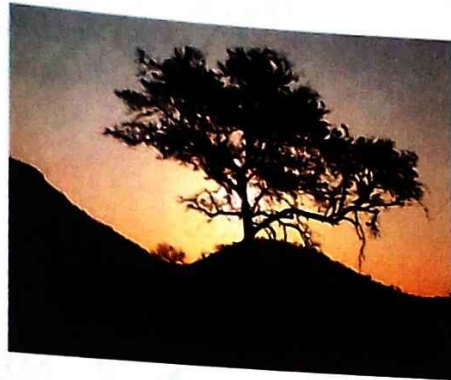
5 A selva faz de ti sinistro eremitério  
Onde sozinha à noite, a fera anda rugindo...  
Lança-te o Tempo ao rosto estranho vitupério  
E tu, ao Tempo alheia, ó África, dormindo...

Desperta! Já no alto adejam negros corvos  
10 Ansiosos de cair e de beber aos sorvos  
Teu sangue ainda quente em carne de sonâmbula.

Desperta! O teu dormir já foi mais do que terreno.  
Ouve a voz do Progresso, este outro Nazareno  
Que a mão te estende e diz-te: – África, surge et ambula!

NORONHA, Rui de, *Os Meus Versos*, Maputo, Texto Editores, 2006

Glossário: <sup>1</sup> *surge et ambula* (expressão latina): levanta-te e anda.



## Texto B

## SE ME QUIERES CONHECER

Se me quiseres conhecer  
Estuda com olhos de bem ver  
Esse pedaço de pau preto  
Que um desconhecido irmão maconde  
5 De mãos inspiradas  
Talhou e trabalhou em terras distantes lá do norte.  
Ah! Essa sou eu:  
órbitas vazias no desespero de possuir a vida  
boca rasgada em ferida de angústia,  
10 mãos enormes, espalmadas,  
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,



corpo tatuado feridas visíveis e invisíveis  
 pelos duros chicotes da escravatura...  
 torturada e magnífica  
 15 ativa e mística,  
 África da cabeça aos pés,  
 – Ah, essa sou eu!  
 Se quiseres compreender-me  
 Vem debruçar-te sobre a minha alma de África,  
 20 Nos gemidos dos negros no cais  
 Nos batuques frenéticos dos muchopes  
 Na rebeldia dos machanganas  
 Na estranha melodia se evolvendo  
 Duma canção nativa noite dentro  
 25 E nada mais me perguntes,  
 Se é que me queres conhecer...  
 Que não sou mais que um búzio de carne  
 Onde a revolta de África congelou  
 Seu grito inchado de esperança.

SOUSA, Noémia de, in *Notícias*, 07.03.1958

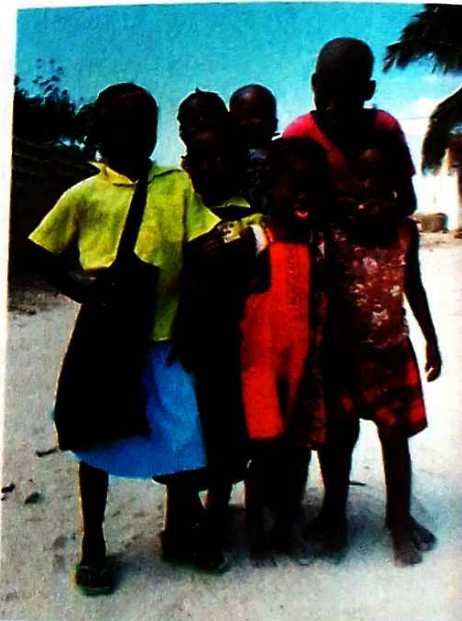
## Texto

# O MEU PREÇO

Eu cidadão anónimo  
 do País que mais amo sem dizer o nome  
 se é para me dar de corpo e alma  
 dou-me todo como daquela vez em Chaimite.  
 5 Dou-me em troca de mil crianças felizes  
 nenhum velho a pedir esmola  
 uma escola em cada bairro  
 salário justo nas oficinas  
 filas de camiões carregados de hortaliças  
 10 um exército de operários todos com serviço  
 um tesouro de belas raparigas maravilhando as praias  
 e ao vento da minha terra uma grande bandeira sem quinas.  
 Se é para me dar  
 Dou-me de graça por conta disso.  
 15 Mas se é para me vender  
 vendo-me mas vendo-me muito caro.  
 Ao preço incondicional  
 De quanto me pode custar este poema

(Dezembro/1969)

CRAVEIRINHA, José, *Cela 1*, Maputo, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980



## LER - COMPREENDER

1. Nos três poemas que acabaste de ler, há um tema recorrente.
  - 1.1. Indica-o e justifica a tua resposta com transcrições dos textos.
2. Faz a análise formal dos poemas.
3. Identifica as marcas que permitem classificar os poemas como pertencendo ao género lírico.

## ESCREVER

1. Produz um ou vários poemas líricos nos quais exaltes a tua pátria moçambicana.

## Texto 8

Lê os seguintes poemas, classificados como "poesia de combate".

### Texto A

## AS TUAS MÃOS

As tuas dores  
 mais as minhas dores  
 vão estrangular a opressão

Os teus olhos  
 5 mais os meus olhos  
 vão falando da revolta

A tua cicatriz  
 mais a minha cicatriz  
 vão lembrando o chicote

10 As minhas mãos  
 mais as tuas mãos  
 vão pegando em armas

A minha força  
 mais a tua força  
 15 vão vencer o imperialismo

O meu sangue  
 mais o teu sangue  
 vão regar a vitória



GUEBUZA, Armando, *Poesia de Combate 2*, Maputo, 1965

## Texto B

# Ó MOÇAMBIQUE MEU PAÍS BEM AMADO

Os teus filhos  
Entoam já este canto  
Que percorre a África inteira

Este canto  
5 Nascido do ódio  
À escravatura à fome e à miséria

Este canto de Esperança

Este canto de certeza

Este canto do Amor Natural

SANTOS, Marcelino dos, *Canto do Amor Natural*, Maputo, Associação dos Escritores Moçambicanos

## Texto C

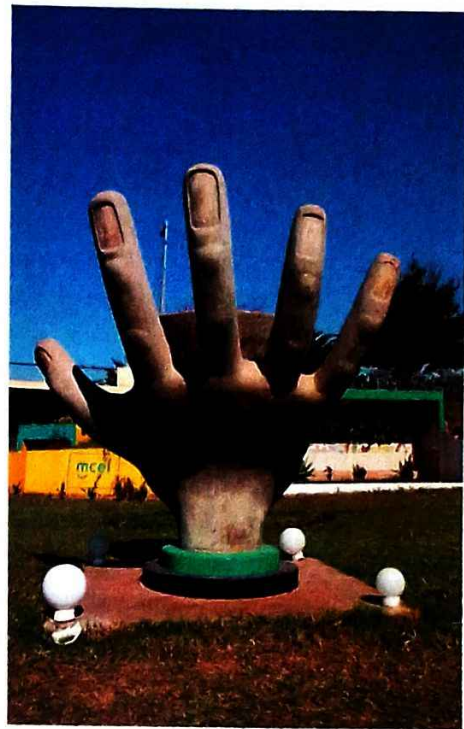
Pelos teus Quarenta Anos  
Queria oferecer-te  
um braçado de flores,  
vermelhas

5 como das nossas acácias,  
a cor da realidade  
que nos soubeste  
fazer implantar  
na Pátria.

10 Mas o tempo delas  
ainda não chegou.  
hoje,  
das nossas mãos  
e inteligência,  
15 da nossa iniciativa,  
libertadas  
pela batalha  
em que nos conduzes,  
apenas brotam ainda  
20 os poços e cisternas,  
as lagoas  
que irrigam



as machambas colectivas,  
 para o ventre vazio  
 25 das crianças.  
 Pelos teus quarenta anos,  
 o tempo  
 que a inteligência  
 já temperada  
 30 na prática  
 e amadurecida  
 no combate popular,  
 rasga  
 horizontes  
 35 e perspectivas  
 que entranham  
 a linha  
 nos nervos e sangue  
 de cada um,  
 40 quero-te  
 somente oferecer,  
 com a mensagem fraternal  
 de amizade,  
 a certeza  
 45 que juntos  
 edificaremos a Pátria  
 da Nova Sociedade



Escultura na Praça da Independência, Tete, Moçambique

(29 de Setembro de 1973)

VIEIRA, Sérgio, *Também Memória do Povo*, Maputo, Associação dos Escritores Moçambicanos, 1983

## LER – COMPREENDER

1. Justifica a classificação dos textos A, B e C como “poesia de combate”.
2. Os poemas de combate recorrem ao uso de diversas figuras de estilo (anáfora, paralelismo, invocação, metáfora e hipérbole).
  - 2.1. Identifica essas figuras nos textos A, B e C.

## FALAR – ESCREVER

1. Elabora um poema de combate, atendendo às características deste tipo de texto.
2. Recita-o, em seguida, na turma.

## Texto 9

Lê a crónica seguinte de um escritor já teu conhecido, Mia Couto.

### CARTA ENTREABERTA DO CORRUPTO NACIONAL

5 Desta vez, não cronicarei. Folgo-me, em dispensa de rabisco. Não haveria rubrica se não tivesse recebido uma carta, vinda de anónima identidade. A assinatura se resumia assim: um corrupto nacional. A carta, fui a ver, estava cheia de teor. Daí a ideia de a transcrever mesmo sem o permissu do desconhe-

5 cido autor. Dois pontos:

“Caros,

Supra-escrevo-me: sou um corrupto nacional. Dedico esta minha carta a todos que têm contribuído para a nossa normal desorganização, estado que muito me tem facilitado a obra e o recheio. Se hoje me promovi a dono é devido

10 desses incógnitos. Bem hajam.

Contudo, a verdadeira razão desta minha reactividade é uma lamentação. Desejo publicar esta minha tristeza, muito desiludida. Passo a expor o problema central, nem vale a pena trincar o fruto antes de tirar a casca: nós não estamos a valorizar devidamente a corrupção nacional. Um corrupto moçambicano

15 dedica-se, esmera-se: nunca o seu valor é publicamente reconhecido. Seus feitos só são obra de menção vaga, boatável, mais fluida que cacimbo. Eu pergunto, caros senhores: então só a corrupção estrangeira é que merece? Colunas e colunas nos jornais, com nomes, fotografias e destaques. Só a nossa indígena depravação é que é rebaixada. Lá fora, cambalachos e subornos valem escândalos, justificam

20 primeiríssimas páginas. É só ver os jornalistas a investigar, coleccionando provas e argumentos. E os agentes policiais num rodopio, à caça de flagrantes. Demora o seu tempo, mas depois o assunto vem ao baile, com pompas e arraiais. Vale a pena, nesses tais países, ser-se corrupto de médio alcance. Pois um desonesto se sente devidamente divulgado e apreciado. Agora, entre nós, não.

25 Que complexo é esse, meus irmãos? Que imagem estamos a dar nós ao mundo? Então só em Moçambique é que ninguém é apanhado com a mão na massa ou surpreendido com a boca na botija? O que pensarão, no estrangeiro? Certamente, que não dispomos nem de massa nem de botija. Ou pior: acreditarão que não passamos de manetas desbocados.

30 Eu me adianto, com a devida requisição de desculpas: os moçambicanos tardam em arregaçar as mangas. Será sempre por falta de mangas, pergunto. Não. Se o caso fosse, se o motivo fosse, só indisposição de roupa, veríamos muitos a arregaçarem os braços. Será o quê, então? A verdade é que os nossos jornalistas só comentam as vigarices no seu aspecto geral, rosto largo e nuvemuloso.

35 Enquanto nós merecemos um glossário, com registo de patente. Outros escrevem com linguagem maltrapilha, baixando o nível da temática. Será incapacidade? Não posso aceitar. Se há talentos para a corrupção, não haverá os mesmos talentos

para a correspondente vacina? Há terapêutica menor que a doença? Piso e repito: nós, os depravados nacionais, merecemos uma reportagem integral com nossos autenticados nomes e comprovados números. Recusamos continuar misturados com os demais honestos, coitados, não é por falta de respeito. Mas assim, nesta mestiçagem de trigo e jóias, é que não pode ser.

Ressublinhando: os jornalistas fizeram o seu trabalho no Zimbabwe, nos Estados Unidos, onde e onde. Porque há que dividir tarefas: jornalistas fazem jornalismo, polícias fazem averiguações e corruptos fazem corrupção. Nada de mistura. Só assim se conseguiram fazer explodir essas escandaleiras, os “gates” de variadíssima ordem. Nós, peixe-graúdo, queremos ser exibidos, boca aberta, bolsos luzindo espertezas.

Porque, em Moçambique, um corrupto mesmo pode desmoralizar. Uma pessoa entrega-se à sua vocação, aplica golpes por baixo do ventre nacional, rouba aos pobres para dar aos ricos, tudo isso para ser ignorado. O que pode fazer um subornista interno? Esperar que, em algum outro lado, se construa um túmulo ao corrupto desconhecido? Ou que tal, nós, os artistas do cambalacho, entrarmos em greve? Quantos países, por esse mundo, não paralisariam com semelhante greve? Era só ver o planisfério pontado de nações paralíticas. Mesmo eu já pensei em entregar-me às autoridades. Porque se estou à espera de ser apanhado, corro o risco de nunca mais comparecer nas bocas do mundo.

Por isso, eu apelo ao público em geral: investiguem-nos, denunciem os nossos esquemas. Concedam-nos a atenção e seriedade que nos é devida. Não nos reservem o boato, que deixa tudo igual ao que já foi. (...)

Termino, apelativo: valorizemos a corrupção nacional, sem complexos de inferioridade em relação ao estrangeiro. Mostremos ao mundo que nós outros não somos quaisquer, já dispomos de competência equiparável aos modernos padrões internacionais.

Atenciosamente

Um corrupto nacional”

Escreveu o candongueiro. De boleia, termino também a viagem. Vou-me apear neste parágrafo. O que mais existe na vida é aquilo que mais se inventa. Pois se o mundo está às avessas, sábio é o morcego que dorme de travesseiro nos pés. Cá eu prossegurei o fatigável labor de encontrar a ostra dentro da pérola.

COUTO, Mia, *Cronicando*, Maputo, Ndjira, 2008

## LER – COMPREENDER

1. A crítica à corrupção é feita utilizando uma poderosa arma, a ironia.
  - 1.1. Justifica esta afirmação.
2. O cómico em Mia Couto é apoiado numa linguagem própria com recurso a expressões de uso corrente mas alteradas, como por exemplo: “... o assunto vem ao baile em vez de o assunto vem à baila.”
  - 2.1. Faz o levantamento de expressões deste género e de outras empregadas correctamente e explica o sentido.
3. Lê o texto em voz alta, de forma expressiva.

4. Dramatiza a situação apresentada no texto, criando personagens e um cenário (que pode ser uma barraca). Para enriqueceres a tua dramatização, lê os textos que te apresentamos de seguida, na secção *Saber Mais*. O primeiro poderá dar-te ideias sobre a representação teatral em Moçambique; o segundo, ajudar-te-á a relembrares a estrutura e as categorias do texto dramático.

## SABER MAIS

### O TEATRO TRADICIONAL EM MOÇAMBIQUE

#### Teatro tradicional africano

Ao fazermos a investigação das origens vivas do teatro em África, vemos que ele tem uma essência mimético-mágico-religiosa, que foi adquirindo várias formas autónomas. As primeiras manifestações de carácter teatral têm a sua origem no animismo e na magia, de início constituído ritmatização de gestos de animais e de movimentos imitados de determinado indivíduo, real ou imaginário, cujo espírito se pretende captar, donde resultam os ritos, as cerimónias e os cultos. A própria necessidade de sobrevivência leva o ser humano, desde muito cedo, a fazer imitações, uma das formas de representar.

A vida quotidiana suscita múltiplas possibilidades de dramatização, como acontece na declamação de um conto nas reuniões nocturnas no campo ou nos subúrbios das cidades. Em todas estas circunstâncias, os testemunhos sublinham a interpenetração estreita do gesto, da palavra e da música, mostrando que se está em presença duma acção teatral. Os temas são baseados na vida quotidiana e as obras representadas requerem a participação efectiva dos espectadores, dirigindo-se indistintamente a toda a gente, pois são representadas gratuitamente ao ar livre, num lugar público.

Os objectivos desse teatro são explícitos: dando a cada um o sentimento de que pertence ao grupo, permite consolidar a ordem da comunidade e transmitir aos seus membros as mensagens pedagógicas, indispensáveis à manutenção da mesma. Mas esta função didáctica do teatro tradicional não nos deve levar a minimizar o seu papel estético.

VAZ, Carlos, *Para um Conhecimento do Teatro Africano*, Lisboa, Editora Ulmeiro, 1999 (texto com supressões)

#### Teatro tradicional moçambicano

A narração, o canto, a palavra, a música, a mímica, a dança não apareciam separados. O narrador de um conto nunca utilizava só a palavra; o canta-histórias não se limitava só a cantar; o dançarino não acompanhava só o ritmo com os seus passos. O conto era também mímica, canto, às vezes música... O canto era também dança, mímica, conto... A dança era também canto, pantomima, história...

Através dessa conjugação de diversos meios culturais, cada um deles representava momentos do quotidiano, reconstruía, celebrava e, às vezes, criticava a história pessoal e colectiva da comunidade.

Noite, numa aldeia tradicional. Todos os habitantes da aldeia estão reunidos à volta da fogueira, de um lado os homens, do outro as mulheres. Uma das mulheres apanha um pedaço de carvão da fogueira e mete-o nas mãos da outra. Mostram ambas as mãos fechadas, dizendo: Mhumhá (Adivinha). O homem, que está à sua frente, tem de adivinhar

em que mão está escondido o carvão. Acerta. Ganhou. É agora ele que esconde o carvão... Quando estão cansados deste jogo, passam a um outro. Cada um tem de esticar os dedos de modo a dar estalos. Quem não consegue perde e sai. Os que foram excluídos tentam fazer rir aqueles que ganharam fazendo caretas. Se conseguem fazê-los rir, perdem os outros e eles entram de novo... Aos jogos sucedem-se as adivinhas...

– Teca, teca, teca, hêêê...

“Qual é a coisa qual é ela que uma mulher mais ama, mas não pode ir ao seu encontro quando ele regressa a casa? É o filho que traz na barriga...” Aquele que não adivinha é obrigado a contar um conto...

Os contos falam da vida das pessoas. Ou partindo de factos reais, ou através de histórias em que entram animais, ogres... O narrador usa todos os meios que conhece para enriquecer as histórias e manter presa a atenção das pessoas. Os gestos, a mímica, as expressões da cara, o tom, o timbre da voz, a imitação de vozes, de crianças, de velhos, de animais, a escolha das palavras, das expressões descritivas...

H. Junod (*Usos e Costumes dos Bantos*) fala de uma narradora que contava a história de uma mulher que, enquanto pilava, cantava uma canção de encantamento para transformar os seus pretendentes em hienas. Para dar mais força à sua narração, ela, cada vez que cantava essa canção ao longo do conto, pilava marcando o ritmo do canto.

Todos os meios utilizados pelo narrador eram perfeitamente conhecidos pela comunidade. Isso permitia uma grande participação de todas as pessoas. Elas intervinham cantando com o narrador que, para responder a essas solicitações, era obrigado a multiplicar os seus recursos, a enriquecer cada vez mais a narrativa.

### Representação teatral

Para além destas e outras situações em que a representação acontecia – na narração de contos, nas intervenções dos canta-histórias, nos cantos e nas danças – os Rongas conheciam e utilizavam desde há muito a representação teatral.

Essas representações falavam normalmente de acontecimentos históricos da vida do clã, ou aspectos particulares da vida da comunidade.

“Um homem batia no tambor para animar os dançarinos. À volta dele, em semicírculo, as raparigas cantavam o estribilho (tequelela) e batiam palmas, para incitar o solista (mussimi). Mais longe, formando outro semicírculo, estavam os homens da aldeia, dançando também. Entre as duas fileiras actuava o solista.”

Essas representações organizavam-se em vários quadros.

Um exemplo (da região de Nonduane):

**1.º quadro:** A marcha dos velhos – Todos os adultos da aldeia partiram para o mato e regressam à praça coxeando, arrastando os pés, como atingidos de uma doença que os não deixa andar. Cantam: “– Agarro no cabo da minha enxada e vou para os campos trabalhar... Esta doença impede-me de ir... Isso faz zangar os meus pais, por me verem sentado sem fazer nada...”

**2.º quadro:** História de um genro que expulsa a sogra de casa por ela ter apanhado varíola. A pobre velha vai morrer no mato, enquanto a filha protesta contra a crueldade do marido... O genro: “– Vou-me embora, vou-me embora com nojo. Que ela vá morrer no mato”. A filha (o seu papel é cantado por todos em coro): “– Tenho piedade quando vejo a varíola que faz estragos e desfeia o rosto. Aqui, na nossa casa, na aldeia de Mpatchiqui, nós já não vivemos. Já não temos bondade uns para os outros. A culpa é desta maldita doença...”

A representação continua até ao quinto quadro. Todos eles falam do quotidiano das pessoas. Neles participam, directamente, todas as pessoas da aldeia.

O terceiro quadro é um diálogo entre dançarinos sobre a dança, o quarto é uma glorificação do chefe. O último é um convite à festa, e termina com a lembrança de que o dia seguinte é um dia de trabalho.

FRESU, Ana e OLIVEIRA, Mendes de, *Pesquisas para um teatro popular moçambicano*, Cadernos “Tempo”, Maputo, 1982

## TEXTO DRAMÁTICO

### Conceito

Um texto dramático é um texto escrito para ser representado; representam-se acontecimentos ou condutas humanas vividos por personagens que desencadeiam uma intriga.

Exemplos de textos dramáticos: *tragédia, comédia, drama...*

### Características do texto dramático

#### 1. Estrutura

Quanto à estrutura, o texto dramático é constituído por uma **estrutura externa** e por uma **estrutura interna**.

Relativamente à **estrutura externa**, o teatro tradicional e clássico pressupõe divisões em:

- **actos** (correspondentes à mudança de cenários);
- **cenas e quadros** (equivalentes à mudança de personagens em cena).

No concernente à **estrutura interna**, o texto dramático é constituído pelo **texto principal** e pelo **texto secundário**.

O **texto principal** integra as falas das personagens. Estas podem ser:

- **monólogos** (quando se trata de uma personagem falando consigo mesma);
- **diálogos** (quando se trata de falas entre duas personagens);
- **apartes** (comentários de uma personagem que não são ouvidos pelo seu interlocutor).

O **texto secundário** destina-se ao leitor, ao encenador da peça ou aos actores. É composto:

- pela listagem das personagens;
- pela indicação do nome das personagens no início de cada fala;
- pelas informações sobre a estrutura externa da peça (divisão em actos, cenas ou quadros);
- pelas indicações sobre o cenário e o guarda-roupa das personagens;

- pelas indicações sobre a movimentação das personagens em palco, as atitudes que devem tomar, os gestos que devem fazer ou a entoação.

## 2. Categorias

### Acção

A acção no texto dramático é marcada pela actuação das personagens que nos dão conta dos acontecimentos vividos. É constituída por três momentos fundamentais:

- **exposição:** apresentação das personagens e dos antecedentes da acção;
- **conflito:** conjunto de peripécias que fazem a acção progredir;
- **desenlace:** desfecho da acção dramática.

### Personagens

Tal como acontece no texto narrativo, também no texto dramático as **personagens** que intervêm na acção podem ser classificadas:

- quanto à concepção:

- **personagens planas:** sem densidade psicológica, não alteram o seu comportamento ao longo da peça;
- **personagens tipo:** sem densidade psicológica, não alteram o seu comportamento ao longo da peça, representando grupos sociais ou profissionais;
- **personagens modeladas ou redondas:** com densidade psicológica, evoluem ao longo da acção;

- quanto ao relevo:

- **protagonistas** ou personagens principais;
- **personagens secundárias;**
- **figurantes.**

A **caracterização das personagens** pode ser feita de forma **directa** (a partir da descrição de aspectos físicos e psicológicos) ou **indirecta** (a partir do seu comportamento em cena, levando o espectador a tirar conclusões).

### Espaço

O texto dramático implica a existência de vários tipos de **espaço**:

- **espaço representado** (constituído pelo cenário);
- **espaço aludido** (correspondente às referências a outros espaços que não estão representados).

### Tempo

O texto dramático implica a existência de vários tipos de **tempo**:

- **tempo de representação** (é a duração do conflito em palco);
- **tempo da acção** ou **da história** (refere-se ao ano ou anos e época em que se desenrola o conflito);
- **tempo da escrita** ou **da produção da obra** (é a altura em que o autor concebeu a peça).

## Textos Literários

# Texto 10

O teatro é um espectáculo que atrai multidões, em Moçambique. Todos os jovens gostam de representar e de escrever peças de teatro. É necessário procurar bons modelos para se escrever uma peça de teatro.

Propomos-te, por exemplo, a leitura do drama *A Revolta da Casa dos Ídolos*, de Pepetela.



## BREVE APRESENTAÇÃO DO DRAMA *A REVOLTA DA CASA DOS ÍDOLOS*

*A Revolta da Casa dos Ídolos* foi editada em 1978, por Pepetela, pseudónimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos.

Conta o episódio de uma revolta de uma população no reino do Congo porque um padre capuchinho tinha convencido um rei a queimar os ídolos...

### ESCREVER

O resto da história deves ser tu a contar...

### REPRESENTAR

O ano lectivo está prestes a terminar.

Em Moçambique, todos os acontecimentos importantes são assinalados por espectáculos que incluem danças, teatro, música, poesia...

Em conjunto com o resto da turma, começa a preparar a festa de encerramento do ano lectivo. Criem peças de teatro que retratem as preocupações da nossa sociedade. Propomos-te vários temas: *doenças de transmissão sexual, HIV e SIDA; assédio sexual; corrupção; casamentos prematuros* e outros.

Aplica toda a teoria que já estudaste.

# 18

## Textos de Pesquisa de Dados

### Objetivos específicos

- Identificar as normas de bibliográfica
- Organizar as referên



# TEXTOS DE PESQUISA DE DADOS

## Texto 1

Lê os textos que te apresentamos.

### Texto A

## PALAVRA FINAL

Era uma vez um homem que decidiu ler um grande dicionário antes de morrer. Ler mesmo. Do princípio até ao fim, da primeira palavra até à última.

5 E assim fez. Porque nestes derradeiros dias percebera que nunca conseguiria ler todos os livros que durante a vida escolhera como tendo de ser lidos. Por isso resolveu ler aquele que continha todas as palavras da sua língua impressas em todos os outros.

Quando acabou de ler o dicionário inteiro ainda não tinha a vista 10 cansada. Apenas lhe doía o som das palavras. E, agarrado ao livro, perguntava de si para si, em sussurro inquieto, por que razão qualquer palavra podia magoar tanto. Recordou-se então de quando era criança e do que pensava quando o reprendiam. Para se consolar das palavras que sentia como injustas costumava dizer para si próprio que elas eram apenas sons e que estes não 15 podem fazer mal a ninguém. Logo, também não o poderiam atingir a ele. Seria como se fosse surdo. Outras vezes imaginava que as mesmas palavras que o ofendiam nada significariam se fossem ditas a um esquimó, porque lhe escaparia necessariamente o respectivo sentido. (...)

Parou para demandar o silêncio. Só a sua respiração o interrompia. 20 Fixou-se em meditar no maravilhoso que era inspirar. Nunca até então tinha reparado em como o ar entrava frio para ele e dele saía quente. A seguir averiguou cada membro do seu velho corpo e tentou perceber a importância das suas principais funções. Também jamais em todo o seu viver se dera conta de como lhes era devedor. Sentiu-se bem. Muito bem. Não como se estivesse fora do seu 25 corpo mas, pelo contrário, e pela primeira vez, como ideal dentro do corpo real em que por enquanto, e desde sempre, habitava.

Contemplou a terra inteira à sua volta. Mas fê-lo de costas para o sol porque nunca quis que fosse o mundo a mirá-lo a ele. Desde sempre se ocultara atrás do seu próprio brilho. Agora descobria que só da sombra poderia ver a 30 luz. Depois cerrou os olhos de novo e em exclusivo no ar que sorvia. Esperou pelo som dos barulhos do mundo. Já se habituara tanto que nem notava que existiam. Ensaiou identificar primeiro os mais altos para detectar a seguir os



mais baixos e só por fim tentar distinguir os graves dos agudos. Desligou o formigueiro que tentava o seu corpo imóvel. Permaneceu quieto. Afinal o uni-  
 35 verso estava ali e nunca tivera tempo de lhe perguntar porquê.

Ao fim de um momento sem duração o dicionário caiu-lhe das mãos. Descerrou de novo os olhos mas continuou como estava, sem se mexer. Procurou saber das mãos que largaram o livro. Estavam lá mas não lhe obedeceram. (...)

40 Pôs-se de pé. Levantou a cabeça. Fechou os olhos por uma última vez. Ouvia a Palavra.

PINTO, Paulo Teixeira, in *Portugal Diário*, 30.12.2002 (com supressões)

## Texto B

# LIBERDADE

Ai que prazer  
 Não cumprir um dever,  
 Ter um livro para ler  
 E não o fazer!  
 5 Ler é maçada.  
 Estudar é nada.  
 O sol doira  
 Sem literatura.

O rio corre, bem ou mal,  
 10 Sem edição original.  
 E a brisa, essa,  
 De tão naturalmente matinal,  
 Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.  
 15 Estudar é uma coisa em que está indistinta  
 A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando há bruma,  
 Esperar por D. Sebastião,  
 Quer venha ou não!

20 Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
 Mas o melhor do mundo são as crianças,  
 Flores, música, o luar, e o sol, que peca  
 Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto  
 25 É Jesus Cristo,  
 Que não sabia nada de finanças  
 Nem consta que tivesse biblioteca...



Anne Gueddes, *Garçons et Colombes*, 1993

## LER - COMPREENDER

1. Atenta no texto A.
  - 1.1. Indica o motivo que levou o homem a ler um dicionário.
  - 1.2. Sintetiza a opinião do homem sobre o poder das palavras. Justifica a tua resposta com transcrições do texto.
  - 1.3. Resume o desfecho da acção.
  - 1.4. Clarifica o sentido da expressão final "Ouviu a Palavra." (qual palavra?).
2. Centra-te agora no texto B.
  - 2.1. Identifica a tese defendida pelo sujeito poético na primeira estrofe.
    - 2.1.1. Indica os argumentos apresentados.
    - 2.1.2. Apresenta os exemplos utilizados pelo sujeito poético para ilustrar a tese.
  - 2.2. Destaca os processos estilísticos que encontras na segunda estrofe e mostra a sua importância.
  - 2.3. Identifica a figura de estilo predominante na quarta estrofe, apontando a sua expressividade.
  - 2.4. Comenta o valor da última estrofe na construção do sentido do poema.
  - 2.5. Achas que Fernando Pessoa defende que não se deve ler? Justifica.
    - 2.5.1. Então o que é que ele defende?

### SABER MAIS

#### Resumo (continuação)

Resumir é uma actividade complexa e que exige muita prática. Para te apoiarmos, vamos indicar-te algumas regras que estão na base da redução da informação.

Regra	Texto base	Resumo
<p><b>Regra da supressão</b> Podemos eliminar a informação mais específica, não essencial para a compreensão do texto na sua globalidade.</p>	<p><i>Quando chegou à escola, foi ter com alguns colegas com quem tinha combinado encontrar-se, antes das aulas começarem. Levava consigo, na mão direita uma pasta de cabedal castanha que tinha comprado um mês antes na livraria perto de casa.</i></p>	<p><i>Chegado à escola, encontrou-se com alguns colegas. Levava consigo uma pasta.</i></p>
<p><b>Regra da integração</b> Consiste em substituir uma informação <b>mais específica</b> por outra <b>mais abrangente</b>, que inclui a primeira.</p>	<p><i>Passou água e sabão pelas mãos.</i></p>	<p><i>Lavou as mãos.</i></p>

## FUNCIONAMENTO DA LINGUA

**APLICA** (USO DE CONECTOR *POIS* COM VALOR CONCLUSIVO E CASUAL; USO DOS QUANTIFICADORES EM ORAÇÕES COMPARATIVAS E CONSECUTIVAS)

1. Classifica como causal ou conclusiva a conjunção *pois* em cada uma das seguintes frases.
  - a. Ler é, pois, uma actividade fundamental para a aquisição de novos saberes.
  - b. Fernando Pessoa, grande poeta, escrevia muito bem, pois também lia muito.
  - c. É, pois, um conselho que devemos seguir – ler por prazer.
  - d. O poeta valoriza a leitura pois, através dela, conhece o mundo.
2. Constrói duas frases utilizando o conector *pois* (uma com valor causal, outra, conclusivo), relacionadas com o texto "Saberemos ler".
3. Completa as frases com os quantificadores *tão/tanto, tanta, tantos, tantas*.
  - a. João – Olá, Ana. Ouvi dizer que começaste a estudar! Estou \_\_\_\_\_ surpreendido, que me ofereço para estudar contigo!
  - b. Ana – É verdade, estava a estudar \_\_\_\_\_ pouco, que já tinha problemas sérios.
  - c. A Ana é muito bonita. Ela tem um sorriso \_\_\_\_\_ cativante, que inebria qualquer um!
  - d. Não pudemos ir nadar porque estava \_\_\_\_\_ vento, que até os troncos das árvores abanavam!
  - e. Não posso ir contigo à praia porque estou com \_\_\_\_\_ dores de cabeça, que parece que vou explodir!
  - f. Havia \_\_\_\_\_ chuva que eles não puderam sair.
4. Classifica morfologicamente a palavra sublinhada.
  - a. O homem leu tanto que ficou com dores nos olhos.
  - b. A Ana é tão boa aluna como o Sitói.
  - c. O livro estava tão caro que ele desistiu.
  - d. Fizeste o teu trabalho tão bem não houve reclamações.
5. Elabora duas frases da tua autoria, onde utilizes uma oração subordinada comparativa e outra subordinada consecutiva, usando quantificadores.
6. Pontua os seguintes textos.
  - a. "Presos nas livrarias cinzentos pelo pó e o tempo não vistos não procurados não abertos e não vendidos os meus poemas serão apreciados como o mais raro dos vinhos quando forem velhos". (Marina Tsvetaeva)
  - b. Marina Tsvetaeva nasce a 9 de Outubro de 1892 em Moscovo o pai Ivan é professor de história da arte carinhoso e doce mas sempre muito envolvido com os seus livros e os seus projectos.

## ESCREVER

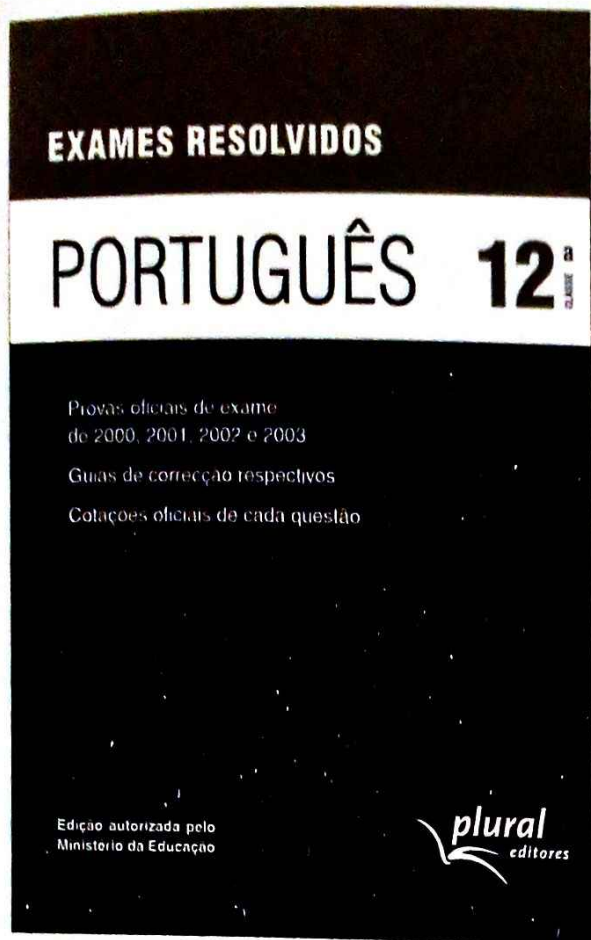
1. Terminámos o ano lectivo. Esperamos que tenhas interiorizado todas as mensagens explícitas ou implícitas ao longo deste manual. Uma delas é sobre a importância da leitura para a tua vida. Lê, lê sempre muito e verás que um livro é um bom amigo.
  - 1.1. Mostra que gostas de ler e elabora a ficha de leitura de um dos livros que te apresentámos ao longo do manual. Poderás incluir o resumo da obra, citações que te pareçam mais sugestivas, comentários acerca da obra...

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR e SILVA, Victor Manuel (1984), *Teoria da Literatura*, 6.ª ed. (revista), Coimbra, Livraria Almedina
- ANDRADE, Mário de (1979), *Antologia Temática da Poesia Africana 2 (O canto armado.)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora
- África 4. Literatura. Arte e Cultura*, Volume 1, n.º 4, Revista Trimestral-Abril-Junho, Lisboa, África Editora, 1979
- BAPTISTA, Vera S., PINTO, Elisa (1990), *Sinais, Português - 10 ano de escolaridade*, 1.ª ed., Porto, ASA
- BUESCU, Maria Leonor Carvalho (1993), *Apontamentos de Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa e XAVIER, Maria Francisca (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta
- CARMO, Mário e DIAS, M. Carlos (1994), *Introdução ao Texto Literário - Noções de Logística e Literariedade*, 14.ª ed., Lisboa, Didáctica Editora
- CARRILHO, Fernanda (2005), *Métodos e técnicas de Estudo*, Lisboa, Editorial Presença
- CARVALHO, Amorim de (1991), *Tratado de Versificação Portuguesa*, 6.ª ed., Coimbra, Livraria Almedina
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1982), *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Editorial Teorema
- CIDADE, Hernâni (1967), *Luis de Camões - o Lírico*, 3.ª ed., Lisboa, Bertrand Editora
- CIDADE, Hernâni (1986), *Vida e obra de Luis de Camões*, 4.ª ed., Lisboa, Editorial Presença
- COELHO, Jacinto do Prado (coord.) (1997), *Dicionário de Literatura Portuguesa*, 4.ª ed., Porto, Livraria Figueirinhas
- COELHO, Jacinto do Prado (s/d), *A Letra e o Leitor*, Portugal Editora
- COSTA, Alexandre C. (1997), *Questões sobre a história da Literatura Portuguesa*, 6.ª ed., Porto, ASA
- COSTA, Luísa et alii (2000), *Glossário de Termos Literários*, Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário
- COSTA, Maria Rosa (1994), *A Pontuação*, Porto, Porto Editora
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1994), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 10.ª ed., Lisboa, João Sá da Costa Editora
- CHABAL, Patrick (1994), *Vozes Moçambicanas - Literatura e Nacionalidade*, Lisboa, Veja
- CARRILHO, Maria (1976), *Sociologia da Negritude*, Lisboa, Editorial 70
- CAVACAS, Fernanda (1999), *Brincadeira Vocabular*, Lisboa, Mar Além, Edição de Publicações / Instituto Camões
- COSTA, Fernanda et alii., *Novos Horizontes da Palavra*, 11.º ano de escolaridade, Áreas A, B, C, E, Porto, ASA
- DELGADO-MARTINS, Marla Raquel (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho
- Dicionário da Língua Portuguesa* (2006), Porto, Porto Editora
- ECO, Humberto (1998), *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, 7.ª ed., Lisboa, Presença
- ESTRELA, Edite, SOARES, Maria Alzira e LEITÃO, Maria José (2003), *Saber Escrever, Saber Falar*, Porto, Publicações Dom Quixote
- FERREIRA, A. Gomes e FIGUEIREDO, J. Nunes de (1997), *Compêndio de Gramática Portuguesa*, Porto, Porto Editora
- FIGUEIREDO, Eunice Barbieri de e FIGUEIREDO, Olívia Maria (1998), *Itinerário Gramatical - A gramática na Língua e a Língua no discurso*, Porto, Porto Editora
- FIGUEIREDO, Olívia Maria e BIZARRO, Rosa Porfíria (1997), *Da Palavra ao texto - Gramática da Língua Portuguesa*, Porto, ASA
- FERREIRA, Manuel (1977), *Literaturas Africanas de expressão Portuguesa*, Lisboa, ICP
- FRESU, Ana (1982), "Pesquisas para um teatro popular em Moçambique", *Cadernos Tempo*, Maputo
- FERREIRA, Alzira Castro et alii. (1986), *Seleção Temática de poesia Angolana*, Maputo, Edição da Universidade Eduardo Mondlane
- FERREIRA, Manuel (1985), *No Reino de Caliban III*, Lisboa, Plátano Editora

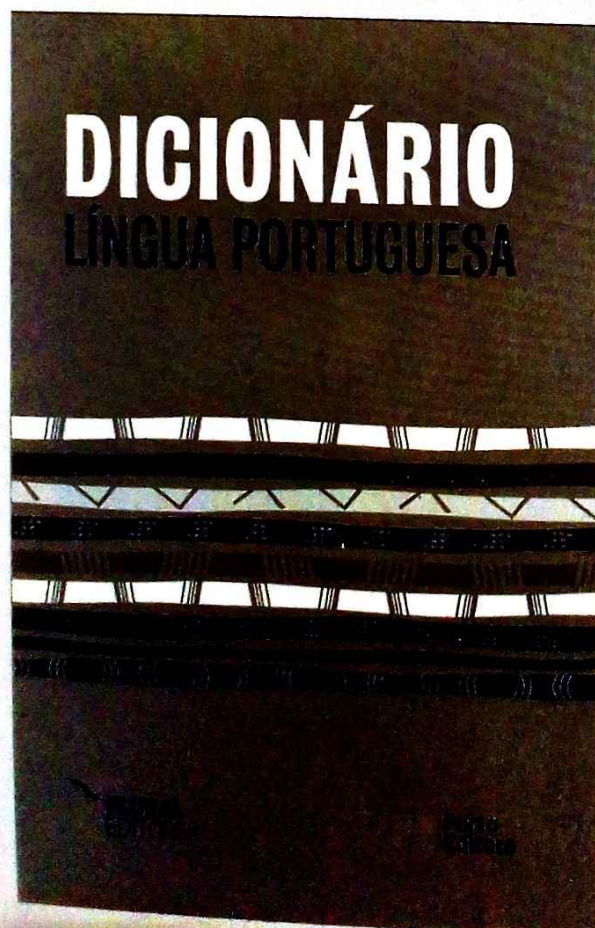
- GONÇALVES, Perpétua (1996), *Português de Moçambique – Uma variedade em Formação*, Maputo, Livraria Universitária
- GALLISSON, Robert e COSTE, Daniel (1983), *Dicionário de Didáctica das Línguas*, Coimbra, Coimbra Editora
- JUNOD, Henri, *Usos e costumes dos Bantu, Tomo 1 e 2*, Maputo, Arquivo Histórico
- LARANJEIRA, Pires (1992), *De Letra Em Riste. Identidade, autonomia e outras questões nas literaturas de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe*, Porto, Edições Afrontamento
- LOPES, Victor da Silva (1988), *Iniciação ao Jornalismo*, 7.ª ed. (actualizada)
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (1979), *A Lírica de Camões*, Lisboa, Seara Nova, Ed. Comunicação
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (1987), *Ler e Escrever – Ensaio*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- MELLO, Cristina (1998), *O Ensino da Literatura e a Problemática dos Géneros Literários*, Coimbra, Livraria Almedina
- MOISÉS, Massaud (1978), *Dicionário de Termos Literários*, São Paulo, Cultrix
- MOISÉS, Massaud (1996), *A Literatura Portuguesa*, 4.ª ed., São Paulo, Cultrix
- MONTEIRO, Manuela (2003), *Como Organizar o Estudo*, Porto, Porto Editora
- MONTEIRO, Manuela (2003), *Como Preparar Testes e Exames*, Porto, Porto Editora
- MONTEIRO, Manuela (2003), *Como Tirar Apontamentos e Fazer Esquemas*, Porto, Porto Editora
- MOREIRA, Ana Maria Lopes (1998), *Trabalhos Dirigidos de Português 2*, 5.ª ed., Lisboa, Didáctica Editora
- MOREIRA, Ana Maria Lopes e CARVALHO, Isabel Maria Lima de (1998), *Trabalhos Dirigidos de Gramática 1*, 11.ª ed., Lisboa, Didáctica Editora
- MOREIRA, José de Almeida (2004), *Gramática do Português Actual*, Lisboa, Lisboa Editora
- NUNES, Carmen, OLIVEIRA, M. Luísa e SARDINHA, M. Leonor (1999), *Vocabulário – Regime Preposicional de Verbos – Exemplificação*, Lisboa, Didáctica Editora
- OLIVEIRA, Luísa e SARDINHA, Leonor (2005), *Saber Português Hoje*, Lisboa, Didáctica Editora
- PAIS, Amélia Pinto (1998), *Eu cantarei de amor – Lírica de Luís de Camões*, Porto, Areal Editores
- PARREIRA, Manuela, PINTO, J. Manuel de Castro (1996), *Prontuário Ortográfico Moderno*, 6.ª ed. Porto, ASA
- PEREIRA, M.L.A. (2000), *Escrever em Português. Didácticas e Práticas*, Porto, ASA
- PINTO, José de Castro (1998), *Manual Prático de Ortografia*, 2.ª ed., Lisboa, Plátano Editora
- PINTO, J. Manuel de Castro, LOPES, Maria do Céu Vieira (2002), *Gramática do Português Moderno – Ensino Básico e Secundário*, Lisboa, Editora Plátano
- PINTO, J.M. de Castro, LOPES, Maria do Céu Vieira e NASCIMENTO, Zacarias (2006), *Gramática do Português Moderno*, Lisboa, Plátano Editora
- Prontuário da Língua Portuguesa* (2005), Porto, Porto Editora
- RAMALHO, Américo da Costa (1992), *Camões no seu tempo e no nosso*, Coimbra, Livraria Almedina
- RAMALHO, Américo da Costa (1980), *Estudos Camonianos*, 2.ª ed., Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica
- REI, J. Esteves (1995), *Curso de Redacção I – A Frase*, Porto, Porto Editora
- REI, J. Esteves (1995), *Curso de Redacção II – O Texto*, Porto, Porto Editora
- REIS, Carlos e ADRAGÃO, J. Victor (1992), *Didáctica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina Macário (1996), *Dicionário de Narratologia*, 5.ª ed., Coimbra, Livraria Almedina
- REZENDE, Maria Ângela e VIEGAS, Maria José (1999), *Construindo a Gramática*, Porto, Areal Editores
- SARAIVA, António José (1980), *Luís de Camões, Estudo e Antologia*, Amadora, Bertrand Editora
- SARAIVA, António José e LOPES, Óscar (1996), *História da Literatura Portuguesa*, 17.ª ed., Porto, Porto Editora
- SAÚTE, Nelson (2000), *As Mãos dos Pretos – Antologia do Conto Moçambicano* (Prefácio), Lisboa, Dom Quixote
- SERAFINI, Maria Teresa (1986), *Como se faz um Trabalho Escolar*, Lisboa, Editorial Presença
- SERAFINI, Maria Teresa (1991), *Saber Estudar e Aprender*, Lisboa, Editorial Presença
- SILVA, Mendes (1985), *Português Língua Viva*, Lisboa, Círculo de Leitores
- SOUSA, Maria de Lourdes Dionísio de (1993), *A Interpretação de Textos nas aulas de Português*, Porto, ASA

## Outros títulos de apoio



### Exames Resolvidos – Português 12.ª classe

Com a publicação dos "Exames Resolvidos" pretendemos disponibilizar um instrumento que ajudará o aluno a preparar não só o exame de admissão à Universidade e os exames da 12.ª classe, como as avaliações que vai realizando ao longo do ano. A resolução de exames é fundamental porque familiariza com a sua estrutura, bem como com o tipo de questões que os constituem. Permite avaliar o que o aluno sabe e ajuda a sistematizar os conhecimentos.



### Dicionário da Língua Portuguesa

O **Dicionário da Língua Portuguesa** é o dicionário recomendado para os estudantes do ensino secundário. Com mais de 55 000 definições de vocabulário actual e cerca de 3000 exemplos e frases idiomáticas, é uma ferramenta de trabalho e um auxiliar de estudo indispensável. É, sem dúvida, uma obra fundamental, editada pela Plural Editores/Porto Editora, especialista em Dicionários.

**11.<sup>a</sup>**  
classe

# Língua Portuguesa

Maria Emília Morais

Outros títulos disponíveis para a 11.<sup>a</sup> classe

- Matemática
- Biologia
- Física
- Química
- Geografia
- TIC
- Inglês
- História
- Introdução à Filosofia
- Francês

**PLURAL**  
EDITORES

[www.pluraleditores.co.mz](http://www.pluraleditores.co.mz)

ISBN 978-989-613-165-6



09586 50

MM

